



O MAL EM MINIM

ANDRESA RIOS



O MALEM
MALMIM

ANDRESA RIOS

Copyright © Andresa Rios

Todos os direitos reservados. É vedada a reprodução, distribuição, comercialização, impressão ou cessão deste ebook ou qualquer parte dele sem autorização expressa, por escrito, do autor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha. Este livro é exclusivo para o formato Kindle.

Capa , artes e diagramação

Andresa Rios

Revisão

[Clarissa Progin](#)

Raissa Selvaticci

Leitura Sensível

[Dayane Borges](#)

Nicholas Jade de Souza Carvalho

Junior Silva

PREFÁCIO

PRÓLOGO | 2016

PARTE 1: OS VIVOS

1 - 2021

2 - 2016

3 - 2021

4 - 2016

5 - 2021

6 - 2016

7 - 2021

8 - 2016

9 - 2021

10 - 2016

11 - 2021

PARTE 2: OS MORTOS

12 - 2016

13 - 2021

14 - 2016

15 - 2021

16 - 2016

17 - 2021

18 - 2016

19 - 2021

20 - 2016

PARTE 3: A CIDADE

21 - 2021

22 - 2016

23 - 2021

24 - 2016

25 - 2021

26 - 2016

PARTE 4: OS FANTASMAS

27 - 2021

28 - 2016

29 - 2021

30 - 2016

31 - 2021

32 - 2016

33 - 2021

34 - 2016

35 - 2021

PARTE 5: O MAL EM NÓS

36 - 2016

37 - 2021

38 - 2021

39 - 1999 - 2016

40 - 2021

41 - 2021

42 - 2021

Epílogo

*Ao Henrique, com quem o tempo foi injusto.
Sinto sua falta.*



PLAYLIST DO LIVRO





Mais artes dos personagens, com seus perfis, curiosidades, músicas e extras no instagram da autora (andresa7ios)

[Mapa da cidade onde o livro passa.](#)

AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL

Frequentes:

Luto
Sentimentos depressivos
Ansiedade e fobia social
Crise nervosa

Esporádicos/apenas menções:

Crises de pânico e ansiedade
Transfobia
Fanatismo religioso

O livro contém palavrões, consumo de álcool (por menores também).
Alguns personagens usam ironia com bastante frequência, alguns até sem perceber.

+16



PREFÁCIO

Sentado ao seu lado, observo o vermelho de seus olhos mais uma vez.
O mal em mim morre aos poucos.

Querido, ele sussurra, para onde está indo a maldade é inútil.



PRÓLOGO

2016

Brandon estava sentado no banco quebrado daquela praça da Cidade Fantasma, bem ao lado da cabeça de tubarão da fonte. O rosto corado era apenas mais um dos indícios de que havia bebido demais, seguido pelos dedos formigando — este muito mais pelo frio cruel assombrando a noite, sempre pior no mundo dos mortos. Alguns de seus amigos tentavam montar uma fogueira para trazer calor, mas a maior parte do grupo estava ao redor de Brandon, ouvindo-o contar uma história engraçada sobre algum evento recente.

De início, sentiram-se tensos com o que faziam, o que mudou depois de alguns minutos. Ainda havia aqueles decidindo se era uma boa ideia estar ali, internamente cogitando a hipótese de voltar para casa na primeira oportunidade. Brandon notava aquelas incertezas e repetia que estava tudo bem, que faltava pouco para a hora chegar. Teve as próprias dúvidas quando Amélia sugeriu reunir todos para comemorar o aniversário de Hunter. Previu o que aconteceria e, como dificilmente errava, foram puxados para a Cidade Fantasma menos de dez minutos depois que se encontraram. Nem todos os seus amigos tinham uma boa relação com aquele lugar, contudo a noite seguia calma e amigável, como se não houvesse problema algum.

Brandon começou a, pouco a pouco, relaxar, a pensar ter sido a coisa certa a se fazer. Não era um lugar ruim, nunca fora. Suspeitaram do que tudo aquilo significava no início, mas a Cidade Fantasma mostrou gostar deles. Se julgaram os Escolhidos, afinal. Os únicos que conseguiam achá-la, mesmo que no fundo soubesse que eram encontrados.

Era um lugar deles. E, quando puxados, eram do lugar.

Brandon terminou de contar sua história. Taylor e Jane riram até suas barrigas doerem, enquanto Billie e Meredith se sentiram nostálgicos, provavelmente porque estavam lá também. Sempre foi fácil notar o quanto aquele garoto era amado. As pessoas confiavam nele porque era um bom amigo, cuidava de todos e, acima de tudo, era uma boa alma. Boas pessoas como Brandon atraíam outras pessoas boas com facilidade, mesmo em meio ao caos — ou mais precisamente, mesmo dentro de uma cidade amaldiçoada.

Alguém finalmente conseguiu fazer a grande fogueira nascer. Gritos de comemoração estouraram por toda a praça, e Brandon fez questão de participar do coro. Ele estava mais bêbado do que dois minutos antes; mais alegre, automaticamente. O sorriso em seu rosto poderia rasgar o universo, atrair multidões, e talvez por isso o mundo pareceu desabar quando seus lábios voltaram a desenhar uma linha reta.

De repente, Brandon não estava mais corado. Na verdade, seu rosto ficou branco como papel. As pessoas ao redor dele se olharam confusas, sem entender por que ele de repente estava tão sério, mas o garoto apenas se levantou do banco quebrado com o olhar fixo em algo além do grupo, fora da praça.

Ele disse:

— Amélia?

As pessoas seguiram o seu olhar. A música parou, mas Brandon não percebeu. Andou até estar perto da pequena e quase deslocada figura loira perto da igreja que guardava a praça. Seus braços ao lado do corpo tremiam, os tênis amarelos sujos de lama e os cabelos desgrehados não pareciam os mesmos de quando se viram pela última vez.

Ela chorava muito.

— O que aconteceu, Amy?

Mais lágrimas, alguns soluços.

Brandon nunca a vira assim, em anos.

— Você está machucada?

— O Adam, ele...

As pernas de Amélia falharam e ela se sentou na escadaria da igreja, ainda trêmula. Brandon se inclinou para ajudá-la, puxando as mechas de cabelo que caíram sobre o seu rosto.

— Eu ouvi um grito e o barulho da água, mas não o achei. Em lugar nenhum.

Brandon sabia que todos tinham escutado o que Amélia dissera, então se virou para dividir a preocupação, a tristeza e a confusão que sentiu. No meio do grupo, uma fenda se abriu e alguém apareceu: Hunter. Seus olhares se encontraram enquanto o outro corria na direção da igreja.

Parecia furioso.

E assustado.

Senti tudo o que o garoto sentiu e não sei como permaneceu forte o suficiente para andar até nós.

Hunter se ajoelhou perto de Amélia, segurando as mãos dela. Seus movimentos frenéticos e apressados não demonstravam preocupação com a amiga.

Ele estava pensando em Adam.

— Onde vocês estavam?

Foi estranho, mas Hunter agiu de forma incrivelmente calma mesmo com as mãos e o corpo tremendo.

— No lago... Ele queria fumar perto da água...

Antes que Amélia terminasse de falar, Hunter já estava correndo para longe deles. Brandon tirou a jaqueta e a colocou nos ombros da amiga, que tremia muito para estar sofrendo apenas com o nervosismo.

Na verdade, ele percebeu que a cidade inteira ficou mais fria de repente.

O tipo de frio que corroía de dentro para fora, que ultrapassava qualquer agasalho ou fogo.

O tipo de frio que se instalava em uma pessoa para sempre.





1

2021

Não é a primeira vez que Adam invade os meus sonhos.

Costumo ter pesadelos desde que ele sumiu, anos atrás. Estamos sempre no lago, bêbados, quando ele cai na água e se afoga sem que eu possa fazer nada para ajudá-lo. Nesses sonhos, perco a habilidade de falar e me mover assim que o pior acontece, mas continuo lutando, o que me fez acordar suado e ofegante mais vezes do que eu poderia contar.

Busco ar para os meus pulmões e me sento. O movimento faz o garoto dormindo ao meu lado acordar. Ele resmunga alguma coisa, perguntando se estou bem, mas não parece realmente preocupado. Ignoro-o, sabendo que voltará a dormir em alguns segundos e, em silêncio, saio da cama. Preciso de um pouco de ar.

Meu apartamento não é muito grande. Na verdade, não passa de um cubículo de dois ambientes com uma janela enorme, como a maior parte dos apartamentos de Nova Iorque para quem não tem muita grana. Os poucos móveis que tenho foram difíceis de encaixar, e não há espaço para plantas ou qualquer decoração extra. Apesar disso, sei que tive sorte de encontrá-lo. Houve um assassinato aqui alguns meses antes de eu sair da casa dos meus pais, o que deixou o valor do aluguel abaixo da média.

Não quero ser desrespeitoso com a tragédia desse lugar, mas poucas coisas me afetam depois que uma cidade fantasma sumiu com o meu namorado. Não liguei para essa história mórbida quando ouvi o que havia acontecido. Me mudei assim que me deram as chaves, e estou aqui há anos. Raramente penso no que aconteceu e, em noites como a de hoje, nas quais Adam ressurgue, um assassinato não parece mesmo tão ruim. Os fantasmas que me assustam são de outra natureza.

A mesinha de centro em frente à TV ainda está cheia de garrafas vazias. A cerveja que meus amigos podem pagar é das piores, mas eles beberam até a última gota e, arrisco dizer, saíram em busca de mais assim que deixaram o apartamento. Os dois pedaços de pizza abandonados no papelão úmido da embalagem esfriaram há muito tempo, o que não me impede de me sentar e pegar uma delas. Como sempre, não se importaram de fechar a janela da escada de incêndio antes de sair. Costumam dizer que não há nada para se roubar no meu apartamento, e eu não discordo. Mas está frio, e a brisa congela os meus ossos.

Mesmo assim, não me movo. No fundo, o frio acaba me fazendo bem.

Mastigo em silêncio, olhando as luzes laranjas e vendo carros passar, tentando esquecer o sonho. Funciona por alguns minutos. As imagens ainda estão vívidas na minha cabeça, por outro lado a sensação ruim foi embora junto com o restante do sono. Estou mais acordado do que quando dez garrafas de cerveja corriam pela minha corrente sanguínea, mais até do que quando transei com Kalel, que ainda dorme no quarto. Talvez o efeito do medo seja mais forte que o efeito da embriaguez e do tesão, a julgar pelo meu histórico com momentos aterrorizantes. Eu deveria estar familiarizado com a situação, mas não estou.

A campainha do apartamento toca. Como está tarde, suponho que seja a minha vizinha bêbada errando a porta mais uma vez. Ela sempre perde a chave e acorda a colega para entrar; às vezes, quando não é atendida, a deixo dormir aqui. Mas hoje não estou muito a fim de cuidar de uma desconhecida alcoolizada, então ignoro. Ou tento ignorar. Sempre acabo ajudando-a de qualquer forma.

A campainha toca de novo.

E de novo.

Agora parece até irritada.

Kalel sai do quarto, com o rosto sonolento mirando a porta.

Droga.

Esqueci de que não estava sozinho no apartamento. Suspiro, me sentindo mal pode deixar que o som o acordasse. Levanto do sofá e faço sinal para que volte a dormir, o que ele obedece meio desconfiado. Abro a porta com um pouco de irritação e, surpreendentemente, toda a raiva some quando vejo quem está no corredor.

Não é a minha vizinha bêbada e perdida.

É uma pessoa que não vejo há anos.

— Hunter?

Eu não sei por que ela decide confirmar a minha identidade, mas concordo com a cabeça.

Sinto que também preciso dizer seu nome.

Para confirmar.

Entendo por que ela disse o meu.

— Amélia.

Por cada sílaba a confirmação fica ainda mais real. No final, o som de seu nome escapa como um xingamento. Minha voz está carregada por uma raiva que, apesar de sentir há muito tempo, sempre procurei esconder.

Amélia percebe e dá um passo para trás.

— O que você está fazendo aqui? — Continuo.

Da última vez que a vi, estávamos tentando encontrar Adam. Foi a tarde em que tudo mudou novamente, como se minha vida não tivesse passado por adaptações o suficiente. Amélia me contou o que realmente aconteceu quando ele desapareceu, e eu, que nunca fui muito bom nessa coisa de ser compreensivo ou justo, fiz o que sempre fiz de melhor: fiquei puto.

Hoje me arrependo de ter apenas gritado com ela. Eu deveria ter procurado a polícia. Ainda existiam chances de encontrarmos Adam, ou pelo menos o corpo. Na pior das hipóteses, não acharíamos qualquer traço dele, mas haveria justiça. Fui idiota e fraco por não querer perder mais um amigo e protegi Amélia, apesar de me afastar para sempre. Ela não insistiu em me procurar, com medo de que me irritasse o suficiente para que eu revelasse seu segredo, e um ano depois eu estava em Nova Iorque, bem longe dela.

Ainda sinto a mesma raiva daquela tarde. E não hesitaria em ir até a polícia.

— Eu preciso falar com você. É urgente.

Olho para trás, onde deixo um relógio digital sempre perto da porta. São três da madrugada. Não há nada para conversarmos, nada que possamos ter em comum a essa altura. É até muita coragem de Amélia aparecer aqui, depois de tanto tempo, não importa qual é a circunstância.

— Vá embora.

Faço menção de fechar a porta, mas Amélia dá um passo para a frente.

— Como eu disse, é urgente.

Como no passado, ela continua teimosa. E arrogante, a julgar pelo modo que levanta o queixo, desafiando-me a negar seu pedido. Seguro um palavrão e, dessa vez, a deixo bater com a cara na porta.

— Hunter! — A voz soa abafada pela parede que nos separa, mas as batidas na madeira ecoam assustadoramente altas.

É meio engraçado, para falar a verdade. Nunca destratei Amélia, nem quando tudo aconteceu e nós brigamos. Sempre fui bom com ela, porque de alguma forma sabia que Adam a respeitava mais do que tudo. Talvez tenha sido esse o motivo de eu ter me impedido de entrar na delegacia de Dethaun anos atrás. *Adam.*

Sento-me no sofá novamente, voltando a olhar pela janela.

Ela continua gritando.

Até que diz:

— Ele voltou! O Adam voltou. Por favor, abra a porta.

E, não por teimosia, continuo sem deixá-la entrar. Meu corpo inteiro ficou petrificado diante de suas palavras, de sua afirmação. Uma fagulha pequena de esperança nasceu quando ela terminou a frase, mas logo morreu e deu lugar a uma irritação genuína.

Ela está usando nosso melhor amigo morto para conseguir o que quer que seja.

E agora estou puto de novo.

Levanto mais uma vez e abro a porta. Neste momento, porém, minha raiva não se esvai, ela apenas se intensifica quando encontro os olhos aparentemente inocentes de Amélia me encarando.

Ocupo o arco da entrada com o corpo e minha presença é o suficiente para fazê-la recuar, indo para o meio do corredor. Saio do apartamento também e fecho a porta atrás de mim, evitando que Kalel seja incomodado. Meus pés descalços tocam o chão frio e eu percebo que estou sem camisa quando preciso me concentrar para não tremer violentamente.

— Cai fora — apesar de tudo, estou calmo. Porque não quero passar dos limites, não quero perder a paciência. — E nunca mais volte aqui.

Amélia engole em seco.

— Por favor, me escuta. É sobre o Adam, e é importante. Eu preciso da sua ajuda.

— Você disse que ele voltou — a interrompo. Não gosto da sensação de ceder a essa manipulação, mas é muito tentadora. — Onde ele está?

— Ele não *voltou*, mas...

Sinto as pontas dos meus dedos formigarem. Eu quero gritar com ela, de verdade, a ponto de toda a cidade ouvir e os vizinhos chamarem a polícia.

Mas consigo me segurar. Eu não sou mais essa pessoa, não deixo mais que a raiva me controle.

Dou as costas para Amélia, e ela continua falando mesmo quando percebe que estou colocando um fim a essa conversa.

— Dez minutos, é tudo o que peço. Depois, você pode até chamar a polícia e dizer que invadi sua casa. Só me escuta, por favor.

A ideia de vê-la indo para a cadeia já me confortou muito ao longo desses anos. É o que ela merece, afinal. Por ter matado o nosso amigo.

Por ter tirado Adam de mim.

Abro a porta e me viro o suficiente para que Amélia consiga me escutar.

— Se você bater na minha porta de novo, eu não vou só chamar a polícia. Eu vou te arrastar até a delegacia e te fazer pagar por tudo o que fez. Entendeu? Cai

fora.

Bato a porta de novo.

E, dessa vez, ela não insiste.



Amélia insistiu.

No dia seguinte, a encontro do lado de fora do prédio, sentada em um dos bancos de madeira espalhados pela rua. Usa um vestido branco com flores amarelas, sandálias e os cabelos presos em um rabo de cavalo. Fica em pé assim que me vê, agarrada na alça da bolsa com tanta força que, quando a solta, o material de couro está amassado.

— Hunter!

Ela corre para atravessar a rua. Espero que se aproxime com impaciência, mas não penso em fugir. Pelo restante da noite anterior, pensei sobre a visita dela e seus significados. Primeiro, talvez por ter sido pego de surpresa, fiquei com raiva; vê-la depois de tanto tempo despertou péssimas lembranças e sensações. De uma vez, toda a dor do luto por Adam e toda a indignação dos dias em que não conseguimos encontrá-lo voltaram e não pude raciocinar, nem pensar em como recebê-la.

Apesar de ainda não saber quais são suas intenções, decido ouvi-la. Porque ela não viria até Nova Iorque apenas para me assombrar, certo? Deve haver um motivo.

— Você dormiu bem? — ela pergunta, com cuidado.

— Diz logo o que você quer.

Nunca fui simpático. Amélia ficava com a parte sociável do grupo, enquanto eu permanecia de escanteio, fugindo das amizades que fazia, das festas que entrava e da popularidade que criava.

Anos depois, nada mudou.

— Eu... hm... preciso te mostrar uma coisa.

Amélia puxa o celular da bolsa e, com as mãos um pouco trêmulas, o estende na minha direção. Vejo que a tela mostra um *player* em *pause*, e levo o telefone ao ouvido depois de colocá-lo para tocar.

Primeiro, só ouço ruídos. Como se a gravação estivesse sendo feita no meio do caos.

Então escuto a voz *dele*.

De Adam.

Olho para Amélia em completo estado de choque e a encontro com os dedos da mão direita na boca, roendo as unhas. Os olhos aflitos entregam que está tão confusa quanto eu.

Ouço as palavras de Adam com atenção.

"Hunter... eu não sei onde estou. Acho que me perdi. Por favor, venha me buscar, está muito frio. Eu não quero mais ficar aqui. Eu não consigo sair, não consigo fugir deles. Já fiz de tudo, mas não encontrei uma saída. Espero que consigam achar essa gravação...

A gravação é interrompida por mais ruídos, mas logo a voz de Adam retorna: Amo você, caso me encontre tarde demais. Sempre vou amar."

Quando acaba, continuo encarando Amélia em silêncio por pelo menos um minuto. Quando enfim consigo me recuperar, devolvo o celular para ela e respiro muito, muito fundo antes de dizer praticamente em um rosnado:

— Se isso for alguma dessas brincadeiras de merda...

Ela balança a cabeça.

— Não é. Eu juro. Maddie encontrou nas coisas que tínhamos da Cidade Fantasma. Estava em uma daquelas fitas antigas, e o Brandon conseguiu passar para o computador.

Olho para o celular mais uma vez. Sei que era a voz de Adam, mas parece impossível que seja ele.

— Deve ser um trote. Alguém está brincando com vocês. Esquece que ouviu esse áudio e segue sua vida.

Quando Adam sumiu, coisas horríveis aconteceram. Todo tipo de gente apareceu dizendo tê-lo encontrado. A maioria queria o dinheiro que a mãe de Adam ofereceu em troca de informações, mas existiam pessoas que nos torturavam por *diversão*. Não seria a primeira gravação, foto ou vídeo dele. Lembro que, na época, até mesmo postagens no Instagram de cidades longe da nossa apareciam com teorias e pistas falsas. É difícil acreditar que essa gravação é real. Na verdade, não chega nem perto de considerá-la verídica.

Completamente chocada, Amélia demora um pouco para processar minhas palavras. Aproveito a deixa para voltar a entrar no prédio, fechando o portão com força, fazendo-a pular no lugar.

Amélia me chama pelo menos dez vezes e continua chamando enquanto não olho para trás. Reconheço o tremor na voz, o desespero. Ela está chorando e está indignada.

Mas não posso ajudá-la.

Não posso ajudar um Adam que já morreu.



— Tudo bem?

Kalel me olha de cima abaixo quando entro no apartamento. Está usando roupas minhas — que ficam enormes em seu corpo — e parece muito perdido no meio da sala ainda meio destruída pela reunião de amigos da noite passada.

Passo por ele e abro as janelas perto do sofá, querendo um pouco de ar fresco. O barulho irritante da cidade entra junto com a brisa, preenchendo minha sala de buzinas. Eu deveria estar indo trabalhar e provavelmente chegarei atrasado depois dessa interrupção de Amélia.

Kalel se aproxima, meio incerto, e sinto, mesmo sem olhá-lo, sua hesitação.

— Peguei algumas roupas suas, espero que não se importe...

Então percebo como devo estar sendo rude. Tento aliviar a expressão antes de virar para encará-lo, mas não consigo sorrir. Ele sabe, porém, que raramente sorrio, então não preciso me preocupar em ofendê-lo com isso.

— Não tem problema — digo, então penso melhor e forço um sorriso. — Você fica bonitinho nelas.

Aparentemente aliviado, Kalel se analisa e faz uma pose para me animar.

— Eu fico, não fico? Se não fossem tão grandes, roubaria algumas das suas camisetas.

Kalel não é tão baixo, só que eu cresci muito desde os catorze anos. Sempre fui o maior da turma; quando mudei para Nova Iorque entrava em bares sem precisar mostrar a identidade. No último ano do ensino médio, me confundiram com um professor. Pensando em retrospectiva, eu não deveria ter começado a malhar. Qualquer outro passatempo que não me deixasse ainda maior teria sido uma opção para distrair a cabeça, mas em uma cidade nova, conhecendo poucas pessoas e tendo muitos problemas, endorfina vinha bem a calhar. Eu só queria dormir e, quando chegava em casa, era exatamente isso o que eu fazia, sem tempo para lembrar de Adam ou de todo o resto.

— Ei — Kalel chama diante do meu silêncio. — Tudo bem?

Eu seria grosseiro com qualquer outra pessoa que repetisse a mesma pergunta em um período tão curto de tempo, mas não tenho coragem de tratar Kalel assim há muito tempo.

Penso em outro simples *sim*, no entanto, a ideia de mentir para ele não me agrada.

Porque não está tudo bem.

Está tudo uma merda.

— Só apareceu um problema na minha família.

— Se quiser conversar...

— Não quero.

Me viro para ele, olhando o relógio acima de sua cabeça, na parede.

— Mas se mudar de ideia...

— Vou te levar para casa — o interrompo mais uma vez. — Só preciso de um banho antes.

Ele parece confuso quando ando na direção do banheiro. Eu sempre lhe dou uma carona para casa, mas nunca tão cedo. Apesar das dúvidas, porém, Kalel não fala sobre isso, e eu fico grato. Se ele insistisse, acabaríamos discutindo, e eu gosto dele. Gosto de verdade. Talvez não tanto quanto gostei de Adam, mas ainda de uma forma especial.

Talvez eu conte tudo a ele, na próxima vez que nos encontramos.



Depois que deixo Kalel em casa, sigo em direção ao estúdio de fotografia no qual trabalho.

Me mudei para Nova Iorque esperando um recomeço, mas a vida me deu uma lição sobre expectativas assim que coloquei os pés na cidade. A poupança que meus pais fizeram para a minha faculdade ficou vazia em poucos meses, já que eu tive que pagar aluguel, gasolina, alimentação e todo o resto. Felizmente, quando estava à beira da fome, quase voltando para Dethaun, consegui uma espécie de estágio.

Devo muito ao senhor Kim, dono do estúdio. Ele é mais velho que meus pais, mas não pensa em encerrar seu trabalho. Assim como eu, teve alguns sonhos despedaçados, mas nunca desistiu e, quando viu que não conseguiria mais do que já tinha, abriu um estúdio para retratos de família. O lugar é do tamanho do meu apartamento, recebe pouquíssimos clientes por mês, mas é o maior orgulho do senhor Kim. E, às vezes, o meu também, já que é o único aspecto da minha vida que não carrega uma trágica história por trás.

Deixo minha moto na frente do estúdio e entro sob o toque do sino da porta. A recepção é entulhada de bugigangas da década de sessenta, espelhos e retratos de clientes, tão escura que parece um antiquário. O Sr. Kim está atrás do balcão, fazendo a contabilidade. Ele me olha de relance apenas para confirmar o que já sabe: não sou um novo cliente, sou apenas o Hunter.

— Você não tem aula hoje?

O senhor Kim flexibilizou meu horário durante a semana para que eu pudesse acompanhar todas as aulas, então eu não deveria estar aqui tão cedo. O que ele não sabe é que desisti do curso há dois dias. Algo na ideia de admitir não ter grana para continuar pagando meus estudos fez com que eu quisesse esconder essa informação, mas não vou conseguir evitar de agora em diante. Entrar mais cedo no estúdio me dá a possibilidade de sair mais cedo e, quem sabe, conseguir um segundo emprego durante a noite.

— Sobre isso... Eu desisti da faculdade, senhor Kim. Não era o que eu queria.

A mentira sai fácil. Sei que a única coisa pior do que ser um completo fodido é ser um completo fodido orgulhoso, mas não me surpreende que essas duas características possam ser encontradas em mim.

O Sr. Kim me encara com suspeita.

— Eu já sabia, garoto. Ben me contou.

Aquele fofoqueiro...

Ben é meu colega de classe e neto do senhor Kim. Foi meu primeiro amigo em Nova Iorque, e quem me conseguiu esse estágio. Eu estaria morto sem ele, literalmente, porque nos conhecemos em um acidente de trânsito, mas ainda assim penso em esganá-lo com as minhas próprias mãos nesse momento.

— Ele não apoia a sua decisão — o senhor Kim continua. — E nem eu. Estudos são importantes! Você não deveria desistir. Peça ajuda aos seus pais, ou, se precisar, venha morar comigo. Você é como um filho para mim.

Pela primeira vez em muito tempo, quase sorrio de verdade. Faz anos que trabalho para o Sr. Kim, mas nunca conversamos sobre tópicos fora do estúdio. Mesmo quando eu perguntava sobre sua família, sobre como aprendeu inglês e seus costumes, o assunto desaparecia muito rápido. Ben me explicou que ele não é muito sociável, mas ainda assim achava que o Sr. Kim me detestava. Pelo visto, eu estava enganado.

O que deixa essa mentira digna de culpa.

— Eu agradeço, senhor Kim, mas preciso cuidar dos meus problemas sozinho. Ele parece realmente triste com a minha negativa.

— Se mudar de ideia, será sempre bem-vindo.

Agradeço com um aceno, me afastando para guardar a mochila no armário atrás da recepção. Visto a camiseta do uniforme, a calça jeans e o tênis. Por mais que a combinação de cores fuja do padrão de roupas pretas que costumo usar, acabei me acostumando com elas depois de um tempo e não me importo mais com o vermelho gritante das mangas. Volto para o balcão, onde troco de lugar com o senhor Kim, e enquanto ele sai para resolver algumas coisas eu passo o restante da tarde esperando clientes que nunca vão aparecer.

Perto das seis, Ben entra no estúdio com a mochila cheia de livros da faculdade parecendo muito pesada. Ele retira o boné e passa as mãos pelos cabelos escuros, e só então eu percebo que começou a chover. Como um cachorro, Ben sacode a cabeça e faz inúmeras gotas de água se espalharem pela sala, molhando o caderno de contabilidade e algumas fotos presas em quadros.

— Que merda, Ben — recuo atrás do balcão, irritado. — Você ainda não comprou um guarda-chuva?

Colocando o boné de volta, ele sorri como sempre faz quando me tira do sério.

— Você sabe que perco todos os meus guarda-chuvas. Não faz sentido tentar ter um.

Reviro os olhos. Não é a primeira vez que temos essa conversa, por mais ridícula que ela seja, então sei que não vou conseguir convencê-lo a comprar a droga de um guarda-chuva.

Sem esperar uma resposta, Ben entra de vez no estúdio e deixa a mochila no armário, bem ao lado da minha. Ele volta e espia por cima do meu ombro, analisando o caderno que marca os atendimentos do dia.

— Ninguém. De novo.

— Ainda é cedo.

— Estamos quase fechando, Hunter.

Ele tem razão. E meu otimismo é limitado, então não vou insistir e dizer que ainda pode haver uma reviravolta no orçamento diário.

— Seu avô precisa investir em outra coisa — comento. — Uma loja de eletrônicos ou algo assim.

— Ele gosta de fotos.

— Esse lugar vai acabar falindo.

Ben estreita um pouco os olhos.

— Você não tem nada melhor pra fazer? Ou desistiu da faculdade para tomar conta da vida financeira da minha família?

Sei que ele só está querendo chegar ao assunto da faculdade. Mesmo assim, fico ofendido.

— Trabalho aqui, seu otário. Posso me preocupar se vamos falir ou não.

Não estou sendo implicante. Realmente me preocupo com o estúdio, e não só por causa do meu emprego. Sempre que penso que esse pode ser mais um sonho arruinado para o Sr. Kim, me sinto triste.

Percebendo que eu consegui desviar do assunto, Ben suspira e resolve ser direto.

— Hunter, a faculdade. Você precisa voltar.

O tom de voz dele, tão calmo e até preocupado, me faz segurar uma resposta afiada. Ben é realmente meu amigo. Ele se importa com o que faço da minha vida. Talvez mandá-lo para o inferno não seja a melhor resposta.

— Cuida da sua vida — ainda assim, respondo.

Porque não vou voltar.

— Podemos te ajudar a pagar.

— Não.

Ele está prestes a apresentar mais uma solução que será negada quando a porta do estúdio se abre novamente. Por um momento, nem mesmo eu acredito que o sinal tocou, mas tem realmente alguém entrando.

Não, não alguém.

Amélia.

Ela anda até o balcão da recepção, sorri para Ben e então olha para mim. Sua expressão perde um pouco de força quando não respondo ao seu “boa tarde”, mas ela balança o rabo de cavalo suavemente e sorri ainda mais.

— O que você quer agora?

Ben me repreende pelo tom no mesmo instante.

— Ele quis dizer “seja bem-vinda”. — Me empurra para o lado, ocupando o espaço do balcão atrás da registradora. — Você quer marcar uma data para um retrato em família?

Percebo que Amélia evita me olhar.

— Na verdade, sou só eu. Quero algumas fotos para um site.

Ben dá continuidade ao atendimento sem imaginar com quem está falando. Ele sabe que passei por problemas em Dethaun e sabe que uma pessoa arruinou a minha vida quando eu tinha dezessete anos, mas eu nunca disse que era uma garota ou o porquê.

Ele não tem ideia.

E, agora, quer que eu tire fotos dela.

Ben me olha ainda em repreensão quando não me movo. Então, disfarçadamente, pisa no meu pé e me acorda para a realidade. Ciente de que ele vai contar tudo para o senhor Kim, decido não decepcionar o homem que me deu uma chance nessa cidade e saio de trás do balcão. São só algumas fotos e, mesmo que ela insista em conversar, posso ignorá-la.

Sem que eu precise dizer, Amélia me segue até a sala das câmeras. É um cômodo pequeno e completamente branco, com luzes fortes e ventiladores. Há muitas cadeiras no centro, então as retiro até que sobre apenas uma.

— Senta aí.

Ela obedece em silêncio.

— Seu pacote te dá direito a dez fotos.

Com o aviso, começo a fotografar. Amélia fica imóvel na cadeira, com os olhos presos em mim, e não na câmera.

— Hunter. Você não pode ignorar o que ouviu.

Posso. Assim como estou te ignorando, penso.

— Você sabe que é ele. A voz é a mesma.

Não respondo novamente. Alguns cliques depois, ela continua:

— Volte para Dethaun e nos ajude a encontrá-lo. Precisamos de você, a cidade não aparece há anos para ninguém. Nem para o Brandon.

As dez fotos acabam. Fico em pé ao lado da câmera e olho para Amélia, encontrando aqueles olhos meio avermelhados de um choro recente. Ela me encara com expectativa, de um tipo que nunca vejo direcionada a mim: esperançosa.

Penso sobre o que ela disse. Quero perguntar o que houve com Brandon; quero saber como ela tem certeza de que a voz é de Adam e quero saber como os outros reagiram a isso.

Mas não faz sentido perguntar qualquer uma dessas coisas, porque a gravação não é real, e Adam está morto.

E, mesmo se for real, não pode ser recente.

E, se for recente, eu não consigo voltar. Simplesmente não consigo.

Há alguns meses, eu tentei. Mas a cidade não apareceu para mim. Acho que, talvez, ela tenha desaparecido para sempre. Não quero dizer em voz alta que perdi a única chance de encontrar nosso melhor amigo, nem mesmo acho que Amélia mereça tal justificativa.

Só quero que ela vá embora.

— Você pode retirar suas fotos na recepção.

Me viro para sair da sala, mas escuto os passos de Amélia antes mesmo de ela segurar meu braço.

— Por que você está agindo assim? — Pergunta, parecendo ainda mais desesperada. — Achei que quisesse ver o Adam de novo.

— Ele morreu. A gravação é falsa, de algum *troll* brincando com a gente. Não cai nessa, faça um favor a nós dois.

Quero muito que Amélia enxergue o que eu vejo agora. Não faz sentido pensar que a minha ajuda é a melhor opção.

Não vou abandonar tudo e voltar a Dethaun.

Não depois de tudo o que eu fiz para superar.

Penso nisso porque é mais fácil do que pensar que *não posso* ajudá-lo. A cidade não me quer mais, nem eu a quero. Não tem como a gente encontrar o Adam sem conseguir ao menos entrar no lugar onde ele se perdeu.

— Você é um merda — Amélia diz de repente. Solta o meu braço e seus olhos, antes esperançosos e magoados, ficam raivosos. — Você desistiu dele antes de todo mundo. Fugiu para longe na primeira oportunidade que teve e nos deixou procurando o Adam sozinhos. Falou tanto que o amava, mas agora que temos uma verdadeira pista... *uma esperança*, você se recusa a ao menos tentar. Quer saber, Hunter? Vai se foder. Vou encontrar o Adam sozinha.

Ela me empurra — ou tenta algo perto disso. Meus pés não se movem, mas meus ombros se inclinam um pouco para trás. Amélia está vermelha quando deixa

a sala de fotografia. Ben, ao contrário de mim, não escapa da raiva dela e é praticamente arremessado contra a porta quando entra em seu caminho.

Ela some e, segundos depois, o sino da porta toca, indicando sua saída.

Ben me olha em um estado quase catatônico de confusão.

— O que aconteceu aqui?

Eu sinceramente não sei como explicar, então só dou de ombros.

— Problemas familiares — repito a desculpa que dei mais cedo.

Ben não pede por detalhes.

— Você quer convers...

Essa coisa de conversa de novo?

— Não, por Deus. Não. Só envia as fotos para o e-mail dela. Preciso dar uma saída.

Deixo a sala de fotos e vou até o armário para pegar a minha mochila. Ben me segue.

— Eu tenho um encontro, vê se não volta muito tarde.

Coloco a jaqueta por cima do uniforme, com pressa demais para trocar de roupa. Estou surpreendentemente calmo depois do que aconteceu, quase como se não tivesse ocorrido de fato.

— Você ainda não desistiu?

Ben abre um sorriso enorme. Quase me sinto culpado por caçoar de seus esforços no amor.

— Sabe, Hunter, um dia eu vou encontrar o amor da minha vida, e aí eu vou jogar na sua cara que ele existe!

Balanço a cabeça em reprovação.

— Se esse é seu único motivo para querer uma namorada, sugiro que tente, sei lá, terminar a faculdade? Aí eu teria inveja.

Ben faz uma careta e revira os olhos.

— Boa sorte no encontro — digo ao abrir a porta. Está chovendo, então paro e fico observando o movimento na calçada por alguns minutos.

Ben dispensa minhas palavras com um gesto de mão, sabendo que só estou provocando. Olho para a minha moto, pensando em quanto tempo vou demorar para subir e dar partida com essa chuva toda.

Deve ser o suficiente para fugir de Ben, então assobio para chamar a sua atenção e digo que vou chegar tarde antes de correr para fora.



2

2016

Um pequeno lírio crescia entre as pedras da vaga onde Hunter costuma deixar Vivi, sua bicicleta azul com listras pretas. Por isso, ele a colocou no espaço ao lado, onde apenas alguns resquícios de grama nasciam. Se sentiu tão satisfeito com o gesto que sorriu sozinho, arrumando a mochila nos ombros largos demais para a sua idade. Seus lábios formaram uma linha reta assim que o barulho do sinal da escola o arrastou de volta para a realidade.

Escola.

Odiava a escola.

Não porque odiava estudar; Hunter era muito bom na maioria das matérias, se relacionava bem com os professores e gostava de entrar em clubes. O problema estava na parte social, porque ela não existia. Vivia às sombras de sua única amiga e, francamente, era cansativo o suficiente apenas acompanhá-la. Hunter passava despercebido na maior parte do tempo, apesar de, em geral, as pessoas gostarem dele. Não havia motivo para o tratarem bem, uma vez que ele não se esforçava, e Amélia considerava aquilo sorte. Mas, para Hunter, ser bem recebido o pressionava a ser sociável, e ele não era bom naquilo.

Ainda era o primeiro dia de aula passado o verão, e ele não deveria estar pensando nessas coisas. Como em qualquer outro semestre, o início oferecia uma forma de recomeçar, de ser diferente. Pensando nisso, ele respirou fundo, forçando o cérebro a desligar. Todos os pensamentos mais depreciativos sumiram, deixando sua energia suave e fácil de entender.

Sorri enquanto ele se afastava, percebendo tarde demais que uma espécie de orgulho surgiu quando o viu simplesmente ignorar suas preocupações.

Eu não deveria me apegar. *Não mesmo.*

Hunter observou o prédio da escola, lembrando mais uma vez de como era pequena. A luz laranja do sol cobria parte da fachada, quebrando a aparência normalmente mórbida do lugar. Em Dethaun, costumava ser gelado pelas manhãs e, por isso, mesmo com o céu limpo, casacos e cachecóis complementavam as roupas de praticamente todos os alunos.

Por minha culpa, Hunter sempre sentiu muito mais frio que a maioria das pessoas. Chegou ao primeiro dia de aula com duas calças e uma touca, além do casaco grosso, tudo preto. Talvez o fato de ser muito alto e usar muitas roupas o fizesse parecer um brutamontes desajeitado, mas ele não se importava realmente com o que pensavam de sua aparência. Sabia que não faria diferença se parecesse bonito ou estiloso. Apesar de geralmente ser bem recebido, seu mau humor o afastava das pessoas em pouquíssimo tempo.

Bom, de quase todo mundo.

Porque Amélia, de algum jeito, sempre gostaria de Hunter, mesmo com o humor péssimo e constante do amigo. Ela estava acostumada a sorrir sozinha todas as manhãs, sempre que se encontravam na escadaria da escola, e não se importava de ser a única feliz com o dia de aula a seguir. Pessoalmente, nunca entendi como os dois continuaram amigos por tanto tempo. Eram como água e óleo.

— Hunter! Hunter! Hunt!

Só existia uma pessoa que o chamava de Hunt: Amélia. Mesmo assim, ele demorou para encontrá-la, precisando dar uma volta inteira no mesmo lugar para finalmente perceber a garota correndo do outro lado da rua.

Assim que o alcançou, Amélia jogou os dois braços ao redor do pescoço do amigo e o apertou muito forte. Arfava por conta da corrida, mas não o soltou por pelo menos dez segundos. Hunter, desajeitado e pouco convidativo a toques, permaneceu com os braços soltos ao lado do corpo, ameaçando retribuir o gesto e desistindo três vezes.

— Eu senti tantas saudades! — Amélia finalmente o largou. Estava corada não só pela corrida. A vermelhidão marcando o marrom de sua pele era resultado de tardes na praia, durante as férias de verão. Além disso, seu cabelo estava diferente. Hunter pensou em elogiar, mas não soube como fazer aquilo. — Não acredito que finalmente voltei.

Amélia provavelmente não percebeu apenas pela expressão dele, mas o garoto sentiu a falta dela também. Notei o sorriso pequeno em seus lábios, que raramente se curvavam, enquanto a amiga falava.

— O que você fez enquanto estive fora?

Hunter deu de ombros.

— Só joguei videogame.

A expressão animada de Amélia se desmanchou.

— Sêrio? Você ficou o verăo todo trancado em casa?

Hunter sô deu de ombros mais uma vez. Era possivelmente sua única forma de se expressar na maior parte do tempo. Mas, a verdade, é que até fora da escola Amélia sempre foi sua única amiga; Hunter não teria com quem sair se quisesse aproveitar as férias e, para ele, por mais que fosse óbvio para qualquer um, admitir o fato em voz alta era humilhante.

— Você vai fazer novos amigos este ano — Amélia enroscou seu braço no de Hunter, puxando-o para a direção das escadas. — E aí, se eu precisar viajar de novo, não vai ficar sozinho.

O garoto revirou os olhos, já irritado com a conversa. Sua única resposta para qualquer sentimento negativo era a raiva.

— Não preciso de mais amigos, Amélia, na verdade... Nem preciso de você.

A garota apenas riu.

Os corredores do colégio estavam amarrotados e muito barulhentos. Amélia contou sobre suas férias detalhe por detalhe enquanto andavam, não deixando nada de fora. Hunter gostava de ouvir, mas se sentia particularmente aéreo naquela manhã. Enquanto os observava, notei que o olhar do garoto fugiu para os armários diversas vezes, como se quisesse que o falatório da amiga acabasse logo. Ele prestou atenção em tantas coisas naqueles breves segundos que, quando algo realmente o prendeu, não fui o único a reparar. Amélia interrompeu o passo assim que Hunter virou um pouco o pescoço para analisar o garoto de jaqueta verde musgo arrumando livros no próprio armário, também intrigada.

— Quem é aquele?

Hunter não sabia.

— Talvez um aluno novo — sugeriu. — Não sei por que alguém se mudaria para essa cidade, mas pode acontecer.

Amélia lançou um sorriso conspiratório para o amigo e, antes que Hunter pudesse impedir, andou na direção do garoto de jaqueta verde.

Os olhos dela sempre foram impressionantes. De um castanho muito claro, ainda mais bonito no sol. O formato também era diferente, redondos demais para o rosto pequeno. Junto com cabelos tingidos de loiro e a pele negra — agora ainda mais bronzeada —, formava uma combinação quase hipnotizante, e era difícil não olhar para Amélia.

O garoto da jaqueta verde musgo certamente não conseguiu evitar, deixando que a expressão de surpresa antecederesse qualquer outra reação mais amigável.

Amélia se apoiou no armário ao lado do dele.

— Qual é o seu nome?

Com cuidado, o garoto pensou diante da pergunta dela. A confusão, porém, foi passageira.

— Adam.

Amélia olhou para Hunter, animada. Não percebeu que o amigo estava desconfortável, mas a energia que emanava dele fez com que eu desejasse sumir daquele corredor.

— Adam, é novo aqui?

O garoto da jaqueta verde fechou o armário. Hunter o achou simpático, apesar de não ter sido tão receptivo como Amélia esperava. Estava acostumada a fazer amigos muito rápido, porque, afinal, todos gostavam de sua personalidade e aparência, mas Adam não era exatamente como as outras pessoas.

Hunter sentiu o desconforto do garoto e, com cuidado, cutucou Amélia, dizendo que iriam se atrasar. Ela pareceu entender o recado e, meio chateada, se despediu de Adam, indo na frente e passando pelo novato sem olhar para trás, obviamente com o orgulho ferido.

Mas algo fez Hunter ficar.

— Também quer saber se eu sou novo. — Adam sorriu. Era uma provocação, mas de qual tipo, Hunter não sabia. A energia dele mudou um pouco, deixando o desconforto dar lugar para a curiosidade.

Ele não reparou que gastou muitos segundos analisando Adam. Seus olhos passaram pelo cabelo castanho, com cachos pequenos caindo sobre a pele negra da testa, as roupas e a mochila, até parar nos sapatos. Então voltou para o rosto, onde encontrou um sorriso muito gentil. Era o tipo de pessoa que, antes mesmo de se conhecer, sabe-se da índole. Hunter nem mesmo percebeu que já confiava nele, achou apenas que havia encontrado uma beleza admirável.

— Se você estiver sozinho, pode nos encontrar perto da Árvore Rosa no almoço. — Foi tudo o que Hunter disse.

Ele saiu, deixando Adam e seu sorriso gentil para trás.

Fiquei um pouco mais, observando a reação do garoto da jaqueta verde. Esperei que sua expressão se desfizesse, mas, para a minha surpresa, ele não estava fingindo simpatia para Hunter.

A confiança entre os dois era mútua antes mesmo de tudo o que estava por vir.



A árvore rosa tinha aquele nome por ser... *rosa*. Apesar da cor ser trabalho de latas de spray e não uma dádiva da natureza, todos os anos a árvore aparecia daquele mesmo jeito.

Adam se aproximou de Amélia e Hunter, como indicado, um pouco receoso de início, mas confiante quando percebeu que não tinha como mudar de ideia. Os

amigos já haviam notado que ele estava perto e acenaram, felizes com a adição ao grupo.

— Senta aí — Amélia apontou, e Adam ocupou um espaço perigosamente perto de mim.

Hunter tentou não olhá-lo incisivamente. Foi difícil e precisou de esforço, a curiosidade vencendo sua noção de ética. Adam não percebeu que era o alvo de sua atenção, concentrado nas perguntas que a nova amiga fazia, secretamente satisfeito com o holofote repentino.

— O professor Blake foi muito duro com você? Ele gosta de assustar alunos novos.

— É o professor de história — Hunter informou, deduzindo que Adam ainda não havia decorado os nomes de todos.

Com um sorriso grato, o outro respondeu.

— Ele não foi ruim. Deve estar de bom humor.

Amélia riu.

— Duvido muito.

Adam abraçou a mochila, arrumando a postura para ficar mais confortável no gramado. Seus olhos encontraram os de Hunter por um segundo quando o silêncio prevaleceu, tempo suficiente para ambos entrarem em uma mistura de timidez e curiosidade.

— Então — Adam virou-se para Amélia de novo. — Qual é a dessa árvore?

Analisando a pintura rosa no tronco, ele levantou uma sobrancelha. Seus olhos vagaram para a tinta que manchava algumas folhas.

— É uma tradição. Não sabemos quem começou, mas todo ano, depois das férias, alguém invade a escola e pinta a árvore. Ela *nunca* deixa de ser rosa.

Adam sorriu, fascinado com a madeira lascada, pintada de rosa. O tom era bonito, forte e gasto ao mesmo tempo, causando uma sensação estranha nele. Hunter se pegou mais uma vez atento demais a ele.

Adam percebeu, mas não o encarou de volta.



3

2021

Estaciono Vivi na vaga atrás da lanchonete, em um beco sempre escuro demais mesmo durante o dia. O barulho da cidade parece menor aqui, como se este lugar estivesse fora da órbita caótica de Nova Iorque. Fico por alguns minutos nas sombras, pensando se devo continuar, mas o meu telefone toca antes que eu possa tomar uma decisão.

É Ben me ligando.

Recuso a chamada, sabendo que ele vai me xingar por atrasá-lo para seu encontro. Assim que coloco o telefone no bolso, sinto as notificações chegando, provavelmente de mensagens raivosas dele. Posso lidar com Ben depois, então as ignoro e saio do beco, me espremendo na calçada movimentada até conseguir chegar à entrada do Suzy's.

Taylor está atrás do balcão, em seu uniforme de garçone. Ela sorri assim que me vê, apesar da tensão em seu olhar quando espia a janela da cozinha. Não vejo Suzy, a dona do lugar, apesar de saber que ela está lá dentro. Vou direto para a última mesa do salão, e Taylor vem logo atrás, com o bloquinho nas mãos para me atender.

— Consegui enganar os outros candidatos. — O sorriso no rosto dela é quase travesso, como o de uma criança. — Disse que a entrevista era amanhã, não hoje. Suzy vai ficar irritada quando eles não aparecerem, então duvido que esteja disposta a vê-los em outro momento. O emprego é seu.

— Não precisava disso...

— Claro que precisava. — Ela me interrompe. — O emprego *tem* que ser seu. Você precisa mais do que os outros.

— Você não sabe disso.

— Exatamente — sorri, esperta. — Sei sobre você e é o que me importa.

O que mais gosto em Taylor é que ela não finge se importar. Também não finge ser justa. Assim como eu, não procura prejudicar as pessoas, mas sabe que nessa cidade precisamos sobreviver; se isso inclui trapacear para conseguir um emprego, tudo bem. Não nos sentiremos culpados. Faremos o que for preciso e, talvez, futuramente, nos esforcemos para compensar essa falha em alguma boa ação.

Quando vê que não vou insistir em tentar parecer justo, ela sorri. Há anos, Taylor deixou Dethaun comigo. Antes disso não éramos próximos, já que eu nunca fui próximo de alguém além de Adam e Amélia, mas a garota não hesitou a se juntar a mim. Eu sabia muito bem quais eram seus motivos na época, então não fui capaz de impedir que entrasse no meu carro. De qualquer forma, o que veio depois disso foi a maior surpresa: nos tornamos, de certa forma, amigos.

Taylor conseguiu este emprego assim que chegamos. Nos primeiros meses, roubava hambúrgueres porque não tínhamos mesmo dinheiro — e porque o Suzy's sempre desperdiçou muita comida. Ela fechava as portas da frente, apagava as luzes e corria para a entrada dos fundos, onde me deixava passar. Comíamos na cozinha, perto dos fogões sujos, às vezes rindo, mas sempre cansados por termos que estar ali, naquela situação. Não me orgulho muito de ter roubado de uma senhora, mas eram tempos difíceis — como sempre foram desde que nos mudamos.

Um barulho no fundo da lanchonete me faz desviar o olhar. Suzy vem retirando o avental, os cabelos escuros ainda presos em um coque e a expressão sempre carrancuda quase sumindo debaixo de tanta maquiagem.

— Taylor! Você publicou o anúncio?

Preciso me controlar para não fazer uma careta. Suzy está sempre gritando e, apesar de eu não acreditar que sua intenção é ser rude, é meio desconfortável. Taylor se acostumou com o tom de voz há muito tempo, e nem mesmo se assusta com a aparição repentina da chefe.

— Publiquei, senhora — arrumando a postura, minha amiga aponta com a cabeça na minha direção. — Esse é o Hunter, foi o único que apareceu.

Me levanto assim que percebo a deixa, e noto que Suzy se assusta um pouco com a minha altura. Não ajuda muito que ela tenha pouco mais de 1,65m, mesmo com os saltos vermelhos. Penso em me inclinar um pouco para amenizar a sua primeira impressão, mas decido que eu pareceria ainda mais estranho.

Suzy franze o nariz. Me olha de cima abaixo, analisando as roupas largas, os tênis encardidos e o cabelo que precisa de um corte. Não consigo identificar apenas pela sua expressão se odiou o que viu, então encaro como um bom sinal.

A expectativa pela sua resposta é tão alta que até Taylor fica um pouco ansiosa, trocando o peso de um pé para o outro enquanto tenta fingir que não quer desesperadamente influenciar na decisão da chefe. Começo a me arrepender de não ter tentado esconder as tatuagens, ou trocado a jaqueta de couro. Cogito tirá-la, mas descarto a ideia quando lembro estar com o uniforme do estúdio. Suzy pode julgar que não farei um bom trabalho por ter dois empregos, estando cansado demais para ser eficiente aqui.

Ela finalmente diz algo, o que me tira desse dilema sufocante. Fico tão grato quanto confuso porque definitivamente não é uma observação que eu esperaria.

— Ele parece um armário. Não vai caber na nossa cozinha.

A bolha de expectativa estoura de uma só vez. Sinto Taylor segurando uma risada.

— Eu dou um jeito — me pronuncio.

E me arrependo logo depois, porque acho que deveria ter sido mais formal. Ou educado.

Suzy me olha de cima abaixo de novo. Franze o queixo, se aproxima e segura meu rosto com uma das mãos, fazendo com que minhas bochechas fiquem espremidas entre seus dedos. Ela vira a minha cabeça para a direita, então para a esquerda, como se estivesse procurando algo.

— Você é bonito, vai atrair clientes. Pode começar amanhã?

Pisco, confuso.

Ela não vai me perguntar mais nada?

Meio atordoado, olho para Taylor, que me cutuca discretamente. Volto a encarar Suzy, que parece impaciente com a demora. Antes que ela comece a gritar, respondo:

— Claro, claro. Posso começar amanhã.

— Então está contratado — Suzy decide. — Taylor, pode fechar a loja mais cedo. Vejo você amanhã.

Ela vai até o balcão e pega uma bolsa vermelha muito estranha, grita alguma coisa que não entendo e vai embora.

Eu continuo confuso. Taylor dá uma risadinha.

— Acredite se quiser, esse é o jeito *fofo* dela. — Observa a porta por onde Suzy saiu. — Não a leve a mal.

— Para ser sincero, achei que seria pior.

Taylor força uma cara de espanto.

— Você está sendo minimamente otimista?

— Se quer uma reclamação, saiba que vai ser um saco ter que te ver todo dia.

Ela força uma risada, me dispensa com um aceno de mão e vai até as portas de vidro da entrada da lanchonete. Com certa satisfação, vira a placa para

apresentar a palavra "FECHADO" e observa o movimento por alguns instantes.

— Você está com fome? — pergunta de repente.

— Na verdade, não.

Taylor está sempre querendo me alimentar. Penso ser reflexo dos anos em que dividíamos tudo e nos preocupávamos com a próxima refeição, mas talvez ela só tenha virado uma amiga realmente cuidadosa. Quando a visito em seu apartamento, mesmo em dias nos quais os turnos foram mais pesados e Taylor parece cansada, faz questão de cozinhar algo decente para me oferecer. Parece até que ela sabe que não me alimento de coisas saudáveis há muito tempo e tenta me ajudar.

Meio decepcionada por não ter uma desculpa para cozinhar, Taylor murmura em entendimento e segue para a caixa registradora.

— Então — a sigo e, de alguma forma, consigo me ajeitar no banco minúsculo do outro lado do balcão. — Como é o trabalho aqui?

— Um inferno — ela responde sem tirar os olhos das notas. — Mas você se acostuma. É só não derrubar nada nos clientes e não errar os pedidos.

Não parece muito difícil. Apoio os braços no balcão e o queixo na palma da minha mão direita, pensando sobre como será meu primeiro dia amanhã. Logo, estou pensando no dinheiro extra que estar aqui vai render e, muito mais rápido do que imaginei, começo a adorar a ideia de ser garçom.

Talvez eu consiga voltar para a faculdade antes do planejado. Vou me esforçar para cortar gastos desnecessários, o que inclui menos cervejas, pizzas e reuniões de amigos no meu apartamento.

Meu telefone toca. É Ben de novo. Me sinto um amigo de merda por ter feito com que ele perdesse seu encontro, mas não podia deixar de tentar essa vaga de garçom. Vou comprar alguma coisa para ele comer antes de ir para o estúdio, amanhã. Ben é facilmente persuadido por comida.

Ele me manda uma mensagem.

Senhor Estranho: Ela veio aqui de novo. A garota loira.

Meu estômago se encolhe e se revira, fazendo com que uma sensação muito ruim suba até a minha garganta. Amélia não vai mesmo desistir? Ela realmente espera que eu largue tudo para viajar até Dethaun? Tenho muitos problemas, não preciso de mais um.

Escuto Taylor suspirar. Levanto os olhos e ela está me encarando.

— O que foi? — Pega o último maço de notas.

— O que foi, o quê?

— Você está bufando descontroladamente. Parece um touro.

Me desencosto do balcão, ofendido.

— Vai se foder.

— Fala logo o que é, Hunter. Eu não vou perguntar de novo.

Cruzo os braços e olho para algum ponto distante do salão. Sem perceber, bufo de novo. Taylor faz um gesto na minha direção, exibindo uma expressão tão inconformada quanto vitoriosa.

Antes que eu pense sobre o que essa conversa pode desencadear, já estou falando.

— A Amélia te procurou também?

É tudo. Taylor entende o que isso significa e solta as notas, desistindo da contagem.

— É, ela me procurou. Não achei que teria coragem de ir até você.

Alguma coisa funciona dentro da minha cabeça. Confesso que nunca fui muito esperto, mas até *eu* consigo notar o olhar culpado em seu rosto.

Taylor percebe a mudança de expressões enquanto faço as ligações entre os acontecimentos e, antes mesmo de eu falar, se afasta.

— Deu a porra do meu endereço a ela?

— Como eu disse, não achei que a Amy teria coragem.

Inacreditável...

— Pois ela teve coragem. — Resmungo.

Taylor não parece muito motivada pela minha irritação.

— O que ela queria?

Então Amélia não teve coragem de contar o motivo de sua visita. Pode indicar que até mesmo ela sabe que a gravação é falsa, ou, se ainda a conheço, pode ser o contrário; a Amélia de anos atrás teria medo do que estaria por vir.

— Ela encontrou uma pista sobre o Adam e quer que eu volte para Dethaun.

Por um momento penso que quebrei Taylor. Ela fica me olhando sem se mexer por vários segundos, a cor sumindo de seu rosto. As notas foram parar no chão, espalhadas pelo piso sujo.

Finalmente, ela balança a cabeça e se joga sobre o balcão para me puxar pela gola da camiseta. Eu não sabia que ela era tão forte, então me surpreendo e me desequilibro sobre o banco pequeno demais, tendo que me segurar nela.

— Puta merda, Hunter! O Adam? Ele voltou?

— Não, foi só uma pista...

— Que pista? — Parece prestes a explodir de ansiedade.

Peço para ela me soltar, o que Taylor faz, meio envergonhada. Então conto o que aconteceu. Cada palavra a deixa ainda mais pálida, como se a vida estivesse sendo drenada de seu corpo. É um choque enorme ter notícias de Adam.

Demora alguns minutos para digerir tudo o que ouviu. Quando consegue organizar seus pensamentos, ela encara as notas jogadas no chão e suspira. Então diz, com calma:

— Sei que você é cético e que acha que pode não ser o Adam, mas, se for verdade, é sua única chance de encontrá-lo.

Eu sabia que ela diria isso.

— Faz muitos anos... Não é possível.

— Já deveria saber, Hunter, que se tratando da Cidade Fantasma tudo é possível.

Eu também sabia que ela diria isso. É verdade, afinal. Muita coisa estranha aconteceu naquele lugar.

O pensamento que me ocorre a seguir é assustador. Mas confio em Taylor e no seu julgamento. Ela é a pessoa mais sensata que conheço, a única em quem eu apostaria tudo sem hesitar. Se ela me disser que devo ir, talvez eu a escute.

— Você acha uma boa ideia voltar e procurar por ele?

Taylor morde o lábio inferior. Ela deixa o olhar vago cair sobre o chão, suspira e começa a pegar o dinheiro que caiu. Ao invés de jogá-lo na caixa registradora, as notas vão parar nos seus bolsos.

Levanto-me do banco, meio alarmado.

— O que você está fazendo?

Agora Taylor pega as notas da caixa registradora.

— Nós vamos — diz, meio sem fôlego. — O Adam merece ser encontrado.

Ela some dentro da cozinha e volta com sua mochila desgastada, sem o avental, apagando o restante das luzes da lanchonete com pressa para seguir até a porta.

— Você vai simplesmente roubar a velha? — Ando atrás dela.

— É o meu salário do mês, contando com as horas extras. Vou mandar uma mensagem avisando. Suzy não vai ficar muito feliz, mas....

Em um ato desesperado, seguro seu braço. Não é forte, mas a faz parar. Com sua atenção, tento fazê-la entender como essa ideia é absurda.

— Taylor, isso é loucura.

— Loucura é seu namorado morto voltar do mundo dos fantasmas e você se recusar a procurar por ele. Isso não pode esperar, Hunter. Vem logo!

Ela me puxa pela manga da jaqueta, fazendo com que eu saia da lanchonete ao seu lado. Está tremendo quando tranca a porta, provavelmente nervosa com o que vai encontrar em Dethaun e não com o roubo que acabou de cometer.

— Você não pensou direito sobre isso. — A acompanho pela calçada. Taylor sabe onde sempre estaciono a moto, então anda diretamente para o beco. — Quer mesmo encontrar os seus pais?

— Não vou precisar. Temos a casa dos *seus* pais, que com certeza não são uns transfóbicos de merda. Não preciso lidar com a minha família enquanto estivermos em Dethaun. — Taylor para de andar tão abruptamente que eu quase a atropelo. Se

vira e me olha com cuidado. — Eles gostam de mim, não gostam? Sempre me trataram bem.

— Claro que gostam.

— Então não temos nada nos impedindo.

Mordo o lábio inferior e olho ao redor como se houvesse uma saída escondida nos bueiros do beco. Não quero voltar para Dethaun; Deus, não quero mesmo. A única coisa boa naquela cidade é a casa dos meus pais, com as duas pessoas que mais amo dentro. Nada além disso.

Agora, porém, pode haver Adam. O garoto da jaqueta verde que foi o meu primeiro amor, que sumiu e que eu ainda sinto que tinha muito para me oferecer. Eu pensei que não poderia encontrá-lo, mas e se Adam retornou? E se esse for o jeito de a Cidade Fantasma dizer que está me aceitando de volta?

Eu imploraria para ela me deixar entrar, se necessário. Eu imploraria para que ela o deixasse sair, também.

— Hunter? — Taylor chama. Ela está muito mais ansiosa que eu. — Devemos isso a ele.

Claro que devemos. Fomos os únicos que deixaram Dethaun e não continuaram procurando.

Adam merecia muito mais da nossa parte.

— Você acha que é uma pista falsa, né? — Taylor continua. Ela se lembra do inferno caindo sobre nós depois do desaparecimento de Adam, sabe quais são meus receios. — Isso aconteceu há muito tempo, todos que queriam chamar atenção desistiram. Dessa vez pode mesmo ser ele.

Ela tem razão.

— Certo — concordo, por fim.

Taylor suspira aliviada e volta a me puxar na direção da moto.

...

Em casa, tento fazer uma mala pequena. Deixarei Vivi em Nova Iorque para pegar um ônibus até Dethaun, mas não quero carregar muita coisa. Nem quero passar a ideia de que vou ficar muito tempo na cidade. Há anos meus pais fazem viagens longas para me visitar, tentando me convencer a ir passar pelo menos um feriado na minha cidade Natal, e eu sempre nego. Não quero que criem muitas expectativas agora.

Taylor já está com suas coisas prontas. Ela me falou para encontrá-la em duas horas, então estou tecnicamente atrasado. Tomo um banho rápido e coloco um moletom, calça jeans e tênis. Escolho um boné também, porque não quero que ninguém me reconheça quando chegar em Dethaun.

Olho para meu apartamento, parado embaixo do arco da porta, e sinto algo estranho, como se essa fosse a última vez que o vejo.

Ignoro o pensamento e vou embora.



4

2016

Taylor escondia as duas mãos nos bolsos do moletom largo, tremendo de frio. Uma fumaça estranha escapava da lata de lixo alguns metros à sua direita, transformando a rua em algo parecido com o cenário de um filme de terror.

Estava prestes a ir embora quando viu o carro de Brandon virar a esquina. Pela janela do passageiro, Amélia colocava metade do corpo para fora, acenando como se Taylor não tivesse visto aquela lata velha se aproximando.

— Desculpa! A gente se atrasou — Amélia pulou para a calçada assim que o carro parou. — Piper causou problemas.

Morrendo de vontade de fumar um cigarro, olhei ao redor enquanto Amélia explicava sobre a última briga de seu amigo. Taylor não estava muito interessada também, mas foi educada. Brandon, com o único maço do grupo, desligou o carro e se uniu às amigas enquanto verificava as notificações do celular.

— Foi engraçado, só que preferi não ficar para ver como iria acabar. — Amélia suspirou.

Eu li seus pensamentos: como a única garota preta do grupo, ela não se arriscaria em um caso de roubo. Não quando era Piper que havia iniciado tudo.

Taylor também estava irritada.

— Ele não tem jeito. É só a droga de um parque de diversões, a gente não precisa de álcool.

— *Você* não precisa — Brandon corrigiu, sorrindo. Ainda estava com o celular na mão, um pouco distante das duas. — Piper só se diverte se estiver bêbado. Aposto que ele adorou ser pego com uma identidade falsa, se quer saber. Ele gosta de ter histórias pra contar.

— Não acredito que o pai dele negou bebida hoje — Taylor observou. Os Piper não ligavam para regras, tinham um bar onde qualquer menor de idade podia entrar e passar dos limites. — Será que brigaram de novo?

— Provavelmente — Amélia murmurou. Mais um motivo para não ficar ao lado do amigo em situações como aquela: para ele, era diversão. Ou mais um ato de rebeldia.

— Seu namorado não vem? — Taylor mudou de assunto. Ela olhava para o mesmo ponto que eu: o maço de cigarros na mão direita de Brandon.

Ele não fumava, então só podia ser um presente para Rick.

— Ele tá esperando a gente lá dentro.

Todos entenderam a deixa para começar a se mover. Brandon foi na frente enquanto Amélia e Taylor caminharam lado a lado. A primeira, que usava um vestido amarelo, agarrou o braço da amiga em busca de calor, recebendo de bom grado o aconchego que o moletom preto proporcionava.

Taylor puxou o elástico do cabelo de Amélia, que caiu delicadamente sobre seus ombros, um pouco do frio desapareceu. Durante as férias, a amiga havia pintado parte das mechas de loiro, o que a deixou diferente de todos naquela cidade. Enquanto todo mundo vivia em tons de cinza, Amélia era como o verão: sempre de amarelo, agora com o visual de uma garota da Costa.

— Você já pensou em sair daqui?

A pergunta de Taylor surpreendeu Amélia. Foi repentina, mas compreensível: depois das férias, além da aparência física, Amélia estava diferente em espírito também. Parecia mais animada que o normal, como se aquele período fora de Dethaun tivesse feito muito bem a ela.

— Na verdade, não — respondeu com calma. — Eu gosto daqui.

— Você está cada dia menos parecida com uma moradora de Dethaun.

— Eu só pinte o cabelo — Amélia riu. — Não é nada demais.

Quando Taylor recepcionou seu olhar, desejou, por um breve momento, ter aquele tipo de brilho. Amélia não era só bonita; era uma pessoa feliz, que contagiava quem estivesse perto dela. Muitas vezes, Taylor achava que podia ser daquele jeito também e acabava culpando todos os seus problemas por não conseguir, o que até ela sabia ser uma mentira.

Você nunca vai ser como ela, sussurrei em sua mente. Taylor não pareceu ser afetada, porém. Como se soubesse disso há muito tempo, ela só apertou o braço de Amélia com carinho e continuou a guiando até o parque.

As luzes os receberam com muita intensidade. Ao contrário da rua escura e fria dos arredores, o espaço apertado que guardava os brinquedos gigantes era quente e aconchegante. Taylor imediatamente se esqueceu de que ficou mais de vinte minutos esperando os amigos atrasados, atenta a todos os sons e cheiros que

lhe eram apresentados. Brandon, ainda na frente, seguiu direto para onde Rick os esperava, consultando o celular para ter certeza de que não erraria a localização.

Achei Rick uma figura engraçada. Fisicamente, se parecia muito com Brandon, mas algo nele deixava de agradar. Taylor sentiu o mesmo: assim que seus olhos encontraram os do garoto, deu um passo para trás, deixando que Amélia o cumprimentasse primeiro. Ele era mais velho, então as garotas não o conheciam da escola. Sabiam apenas o que Brandon contava: que ele era gentil e romântico, e que eles saíam há pouco tempo.

Suspirei quando Brandon entregou o maço de cigarros para o namorado. Talvez pudesse fazê-lo perder ao longo da noite, mas seria difícil conseguir um isqueiro também. Fechei os olhos, tão frustrado que sem querer deixei a noite ainda mais fria.

— Você quer o meu moletom? — Taylor ofereceu para Amélia, que apenas recusou.

— Aqui, pega o meu.

Sem esperar uma resposta, Rick retirou a jaqueta de couro e a colocou nos ombros de Amélia. Brandon sorriu tão largo que Taylor o cutucou em provocação.

— Vamos em qual brinquedo primeiro? — Rick esfregou as mãos, olhando ao redor.

O grupo iniciou em uma breve discussão sobre o primeiro destino da noite, que acabou resultando na roda gigante. Amélia e Taylor foram em uma cabine enquanto Brandon e Rick acabaram em outra. Não tive escolha senão me sentar entre as duas, cuidadosamente espremido no espaço que sobrou. Foi sorte que Amélia estivesse devidamente aquecida com a jaqueta do novo amigo e não precisasse buscar calor em Taylor.

— O que você achou dele? — Amélia sussurrou, inclinando-se na direção da amiga.

Assoprei em seu ouvido, o que a fez recuar sem saber o porquê. Não me agradava ter humanos tão próximos.

— Ainda não sei. — Taylor suspirou. Olhava para a cabine da frente, onde Brandon estava com o novo namorado. — Tive uma impressão ruim, mas acho que foi coisa da minha cabeça.

Amélia seguiu o olhar da amiga.

— Vamos ficar de olho — decidiu. — Não queremos que aconteça o mesmo que aconteceu com o Joshua.

— Você sabe por onde ele anda? — Taylor ficou interessada na conversa. Desde que Joshua e Brandon terminaram, meses antes, o garoto havia sumido da escola.

— Ouvi dizer que ele se mudou, mas não quis perguntar pro Brandon.

De novo, olharam para a cabine da frente. Suas mentes férteis imaginaram todo o tipo de coisa, menos o que de fato aconteceu, e eu não as tranquilizei. Era divertido vê-las em alerta.

O restante da noite passou rápida e superficialmente. Brandon e Rick não se desgrudaram, mas Taylor e Amélia não precisavam de ajuda para se divertir. Elas eram boas em jogos de força e ganharam muitos prêmios. Quando o grupo decidiu enfrentar a casa do terror, já estava perto da meia noite.

— Eu não gosto muito dessas coisas. — Taylor deu um passo para trás.

Sentiu Amélia murchar, olhando para o ticket em sua mão direita. Suas unhas estavam pintadas de amarelo para combinar com o vestido, mas as mangas da jaqueta de Rick eram largas demais. Seus dedos sumiam atrás do couro, fazendo-a parecer uma criança.

— Podem ir. — Taylor foi rápida ao perceber que Amélia iria se oferecer para ficar e fazer companhia. — Vou esperar aqui.

— Você vai ficar sozinha.

Taylor riu.

— Consigo sobreviver sem você por dez minutos.

Ela empurrou Amélia de leve, o que a fez rir. A amiga prometeu que voltava logo e, junto com Rick, seguiu para a entrada. Brandon ficou para trás e deu um beijo rápido na testa de Taylor, pedindo desculpas e prometendo que voltaria logo também.

Dessa forma, ela ficou sozinha — até onde sabia.

Olhei para os três amigos, pequenos agora que estavam diante da grande entrada da casa do terror. Era a oportunidade perfeita para assustá-los e me divertir um pouco. Eu também poderia roubar o maço de cigarros, mas...

Não me movi.

Fiquei parado ao lado de Taylor, assim como ela encarando a entrada da atração. O parque já estava quase completamente vazio, com apenas algumas pessoas que também iam embora. A cada minuto a garota virava um ponto em destaque, com o cenário vasto ao redor, as luzes da casa do terror sendo um dos últimos pontos brilhantes do parque.

Ela começou a estranhar a demora.

Pensou que seus amigos já deveriam ter voltado.

Levou um susto com a notificação do próprio celular. Taylor riu por ser tão medrosa antes de puxar o aparelho e ler a última mensagem de sua mãe: uma bronca seguida pela ordem de que voltasse para casa. Respondeu apenas um ok antes de voltar a olhar na direção da Casa do Terror, de onde seus amigos ainda não haviam saído. Precisava correr se não quisesse ter problemas, portanto se aproximou à procura de um funcionário que diria quanto tempo demorava cada

excursão. Quando parou na frente da pequena cabine, porém, ela estava vazia; Taylor bateu duas vezes no vidro, e esperou até perder a paciência. Então suspirou e digitou para a mãe que ainda demoraria um pouco, mas a mensagem não foi enviada. Estava sem sinal de telefone.

Quando finalmente aconteceu, tentei avisá-la.

Bati no vidro, o que foi em vão. Ocupada com o desespero de não conseguir avisar à mãe que se atrasaria, Taylor ignorou tanto os meus esforços quanto o frio intenso que caiu sobre o parque de repente. Se afastou da cabine e voltou ao lugar onde prometeu que esperaria os amigos, parando naquele exato ponto e finalmente percebendo que algo estava errado.

A primeira coisa que chamou a atenção dela foi o chão: não era mais a grama gasta do parque, mas uma base de paralelepípedo quebrada. Seu coração acelerou, e finalmente o ar gelado a atingiu.

Lentamente, olhou para cima. Não estava mais no parque de diversões. Estavam em um lugar que, até onde sabia, era desconhecido.

Senti quando o pânico cresceu dentro dela. Taylor não era o tipo de pessoa que se preocupava por qualquer coisa, mas o choque foi inevitável. A mudança do cenário, rápida e inesperada, fez toda a calma no corpo da garota sumir. Seus pés trôpegos castigaram o paralelepípedo, passos confusos formando um círculo enquanto os olhos de Taylor capturavam cada detalhe ao seu redor. Ela se esforçou para reconhecer onde estava e falhou, não achando qualquer conforto nas construções em ruínas que a cercavam.

Tentou ligar para a mãe com o celular ainda sem sinal. Quando arriscou o número de emergência da polícia, o aparelho caiu de suas mãos e se estatelou contra o paralelepípedo. Taylor ficou de joelhos para recuperá-lo, repetindo uma infinidade de *nãos* quando notou a tela quebrada. O som de passos esmagando pedras quebrou o momento de negação, chamando a atenção da garota. Ela levantou os olhos novamente, e, à sua frente, saindo de uma das construções em ruínas que parecia uma igreja, um homem descia uma série de degraus quebrados. Veio em sua direção como se estivesse prestes a atacá-la, e inconscientemente, por puro reflexo, Taylor recuou quando ele ficou a apenas um passo.

Caiu de costas. O céu estrelado a confortou por meio segundo até ouvir a movimentação de novo. Dessa vez, porém, quando voltou a olhar, equilibrando-se para sentar-se decentemente, encontrou alguém conhecido.

Era Amélia.

A amiga a olhava preocupada, com os joelhos nus tocando o chão. Seu vestido estava sujo agora que encontrava a grama do parque, mas ela não parecia ligar.

— Tay? Você está bem?

Brandon e Rick estavam logo atrás. Seu amigo corria, enquanto o estranho apenas olhava preocupado.

— Eu... Caí?

Sinceramente, ela não sabia o que havia acontecido. Como poderia saber, afinal? Nem mesmo eu entendi o ocorrido.

— Eu acho que sim. Quando saí, te vi no chão.

Com cuidado, Brandon a ajudou a se levantar. Limpou a grama na parte de trás do moletom da amiga com pequenos tapinhas e perguntou umas dez vezes se Taylor estava realmente bem.

— Deve ser cansaço — arriscou. Ninguém acreditou, mas não havia respostas certas naquela situação. — Podemos ir para casa? Minha mãe já mandou mensagens.

Todos concordaram e, lentamente, prestando atenção demais em Taylor, saíram do parque. Encontraram o carro de Brandon onde haviam deixado, e Rick se despediu com um beijo do namorado enquanto Taylor e Amélia esperavam aquecidas dentro do veículo.

Enquanto Rick se afastava, aproveitei para puxar o maço de cigarros.

Não pude acender porque, pelo restante da noite, Taylor permaneceu acordada, tentando entender o que havia acontecido.



5

2021

A viagem é estranha. Sei que estou nervoso porque meus joelhos se movem sem que eu consiga controlá-los, os olhos atentos à janela e os ouvidos ignorando a música no fone de ouvido. Nem mesmo minha banda preferida serve como distração durante o tempo em que permaneço no ônibus, mas eu já esperava por isso.

Taylor dorme com a cabeça encostada no meu ombro direito, muito mais tranquila do que eu esperava. Acho que ela não se importa mais com os pais, não como antigamente. Hoje em dia, se não a incomodam, Taylor fica feliz de ignorá-los também.

Gostaria de ser assim. De me conformar e deixar de lado tudo o que me feriu no passado. Entretanto, nunca consegui ignorar Adam. Ou Amélia. E, por mais que eu tenha tentado, falhei em apagar a Cidade Fantasma. Os detalhes que absorvi nas poucas vezes em que a visitei continuam comigo, formando cenários onde todos os meus pesadelos se desenvolvem. Seria muito mais fácil se eu pudesse esquecer o que aconteceu. Ao contrário de Taylor, sou egoísta e mesquinho e não escolheria superar; eu *apagaria* cada pedaço dessa história. Talvez até mesmo estivesse disposto a esquecer Adam só para não passar o resto da vida sentindo falta dele.

O ônibus para. Me assusto por não ter percebido que havia entrado em Dethaun enquanto Taylor acorda e se espreguiça. Ela olha pela janela e suspeita do que encontra do outro lado, mas não faz qualquer reclamação.

— Ainda não é Dethaun — observa, meio desanimada. — Temos que pegar um Táxi até lá.

— Não acredito que ainda não fizeram um terminal pra cidade. — Então acabo pensando melhor, e completo: — Mas até que faz sentido. Quem iria visitar aquele lugar?

Taylor dá de ombros.

— Não é tão ruim, na verdade.

— É pior — resmungo. — Você não deveria ter vindo, eu podia fazer isso sozinho.

Pensando bem, trazer Taylor comigo me faz sentir culpa. Em Dethaun as coisas nunca foram realmente boas para ela. Mesmo os piores dias em Nova Iorque foram melhores do que naquela cidade. Por lá há a liberdade de seu apartamento, a amizade de outras pessoas trans e, acima de tudo, distância da família que a criou no pior cenário possível.

— Ainda dá tempo de voltar — complemento.

Taylor nega com a cabeça.

— Não tenho medo dessa cidade, se é sua preocupação. Na verdade, tenho muito mais medo de te deixar sozinho nela.



As horas que perdemos brigando com o aplicativo de carona não rendem qualquer resultado. Descobrimos tarde demais que não existem empresas atendendo a região onde Dethaun fica, assim como também descobrimos tarde demais que não há táxis por perto. Felizmente um casal de amigos percebe o nosso desespero e nos oferece uma carona, ambos sorridentes e prestativos *demais*.

Quando chegamos em Nova Iorque, nos assustamos com as pessoas que encontramos porque elas eram diferentes das que haviam em Dethaun. Foram poucas as vezes em que nos preocupamos com julgamentos em círculos de amizade ou em locais públicos, mas aqui é um território perigoso novamente: pessoas de cidades pequenas tendem a ser intolerantes — talvez porque a maioria dos círculos sociais é fechado e informações e vivências novas raramente alcancem destaque. Não estamos errados em desconfiar da boa vontade de estranhos, o que não diminui a culpa por termos sido pouco amigáveis assim que o casal começa a nos contar sobre suas vidas com muito entusiasmo.

Mesmo assim, Taylor segura a minha mão durante todo o caminho, o que me faz perceber que ela nunca baixa realmente a guarda. Essa não é a primeira vez que pego carona com estranhos, mas sou cuidadoso. E ainda assim me impressiono com a desconfiança dela.

Quando o motorista nos pergunta se moramos em Dethaun, dizemos que só estamos visitando meus pais. É o suficiente para pensarem que somos um casal e automaticamente rimos, porque é uma ideia estranha.

— Somos mais como irmãos — Taylor contextualiza.

— E eu sou gay — completo.

Apesar de nunca ter escondido quem era, senti medo de falar isso em voz alta, para estranhos, por muito tempo. É gratificante perceber que mudei após sair de Dethaun. Obviamente ter quase dois metros me dá certa confiança, mas prefiro acreditar que não tenho medo de ser quem sou. Pelo menos em alguns momentos. Como esse, depois que um pouco de confiança foi adquirido.

O motorista, que fez a sugestão, pede desculpas e parece envergonhado.

— Também acham que somos um casal. — A moça no banco do passageiro tenta aliviar o clima. — É irritante, não é?

Apenas concordo com a cabeça. Taylor continua a conversa, como esperado. Até chegarmos à casa dos meus pais, não digo muita coisa. Fico olhando as árvores passando pela janela até que elas viram construções, preso em um sentimento estranho de familiaridade e, surpreendentemente, *medo*. Não pensei que teria qualquer receio quanto a essa parte da cidade, mas não é só aquele espaço que me aterroriza; parece que toda a Dethaun me traumatizou de alguma forma.

Descemos e oferecemos um pagamento pela carona, o que é prontamente negado. Então somos deixados na frente da casa dos meus pais, meio perdidos com mochilas e malas prontas, tentando lugar contra um gato preto enxerido querendo destruir o zíper de uma delas. Taylor me olha e tenta sorrir de maneira encorajadora, mas só consigo emitir um suspiro que não sei muito bem se é de alívio ou de cansaço.

Chegamos. Estamos aqui. Mais perto da cidade fantasma do que estive em anos, pelo único motivo que me fez fugir.

Taylor volta a segurar a minha mão.

Dessa vez, não pelo próprio medo, mas pelo meu.



Nada mudou.

Isso me deixa, de alguma forma, ainda mais desconfortável.

Cresci bastante, minhas roupas estão mais largas e meu cabelo maior. Mesmo assim, pareço o mesmo. Me sinto o mesmo. Aquele garoto de treze anos, de quinze, de dez... em todas as nuances da minha vida, cada segundo confuso da minha existência, tudo nessa sala, com os móveis nos mesmos lugares.

Preciso de alguns segundos para perceber que tenho mais de vinte anos e um assunto pendente a tratar.

— Hunter?

Mesmo sem vê-la, sei que a voz é da minha mãe. Ela não me chama de filho, então deve estar realmente surpresa. Entramos direto porque a porta estava aberta, um costume que ficou da época em que eu ainda morava com meus pais, então deve ser mesmo um choque para ela me encontrar aqui.

Me viro e, como todo o resto, ela parece igual.

— Hm... Oi?

Minha mão fica suspensa no ar, próxima do meu rosto, como se eu estivesse cumprimentando um colega de escola. A verdade é que não sei qual vai ser a reação dos meus pais diante dessa visita, e percebo que preferiria ter avisado antes de aparecer com Taylor e algumas malas. Minha amiga, como se tivesse lido meus pensamentos, me dá uma cotovelada, irritada por perceber que eu a coloquei em uma situação dessas.

Ela acha que meus pais se incomodariam com a sua presença, mas não é esse o problema da nossa aparição aqui.

Minha mãe ainda exhibe uma expressão de choque quando meu pai aparece da cozinha. Ele para de andar no meio de uma pergunta, piscando na minha direção como se acreditasse que sou uma miragem. Durante um segundo, um mísero segundo, consigo identificar uma expressão preocupada; ele sabe que, se estou aqui, não é por um bom motivo.

Ainda assim, se aproxima e me abraça. O aperto é tão forte que perco o ar e demoro um pouco para retribuir, percebendo assim que o abraço de volta o quanto meu pai diminuiu desde a última vez que o vi.

Ele me solta e vai direto ao encontro de Taylor, bagunçando seus cabelos e falando alguma coisa descontraída que só ele conseguiria pensar agora. Minha mãe parece finalmente acordar do transe e se move para me dar um abraço muito apertado também.

Quando esse pequeno momento de distração acaba, ambos afastados no meio da sala enquanto Taylor e eu recebemos toda a atenção, percebo que querem perguntar o porquê de eu estar aqui.

— Vou colocar minhas coisas no quarto — informo, poupando-os de ter que puxar assunto.

Taylor me acompanha quando subo as escadas, ambos carregando as malas desajeitadamente. A porta do meu quarto não tem mais os adesivos de antes, mas as paredes de dentro continuam as mesmas, com cartazes espalhados por todos os lugares. É acolhedor perceber que meus pais mantiveram o lugar limpo e que até trocaram os lençóis. Faz com que eu sinta que eles sempre estarão dispostos a me receber de volta.

Taylor se senta na cadeira em frente ao computador, sem fôlego por causa das escadas. A mala vermelha está entre seus pés, então a pego e coloco perto do

armário.

— Eu preciso de água — diz, em um tom muito dramático.

Coloco a minha mala ao lado da dela antes de me virar para encará-la. Penso que teremos que descer se quisermos beber água e penso que não quero encarar meus pais. Eu os amo, estou com saudades e fico feliz que tenham me recebido com entusiasmo, mas sei que vão perguntar o porquê da minha visita.

Taylor arrasta a cadeira de rodinhas até conseguir alcançar a minha mão.

— Precisa relaxar. — diz, com cuidado. — Tá hiperventilando.

Ótimo. Meu nervosismo é aparente.

— Tô tentando — confesso em meio a uma risada nervosa. — É que eu não tinha pensado nessa parte.

Felizmente, Taylor sabe do que estou falando e não preciso explicar.

— Você não quer contar sobre o Adam.

— Não. Não quero que saibam o motivo de estarmos aqui.

Tenho diversas razões para querer esconder essa informação, sendo a primeira o medo de decepcioná-los. Meus pais gostavam muito de Adam, sofreram quase tanto quanto eu quando ele desapareceu. Trazer essa esperança é muito perigoso, pode machucá-los ainda mais.

Taylor concorda com a cabeça.

— Então precisamos combinar a nossa mentira.

Ela está certa. Passo uma das mãos pela nuca enquanto penso, puxando a que Taylor segura para escondê-la no bolso da minha calça jeans. Não sei como mentir para os meus pais porque, sendo bem sincero, nunca precisei. Meu quarto era meu lugar preferido na adolescência e, quando decidia abandoná-lo, não me proibiam. Tinha boas notas, boas amizades... Em geral, a única vez que precisei mentir para eles foi na noite em que decidi conhecer a cidade fantasma depois que o sol se pôs. Mais precisamente, na noite em que o Adam sumiu. Se foi carma, eu não sei dizer, mas desde então penso muito sobre as mentiras que conto.

— Meus pais — Taylor sugere, falando tão devagar que me deixa tenso. — Vim para fazermos as pazes, mas não conseguiria sozinha. Você, como um bom amigo, está me dando suporte.

— Não faz muito sentido...

— Não muito. Mas é um assunto delicado, então seus pais não vão querer saber dos detalhes para não me magoar.

Levanto uma sobrancelha, desconfiado.

— Você me dá medo, sabia? Quantas vezes me manipulou desse jeito?

Taylor sorri.

— Mais do que você imagina.

Pelos próximos minutos decidimos os detalhes do nosso plano. Felizmente meus pais ainda estão chocados com a visita e não nos interrompem, provavelmente nos dando espaço para arrumarmos nossas coisas. Quando começa a escurecer, eles gritam para irmos jantar. É exatamente como nos velhos tempos, com as duas vozes se atropelando para ver quem vai ser o primeiro a chamar a minha atenção. Sorrio porque é meio bobo que eles ainda façam isso.

— Você sabe sorrir. — Taylor zomba, já pulando da cama para sairmos. — Achei que tinha perdido essa habilidade em algum momento dos últimos anos.

Reviro os olhos, lhe dando as costas para sair do quarto e descer as escadas. O cheiro de comida me deixa tonto assim que entro na cozinha, fazendo com que eu note de uma só vez o tamanho da fome que sentia sem ao menos perceber. Taylor vem logo atrás, ocupando o lugar sugerido pelos meus pais enquanto eu sigo automaticamente para a cadeira que costumava sentar-se quando morava aqui.

Alicia e Luck O'Brien nunca foram pessoas discretas, mas hoje eles se superaram. Como em alguns momentos constrangedores da minha adolescência — incluindo a apresentação do meu primeiro namorado e a primeira vez que voltei bêbado para casa — nos olham como se tivéssemos acabado de cometer um crime, alternando a atenção entre Taylor e eu.

Não vou aguentar um jantar inteiro disso, então suspiro e pergunto:

— O que vocês querem?

Eles soltam o ar. É estranho, mas parece um movimento sincronizado. Acho que eles nem perceberam que fizeram isso.

— Estamos felizes com a sua visita. Só isso.

Tento sorrir para exibir algum tipo de gratidão, mas sinto um chute leve na perna, embaixo da mesa, antes de Taylor se pronunciar.

— Eu sei que conhecem o filho de vocês muito bem, mas caso tenham esquecido, essa expressão de quase convulsão quer dizer que ele está feliz também.

Agora meus pais soltam uma gargalhada genuína, novamente em conjunto. Olho de soslaio para a minha amiga, quase me arrependendo de tê-la trazido comigo.

Minha mãe, agora mais relaxada, entende que pode continuar.

— Você é bastante ingrato, Hunt. Nem disse que sentiu saudades da gente, mesmo depois de anos. Já chega reclamando e nos acusando de querer alguma coisa.

Certo, isso virou um ataque.

— Você me criou assim — resmungo, decidido a comer mesmo que eles continuem com as provocações. Estou faminto. — E não faz anos que a gente se viu pela última vez.

— No meu coração de mãe, faz décadas. — Alicia suspira.

— E não te criamos assim. — Meu pai de repente parece muito ofendido. — Te ensinamos a expressar seus sentimentos, mas a internet acabou com o nosso trabalho.

Dessa vez, me permito rir. Ele está certo, apesar do exagero. Minha personalidade não é parecida com a deles, e não sei de onde ela saiu. Talvez tenha sido mesmo da internet.

A mesa fica em silêncio por um tempo, então eu sei que o inevitável vai acontecer a qualquer momento.

— Hunt, é realmente ótimo que tenha decidido nos visitar — como previsto, meu pai inicia a pergunta com cuidado. — Mas ficamos curiosos com o motivo.

Não adiantaria mentir. Aparecer aqui depois de tanto tempo, sem um motivo, não soa muito plausível. Olho para Taylor e penso na nossa mentira ensaiada, vendo-a apenas acenar muito levemente com a cabeça.

Quando volto a encarar meus pais, alguma coisa parece errada. Não posso envolver Taylor e sua família — a sua *história* — em uma mentira como essa. E não posso, de forma alguma, esconder que vou enfrentar a Cidade Fantasma de novo. Se algo ruim acontecer dessa vez, não quero sentir a mesma culpa de antes.

Limpo a garganta e tomo um gole de suco.

— É pra um trabalho da faculdade.

Meus pais — e Taylor — parecem surpresos.

— Trabalho da faculdade? — Minha mãe repete.

— É, para um projeto de fotografia. A proposta era trazer lugares significativos, e eu decidi fotografar Dethaun. Por isso, ficarei aqui uns dias, espero que não se importem.

Não exatamente desconfiados, mas confusos, meus pais olham para Taylor ao mesmo tempo. Ela finge tomar um gole do suco para não ter que responder, então eu continuo a mentira.

— Ela é a minha ajudante. — A cutuco com o cotovelo. — Taylor estava de férias e não queria ficar sozinha, então a trouxe comigo. Ela vai me ajudar.

— Tem certeza de que é o melhor lugar? — Minha mãe questiona.

Sei o que ela está pensando. O desaparecimento de Adam teve muitas vertentes, e todas trouxeram o inferno à terra. Além da agonizante sensação de incerteza sobre a volta dele e entre os *trolls* da internet e os jornais sensacionalistas, houve algo muito pior. Adam sumiu em uma cidade fantasma, um lugar que não existe. Tivemos que lidar com policiais e curiosos nos pressionando para contar o que havia acontecido mesmo quando não podíamos. Se revelássemos a verdade, ninguém acreditaria, e isso nos transformou em suspeitos. Por algum motivo, meus pais me apoiaram e não pensaram que eu era um assassino, mas o

restante da cidade não se deu por satisfeita. Estar aqui, mesmo depois de um tempo, não é bom. Algumas pessoas ainda não se esqueceram do que aconteceu.

Quando digo que sim, as perguntas acabam. Fico feliz, mas sei que ainda não acabou. Talvez apareçam mais questionamentos sobre o projeto ao longo dos dias e, com certeza, meus pais vão se preocupar comigo. É óbvio que não aprovam a ideia.

O jantar continua de forma calma e muito menos barulhenta. Contamos a eles sobre Nova Iorque e sobre meu emprego de meio período no Suzy's — omitindo que a roubamos no meu primeiro dia, claro. Eles ficam felizes com o dinheiro extra e, se percebem que a faculdade não ganha espaço na discussão, não mencionam.

Após o jantar, Taylor me ajuda a lavar a louça em um silêncio confortável. Depois, enquanto ela usa o banheiro do meu quarto para se lavar, eu faço o mesmo usando o do corredor. Quando saio, minha mãe está parada encostada contra a parede do outro lado, em seu pijama, com os cabelos presos. Ela não diz nada a princípio, só me dá um abraço leve e desajeitado. Me inclino um pouco para que ela não tenha que ficar nas pontas dos pés, o que provoca uma risada curta e aconchegante, muito parecida com as risadas que ela dava quando eu ainda era pequeno e fofo.

— Toma cuidado, filho. Me promete?

Ela ainda está me abraçando quando concordo com seu pedido e, ao me soltar, deposita um beijo leve e carinhoso na minha testa.

— Eu prometo, mãe — repito, porque sinto que ela ainda está preocupada.

Como se eu ainda fosse criança, ela segura meu rosto entre suas mãos e perde alguns segundos me olhando, querendo falar alguma coisa. O que quer que seja, ela desiste e me deseja boa noite antes de, com cuidado, entrar no quarto que divide com meu pai.

Fico parado no corredor, olhando para as fotos nas paredes. Há registros dos meus pais jovens, meu eu criança, toda a história dessa família que posso ou não lembrar. Quando vejo um retrato dos dois ainda adolescentes, me lembro de tudo o que passaram e percebo que não sou o único amaldiçoado por uma dor eterna. A vida deles foi arruinada por uma tragédia, como a minha. Mas eles superaram.

E eu apenas envelheci.



6

2016

Amélia desceu as escadas enquanto prendia os cabelos em um rabo de cavalo. A blusa de mangas longas amarela e branca combinava tanto com a calça quanto com seu par de tênis, fazendo dela um ponto em destaque na casa monocromática e vazia. Como o sol ainda não havia nascido, a cozinha dos Watson parecia diferente do restante do dia. Um pouco triste e fria, principalmente sem vida. O clima daquela manhã também não ajudava, com as nuvens carregadas deixando tudo ainda mais cinzento.

Amélia se preocupou com a tempestade que cairia a qualquer momento e pensou em desistir, mas havia prometido a Brandon que o acompanharia. Não queria decepcioná-lo.

Uma movimentação das escadas chamou a atenção da garota, que ficou surpresa por ver a mãe acordada tão cedo.

— Você vai *mesmo* fazer isso. — Não era uma pergunta.

A voz ainda sonolenta denunciava que Ayana havia saído da cama às pressas. Geralmente, a mulher seguia uma rotina matinal cuidadosa e organizada. O fato de ela ainda estar com o cabelo crespo preso em uma bandana, sem se preocupar ao menos em vestir as roupas formais de sempre, deixava claro que se sentia preocupada.

— É só uma corrida, mãe. — Amélia tentou tranquilizá-la.

— Não gosto da ideia de você correndo por Dethaun, ainda mais no escuro.

— Faltam só alguns minutos para amanhecer completamente. E o Brandon vai estar comigo.

Algo na expressão da mãe fez Amélia sentir que havia vencido a discussão. Ayana gostava muito de Brandon, era o amigo favorito dentre todos os que a filha

tinha.

— Se alguém tentar te sequestrar, espero que ele consiga te defender.

Amélia segurou uma risada. A acompanhei, pensando nos treinos que Brandon seguia para manter a forma. De todos os adolescentes amaldiçoados daquela cidade, ele provavelmente era o único apto a salvá-la em uma situação daquelas.

— Mãe, relaxa — Amélia tentou mais uma vez. — Não vamos muito longe.

Senti as vibrações cansadas de Brandon antes mesmo de ele bater na porta. Foram três toques leves, tensos pelo seu medo de acordar os moradores da casa, mas altos o suficiente para Amélia ouvir. A garota se colocou na ponta dos pés para depositar um beijo na bochecha da mãe antes de seguir de encontro ao amigo.

— Cuidado! — Ayana gritou, vendo que a filha já estava do lado de fora.

Tentei tranquilizá-la, mas nem mesmo a sala quente e aconchegante deixou o coração da mulher menos aflito. Ela ficou pelo menos dez segundos olhando para a porta antes de se mover, voltando a subir as escadas para iniciar sua rotina de cuidados antes do trabalho.

Do lado de fora, Amélia e Brandon se cumprimentaram. Mesmo que o garoto tivesse corrido de sua casa até a da amiga, era ela quem parecia mais disposta e animada, como se seu dia tivesse começado há muito tempo. Brandon a olhou, deixando um suspiro inconformado escapar enquanto lutava para controlar o fôlego descompassado pela corrida.

— Juro que um dia vou descobrir o seu segredo — murmurou. — São quatro horas da manhã. Por que está tão animada?

Amélia costumava ouvir aquele tipo de coisa, mas não era exatamente um esforço permanecer ágil durante o dia. De alguma forma, ela sentia que estava sempre disposta a fazer qualquer coisa. Mesmo que fosse às quatro da manhã.

— Meu segredo é não pensar muito sobre o que vou fazer. Se eu não penso, não tem chance de querer desistir. Aí é só tomar um café e sair de casa.

Brandon não pareceu muito convencido. Sabia que a amiga também não entendia de onde vinha tanta empolgação. Eles se conheciam há muito tempo — o que, para pessoas tão jovens, queria dizer a vida inteira.

— Já que está tão disposta, vamos correr até a floresta — ele a provocou.

Amélia riu baixo e terminou de arrumar o cabelo, reafirmando o rabo de cavalo para que não desmontasse. Alguns fios loiros caíram sobre sua testa, formando um contraste encantador contra a pele marrom. Todos haviam percebido a diferença na cor de seus olhos, mas Brandon quase comentou pela décima vez. Era algo que chamava atenção.

— Não é muito longe?

Pela primeira vez, ela soou desanimada.

— São só alguns quilômetros de diferença. Vamos correr na estrada, lá tem poucos carros. Brandon costumava seguir para a saída de Dethaun quando queria correr em paz. A cidade era um ponto esquecido do mapa, não recebia visitas ou tinha moradores que precisavam viajar com frequência. A zona florestal era a melhor opção e ele era indiferente ao fato de ficar muito longe. Ao contrário de Amélia, era um atleta em ascensão que se recusava a colocar limites em suas capacidades físicas; costumava se esforçar mais do que o necessário.

Brandon também era um puxa-saco dos pais de Amélia, então ela preferiu não dizer que havia prometido ficar nas redondezas. Agora que ela pensava sobre isso, não queria passar vergonha tão perto de casa. Era sua primeira vez correndo, seria melhor treinar fora da vista de conhecidos.

Em silêncio, começaram a correr.

Fiquei para trás, não muito fã da ideia de me exercitar depois de centenas de anos apenas me transportando por aí.

Enquanto não voltavam, decidi visitar um certo encenqueiro.



Piper roncava tão alto que escutei antes mesmo de chegar ao seu quarto.

Sua mãe estava na lavanderia tentando tirar o cheiro de cigarro das roupas do filho e não percebeu quando silencieei parte da casa. Por mais que eu soubesse ser contra as regras interferir daquela forma, não conseguiria ouvir Piper roncar por muito tempo.

— Você é o pior de todos — murmurei enquanto o observei dormir, agora em silêncio. — O mais chato. E mais desprezível também.

Aquela cama era uma confusão de cobertores manchados e roupas sujas. Piper dormia quase escondido embaixo do travesseiro, com parte do cabelo loiro aparecendo na superfície. Os fios amarelados depois de uma tentativa de coloração formariam uma imagem cômica, se não fosse, acima de tudo, decadente. Lembrei-me de acompanhá-lo enquanto fazia a decisão de platinar o cabelo e não me senti nem um pouco culpado de não ter sussurrado em seu ouvido que era uma péssima ideia. Piper merecia enfrentar as consequências das atitudes, nem que fosse apenas uma vez.

Como não queria procurar outro adolescente e estava, de fato, entediado, chutei a beira de sua cama, provocando uma onda de ar frio que o despertou em um pulo. Piper se sentou depois de lutar com os cobertores, arfando e se recuperando do seu último pesadelo. Assisti-o desfrutar da sensação de adrenalina antes de encarar a realidade, meio perdido com o cenário conhecido do próprio quarto depois de cair tão profundamente em um sono induzido por bebida barata.

— Cara, isso foi tão real... — comentou consigo mesmo.

Quando se jogou de volta no colchão e encarou o teto, chutei a cama uma segunda vez. Surpreso e sem pesadelos para usar de desculpa, Piper se assustou com a sensação fria que deixei escapar, voltando a se sentar, mas dessa vez extremamente desconfiado.

Talvez eu tenha exagerado.

Preciso sair um pouco, sussurrei em sua mente. Ele estava há quase cinco dias naquele quarto; os lençóis já fediam e eu suspeitava que fungos começariam a nascer onde o sol da janela não alcançava. Por mais que eu desprezasse a personalidade de Piper, não podia deixá-lo morrer ou definhar. Era cedo demais.

Cambaleando, ele se levantou da cama e foi até o banheiro para lavar o rosto. Usava apenas uma calça de moletom, deixando a série de tatuagens em seu peito à mostra. Algumas mais desgastadas que as outras, todas tinham sido feitas por Maddie, sua irmã gêmea, e não eram tão feias para o nível de profissionalismo da garota.

Me surpreendendo, Piper tomou um banho e escovou os dentes. Depois, pegou o celular e mandou uma mensagem para a garota que teve o infeliz destino de ser sua paixão do momento. Ela respondeu tão rápido que até mesmo Piper não acreditou, exibindo um sorriso convencido assim que leu as palavras.

Um suspiro de desgosto escapou pela minha garganta. Seria um dia longo tendo que acompanhá-lo, mas pelo menos Piper tinha bom gosto musical. Pelo quarto havia uma coleção finita de CDs e vinis, contradizendo todos os seus amigos que só ouviam música em seus celulares. Piper era amante de caixas barulhentas, de tocar bateria e de "sentir" a música, como ele mesmo gostava de repetir. Seu sonho era ter uma banda mesmo que ela não rendesse dinheiro, mas Piper nunca tentou procurar colegas para montar um grupo. Era preguiçoso até para correr atrás dos próprios sonhos, supus.

O garoto trocou de roupa antes de sair do quarto, optando por roupas largas e um boné escuro com a estampa de uma banda de rock. Não haveria café da manhã, mesmo se parasse para checar. Seus pais eram piores do que ele, negligentes a ponto de não terem percebido que o filho passou os últimos cinco dias sem ir à escola. Piper seguiu direto para o seu carro, uma lata velha que costumava não cooperar com seus planos, mas naquela manhã ligou na primeira tentativa.

Enquanto o escapamento espalhava fumaça pela garagem, Piper ligou o rádio. Quando o comprou, fez questão de escolher um que só funcionava com CD's e assim dar uma utilidade para a sua coleção de clássicos. Havia Jazz, rock e pop entre eles, mas Piper sempre escolhia o mesmo álbum do Kiss. Uma vez tentei buscar uma resposta que explicasse sua fixação com aquelas músicas e não consegui nada. Talvez ele só não gostasse de variar.

Com a caixa de som no último volume, Piper dirigiu até o centro da cidade, onde comprou cigarros e mandou mais uma mensagem para a garota que descobri se chamar Jane. Ela o encontrou na praça central vinte minutos depois, incompreensivelmente animada para quem passaria uma tarde inteira com aquele garoto.

Precisei me afastar enquanto eles conversavam, não querendo testemunhar mais do que o necessário daquela interação. Caminhei até uma loja de artigos para festas que já estava se preparando para o Halloween, exibindo uma infinidade de caveiras e fantasias de aspecto destruído e monstruoso. Toquei a vitrine bem em cima de uma máscara de zumbi, fazendo com que o vidro esfriasse. O calendário pendurado na parede mostrava que o final do ano se aproximava. O dia em que eu poderia voltar ao inferno estava em algum lugar entre dezembro e fevereiro, entretanto minha esperança de retornar para casa haviam sido extintas há anos. Meu destino era vigiar aquelas crianças, suas almas e decisões até que morressem ou estivessem seguros.

O que poderia demorar muito tempo.

A risada estridente de Jane me puxou de volta para a realidade. Olhei para trás, onde Piper a provocava com algum flerte barato, e suspirei pela centésima vez em uma década.



Quando Amélia e Brandon voltaram da corrida, estavam pálidos. O ar que carregavam era morno, repleto de medo e confusão. Tentei vasculhar seus pensamentos em busca de uma explicação, mas suas mentes estavam em um estado quase caótico de deduções estranhas.

Subi as escadas atrás de Amélia, ignorando, assim como ela, a breve despedida de Brandon. Senti o alívio que a garota exalou ao perceber que sua mãe não estava em casa, desesperadamente seguindo seus passos como se suas ações fossem me contar o que havia acontecido.

Quando ela trancou a porta depois de entrar no quarto, soube que Amélia tinha um plano que sanaria minhas dúvidas. Assim como a mãe, ela costumava ser muito metódica em relação a seus horários, mas ignorou que se atrasaria para a escola e simplesmente se sentou na cama com seu notebook no colo. Fiz o mesmo, ficando ao seu lado enquanto me esforçava para não espalhar qualquer frio ou desconforto que a fizesse parar, e observei Amélia digitar algo na barra de pesquisa.

Floresta de Dethaun foi sua primeira busca. Ela vagou pelo mapa apresentado, movendo os olhos enquanto o suor acumulado da corrida escorria pela

testa. Quando não encontrou o que queria, tentou uma segunda vez: *trilhas da floresta de Dethaun*.

Mais uma vez, nada.

Entendi o que ela estava procurando quando já era tarde demais. Tentei mudar sua linha de pensamento, sussurrar ideias aleatórias que a fizessem esquecer porque abriu aquela janela, mas não adiantou. Ela estava decidida.

Cidade fantasma próxima a Dethaun.

Eu sabia que ela não encontraria nada, mas ainda assim fiquei aliviado quando Amélia exalou em irritação e fechou o notebook. Ela passou alguns segundos olhando para nada em especial, remoendo pensamentos que estavam fora do meu alcance, até jogar os tênis de corrida longe e decidir tomar banho.

Enquanto a água corria no banheiro, permaneci sentado no mesmo lugar. Não era uma surpresa, porém, saber que alguém havia encontrado o que lutei catorze anos para esconder. Eu só não imaginei que seria Amélia a vencer todos os meus esforços.

Aquela pequena humana não destinada, que nem mesmo fazia parte da maldição, havia dado início ao que poderia ser a ruína de todos os seus amigos.

E, estando ela fora do meu alcance, não havia nada que eu pudesse fazer.



7

2021

Estou em um lugar desconhecido, descalço. Meus pés queimam em contato com a neve, vermelhos e meio dormentes. Não existe abrigo ao redor, nenhum lugar onde posso me esconder para fugir do frio.

Com cuidado, começo a andar, me arrastando por causa da dor causada pelo gelo em contato com a minha pele. Uma marca contínua é deixada para trás, denunciando meu trajeto, e eu me preocupo em ser encontrado sem saber o porquê.

O céu está vermelho, pintado pelo sol que se põe. Nuvens carregadas ocupam a extremidade oposta, se aproximando com uma tempestade da qual não vou poder fugir. Em desespero, mas sem saber o que fazer, solto os cabelos para que protejam o meu rosto do vento forte, mas não há o que fazer em relação aos meus pés e braços.

Consigo andar por apenas alguns minutos. Quando já está quase escurecendo, meus pés parecem pedras, não cooperando com a movimentação que insisto em conduzir. Sei que preciso chegar a algum lugar — qualquer lugar — ou vou acabar morto, mas não consigo mais lutar.

Desmorono no chão, batendo contra a neve com um impacto oco. As minhas costas queimam enquanto observo o céu agora vermelho e cinza, as nuvens tomando cada pedaço da cor antes presente, despejando gotas frias de chuva em cima de mim. A água parece sangue e a mancha minhas roupas mesmo que elas sejam pretas.

Fecho os olhos, sem forças para lutar ou observar enquanto congelo na neve. Escuto um barulho distante e abro os olhos.

Encontro um teto, e não o céu vermelho e cinza.

Ao meu lado, está Taylor.

— Que barulheira é essa? — ela murmura, ainda meio adormecida.

Preciso de alguns segundos para perceber que acordei. Era só um sonho, por mais realista que tenha parecido. Passo as mãos pelo rosto e finalmente entendo a pergunta da minha amiga: algumas batidas ecoam pelo cômodo, mas não sei o que são. Levanto e olho para a porta, que não se parece nada com a do meu quarto em Nova Iorque. É então que a ficha realmente cai: estou na casa dos meus pais, em Dethaun.

Ainda assim, não faço ideia de quem pode estar batendo na porta.

Tropeço ao me levantar, lutando para manter o equilíbrio. O quarto está muito quente e escuro, a blusa preta que visto gruda nas minhas costas, tão largas quanto as calças de moletom. Enquanto me arrasto pelo quarto, tento puxar meus cabelos para trás em busca de um pouco de foco antes de abrir a porta.

Penso que ainda estou dormindo. Talvez seja um sonho dentro de um sonho, porque o que encontro não faz sentido. Olho para trás apenas para ter certeza de que esse não é o meu apartamento, e então volto a encarar Ben. Ele abre a boca para falar algo que eu sei que vai sair em um tom bastante raivoso, mas sua atenção cai por cima dos meus ombros e ele desiste. Suas bochechas ganham uma tonalidade muito estranha, vermelhas como nunca vi antes e, ao mesmo tempo, meu amigo dá um passo na minha direção. Primeiro, penso que ele vai me bater ou algo do tipo, mas ele puxa a porta pela maçaneta onde a minha mão ainda está alojada, fazendo com que eu dê um pulo, assustado com o movimento repentino quando ele fecha a porta.

Então estou dentro do quarto, ainda mais confuso do que alguns segundos atrás, enquanto Ben se isolou no corredor. Taylor finalmente desperta, assustada com a batida.

— Pode continuar dormindo, eu já volto — digo, apesar de saber que ela não vai processar a informação.

Fecho a porta atrás de mim quando saio no corredor. Ben está encostado na parede oposta, ainda vermelho. Os cabelos escuros caem sobre seus olhos quando ele abaixa a cabeça e, por um segundo, eu esqueço de que estou bravo por ter sido acordado.

— O que deu em você? — Chuto sua perna de leve. — O que tá fazendo aqui? Como entrou?

Ele levanta o rosto para me encarar e está bravo de novo, com a mesma expressão que encontrei quando abri a porta alguns segundos atrás.

— Antes de tudo, você não era gay?

Seguindo seu olhar, espio a porta do meu quarto. Quando finalmente entendo o que está acontecendo, sinto uma vontade enorme de rir e, ao mesmo tempo, dar outro chute nele.

— É a Taylor, seu idiota. O que você tá fazendo aqui?

Suas bochechas ficam vermelhas de novo, dessa vez por vergonha. Demora dois segundos para se recompor, porém; Ben nunca se deixou abater por pequenos deslizes.

— Fala logo — Apresso. Ainda estou meio sonolento e, sinceramente, faminto. Minha última refeição foi o jantar da noite anterior, e já deve ser meio da tarde. — Você sabe que isso é invasão, certo?

— Ei! Seus pais me deixaram entrar!

Ele coça a cabeça enquanto procura as palavras certas para explicar sua presença aqui. No mesmo instante, sei que não vou gostar do que vou ouvir.

— Ela disse que era questão de vida ou morte... — Ben sussurra.

Um barulho ecoa das escadas até o corredor antes de eu conseguir perguntar quem seria a tal *ela*. Quem aparece vencendo o último degrau é a minha resposta, em um vestido amarelo e cabelo preso em um rabo-de-cavalo. Eu já sabia que era Amélia antes mesmo de perguntar, mas tive esperanças de estar errado.

— Você a trouxe aqui? — Chego tão perto de Ben que ele se encolhe. Nunca brigamos desse jeito, com agressões físicas, mas sou muito maior que ele. E estou puto. — Qual é o seu problema?

— Cara, você sumiu. Saiu do estúdio sem dizer pra onde ia, e quando passei no seu apartamento encontrei tudo revirado. Também não atendeu o telefone. Achei que você tinha sido sequestrado, ou fugido por algum motivo, sei lá... Você está devendo pra algum agiota? Se for o caso, devia ter falado comigo. Tenho algumas economias. — É curioso observar as conexões sendo feitas na sua cabeça em tempo real. Ben fala cada vez mais rápido, quase não parando para respirar: — Você largou a faculdade por causa disso? Meu Deus, Hunter, eu juro que vou te matar se for por isso. Você é um orgulhoso de merda, sabia? Por que não pediu ajuda? Eu tive que saber por uma estranha que você estava com problemas! Achei que fôssemos amigos, mas eu nem sabia onde era a casa dos seus pais. Ingrato de merda.

Ok, isso virou uma sessão de desabafo muito rápido. Me afasto dele e Ben solta o ar dos pulmões, finalmente respirando fundo. A cor antes vermelha de suas bochechas sumiu e seu rosto agora parece muito pálido. Espero ele se recompor enquanto absorvo suas palavras, me sentindo um pouco culpado agora que vi as coisas de outro ângulo.

— Ben... — pronuncio lentamente, para que ele não comece a gritar de novo — não estou devendo dinheiro. Eu só queria visitar os meus pais, então não precisa se preocupar. Volta pra casa que, assim que eu estiver em Nova Iorque, te aviso.

Não sei o que eu disse de errado mas, de repente, ele está gritando de novo.

— Você tá mesmo mentindo pra mim depois de eu ter viajado até aqui pra te ajudar?! Eu não sou burro. Você nunca visitou seus pais, quer que eu acredite que veio até aqui para matar as saudades? Além disso, a Amélia me contou que você estava com problemas. Desembucha logo.

A culpa que senti por ser um péssimo amigo desaparece tão rápido quanto apareceu.

— Você é um intrometido, sabia? Não te pedi pra me ajudar. Se não percebeu, desapareci sem avisar pra não ter que lidar com — algo muito cruel, como “seus pitis” quase sai pela minha boca, mas consigo me atropelar e falar algo um pouco mais amigável: — *isso*.

Obviamente, a troca de palavras não ajuda. Ben está me encarando com os olhos magoados, uma expressão triste que parte meu coração. Não há nada que eu possa fazer para amenizar o efeito da minha ingratidão, então apenas suspiro. Eu teria que contar toda a história para que Ben entendesse que esse é um problema com o qual preciso lidar sozinho.

Ao invés de pedir desculpas ao meu amigo, direciono toda a minha raiva para Amélia.

— Isso é culpa sua. Por que você sempre faz com que eu perca amigos?

Isso parece afetá-la mais do que achei que afetaria. Amélia dá um passo para trás, tropeçando em falso na escada. Ela quase cai, mas se segura no corrimão.

— Eu vou esperar na sala — anuncia, encontrando o olhar de Ben como se estivesse dizendo mais alguma coisa a ele. — Vocês precisam conversar.

Eu não sei de onde veio essa intimidade. Como eles estão se comunicando apenas com um olhar?

Amélia desce as escadas, e eu volto a encarar Ben.

— Você precisa mesmo ir embora.

...

Meus pais não estão muito contentes com a quantidade de pessoas se hospedando na casa. Desde a minha adolescência, eles sempre foram muito convidativos. Como eu tinha poucos amigos, todos os que apareciam eram tratados como deuses; hoje, porém, o fato de eles não saberem o porquê das visitas — e o clima extremamente tenso nessa sala — faz com que se sintam incomodados.

— Estão aqui para ajudar o Hunter com o trabalho dele? — Minha mãe pergunta.

Ela é a primeira a falar em quase dez minutos.

— Sim, viemos ajudar — Amélia responde.

O olhar do meu pai cai sobre ela, confuso por um instante. Por anos, tudo o que eu tinha era Amélia. Deve ser confuso para ele tentar entender como nos

tornamos *isso*. Quando decidi tirá-la da minha vida, fiz muito rápido. Em um dia, éramos amigos e, no outro, o nome dela era como uma maldição. Meus pais nunca entenderam, mas respeitaram minha escolha.

Um sentimento estranho me deixa inquieto. É desesperador ter um amigo tão teimoso como Ben, que se recusa a ir embora antes de saber o que pode ter me causado problemas. Não quero que ele diga algo errado perto dos meus pais e não quero contar o que houve com Adam. Gostaria de poder fazer com que todos sumissem, mas não tenho esse dom.

— Mãe, pai, será que a gente pode usar a sala pra fazer uma reunião? — pergunto, deixando implícito que quero que saiam.

Eles concordam com um aceno e, lentamente, deixam o cômodo.

Amélia parece aliviada e no mesmo instante se move para sentar-se na poltrona perto da TV. Então outro silêncio estranho cai sobre nós; Ben ainda está magoado, e Taylor está... *com sono*. Muito sono. Ela tentou arrumar os cabelos antes de descer, mas está encolhida no canto da sala com a mão no rosto, evitando bocejar.

Preciso resolver a situação. Preciso dormir um pouco mais e preciso tirar Amélia e Ben daqui antes de sequer pensar no que vou fazer para encontrar Adam. Meus pensamentos estão se atropelando e criando debates enquanto organizo a melhor maneira de colocá-los para fora sem parecer um amigo de merda para Ben, mas Amélia é ágil e começa a falar antes.

— Hunt, nós viemos ajudar.

Merda de apelido. Me faz sentir que tenho dezessete anos de novo. É preciso um esforço enorme para afastar a sensação que esse apelido traz; apesar de tudo, ainda me deixa confortável. Há algo carinhoso nele, provavelmente o efeito de todas as lembranças onde estive presente quando eu tinha amigos e era uma pessoa melhor.

Me concentro em achar uma forma de deixar claro que não preciso de ajuda. De Ben, principalmente. Não o quero nessa confusão.

Busco o olhar de Taylor. Ela sempre foi boa com palavras.

— Seria bom ter ajuda. — Ela dá de ombros.

Eu não tenho argumentos para usar agora. Sei que quero procurar Adam sozinho, mas não sei o porquê. De alguma forma, além da raiva que sinto por Amélia, minha intuição grita para que eu não leve mais ninguém até a Cidade Fantasma. Talvez nem mesmo Taylor.

— Hunter — minha amiga chama, prevendo o dilema interno pelo qual estou passando. — Não podemos fazer isso sozinhos. A Cidade era um coletivo, você sabe disso.

— É algum problema na cidade? — Meu amigo tenta arrancar mais informações, soando prestativo. — Tenho conhecidos advogados que podem ajudar.

— Não, não é isso.

— Um amigo nosso desapareceu — Amélia diz de repente, sua voz um pouco mais alta que a do restante de nós. — E precisamos procurar por ele.

Ben engole em seco.

— Ok, isso é inusitado.

— Cala a boca — interrompo o início de uma conversa. Taylor segura meu braço, pedindo calma, mas Amélia não tem o direito de envolver Ben nisso. — Você não sabe o que tá fazendo.

— Hunter... Ele pode ajudar.

Ele pode desaparecer ou morrer, penso. Não posso perdê-lo. Não posso. Não posso. Não posso. — Ele não pode. — Em toda a minha vida, tenho certeza de que nunca soei tão firme e desesperado.

Para dar um ponto final à discussão, vou até a poltrona onde Amélia está sentada. Ela se levanta, um pouco alarmada com a aproximação, dando alguns passos para trás quando percebe que não vou parar. Não preciso tocar nela para levá-la até a saída; automaticamente, em alguns segundos, estamos lá.

Abro a porta para que se retire, e ela me olha com mágoa e indignação. Tenta buscar a ajuda de Taylor e Ben, mas sou alto demais para que consiga enxergá-los por cima do meu ombro.

— Você tem muitos amigos e pode não ligar para segurança deles, mas eu não vou perder o Ben por *sua* causa. Não como perdi o Adam.

Ela dá um pulo quando me movo, talvez esperando algum tipo de agressão. Isso me ofende e me assusta, mas não vou me desculpar. Continuo e aponto para o lado de fora, indicando que é a hora dela sair. Assim que Amélia está na varanda, fecho a porta e encosto a cabeça contra a madeira. Ouço os primeiros soluços de um choro engasgado enquanto giro a chave, porém fecho os olhos e me forço a não dar a mínima.

Eu não percebo o quanto estou nervoso até ver minhas mãos tremendo, ainda sobre a chave. Respiro fundo, tentando me acalmar. Então sinto duas mãos nas minhas costas e, com um movimento leve, sou puxado para encarar Ben. Ele está preocupado, mas é Taylor quem parece assustada.

— Você é mesmo rancoroso. — A garota deixa escapar.

Ben ri. Eu o encaro e ele cobre a boca, tentando fingir que estava apenas tossindo.

— O que você disse para a Amélia — Taylor se aproxima até ficar ao lado de Ben —, sobre o Adam. Tem alguma coisa que eu não sei, não é?

Eu só faço que sim com a cabeça. Nunca mentiria para ela, e, na verdade, agora não faz sentido ao menos tentar. Ela precisa entender que temos a obrigação de proteger nossos amigos de Amélia e da Cidade Fantasma.

— Você vai me contar tudo — Não é um pedido. — Mas preciso de um café antes.

Enquanto Taylor se afasta, Ben ainda está me olhando de um jeito estranho.

— Hunter, eu não tô entendendo nada — ele diz, baixinho.

É quando percebo que vou ter que contar toda a história para ele também. Mesmo que não o leve para a Cidade Fantasma, Ben viu e ouviu muita coisa e não vai deixar quieto. Ele é, como já disse, muito teimoso. E um ótimo amigo.

— Talvez você precise de algo mais forte que café — aconselho.



8

2016

Seria inútil procurar outra forma de entrar na Cidade Fantasma. A estátua de tubarão rachada sempre seria a primeira coisa a aparecer. Ao redor dela, a praça cercada pela igreja, delegacia e loja de doces completavam a recepção de Dethaun. Por mais que você tentasse fugir, sempre seria puxado para ela.

Tive minhas dúvidas sobre a causa desse fenômeno. Nas primeiras vezes, pensei ser uma maldição exclusiva para humanos, mas depois de um tempo percebi que nós também éramos puxados na direção da praça. O motivo, na verdade, era bem óbvio, contudo, não deixava de ser irritante.

Prendi o último cigarro entre os lábios. O maço de Rick durou apenas dois dias, já que tomei a não tão inteligente decisão de fumar apenas em situações estressantes. Eu deveria ter previsto que algo ruim aconteceria depois do que presenciei no parque, com Taylor Knight passando por um momento de inserção na Cidade Fantasma.

A Garota estava sentada na fonte inativa, com o mesmo vestido preto dos últimos catorze anos. Os cabelos, diferente da última vez que a vi, estavam menores. Não a avisei que eles não voltariam a crescer depois de cortados, e talvez não fosse a melhor hora para mencionar. Tínhamos problemas maiores.

A Garota se levantou e caminhou ao meu lado até a igreja. Interrompi o passo em frente às escadas, tirando um segundo para observar as portas duplas chamuscadas. Dentre todas as tragédias assombrando essa cidade, incluindo o acidente responsável pela ruína da fonte de tubarão, o incêndio na igreja foi, ao meu ver, a pior de todas. Apenas duas almas foram levadas naquela noite, mas a brutalidade em solo sagrado fez dessa ironia um artefato cruel.

— Você vai tentar entrar? — A Garota perguntou, olhando para as portas também.

Neguei com a cabeça. Eu não era bem-vindo pela criatura que morava ali.

A Garota soltou um suspiro, sabendo que, se eu não podia entrar, a tarefa seria dela.

— Foi ele? — Perguntou, já subindo as escadas.

— Sim, foi ele.

O aceno de cabeça foi sutil e conformado. A Garota sumiu dentro da igreja segundos depois. A esperei sem tirar os olhos das portas, tentando não antecipar nossos problemas: alguém viu a cidade, e não seria a primeira vez. Mas Taylor e seu breve contato com um fantasma... aquela era a primeira vez. E eu não fazia ideia das consequências daquela falha.

Quando a garota saiu, estava sozinha.

— Não o encontrei em lugar algum. Mas isso estava no altar...

Confuso, tentei reconhecer o objeto que ela me mostrou. Precisei de alguns segundos para lembrar o que era um *walkman*, algo dos anos 1990.

— Tem alguma fita dentro?

Ela fez que não com a cabeça.

Peguei o objeto de suas mãos, analisando-o. Não parecia queimado, como tudo dentro da igreja, o que significava que não estava no momento do incêndio. Até onde sabíamos, o lugar não aceitava itens de fora; se algo estava lá durante o incidente, nunca saiu e, se algo chegou, não pôde ficar. Tudo que a igreja tocava, queimava. A Garota era a única exceção, assim como a criatura que vivia lá dentro.

— Tem certeza de que não havia ninguém lá?

— Tenho — respondeu, meio preocupada, finalmente entendendo o que a ausência significa. — Ele não pode sair... Como conseguiu fugir?

— Eu não sei — admiti. — Mas eu o vi no mundo dos humanos.

A princípio, planejei não contar aquela parte. Trazer preocupações não era a minha tarefa, entretanto precisava de ajuda para controlar o que viria a acontecer.

A Garota arregalou os olhos, desceu mais um degrau e ficou muito perto de mim. Não se incomodou com o frio, nem com meus olhos vermelhos em alerta. Fantasmas eram inimigos de demônios por natureza; eles desafiavam o nosso trabalho e competiam por espaço, mas a Garota era minha aliada.

— Quão ruim vai ser se ele escapou de verdade?

Olhei para a igreja queimada, lembrando de sua triste história; assim, também lembrei do que destruiu o tubarão. E das inúmeras outras tragédias.

— Se ele escapou de verdade, querida, vai ser pior do que tudo o que já vimos.



Pedi que a Garota ficasse de olho na igreja, para o caso de haver alguma movimentação, e voltei ao grupo em busca de fazê-los contar o que viram. Com o obstáculo de não poder me comunicar diretamente com eles, gastaria energia sussurrando em suas mentes. Alguns, principalmente os teimosos por natureza, nunca faziam o que eu mandava, mas um ou outro sempre acabava ouvindo.

Foi por isso que escolhi Brandon. De todos os adolescentes do grupo, ele era o mais solidário e gentil. O humor ácido e até inapropriado não foi o suficiente para torná-lo um clichê. Seus amigos sabiam que ele não era o capitão do time de futebol egocêntrico, apesar do restante da escola colocá-lo naquela categoria. Humanos limitados costumavam encaixar outros humanos dentro de suas próprias expectativas, gerando inúmeras celas e incontáveis limites que prejudicavam apenas eles mesmos.

E naquele dia, a ignorância deles foi uma vantagem.

Brandon, às vezes, era muito solitário. Não tanto quanto Hunter, já que a solidão de Hunter estava ligada a números e autossabotagem. Enquanto um achava não merecer ter amigos e se esforçava para permanecer assim, o outro perdia as contas de quantos contatos tinha no celular, acumulando mais a cada festa que participava. Eram aquelas relações superficiais que o mantinham bem quando estava longe de seus amigos, preenchendo um vazio que Brandon dificilmente admitia existir. Era assim que vivia e, tendo que observá-lo, parecia exaustivo.

Algumas horas depois da corrida com Amélia, Brandon dirigiu para o primeiro dia de aula. Estava cansado, mas não pelo esforço físico; algo puxava seu lado emocional, um peso que deixou o carro muito frio durante todo o caminho até a escola. Taylor percebeu, mas achou que era o clima da cidade sendo imprevisível. Ela se recolheu no banco do passageiro e pediu para ligar o aquecedor, notando apenas brevemente que Brandon estava inquieto, ainda assim decidindo não perguntar do que se tratava.

Pensei em tentar persuadi-la, mas a garota era uma das mais difíceis de influenciar. Não era a pior em questão de teimosia, entretanto a garota vestia muitas armaduras. Taylor passou muito tempo procurando validações e explicações para seus gostos e preferências, um traço de personalidade que precisou controlar depois que se entendeu como uma mulher trans. Muitos dilemas nortearam seu caminho desde que começou a aceitar a própria identidade, alguns mais dolorosos que outros, somando cargas emocionais diferentes a cada processo. Muitas de suas certezas foram contestadas quando ela apresentava a mínima indecisão em algum

assunto, fazendo com que Taylor ficasse cada vez mais acostumada a tomar atitudes e seguir raciocínios rápidos e exatos. Tentar incluir ou alterar suas decisões raramente surtia efeito. Quando ela estava certa sobre algo, sua decisão era irreversível.

Quanto a Brandon, eu ganhava na maioria das vezes. Por isso, insisti. Mesmo quando ele resistiu, sussurrei mais uma vez. O fiz sentir frio. O deixei com medo. Quase optei pela paranoia. Até que eventualmente funcionou e, com cuidado, o garoto encostou o carro perto de uma calçada cheia de folhas. Taylor sofreu um sobressalto, olhando ao redor como se tivesse se distraído por alguns segundos, confusa.

— Tá tudo bem?

Nitidamente nervoso, Brandon deixou de respondê-la para juntar coragem. Absorvi um pouco do que estava sentindo, fazendo-o expirar e inspirar duas vezes. Ele não sabia de onde vinha o comando para manter a calma, mas ficou agradecido. Precisaria de uma ajuda extra se quisesse contar o que havia acontecido naquela manhã, julgando que ninguém acreditaria em suas palavras. Ele não sabia que Taylor vira algo estranho também. Ao seu ver, era apenas um jeito de envergonhar a si mesmo, abalar sua imagem de garoto perfeito.

Quanto mais ele quis falar, mais se sentiu sozinho.

Estava começando a me sufocar também.

Não tive outra escolha. Com cuidado, toquei o ombro de Taylor com a mão direita; com a esquerda, encostei em Brandon. Criei uma ponte para suas dúvidas, deixando-os com o mesmo nível de medo e confusão. Seu temor mais recente foi o encontro no parque, quando ficou sozinha em um lugar que não conhecia, portanto foi isso o que tomou os pensamentos de Taylor.

Como esperado, o atleta foi o primeiro a falar.

— Se eu fizesse algumas perguntas sobre a sua família, você responderia sem me perguntar o porquê?

Taylor se moveu, desconfortável. Estava usando um moletom que era o dobro de seu tamanho, parecendo muito pequena dentro dele. A encorajei a simplesmente aceitar, mas sua família era um gatilho muito forte.

— *Por favor* — a voz de Brandon falhou um pouco, denunciando seu desespero. — É importante.

Ela pensou em dizer não, mas confiava demais em Brandon.

— Tudo bem. Se é importante...

Brandon suspirou aliviado, e retirou o cinto para conseguir se virar para a amiga.

— No acidente de 1999, quando seu primo morreu, quantos anos ele tinha?

— Uns 17.

— Como era a aparência dele?

Taylor franziu as sobrancelhas. Mesmo que não tivesse visto as fotos de Dylan nos álbuns de família — algumas até da noite em que ele morreu — a imagem do primo seria bastante clara em sua mente; fisicamente, Taylor e Dylan eram muito parecidos. Todos na família diziam aquilo — alguns com mais frequência do que o desejado.

— Olhos azuis — ela começou a falar lentamente —, cabelo preto e liso. Alto, sobrancelhas grossas, pálido.

— Ele tinha tatuagens?

Uma sensação estranha fez o estômago de Taylor doer. O desconforto era muito parecido com o início de uma crise de ansiedade, o que a deixou em alerta.

— Como sabe disso?

Brandon pareceu tão chocado quanto ela quando percebeu que sua sugestão estava certa. No mesmo instante, tirei as mãos dos ombros dos dois. O choque de sentimentos foi forte demais, me deixou zozinho. Precisei me concentrar para prestar atenção no restante da conversa.

— Você pode me mostrar uma foto dele? Qualquer uma.

— Por quê?

Brandon se sentiu desconfortável em ter que pressioná-la, mas não desistiu.

— Você concordou em não fazer perguntas. Eu te conto o porquê depois de ver a foto.

Foi preciso cinco segundos para Taylor concordar com a cabeça.

— Tem algumas lá em casa. Te mostro depois da aula.

Brandon apenas agradeceu e, com cuidado, retirou o carro do acostamento. Pensei em insistir para alongar a conversa, mas deixei suas mentes em paz. As informações que precisava viriam junto com a foto de Dylan; por mais que eu suspeitasse do que Brandon achava que iria encontrar, ainda queria ver para ter certeza.

Quando chegaram à escola, os deixei para trás. Voltei para a Cidade Fantasma, onde, como sempre, encontrei a Garota sentada na fonte desativada. O tubarão pairava sobre a sua cabeça como se estivesse prestes a atacar para defendê-la, com os dentes em exibição.

Sentei-me ao seu lado, tateando o bolso em busca do maço de cigarros. Havia me esquecido de ter fumado o último algumas horas antes.

— Seus olhos estão vermelhos — A Garota observou. — Não sou eu, então qual dos humanos te irritou?

A espiei de soslaio.

— Nenhum deles. Foi um fantasma.

A boca dela formou um 'O' delicado quando assimilou o que minha frase significava. No mesmo instante, seus olhos se moveram para a igreja, de onde nenhum movimento foi visto desde então.

— Ele está provocando o grupo — expliquei.

— Sabemos o porquê. É uma tentativa de se libertar. Apesar de que, se saiu da igreja, não há nada mais o prendendo.

— Você não está errada.

— Mas...?

— Ele não saiu da igreja, ainda está lá. A Taylor e o Dylan têm uma ligação especial que está sendo usada. Ele não precisa sair da igreja para falar com ela.

— Mas por quê? — a Garota franziu as sobrancelhas. — O que ele ganha se comunicando com a prima?

A questão era aquela.

— Não faço ideia, e ele não vai me contar.

A risada dela ecoou por toda a praça, graciosa como era em vida, apesar de muito menos contida. Foi bastante demoníaco da minha parte observar que ela parecia mais feliz depois de partir, como se a morte tivesse sido um presente.

— Isso é tão estranho — a risada morria, ficando um pouco trágica. — Mas acho que teremos que investigar. *Como nos velhos tempos.*

Inevitavelmente, sorri. Fui seu demônio antes de ser o deles, e apesar de tudo, não houve mágoa. Qualquer que fosse a força superior que nos deixou no inferno juntos, não podia ser muito inteligente. Eu e ela, na eternidade, era um erro, e só traria caos.



9

2021

O cemitério de Dethaun sempre foi um lugar terrível.

Para mim, que precisei visitá-lo muito cedo, principalmente.

Não me lembro da primeira vez em que estive aqui. Eu tinha seis meses e meus pais não conseguiram encontrar uma babá disponível antes do velório de um amigo. Soube que foi uma tarde longa, com Brandon chorando tanto que precisaram tirá-lo do enterro do próprio pai. Como ele tem quase a mesma idade que eu, não deve se lembrar também.

Em alguns anos, voltei para o enterro dos meus avós e, depois, para o de Adam. Não havia um corpo para esse último, sendo apenas uma forma de sua mãe ter um ponto final. Na época, achei egoísta, mas agora sei que era o melhor a se fazer. Para ela, procurar o filho era viver em um constante pesadelo; não se tratava de um amor perdido ou da destruição de um elo em um círculo de amizade. Por mais que eu amasse Adam, que ele tivesse mudado a minha vida, sua mãe sofreu a maior perda, e precisava encontrar uma forma de seguir em frente.

Alguns conhecidos morreram depois disso, mas eu não estava por perto. Só quando deixei a cidade, percebi que em Dethaun pessoas morriam o tempo todo; em Nova Iorque, mesmo sendo uma cidade violenta, não compareci sequer a um velório.

Mas eu também não tenho muitos amigos por lá.

— Merda — murmuro, irritado com a decisão de ter vindo até aqui.

Eu estava neste cemitério quando fui puxado para a Cidade Fantasma pela última vez. Estava escuro e muito frio, e os túmulos sumiram quando voltei a olhar para cima depois que me distraí com um gato. O susto ao dar de cara com a imagem desfigurada de um tubarão de pedra foi tão grande que tropecei e cai no

chão, derrubando o celular que segurava. Quando tateei no escuro à procura dele, minhas mãos encontraram paralelepípedo, e não a grama do cemitério.

Quando decidi vir aqui, pensei que o cemitério me puxaria de novo, contudo eu estava errado. Nada aconteceu quando entrei e acabei frustrado, buscando o túmulo de Adam para desabafar, quase como eu fazia quando o tinha por perto de verdade.

Quero me convencer de que é só uma pedra. Um pedaço de concreto que não guarda seu corpo, já que ele nunca foi encontrado. E, no fundo, sei que é verdade, porque ele está vivo, talvez preso na Cidade Fantasma de alguma forma, e eu não consigo entrar para salvá-lo.

— Você consegue me ouvir? — pergunto. — Eu acho que sim. Não por causa dessa pedra, mas porque você é você, e aqui é *aqui*. — Ele me repreenderia por falar coisas tão confusas, mas o que aconteceu entre mim, Adam e a Cidade Fantasma não pode ser colocado em palavras de outra maneira. — Preciso de ajuda — continuo. — Qualquer coisa, nem que seja uma direção. Uma dica. Outra merda de áudio...

É uma súplica válida. Tive sorte de ser um dos escolhidos de Dethaun. Ao contrário de Brandon e Amélia, nunca tive como saber o porquê de ter recebido o dom de enxergar a cidade. Minha porta de entrada é um mistério: não tenho um colar mágico ou um carro antigo. Eu era puxado em diferentes momentos, de diferentes lugares, sem qualquer padrão. Testei todas as coisas que poderiam me dar acesso, mas nunca encontrei e, agora que a cidade me expulsou, tenho a sensação de que nunca mais vou poder entrar.

— Adam, *você* precisa me deixar entrar. — Sei que pareço desesperado. E, de fato, estou. — A cidade está com raiva porque a abandonei, mas ela tirou você de mim. Eu que deveria estar com raiva, certo?

Um suspiro. Realmente não sei por que estou aqui. Talvez eu só quisesse conversar com alguém que não fosse Taylor ou Ben, já que eles esperam que eu resolva essa situação.

— Você está dentro dela, não está? Não consegue abrir uma porta?

Como se estivesse elaborando alguma resposta, uma brisa corre entre as lápides mais próximas. A pedra com o nome de Adam é a última a receber a fila de folhas secas, quais rodopiam graciosamente no chão. Me sinto otimista por um momento, tolo o bastante para acreditar que é um sinal, que talvez Adam ou a cidade estejam me recebendo.

Mas nada acontece.

Me sento no chão, de frente para a lápide. Observo sua data de nascimento e a de falecimento, e não consigo evitar lembrar de quando estava vivo. Por muito tempo, tentei bloquear Adam da minha cabeça, tanto porque era doloroso, quanto

por causa da culpa, mas principalmente porque era difícil ter tudo aquilo me assombrando. Fingir que ele nunca havia existido era mais fácil do que lidar com a dor, mas aqui, em Dethaun, é impossível continuar fazendo isso.

Eu posso seguir procurando por ele como se Adam não tivesse passado de um amigo, tentando manter a busca distante do passado. Em Nova Iorque, o Hunter que encontrou Adam era como o personagem de um livro que me trazia conforto; eu o tratava como uma pessoa diferente de mim. Aqui em Dethaun, terei que encarar a verdade: eu sou aquele Hunter. E não tem conforto algum nessa história.

— Eu me pergunto como você conseguiu mandar aquela mensagem — murmuro. A esta altura, sei que não vou receber uma resposta. — E como ela veio parar aqui.

Eu estava com tanta raiva, e tão surpreso, que sequer perguntei a Amélia sobre esses detalhes. Se Maddie havia encontrado nas coisas que tiramos da Cidade Fantasma, significava que ela havia conseguido voltar e coletado itens novos? Ou a gravação simplesmente apareceu no meio do que já tínhamos colecionado?

Talvez Maddie consiga me responder, se eu a procurar. Não preciso da Amélia para saber de tudo isso.

Decidido, me levanto e limpo a terra das calças. Assim que me viro, esbarro em algo menor que eu. Dou um passo para trás, me desequilibrando um pouco, mas não caio no chão.

— Que porra você tá fazendo aqui? — Tento não gritar. Em respeito a Adam e a todos os outros mortos que não têm culpa alguma de meu melhor amigo ser desastrado.

Ben está segurando sua câmera um pouco baixo, mas não me olha ou tira fotos, ocupado demais analisando o cemitério.

— Esse lugar é muito bonito — diz, me ignorando totalmente.

— *Benedict*, o que você tá fazendo aqui?

Ele pisca e me olha como se tivesse acabado de perceber onde está.

— Eu... Te segui — Dá de ombros. — Fiquei preocupado.

Sinto que será uma conversa igual à que tivemos mais cedo, então decido não iniciá-la. Se Ben quer passar os próximos dias me seguindo por aí, vou precisar encontrar maneiras melhores de despistá-lo.

— Você não pode simplesmente me seguir para todos os lugares. Vai acabar vendo algo que não quer.

Apesar da ameaça, ele só levanta a câmera e fotografa uma das estátuas do cemitério. Vejo um sorriso nascer em seus lábios, meio escondido pela lente.

— Nada que eu já não tenha visto. Somos colegas de faculdade, e você nunca foi discreto.

— Vamos embora. — Desisto de discutir. Apesar de ele estar errado sobre a minha conduta, a prioridade é tirá-lo desse lugar. Sei que vim atrás de uma porta para a Cidade Fantasma, mas o plano é entrar sozinho. Não quero que Ben conheça aquele lugar. — Está escurecendo.

Ele tropeça quando o puxo pela camisa, fazendo-o borrar sua próxima foto. Ben geralmente é uma pessoa calma, mas sua paixão por registros perfeitos é seu ponto fraco. Ele xinga ao perceber que perdeu um bom retrato, largando a câmera frustrado. A máquina é tão grande que fica deslocada em seu pescoço, o que não é de forma alguma algo novo para mim: Ben é tão grudado a ela que a imagem não me parece mais estranha.

— Você tem medo de fantasmas, por acaso? — Ele provoca, mas está andando até mais rápido que eu.

Dou risada. É a oportunidade perfeita para assustá-lo, e eu nem preciso inventar uma história para isso. O passado de Dethaun é realmente digno de um conto de terror, talvez até pior.

— Você veio sem nem saber onde estava se enfiando. — Balanço a cabeça, repreendendo-o. — Deveria ter pesquisado antes de entrar em uma cidade assombrada.

Ben trava por um segundo. Ele tropeça quando volta a andar, correndo para passar à minha frente.

— Espera, isso é sério? — Quando não dou risada ou admito a brincadeira, seus olhos se arregalam. — Puta que pariu, Hunter! Eu não acredito que você tá metido com essas coisas. O que você veio fazer aqui?

Sinceramente, não sou capaz de tentar entender o que passa em sua cabeça. Ele pode estar pensando em qualquer coisa.

— Um amigo nosso sumiu, lembra? Eu te contei o que aconteceu quando éramos adolescentes.

Andando de costas, Ben tropeça em algo, mas não se abala.

— Você não tinha mencionado fantasmas.

— Não mencionei muitas partes da história. — O puxo para a direita, impedindo-o de tropeçar novamente. — O mais inteligente seria você voltar para Nova Iorque antes de ser perseguido por fantasmas também.

— Boa tentativa, Hunter, mas eu não vou te deixar aqui para ser devorado por assombrações.

Forço uma expressão emocionada.

— Então, se eu precisar, você se sacrifica no meu lugar?

— Absolutamente não. Ficar perto de você garante que eu sobreviva. Um fantasma escolheria o humano maior, sabe, pra matar a fome por mais tempo e essas coisas.

Ainda segurando-o pelo braço, o forço a parar de andar.

— Não tem graça — aviso. — Isso não é brincadeira. Você precisa voltar pra casa.

Sem hesitar, ele responde.

— Não. Essa conversa está ficando cansativa. Aceita logo a minha ajuda, você só está perdendo tempo tentando me convencer.

Tenho uma última carta na manga, então decido usá-la.

— Seu avô ficou sozinho, ele precisa de ajuda com o estúdio.

Como se já esperasse que eu dissesse isso, Ben sorri.

— Não. Ele fechou o estúdio quando você não apareceu, acho que encarou como um sinal para fazer uma visita a alguém na Coreia. Não me pergunte quem, eu também não sei, mas ele saiu falando que ia voltar com as soluções dos nossos problemas.

— Isso é estranho.

— Tem muita coisa estranha acontecendo, não tem? — Reflete.

Sem o avô, não há nada que possa fazê-lo mudar de ideia. Talvez eu consiga mantê-lo por perto com ajudas supérfluas, com tarefas longe da Cidade Fantasma. Não seria ruim ter um amigo próximo, já que aparentemente todo mundo que eu conhecia agora é um pouco traumatizado e me odeia por ter fugido. Se o que Amélia disse em Nova Iorque estiver correto, fui o único a não procurar por Adam. Eu guardaria rancor se fosse eles.

— Tudo bem. — Finalmente cedo. Ben não esconde que se sente vitorioso e comemora com um movimento meio exagerado, puxando a câmera tão rápido que não tenho tempo de fugir de uma de suas fotos. — Merda, por que você fez isso? — Dou um passo para trás, cegado pelo flash.

— Estou registrando este raro momento no qual consegui vencer o seu orgulho — sorri.



10

2016

O terno em sua cama parecia sentir seu julgamento. Toda a formalidade e os botões dourados, além de feios em sua concepção, não combinavam nada com seu estilo. Taylor olhou para baixo e encontrou o moletom largo que usava apenas para confirmar seu último pensamento; não se lembrava de ter vestido roupas tão formais em algum outro momento da vida, salvo os poucos velórios em que compareceu, e estes ela era pequena demais para se recordar.

Com um suspiro, deitou-se na cama e encarou o teto. Queria ignorar o presente da mãe, que, apesar de poder esconder boas intenções, só serviu para irritá-la. Nunca esperou receber vestidos ou qualquer coisa do tipo, mas um terno? Pareceria exagero até se Taylor fosse um homem cisgênero. As festas de final de ano de sua família nunca tiveram detalhes glamorosos ou vestimentas pré-determinadas, então por que agora passariam a ter? Taylor sabia a resposta, assim como eu: era pior do que a simples opressão de ter que se sujeitar a formalidades.

Enquanto ela continuou remoendo a própria raiva, se esforçando para fazê-la desaparecer, sentei-me na ponta da cama, longe o suficiente para que Taylor não sentisse frio. Ela virou a cabeça na minha direção e, apesar de franzir as sobrancelhas, não pensou ou disse nada a meu respeito. Era raro que qualquer um do grupo notasse a minha presença, entretanto não me surpreendi com aquele gesto. De todos, Taylor sempre foi a única a não me ignorar. Todos os outros achavam se tratar de calafrios, alguns culpavam sextos sentidos, mas Taylor uma vez sussurrou que sabia que eu estava aqui.

Como ela nunca mais falou diretamente comigo, pensei que havia desistido de achar alguma lógica no frio que sentia ou nas vozes que escutava. Isso me fez

lembrar de seu primo, que também era sensível à minha presença. Dylan demonstrava reações raivosas quando notava que eu estava por perto, mas sempre achou que fosse seu lado temperamental falando mais alto. Nunca suspeitou estar sendo assombrado, e eu nunca dei sinais a ele. Taylor, por outro lado, era quase uma amiga. Ela deixou a minha existência menos solitária.

Olhou para o terno novamente. O cabelo curto caía parte sobre seus olhos, parte sobre o colchão. As pontas dos seus dedos se esticaram, tateando o tecido, e por um momento o ar ficou morno.

Medo.

Não queria dar o braço a torcer, usá-lo e transformá-lo em um símbolo. Tinha medo de ele virar algum tipo de prisão e, principalmente, medo de encarar a própria família dentro dele. A intensidade do que sentia me convenceu de que eu não podia entendê-la mesmo que eu tentasse. Por isso, esfriei o quarto. Só o suficiente para que ela despertasse dos pensamentos e levantasse da cama.

Seu celular tocou, mostrando o nome de Brandon. Fazia algum tempo desde que Taylor prometeu mostrar uma foto de Dylan a ele, mas ela não conseguiu encontrar os álbuns de família. Sua mãe disse que os devolveu para seus avós, já que havia muitas memórias do neto falecido neles. Taylor não desistiu da promessa, porém; cogitava comparecer à comemoração de Natal, naquele terno, para roubar uma foto. Além de gostar de cumprir sua palavra, a garota ficou muito curiosa com o motivo por trás do pedido e sabia que, quanto antes entregasse a foto, antes poderia solucionar o mistério.

Estava distraída demais para atender o telefone, então seus pais, no andar de baixo, abriram a porta antes de Brandon conseguir avisar que chegou. Senti a energia dele cada vez mais próxima enquanto o garoto subia as escadas, mas Taylor só reparou na presença do amigo quando ele bateu na porta do quarto.

— Pode entrar — ela respondeu automaticamente.

Devia ter pedido para ele esperar. Quando percebeu o erro, correu para recolher o terno da cama. Ao mesmo tempo, Brandon fechou a porta e agiu mais rápido, puxando o paletó antes que Taylor o alcançasse. Como se tivesse cometido um crime, a garota deu um passo para trás, agarrada à calça com força. Ela esperou o olhar lento do amigo migrar até seu rosto, um sorriso quase nascendo nos lábios cheios.

Não pelos mesmos motivos que Taylor, o garoto pareceu achar a peça horrível.

— É meio exagerado, não acha? A festa é mais... *casual*.

Ele deduziu que a escolha da roupa era para o compromisso daquela noite, e Taylor não sabia se era melhor desmentir ou não.

— Não é o que eu vou usar. — Pegou o paletó da mão dele, embolando-o junto com a calça para jogar ambos na parte mais distante da cama.

O olhar de Taylor ficou perdido na bagunça das peças por alguns segundos.

— Eu estava brincando. — Ainda alheio aos verdadeiros dilemas da amiga, Brandon se sentiu culpado por ter caçoado do que quer que fosse aquela roupa. — Se gosta, deveria usar.

Taylor o conhecia muito bem. Brandon continuaria insistindo, pensando que por sua causa ela não vestiu o que queria. Precisava contar o verdadeiro motivo daquela roupa.

— Minha mãe comprou para que eu use na festa de Natal da minha família. Não é para hoje.

Brandon murmurou em concordância. Ele sabia da relação de Taylor com os pais, na medida do possível. O problema de suas interações estava nos avós e tios, que tiveram suas vidas arruinadas e viraram pessoas difíceis de lidar. Taylor só os via uma vez por ano — sempre aos natais — e odiava cada segundo. A semelhança física entre ela e Dylan a transformava em uma espécie de assombração para seus familiares, todos ficavam encarando ou evitando falar com ela.

Pior, havia os momentos em que achavam que era uma substituta para o filho perdido. Aquelas noites eram as mais cruéis, tão difíceis de lidar que causavam pesadelos na garota.

— Você devia passar o Natal lá em casa — Brandon sugeriu. — Meus pais não se importariam.

Por um momento, Taylor se sentiu realmente acolhida. Mas a ideia de sua ausência causar problemas também não a agradava.

— Vou considerar o convite.

Brandon sorriu e se sentou na ponta da cama, analisando o quarto por alguns segundos. Usava a jaqueta dos atletas da escola e cheirava a perfume e sabonete. Taylor achava difícil entender os horários de treino do amigo, principalmente porque ele tentava um esporte novo a cada um ou dois meses. Quando se acostumava com a ideia dele em um time, Brandon estava em outro, e assim por diante. Ela sabia apenas que ele sempre acabaria correndo. E jogando futebol, claro.

— Você e Amélia correram hoje? — Decidiu arriscar ver se estava certa.

Ele fez que sim com a cabeça, o que provocou um sorriso vitorioso em Taylor.

— Fomos até a floresta. — Ele se deitou na cama, confortável enquanto olhava a amiga. Agora, reparando bem, ele parecia cansado. — Tinha uma senhora na praça da cidade que sempre ficava me olhando estranho, achei melhor não correr mais por lá.

— Por quê?

Ele deu de ombros.

— Não faço ideia. Mas a velha é tão estranha que fez a Amélia se distrair e tropeçar. — Taylor não conseguiu evitar o olhar preocupado, então Brandon a tranquilizou: — Ela não se machucou, apesar de ter me feito carregá-la até metade do caminho para casa.

Era definitivamente a cara de Amélia.

— Ela é muito dramática. — Taylor riu.

Brandon acompanhou a risada, mas ambas morreram muito rápido.

— Sei que é uma pergunta estranha. — Brandon limpou a garganta, procurando ganhar tempo. — Mas você acha que a cidade seria diferente sem tudo o que aconteceu? Faz tanto tempo e ainda assim parece que foi ontem...

Era, de fato, uma pergunta estranha. Taylor analisou as palavras do amigo com cuidado, inconscientemente colocando a unha do indicador entre os dentes. Nem era nascida quando o acidente aconteceu, não fazia ideia de como era a vida daquelas pessoas antes do ocorrido, mas entendia a pergunta em sua essência. Muitas pessoas não souberam lidar com o luto. Aquela senhora encarando Brandon podia estar lembrando de um ente querido, assim como sua família lembrava de Dylan quando viam Taylor.

— Eu acho que sim — respondeu, por fim. — Se uma morte pode afetar uma cidade inteira, imagina algo assim? Para a gente, é história, — encarou a porta do quarto, quase como se pudesse ver seus pais — mas para eles é uma lembrança. Deve ser difícil.

Brandon piscou lentamente. Ficou órfão por causa daquele acidente, afinal. Era mais do que história para ele também.

— Isso ficou pesado rápido demais. — Se levantou da cama em um pulo. Era o jeito dele de acabar com a conversa. — Vamos?

Taylor concordou, pegou sua carteira e celular e caminhou para a porta. Antes de sair, ela encarou a cama bagunçada, deixando os olhos caírem sobre o terno por tempo demais. Antes que todos aqueles pensamentos voltassem e estragassem sua noite, apaguei a luz. O quarto foi engolido pela escuridão, sumindo com o terno e as incertezas de Taylor. Um suspiro baixo escapou pelos seus lábios antes dela fechar a porta, balançando a cabeça negativamente.



O carro era uma lata velha.

E Amélia insuportavelmente agitada.

Com um vestido amarelo e os cabelos presos em um rabo-de-cavalo, ela se inclinava entre o banco do motorista e o do passageiro para contar sobre o garoto

novo da escola. Apesar de estudarem juntos, Brandon era muito ocupado para conseguir se aproximar dele, e Taylor... bem, ela não se importava.

— Tive tantos treinos com as líderes de torcida que não consegui falar com ele direito. Espero que venha hoje. Fiz o convite antes da aula e ele não confirmou, disse que precisava pedir para a mãe...

Apesar de soar excessivamente interessada no garoto, a sensação que Amélia passava era de curiosidade, sem malícia ou segundas intenções em seu convite, apenas uma vontade genuína de se tornar amiga dele. Acima da simpatia, senti um pontada de ciúme tão fraca que notei a vontade de Amélia de esconder o sentimento até de si mesma. Com sua ausência nos treinos, Adam e Hunter ficaram próximos e isso a fez sentir uma peça excluída.

— Você disse que ele estudava com a mãe? — Brandon a espiou pelo retrovisor.

Sem surpresas, era o encarregado de dirigir na volta para casa. Brandon raramente bebia por causa dos treinos e, quando o fazia, não exagerava.

— Foi o que ele disse. — Amélia buscou um gloss na bolsa. — O que me fez pensar que perdi muito tempo naquela escola.

Taylor deixou uma risada escapar.

— Amy, não exagera. Você não aguentaria um dia em casa, é tagarela demais pra isso.

Como era uma verdade incontestável, a garota deu de ombros, meio que concordando.

— Além do mais, Hunter ficaria sozinho. — Completou, pensativa.

Brandon riu daquela vez. Amélia deu um tapa no amigo, defendendo Hunter mesmo que nada tivesse sido dito ainda.

— Não ouse falar uma palavra sobre o meu amigo — avisou. — Ele é incrível, vocês que não deram uma chance.

— *Hunter* não nos deu uma chance, lembra? — Brandon levantou um pouco a voz, indignado.

— Ele é introvertido — notou que Taylor estava prestes a falar e correu para continuar: — ainda assim prometeu que iria hoje! Porque é um bom amigo.

O olhar quase irritado de Brandon chamou a atenção de Taylor. Apesar de gostar de provocar Amélia, ela realmente queria incluir Hunter no grupo. Ele sempre pareceu muito... *solitário*.

— Deixa o garoto em paz. — Taylor pediu a Brandon. — Ele já nos despreza o suficiente.

— Só tô cansado da Amélia sugerindo que tratamos o melhor amigo dela mal. — o atleta se defendeu. — Mas vou me esforçar para merecer a atenção dele.

O tom sarcástico não passou despercebido por nenhuma das amigas. Amélia achou que Brandon não estava sendo maldoso, um erro de comunicação incompreensível para duas pessoas que se conheciam tão bem. O atleta, na verdade, só não gostava de que o acusassem de ser antipático.

— Deixem o Hunter quieto no canto dele — Amélia pediu. — É o melhor. Muita atenção o deixaria desconfortável.

Taylor concordou, mas Brandon parecia ter outros planos. Realmente não suportava a ideia de alguém desgostar de sua personalidade, o que criou uma fixação repentina em transformar Hunter em um amigo.

Amélia, no banco de trás, puxou discretamente o celular para checar a última mensagem enviada a Hunter. Apesar das palavras cheias de confiança, ela ainda pensava que o amigo poderia não aparecer. Seu coração pesou um pouco quando ela percebeu que sua última mensagem não havia sido respondida, e buscou o gloss na bolsa para passar novamente — um tique nervoso, ou uma forma de amenizar a ansiedade.

Com cuidado e em um momento de fraqueza, passei os dedos pela sua bochecha, tranquilizando-a com um breve sentimento de conforto. Era o seu aniversário, afinal; ela deveria ter algumas horas longe da angústia de ser parte de um grupo amaldiçoado.

Quando ela sorriu e guardou o celular, estava pensando que não deveria se preocupar, porque Hunter nunca a deixaria esperando. Pelo restante do caminho, seus olhos escuros se perderam na paisagem borrada do lado de fora da janela. Me permiti fazer o mesmo, evitando pensar sobre o que um encontro entre todas essas almas significava. Era a primeira vez que estariam todos no mesmo cômodo, até mesmo Hunter.

Era a oportunidade perfeita para algo terrível acontecer.

Ainda assim, duvidei que a noite acabasse em mais uma tragédia. A Cidade Fantasma dormiu por muito tempo. Era um lugar completo, mas não tinha o controle de tudo. Sua glória dependia de pequenos infortúnios, portais, datas significativas e, claro, uma falha no plano do demônio que a escondeu.



11

2021

Piper é o sobrenome de Maddie, que é um apelido para Meredith. E, apesar do que acreditei por anos, seu irmão na verdade se chama Bill. Ambos foram nomeados em homenagem a seus avós, que morreram no grande acidente de Dethaun em 1999. O bar da família Piper, fundado em 1967, foi o primeiro da cidade e se tornou o lar dos gêmeos depois que seus pais assumiram o comando. Durante a adolescência, quando queríamos beber sem precisar de identidades falsas, esse era o nosso lugar favorito. Bill — ou Piper, como o conhecíamos —, sempre dizia ao pai que éramos de uma universidade próxima, e ele fingia acreditar para vender um pouco mais. Hoje, me arrependo um pouco de ter sido tão imprudente. Algumas coisas teriam sido evitadas se eu estivesse sóbrio em noites nas quais eu não estava.

Perco muito tempo olhando para a fachada, o que faz Ben me cutucar. Um gato de rua está se lambendo na frente da porta onde a placa de “fechado” fica — informação que também encontramos na entrada da frente, mas esperávamos não encontrar aqui, na dos fundos. Sei que todos os Piper das gerações anteriores moraram no andar acima do bar, então Maddie e Bill não deveriam ser diferentes.

— Isso é invasão. — Ben aponta, confuso.

— Tudo bem, eu conheço a dona. — Ou espero ainda conhecer.

Empurro a porta, fazendo com que um feixe de luz preencha o fundo do salão. Deste ângulo, consigo ver o balcão de bebidas, algumas mesas e a porta de entrada, mas não encontro Maddie ou Bill. Como esperado, devem estar na casa, já que faltam algumas horas para o bar abrir.

Enquanto atravessamos o salão, em direção à escada de acesso do segundo andar, percebo que o lugar continua com a mesma decoração de alguns anos atrás, majoritariamente preenchido com prateleiras de bebida, mesas de sinuca e alguns quadros. Perto da escada, retratos de família começam a ocupar lugar nas paredes, mostrando a história do estabelecimento. A maior parte das fotos mostra antigos donos e alguns clientes fiéis, mas há uma parte dedicada a recortes de jornais com todos os eventos importantes que foram comemorados aqui.

— A placa está velha, mas tenho certeza de que passa o recado. — Uma voz ecoa pelo salão, surgindo de algum lugar distante. — Estamos fechados!

Paro com o pé no primeiro degrau da escada. Olho para trás, certo de que a voz não veio do andar de cima. Encontro um Ben irritado e incomodado, como se dissesse que me avisou, e volto para o meio do salão, à procura de Maddie. Apesar dos anos e da rouquidão causada pela quantidade de cigarros que deve fumar, a voz dela é inconfundível.

— Eu sei, mas achei que poderia abrir uma exceção para um velho amigo.

Um barulho muito alto antecede a chegada de Maddie, que passa pelo balcão com os cabelos loiros bagunçados e o rosto sujo de algo preto. À primeira vista, parece irritada, as sobrancelhas grossas unidas enquanto seus olhos me analisam. Demora alguns segundos para me reconhecer, suavizando a expressão e emitindo um ruído surpreso.

— Puta merda — ela ri de uma forma nervosa — é você mesmo. Achei que a Amélia não conseguiria!

A menção faz com que eu inconscientemente dê um passo para trás, mas Maddie se aproxima na mesma medida. Ela limpa as mãos em um avental que só percebo existir agora, deixando uma marca preta no tecido claro.

— Porra, é muito bom te ver. — Ela me abraça sem qualquer aviso prévio. Fica na ponta dos pés, apertando meu pescoço com força, e encerra o gesto antes que eu consiga retribuir.

— Esse é o Ben. — Aponto para meu amigo, e Maddie acena para ele.

Agora com um sorriso, ela olha de mim para o garoto enquanto puxa o avental até se livrar dele, exibindo a camiseta surrada do Kiss que vi Bill usar muitas vezes.

Maddie se move para o meio do salão, indicando os bancos vazios do balcão. Ela fica engraçada quando me trata como um cliente normal, o que me faz sorrir, principalmente quando recita a frase que costumávamos ouvir sempre que passávamos pela porta do bar, nos velhos tempos:

— Entrem, garotos. Vamos beber!



Quando as coisas começaram a ficar financeiramente instáveis, Ben e eu decidimos interromper nossas aparições nas festas organizadas entre as fraternidades do campus. Como nossa vida social era, basicamente, *aquilo*, ficamos longe da bebedeira sem limites, das drogas e da ressaca, tendo apenas alguns relances nas nossas reuniões com os amigos que frequentavam meu apartamento.

Isso nos deixou lentos. E desacostumados com essa coisa de beber muito.

Tudo corria bem com as cervejas. A sétima me deixou alegre e julguei estar tudo sob controle. Meu erro foi deixar Maddie me convencer a experimentar “*As especialidades da nova geração Piper*”, em suas palavras. Nunca fui bom com drinks, nem com misturas, e no segundo copo comecei a sentir a cabeça pesar. Sei que deveria parar, mas há realmente muito tempo eu não fazia algo desse tipo, então continuei.

Me preocupei de verdade quando percebi que já havia anoitecido. Chegamos no meio da tarde, passamos pelo momento em que Maddie girou a placa na entrada para oficialmente abrir as portas do bar, e continuamos depois. Enquanto clientes não chegavam, Maddie me contou sobre como estava sendo gerenciar o bar, falando que agora ela não vende bebida para menores de idade. Seu foco é promover festas e criar promoções para atrair clientes, tentando fornecer um bom serviço. Apesar disso, ela deixa claro que não se preocupa muito com grana. Ao contrário de quando éramos adolescentes, suas ambições são baixas e ela só quer viver uma vida boa, cômoda e com muita cerveja. Maddie não se preocupa com a faculdade, nem em comprar um carro. Ela mora na parte de cima do bar porque sabe que não vai ter uma casa, nem tem o porquê de querer uma.

Enquanto a escuto falar, me sinto triste. A Maddie de antigamente queria sair dessa cidade, viajar para bem longe. Escutar um discurso tão diferente passa a sensação de que o tempo correu rápido demais. Todos seguimos em frente, mas como fizemos isso? O que sacrificamos para lidar com o luto foi pior do que sucumbir a ele. Eu diria que Maddie parece bem se não soubesse que perdeu os avós e os pais para uma cidade onde está sendo obrigada a viver, como se tivesse substituído seus papéis de alguma forma.

Eu pergunto de Piper, e ela dá de ombros. Deduzo que também é o mesmo de antes: fazendo o que quer, sendo irresponsável. Maddie deixa escapar que ele foi preso algumas vezes desde que me mudei, mas a ajuda com o bar sempre que possível.

Eu não pergunto sobre a Cidade Fantasma. Me convenço de que tenho o restante da noite até perceber que estou evitando o assunto. Era meu único motivo para estar aqui, mas com tanto álcool e me sentindo tão bem, simplesmente não quero mais falar sobre isso. Gasto minhas horas perguntando o que aconteceu com

cada membro do grupo enquanto estive fora, aproveitando que estou bêbado, já que nunca faria isso sóbrio. Me mudei para Nova Iorque em uma crise, muito de repente, só porque queria fugir, e não me despedi de ninguém, assim como não mantive contato. Deixei de seguir todos no Instagram e essas merdas todas, querendo apagar Dethaun, Adam e a Cidade Fantasma da minha vida.

Não sei como eles estão, se superaram ou se continuaram procurando Adam por muito tempo. Maddie tem caixas da Cidade Fantasma, então ainda deve se importar com tudo o que aconteceu, mas o restante... Talvez não. Brandon deve ter seguido uma carreira promissora em algum esporte, Rick também, talvez até mesmo Amélia. Ela deve ter uma vida perfeita, como tinha antes, com amigos na faculdade e um namorado legal.

Apesar dos meus esforços, porém, Maddie não me passa muitas informações. Parece que ela também não permaneceu amiga do restante do grupo depois que fui embora. Acabo sem ter qualquer novidade sobre os outros, sabendo apenas que fizeram um memorial para Adam na escola no último aniversário de seu desaparecimento.

A isto, bebo um pouco mais. Uma mistura não confiável de dois tipos de drinks, finalmente me deixando zonzinho de verdade.

O resultado de acompanhar Maddie nunca foi bom. Não me lembro de ter saído intacto de nenhuma das noites que passamos enchendo a cara nesse mesmo bar, às vezes com Piper junto. Na maioria dos casos, estávamos comemorando alguma coisa e, no fim da noite, Brandon deixava todos em suas casas, fazendo paradas com seu carro branco como se fosse um funcionário público.

É nisso que estou pensando quando percebo que não temos uma carona. Ben dirigiu até aqui, mas agora está tão bêbado quanto eu.

— Cara, isso não tá normal. — Meu amigo gira a garrafa na frente dos olhos, colocando-a contra a luz. — Acho que não é cerveja.

— Não é cerveja — confirmo.

Ele dá de ombros antes de continuar bebendo. A esta altura, inclinado sobre o balcão como se não tivesse mais força para sustentar a própria postura, Ben está muito pior do que estive nos últimos meses, nas nossas reuniões com muita pizza. Dou um tapa em suas costas, meio bêbado também; não sei exatamente por que faço isso, mas sei que sou grato por ele estar aqui.

— Você é um puta de um amigo, sabia?

Ele ri contra a madeira do balcão.

— Eu sei.

— Não temos como voltar para casa.

Levanta um pouco a cabeça e ignora o nosso problema.

— Você também é um puta de um amigo, cara. Mas ao contrário. Você é um puta amigo de merda.

Ele ri, e eu não tenho escolha a não ser rir junto.

— Eu sei.

— Tudo bem, cara. Eu ainda te amo.

Outro tapa em suas costas. É o meu "eu te amo também", que Ben provavelmente não vai entender.

Maddie aparece segurando um liquidificador desajeitadamente, tentando encaixá-lo em algum dos poucos espaços livres entre as garrafas de bebida no balcão.

— Temos um drink da casa, se chama *Assombrado* — ela diz, já despejando gelo e vodka na jarra. — Você vai amar!

Parece bom, então concordo com a cabeça. Maddie comemora e começa a preparar o drink, assustando Ben quando liga o liquidificador. No silêncio que esse barulho traz, fico sozinho com meus pensamentos. Como se estivesse me chamando, a gravação surge e me faz querer perguntar sobre ela, mas Maddie finaliza o drink antes de eu conseguir juntar a coragem necessária.

— Prontinho! — Ela desliga o liquidificador, pega um copo e despeja o líquido dentro.

O drink é verde e tem um cheiro doce, mas não parece ruim.

— Você primeiro. — Ben empurra o copo na minha direção, como sempre fazia nas festas da faculdade.

Sem hesitar, viro metade da bebida de uma vez. Reconheço um pouco de vodka e um pouco de algo com maçã, mas não sei do que se trata o resto. É gostoso, apesar de estranho, e Maddie fica satisfeita com a minha careta quando bato o copo no balcão.

— Agora você. — Empurro o copo para Ben.

A outra metade do copo se esvai tão rápido quanto a primeira. Maddie começa a fazer outro *Assombrado* logo em seguida.

— O Piper vai amar ver vocês — comenta, risonha. É fofo como sempre lembra do irmão, mesmo quando está se divertindo e bêbada.

Eu digo que vou ficar feliz de vê-lo também, e aceito mais dois *Assombrados*. De qualquer forma, enquanto o tempo passa, Piper não aparece. Maddie continua repetindo que o irmão está prestes a chegar, mas a noite fica cada vez mais fria e o bar cada vez mais vazio.

— Acho que temos que ir — comento em certo ponto. Não faço ideia de que horas são e, apesar de não ser mais adolescente, me preocupo com meus pais. Não quero preocupá-los ou incomodá-los.

Além do mais, acho que estou *muito* bêbado. As pessoas que restaram no bar parecem estranhas, com movimentos que não consigo acompanhar. E está muito frio também.

Ben concorda, tão tonto que não consegue ficar em pé quando se levanta. O carregó até um dos bancos acolchoados para que se deite, buscando uma garrafa de água no bar logo em seguida. Tento fazê-lo beber alguns goles, mas só consigo molhar sua camisa e receber alguns xingamentos. Desisto depois de desperdiçar metade da garrafa, deixando-o para se recuperar enquanto penso em uma maneira de voltar para casa.

Vimos com o carro de Ben, o mesmo que ele usou para viajar de Nova Iorque até Dethaun com Amélia. Foi uma ótima notícia saber que não precisaria andar do cemitério até o bar, nem para casa depois, mas agora isso é um problema.

Do lado de fora, procuro por Maddie. A encontro parada na calçada, fumando enquanto olha para o céu. Seus longos cabelos loiros sempre foram sua marca registrada, armados e despenteados. As botas vinham em segundo lugar, com as plataformas pretas absurdamente grossas a deixando quase da minha altura.

Ela sorri, me olhando de soslaio.

Percebo que estou tendo dificuldades para andar agora que não posso me apoiar em paredes ou mesas. Quando paro ao lado de Maddie tudo começa a girar, fazendo Dethaun andar em círculos pela minha consciência. Me sinto tão cansado, parece que não durmo há dias.

— O que tinha naquela bebida? — pergunto, de repente preocupado. — Não sei se tô bem...

— Relaxa, não era nada demais.

— Acho que perdi o ritmo dessas coisas. — Dou risada, tropeçando para trás até me apoiar na parede do bar, onde fico.

— Você não costuma beber?

— Não muito.

— Por quê? Você amava essas coisas.

Porque não tenho mais amigos com quem beber, penso, mas Maddie não entenderia. Ela não faz ideia de que nunca gostei de ficar bêbado, eu só gostava de ficar bêbado com os meus amigos.

Maddie se vira e joga o cigarro na calçada, amassando-o com a base da bota. Ela cruza os braços para se proteger do frio e anda até parar na minha frente. Como todo o resto, a garota está girando, só que a imagem parece errada de alguma forma: a luz do letreiro do bar joga sombras sobre seu rosto, deixando-o diferente do que conheço. Seus olhos, agora rosados pelo reflexo neon, parecem tristes também.

— Por que você voltou? — Ela pergunta. — Faz muito tempo.

Me concentro para formular a resposta.

— A gravação do Adam que você achou. — Me enrolo com as palavras, pronunciando tudo rápido demais antes que elas sumam. — Vim por ela.

Maddie exala um "ah" despreocupado, como se a gravação não fosse nada. Passei as últimas horas me preparando psicologicamente para trazer esse assunto, mas ela nem parece se importar.

— Deveria ir embora — diz. — Ela não quer dizer nada, sabe disso. A Amélia é muito sonhadora, mas você vai se machucar nessa história.

É exatamente o que eu pensei no primeiro dia, quando ouvi a gravação. Não sei se isso me assusta ou me conforta, mas sei que Maddie não está totalmente errada, como achei que eu estava.

— Também não quero criar esperanças — murmuro. — Mas tenho meus motivos. Você... não tem nada a perder. Por que está preocupada?

Maddie sorri fraco, descruza os braços e se aproxima para segurar meu rosto entre suas mãos. Não consigo enxergá-la direito, está tudo girando e embaçado, mas sinto seus dedos quentes nas minhas bochechas e fechos os olhos. Quero muito dormir, não importa se é nessa calçada fria ou no chão do bar. Eu só preciso descansar um pouco...

— Acorde, querido — ela sussurra, dando um tapinha leve na lateral do meu rosto. — Você precisa ir para casa, vou arrumar uma carona pra você.

Apesar de eu ter quase o dobro do seu tamanho, Maddie é muito forte; enquanto mal consigo andar, ela coloca um dos meus braços ao redor dos seus ombros e me guia para dentro do bar, caminhando com calma até a mesma mesa de Ben, onde me deixa deitado ao lado do meu amigo.

Tento ficar acordado, mas não consigo manter os olhos abertos até minha carona chegar. Estou apenas parcialmente desperto quando um homem se aproxima e ajuda Maddie a me levar para um carro estranhamente familiar, e, no caminho para fora, enquanto procuro por Ben para ter certeza de que ele não foi deixado para trás, encontro um mural ao lado da entrada do bar que não havia visto antes.

— Piper? — Chamo. Não era para ser em voz alta, mas acabo sussurrando o nome dele enquanto sou carregado, os olhos desesperados tentando focar no mural. — Piper...

O homem em quem me apoio abre a porta do carro e me ajuda a sentar no banco do passageiro. Ele puxa o cinto de segurança e, com cuidado, o afivela. Quando se aproxima, tenho a impressão de que o conheço, mas não consigo ver seu rosto no escuro.

— Piper? — chamo, para confirmar.

Um suspiro preenche o carro. Em seguida, o barulho caótico de Maddie tentando acomodar Ben no banco de trás o distrai, dando tempo de eu segurar seu

braço antes que ele se afaste completamente para fechar a porta.

— Piper, é você? — Consigo formular, mas quando ele se afasta e a luz do letreiro ilumina seu rosto, vejo que eu estava errado.

— Vou te levar para casa. — Brandon garante, empurrando meu braço para dentro.

Ele encosta a porta suavemente, com medo de que eu tente sair de novo. Abro o vidro enquanto ele contorna o carro, indo para o banco do motorista. Aquele mural não sai da minha cabeça. Ele estava ali quando cheguei? Não me lembro. Mas parecia importante, tão importante que fica na frente do bar, à vista de todos.

Enfio a cabeça para fora, sendo vergonhosamente agressivo quando Brandon tenta me puxar para dentro e eu o empurro. Quero enxergar do que se trata, matar essa dúvida antes que ela me deixe louco.

Consigo fazer tudo parar de girar por um segundo, apenas o suficiente para ler as letras grandes na parte de cima, como se fossem um título.

Meu coração se parte.

É um memorial para Piper, deixado por amigos na frente de seu bar depois que ele morreu no ano passado.



PARTE DOIS
OS MORTOS



12

2016

Surpreendendo a todos, Hunter apareceu.

Ficou por mais de dois minutos parado desajeitadamente na entrada do salão, com uma sacola colorida na mão direita. Em comparação às suas roupas — pretas das botas ao boné — o embrulho que trazia o presente de Amélia era uma peça fora do lugar. Todos que estavam próximos o suficiente da entrada para vê-lo tiraram alguns segundos para reparar na cena, mas felizmente ninguém ousou cumprimentá-lo.

Hunter não estava exatamente nervoso. O que sentia se aproximava do desconforto, beirava indiferença e quase mergulhava em tédio. Ele não se importava realmente com as pessoas, mas preferiria estar em casa ou apenas sozinho com Amélia. Entretanto, quando tentei convencê-lo a dar meia volta, nem mesmo o mais forte dos pensamentos que sussurrei em sua mente foram capazes de fazê-lo desistir de adentrar o salão. Estava decidido a ser um bom amigo naquela noite.

Hunter localizou Amélia com facilidade. Seria impossível não vê-la estragando alguma música no karaokê. Ela costumava ser uma boa cantora quando estava sóbria mas, sob o efeito do álcool, perdeu qualquer controle sobre a própria voz. Ao redor do palco, alguns dos amigos mais próximos de Amélia a observavam com diversão, sendo Brandon e Taylor os mais empolgados. Enquanto o garoto tentava cantar junto, a garota simplesmente se entregava às gargalhadas que a desafinação de Amélia provocava — uma cena leve, que deixou Hunter sorrindo sem nem ao menos perceber.

Quando terminou, a aniversariante fez uma reverência antes de receber a ajuda de Brandon para descer do palco. Seus olhos caíram em Hunter assim que ela se estabilizou, quase como se ele a tivesse chamado. O sorriso descontraído ganhou mais força, virando o tipo de sorriso que faz o rosto de uma pessoa doer. Ela correu na direção de Hunter ainda meio trôpega, mas agora por conta da bebida, e se atirou em um abraço que faria um estranho pensar que eles não se viam há anos.

— Você veio! Você veio mesmo!

Hunter se curvou para colocá-la no chão antes que caíssem e, com cuidado, a apertou em um abraço que dizia *feliz aniversário, eu te amo*, o qual ele nunca soube se foi interpretado. Observando a cena de fora, notei que Amélia era a única pessoa que conseguia fazer de Hunter um ser apto a contato físico, mas nenhum dos dois realmente percebeu aquele fato na época.

— Vem, você precisa conhecer o pessoal — Amélia desfez o abraço e puxou Hunter pela mão.

Ele não teve chances de lembrá-la de que já conhecia aquelas pessoas. Eram da mesma escola, mas, pensando bem, talvez *eles* não lembrassem de Hunter. Sua participação em atividades escolares eram pouco ilustres em relação às de Brandon, o popular capitão do time de futebol, ou até mesmo as de Taylor, que estava por trás do jornal da escola. Piper e Maddie seriam os mais parecidos com Hunter, já que não se destacavam em nada dentro de questões acadêmicas, mas eles ainda eram famosos simplesmente por serem gêmeos. E por conseguirem bebida de graça.

— Pessoal, esse é o Hunt. — Amélia o colocou em foco, fazendo com que o garoto se sentisse inquieto. O desconforto esfriou parte do salão, mas havia tanta bebida na corrente sanguínea que ninguém percebeu. — Esses são meus amigos: Brandon e Taylor. Aqueles são Maddie e Piper, os irmãos, junto com Rick e Jane.

Tive a impressão de que Hunter esqueceu dos nomes novos assim que eles foram ditos, mas, em sua defesa, se esforçou para ao menos parecer simpático. Sorriu e naturalmente evitou deixar brechas para abraços e beijos de cumprimento, infelizmente não conseguindo fingir distração quando Brandon esticou a mão para apertar a sua. Houve um breve momento de hesitação, porém. De fora, durou apenas um segundo, o que entre eles pareceu uma eternidade. Hunter observou a mão estendida de Brandon antes de apertá-la propositalmente forte demais, como se o castigasse pela iniciativa indesejada. Foi divertido assistir a expressão dele beirar à confusão quando Brandon devolveu na mesma intensidade. Se olharam, Hunter com a expressão fechada enquanto o outro exibia um sorriso simpático que contrariava a força que depositava em seu cumprimento.

Quando a pressão em sua mão fez com que ele sentisse os ossos, Hunter quebrou o contato. Sentiu-se fraco e meio idiota por isso, prometendo a si mesmo,

quase infantilmente, que não deixaria barato.

— Isso é pra mim? — Amélia estourou a bolha. Estava se referindo ao presente na sacola colorida.

Hunter levantou a mão esquerda e a esticou na direção da amiga.

— Feliz aniversário.

Amélia pareceu achar graça. Mais uma vez, ele se sentiu meio idiota; ninguém levou um presente. O incômodo valeu a pena quando o rosto da amiga se iluminou diante da coleção de prendedores amarelos que encontrou dentro do embrulho. Eram de uma loja inexistente em Dethaun, o que fez Hunter precisar dirigir até outra cidade para conseguir. Custaram caro porque tinham pedras aparentemente valiosas nas pontas, mas ele não se importou em gastar suas economias com o presente perfeito para a amiga.

— Aí, meu deus, eu não acredito! — Com empolgação, a garota começou a colocar todas no cabelo.

Uma fila de presilhas amarelas com pedras brilhantes nasceu na cabeça de Amélia, próxima à orelha, deixando seu cabelo antes perfeitamente alinhado agora um pouco caótico.

— Ficou ridículo. — Hunter provocou.

Amélia, que já estava ciente disso, gargalhou, tropeçando para frente até se apoiar no amigo. Hunter notou que nunca a vira tão bêbada enquanto a ajudava a ficar em pé.

— Eu amei o presente. — Amélia segurava em seus braços para se equilibrar.

— Bom, porque eu não te daria outro.

Amélia mostrou a língua, perdendo-se em uma gargalhada diante do gesto infantil.

— Quer saber? Eu odiei o presente. Acho que você vai ter que me fazer um favor pra compensar a decepção.

Hunter sorriu.

— O que você quer que eu faça, Amy?

— Quero que você se divirta.

Converse com meus amigos, era o que ela queria dizer. Hunter olhou para o grupo logo atrás, suspirou e concordou com a cabeça.



Hunter se divertiu bastante.

Foi um processo lento, admito. A existência daquele garoto se limitava a poucas interações com pessoas e eventos específicos. Seus pais geralmente recebiam a maior parte de seu afeto — ou o que ele achava ser afetuoso. Por mais

que Hunter os amasse e amasse Amélia, suas únicas formas de demonstrar sentimentos eram com gestos de preocupação.

Como quando cuidou de Amélia em seu aniversário, já que ela estava bêbada demais. Concordeu em se divertir muito mais porque sabia que seria obrigado a ficar ao lado dela, e não porque achou que conseguiria. Pelo restante da noite ele a acompanhou no karaokê, na sinuca, nos shots de bebida, nas conversas em grupo e até ao banheiro, mantendo-se do lado de fora para segurar a porta.

Quando as pessoas começaram a partir, Hunter se permitiu relaxar. Conseguia ver Amélia conversando com Piper no bar, animada, e ainda com as sete presilhas amarelas presas ao cabelo. Na mesa à frente dele havia uma cerveja inacabada, a segunda que ele beberia na noite e definitivamente não o suficiente para deixá-lo alterado.

Peça mais uma, sussurrei, mas Hunter suspirou e não fez menção de querer outra quando bebeu o que restara de sua cerveja em um gole. Ele colocou a garrafa na mesa e se jogou no encosto do banco duplo, aproveitando o conforto que o acolchoado forneceu. Alguns metros à frente, outra mesa reunia os últimos convidados da festa: Brandon, Taylor, Jane e Rick, respectivamente. Com exceção do atleta, todos apreciam tão bêbados quanto Amélia. Fechou os olhos por um segundo, cansado agora que o sangue havia esfriado. Seus ouvidos sucumbiram ao ruído das conversas ao fundo, fazendo com que Hunter se sentisse o único afastado, com o som tão distante que parecia estar dentro da água.

Não o avisei quando Brandon se aproximou, preocupado com o único excluído. Era um bom garoto, apesar do que Hunter pensava. Ser atleta e popular não era o pior estereótipo no qual o haviam incluído, mas incomodava Brandon não saber por que Hunter o desprezava tanto.

— Você tá bem?

Hunter sentiu o toque quente em seu ombro, e não por escolha afastou o cansaço para reagir. A pouca luz do bar transformou seus olhos em fendas escuras, criando um azul muito específico que sumiu debaixo do cabelo comprido sobre sua testa. Brandon precisou se esforçar para não prestar muita atenção e, sem esperar um convite, sentou-se no espaço vazio à sua esquerda.

— Há quanto tempo são amigos? — olhou na direção de Amélia.

Algo naquele sorriso simpático incomodava Hunter, criando uma bagunça em sua cabeça. Não entendia a origem da aversão diante de qualquer iniciativa de Brandon, portanto culpou o ciúme que sentia de Amélia.

— Cinco anos, eu acho — respondeu. — Ela nunca te disse?

— Nunca perguntei. E, caso não saiba, eu a conheço desde que nasci. — Brandon continuava sorrindo. Sorrindo irritantemente, Hunter pensou, logo depois pensando que ele tinha um sorriso muito bonito. — Mas não é uma competição.

— Claro que não é.

Brandon levantou uma sobrancelha. Me aproximei da mesa, procurando uma posição melhor para observar a cena. Hunter sugeriu que ganharia caso fosse uma competição, uma reação diferente da indiferença que sempre mostrou.

Parecia o começo de alguma coisa.

— Acho que eu ganharia. Quer dizer, se tivesse uma competição.

— Você é apaixonado por ela ou algo do tipo?

Era sempre engraçado quando Hunter decidia ser direto. Às vezes acontecia no meio de uma piada, de um diálogo inofensivo ou de uma briga, mas nunca falhava em deixar as pessoas desnorteadas.

Brandon piscou. Então riu.

— Tenho um namorado. E mesmo que não tivesse, considero a Amélia uma irmã.

— Eu também.

— Tem um namorado? — Brandon provocou.

— A considero uma irmã — explicou, afundando no banco a fim de encerrar a conversa.

— Então não tem um namorado. — Brandon sorriu satisfeito, arrumando a posição para ficar mais confortável também. Agora estavam ambos relaxados demais, mas só um muito sóbrio. — Me passa seu número?

— Você acabou de falar que tem um namorado. — Hunter riu incrédulo.

— Eu menti. Rick e eu terminamos há algum tempo, mas ainda é complicado.

— Enquanto for complicado, não vou te dar meu número.

— Tudo bem, eu pego com a Amélia.

A naturalidade com a qual ele ignorou a aversão de Hunter me fez rir. Era a primeira vez que eu via alguém ignorar o destino tão veemente.

— Não vou te responder, faça o que quiser.

Encarando como um desafio, Brandon simplesmente aceitou suas palavras e olhou para a mesa vizinha quando Taylor o chamou. Hunter aproveitou para observá-lo melhor, de perfil e com a luz o favorecendo, e percebeu que acabaria respondendo a mensagem se sua foto fosse tão bonita quanto a imagem real. Provavelmente se não fosse, responderia também. A quem ele queria enganar? Brandon fazia seu tipo como fazia o tipo de todo mundo.

— Não quer se sentar com a gente? — Brandon virou rápido demais, não dando a Hunter a chance de desviar e fingir que não o observava.

Um sorriso muito diferente dos anteriores nasceu nos lábios de Brandon, fazendo com que Hunter, já envergonhado, corasse em um tom de vermelho ainda mais forte.

— Tudo bem, você pode olhar. — Brandon estava adorando tudo aquilo. — Fica mais fácil de você responder a minha mensagem se olhar bastante.

Caí em um poço muito fundo de decepção quando Amélia chegou e atrapalhou a resposta de Hunter. Apesar do estado vermelho e confuso, ele estava prestes a pensar em algo afiado a tempo, o que sinceramente foi um desperdício.

— Brandon! Você viu minhas presilhas? Hunter me deu.

Carregando duas garrafas, Amélia se colocou entre os dois e começou a apontar para a própria cabeça. Evitando um acidente que a faria voltar para casa encharcada, Hunter tirou as bebidas de suas mãos e as colocou na mesa. Enquanto isso, Brandon observava atento Amélia explicar sobre como essas presilhas eram o que ela procurava, ignorando o fato de que a amiga já havia contado aquela história umas três vezes antes.

Para o azar de Hunter, Rick, Jane e Taylor notaram a movimentação e trocaram de mesa, arrastando duas cadeiras para o espaço que ele havia declarado seguro e distante. Depois, Piper e Maddie apareceram e, assim, ele desfrutou da companhia de pessoas que não eram suas amigas pelo resto da noite, hora ou outra deixando sua atenção cair não propositalmente no cara à sua esquerda.

Ele viu quando Brandon pegou o telefone de Amélia sobre a mesa e sorriu ao digitar alguma coisa.

Fingiu não ver quando seu celular recebeu uma notificação com uma mensagem de um contato não salvo.

Mas, como ele viu, fingiu não ter reação, ignorando o único emoji enviado por Brandon, tentando não admitir que havia ficado contente com aquilo.



13

2021

A primeira coisa que sinto é uma dor de cabeça terrível. Logo em seguida, meu estômago se revira, provocando uma contração involuntária por todo o meu corpo. Afundo o rosto no travesseiro, tentando fazer a dor sumir, e assim que ela diminui respiro fundo. Me preparo para sentir tudo fora de órbita quando me sento, tentando entender onde estou.

Acho que é o meu quarto. Não o *meu* quarto, no *meu* apartamento, mas um quarto que me pertence.

O canto esquerdo da minha cabeça lateja, fazendo com que eu feche os olhos e pressione as palmas das mãos na testa. Pode parecer dramático, mas não sei se vou conseguir levantar ou sair daqui hoje. Acabo desistindo e me deito novamente no colchão, encostando a cabeça no travesseiro com cuidado.

Como sei que não vou conseguir dormir, repasso tudo o que consigo lembrar da noite anterior: o bar e Maddie, e uma busca por informações úteis sobre a Cidade Fantasma. A gravação da qual desisti para simplesmente encher a cara. Na hora, pareceu uma ideia no mínimo compreensível, mas, agora, me sinto um idiota. Além de não estar mais perto de Adam do que estive nos últimos anos, hoje não consigo me levantar da cama. E, ainda por cima, arrastei Ben comigo.

Ah, não...

Ben.

— Merda, o Ben. — Puxo as cobertas para longe e pulo para fora da cama.

Meu primeiro contato com o chão é mais próximo do que eu desejava, mas não chego a cair. Tropeço nos meus próprios pés devido à tontura, estabilizando cada passo até a porta. A luz do lado de fora é como um golpe, me pegando desprevenido. Levanto a mão direita para cobrir os olhos e sigo andando, descendo

as escadas. No último degrau, tropeço e avanço os três próximos passos com uma corrida desajeitada para retomar o equilíbrio. Meus pais estão na mesa da cozinha, sentados com xícaras de café enquanto observam a cena. Para a minha surpresa, parecem indiferentes ao meu estado, quase divertidos.

— Olha só quem acordou. — Mamãe leva a xícara até os lábios. — A noite foi boa?

— Espero que sim. Você tá terrível, parece que foi atropelado. — Papai soa um pouco mais amargurado, olhando para mim por cima das lentes dos óculos.

— Na verdade, querido — mamãe levanta um dedo, lembrando-o de algo que eu, pessoalmente, não lembro. — Ele foi atropelado.

— Eu fui atropelado? — Repito, meio assustado.

Então era esse o motivo da dor no estômago. Levanto a barra da blusa, encontrando um hematoma roxo no abdômen. Tento lembrar o que aconteceu, mas não chego nem perto da resposta.

— Você é grande, mas não é imortal. — Agora minha mãe está brava. Acho que ver o hematoma despertou a raiva dela. — Precisa tomar cuidado, Hunter. Se você morrer, eu te mato.

Seria muita burrice corrigir sua última ameaça, então só fico quieto. Minha mãe não costumava gritar, mas o tom de voz dela subiu umas duas escalas e isso, sinceramente, já é perigoso demais.

— Alguém pode me contar o que aconteceu?

— Também gostaríamos de saber. — Papai suspira. — Mas seu amigo é muito leal, não quis nos contar.

— Ben?

Ele não estava em condições de absorver informações, então não sei como poderia se lembrar de algo que eu não consigo.

— O loirinho bonito que você não me deu como genro. — Mamãe me corrige. Eles estão falando de Brandon?

— Brandon?

— Ele mesmo. — Ela se inclina um pouco para a frente, tentando parecer casual. — Foi por causa dele que você voltou? Estão tendo alguma coisa?

— Não, mãe. Não tem nada a ver.

— A gente não liga de você decidir namorar alguém daqui, filho. Claro que esperávamos que você arrumasse um namorado ator, famoso, em Nova Iorque, mas o Brandon sempre fo...

— Ele só me deu uma carona. — A interrompo. — E, a julgar pelo nosso histórico, deve ter sido Brandon que me atropelou. Seria uma relação bastante instável.

Mamãe segura uma risada. Deve estar se divertindo com o carma das minhas péssimas escolhas.

— Cadê o Ben? — Me lembro do porquê decidi descer as escadas e passar por essa humilhação em primeiro lugar.

— No sofá. — Papai olha na direção da sala com as sobrancelhas franzidas. — Ele passou a madrugada resmungando coisas em coreano. Não sabíamos o que ele estava pedindo, então o deixamos em paz. Boa sorte.

É, Ben faz isso quando dorme depois de beber. Sua mãe insistiu nas aulas de coreano por muitos anos, um presente ao avô e uma forma de não perder o contato com sua família. Ben diz que não aprendeu direito e que é tudo muito confuso, mas, quando bebe, se torna fluente, o que é bem estranho. Tenho uma teoria de que ele sente medo da mãe o enviar para a Coreia se perceber que ele consegue se comunicar, mas nunca foi confirmada. Pelo menos o senhor Kim fica feliz quando conversa em seu idioma de origem e o neto o entende.

Deixo a cozinha e entro na sala, encontrando Ben desmaiado no sofá. Há algumas garrafas de água na mesa de centro, provavelmente espalhadas pelos meus pais em uma tentativa falha de ajudar.

— Ben? — Chamo-o, baixinho. — Não quer subir e dormir no meu quarto?

Ajoelhado perto dele, passo a mão pelo seu rosto, tirando uma mecha do cabelo que cai sobre seus olhos. Ben parece lúcido por trás das pálpebras, reagindo à luz e à minha voz. Fico aliviado, prometendo a mim mesmo nunca mais envolvê-lo em qualquer evento onde Maddie possa estar de novo.

Quando o chamo pela segunda vez, Ben resmunga algo em coreano e vira para o outro lado. Entendo que é a minha deixa para desistir e me contento apenas com o seu bem-estar físico, levantando do chão com um suspiro. Arrumo as almofadas para que fique mais confortável e o cubro com a manta que minha mãe deixa na sala para noites muito frias, fechando as janelas para bloquear a luz. Quando Ben acordar, espero que não me odeie por tê-lo envolvido nessa situação. E espero que se lembre de tudo o que aconteceu.

Volto para a cozinha, de onde um cheiro me atrai.

— Estou fazendo ovos mexidos para você. — Minha mãe avisa — Senta aí.

Obedeço, e ela deixa um prato na minha frente alguns minutos depois. Papai sai dizendo que precisa resolver alguma coisa na cidade, e eu fico olhando para os ovos mexidos sentindo meu estômago protestar.

— Não consegue comer? — Minha mãe pergunta, sentando-se na cadeira vazia ao meu lado.

Não quero que tenha se esforçado por nada, então balanço a cabeça e começo a mexer no prato. Ela sorri.

— Você estava com a Meredith? — Pergunta um pouco depois.

Faço que sim com a cabeça, a boca ocupada para responder verbalmente.

— Pobre criança. — Mamãe continua a conversa sozinha. — Perdeu os pais, e agora o irmão. Foi bom você ter passado para visitá-la, deve estar sendo solitário.

Engulo os ovos com dificuldade, evitando pensar em como quero muito vomitar.

— Como o Piper morreu? — pergunto com cuidado.

Mamãe me olha, surpresa.

— Você não sabia da morte dele? — E, ao me ver dar de ombros, suspira. — Ele se matou, querido. Sinto muito.

É chocante, na verdade. Muito mais do que é triste, ao menos para mim. Não consigo imaginar o que pode ter feito Piper desistir de tudo, até mesmo de Maddie.

Permito-me sentir o luto por alguns segundos. Mamãe me olha com cuidado e, como não tem as habilidades emocionais de uma amora, como eu, se levanta e me dá um beijo na testa.

— Tudo bem, mãe. — Engulo em seco. — Não éramos próximos.

— Não precisa ser próximo de alguém para sentir, querido.

Ela tem razão, sei que tem. Mas não quero pensar sobre isso agora. Sentir luto por Piper chega perigosamente perto do luto que senti por Adam, e não vou me destruir de novo.

Concordo com a cabeça, em silêncio enquanto minha mãe tira o prato de ovos mexidos ainda pela metade da mesa. Ela percebeu que eu não conseguiria comer, apesar dos meus esforços.



Estou na sala encarando a televisão desligada quando Taylor entra. Mamãe havia me avisado que ela saía com Brandon depois que o garoto me deixou em casa, mas ainda assim me preocupei. Nos acostumamos a cuidar um do outro quando só tínhamos isso, e não deixamos todos os velhos hábitos de lado ainda.

— Nossa, você parece péssimo — é a primeira coisa que ela me diz, ainda fechando a porta da frente.

Está usando um vestido rosa, com os óculos escuros no topo da cabeça. Parece bem, então suponho que Brandon ainda seja um amigo. Quando eles se viram pela última vez, Taylor não tinha completado sua transição. Nos últimos anos, longe dos pais e com o dinheiro que ganhou nos trabalhos que arrumamos por Nova Iorque, ela fez algumas mudanças estéticas. Nariz, bochechas e boca foram as primeiras. Depois, algumas cirurgias. Não entendo muito dessa parte, mas a diferença é óbvia, e sei que há a questão do tratamento hormonal. A Taylor de quando éramos adolescentes não se parece tanto com a de agora, em termos de

aparência. Acompanhei todas as suas mudanças, drásticas ou sutis, mas para Brandon é algo novo, e veio de uma vez só. Algumas pessoas não lidam muito bem com esse tipo de coisa, e, apesar de ele nunca ter me dado motivos para acreditar que seria uma delas, fico feliz de finalmente ter certeza sobre isso. Taylor não suportaria essa rejeição.

— Se você acha que estou ruim, espera pra ver o Ben. — Penso em rir, mas minha cabeça lateja. Junto, meu estômago ronca alto demais.

— Na verdade, estou surpresa que ele sobreviveu.

Apesar de serem meus melhores amigos, Taylor e Ben não sabem mais do que o necessário um do outro. São de grupos sociais diferentes, com interesses e vivências distantes, o que não é tão influente quanto minha luta para manter a vida que tive em Dethaun longe da que tenho em Nova Iorque. Foi uma decisão inconsciente, da qual me arrependo e espero poder mudar. É estranho pensar que as duas pessoas que mais gosto não são amigas.

— Tenho minhas dúvidas de que ele vai se recuperar totalmente. Acho que traumatizei o garoto.

— Por que você o levou até a Maddie? — Taylor se aproxima, sentando-se na poltrona ao lado do sofá. — Não foi sua ideia mais inteligente.

Penso que minha ideia menos inteligente foi carregar Ben escada acima até meu quarto, para que ele pudesse dormir melhor. Minhas costas começaram a doer tanto quanto a minha cabeça, depois disso. Mas pelo menos Ben está confortável. — A ideia não era beber — confesso. — Fui até lá pra saber do áudio, e acabei ficando.

Taylor concorda com a cabeça, em silêncio por alguns segundos nessa sala tensa, cheia de perguntas de ambos os lados.

Faço a primeira.

— Você sabia que o Piper morreu?

Taylor passa as mãos pelos cabelos.

— Sim. Brandon me ligou quando aconteceu, mas não tinha certeza de que iria querer saber... Ou se tinham avisado e estava evitando o assunto.

Entendo. É algo que eu faria.

— Vocês mantiveram contato? — Pergunto, dessa vez me referindo a Brandon.

— Ele sempre foi o meu melhor amigo. Conversamos por mensagem às vezes, mas não é como antes.

— Como foi o reencontro emocionante? — Apesar do tom divertido, é uma pergunta cuidadosa. Só para ter certeza de que correu tudo bem.

— Foi ótimo. — Taylor sorri. — Sendo sincera, entrei em pânico quando o Brandon apareceu aqui. Primeiro porque você estava muito mal, com dor e bêbado,

mas depois que dormiu eu fiquei com medo de novo. Imaginei que a nossa primeira conversa seria em uma lanchonete, com calma para ele assimilar a minha nova aparência, sem grandes emoções. Mas o que aconteceu de verdade passou bem longe disso.

— Sinto muito. — Faço uma careta. Aparentemente, sou um péssimo amigo até inconsciente.

— Não foi um problema. — Ela garante. — Ele insistiu para darmos uma volta depois que te acomodamos, e eu aceitei. A gente conversou, fomos até a casa dele para seus pais me verem, foi... como antigamente, mas de um jeito novo.

Ela parece realmente feliz, então fico feliz também.

— Como estão os Hudson? — Sempre gostei dos pais de Brandon, mais do que do filho deles.

— Barth está reformando a casa para o Daniel começar a dar aulas particulares, mas fora isso não existem muitas novidades.

Taylor me conta sobre sua tarde pelos próximos minutos. Brandon parece o mesmo, assim como seus pais. Ele não virou um atleta agenciado, como imaginei, mas ainda está em vantagem por se responsabilizar em treinar um time infantil de futebol. É um trabalho voluntário que equilibra com as aulas da faculdade, mas é algo que ama, aparentemente.

— Hunter, me sinto na obrigação de fazer algo para você comer. — Taylor se interrompe em algum momento, levantando-se da poltrona. — Não aguento mais ouvir sua barriga roncando.

Meio envergonhado, jogo a cabeça contra o encosto do sofá e encaro o teto. Um murmúrio de desespero escapa pelos meus lábios quando penso em comer e fico enjoado.

— Eu ainda tô passando mal, Tay. Não sei se consigo comer.

— Vou preparar algo especial. — Ela garante, se aproximando para bagunçar meus cabelos antes de seguir para a cozinha. — Uma receita secreta.

— A *minha* receita secreta? — Levanto uma sobrancelha. Quando mudamos para Nova Iorque e passamos a comer uma quantidade não muito saudável de industrializados, encontrei na internet um suco muito estranho que magicamente afastava enjoos.

Levanto-me e sigo para a cozinha, sentando na mesa enquanto Taylor se move em busca dos ingredientes. É na verdade muita sorte que minha mãe goste de cozinhar e tenha frutas não tão comuns em casa.

— Você conseguiu alguma informação sobre o áudio? — Ela pergunta enquanto analisa algumas laranjas da cesta sobre o balcão.

— Nada útil. A Maddie me disse para desistir. — Lembro de repente. — Ela acha que não é o Adam.

— Brandon também acha isso.

— Ele disse o motivo?

Taylor está descascando uma das laranjas, concentrada.

— Na verdade, ele só acha que é um *troll*. Ou uma gravação antiga.

Isso deixa as coisas ainda piores. Se é um pedido de socorro de anos atrás, por que não o ouvimos antes? Por que só apareceu agora?

— Sei que fui o primeiro a negar a ideia de ir atrás do Adam. — Falar isso é difícil, e me esforço para Taylor entender algo que nem mesmo eu consigo. — Mas realmente quero procurá-lo agora. Sinto que vamos encontrar alguma coisa.

Taylor se vira, deixando a laranja meio descascada no balcão.

— Eu nunca te disse para desistir.

Minha primeira reação é surpresa. Talvez eu tenha colocado em Taylor as expectativas que coloquei em mim, pensando que ela correria para longe do problema assim que encontrasse uma boa justificativa para tal. Ela não é covarde como eu. Não tem medo do que pode encontrar ou deixar de encontrar.

— Certo — concordo, por fim, aliviado de saber que não vou continuar sozinho. — O plano é continuar procurando.

— E agora temos uma ajuda extra. — Taylor sorri, orgulhosa.

Franzo o cenho.

— Quem?

Ela volta para as laranjas, evitando me olhar ao murmurar a resposta muito, muito baixo:

— Brandon. Ele concordou em usar o amuleto dele para achar a cidade.



14

2016

Adam passou a ser a única companhia de Hunter na escola. A temporada de jogos estava próxima e Amélia era líder de torcida, o que a deixava sempre distante. Mesmo quando tinha tempo, estava cansada a ponto de dormir no colo de Hunter enquanto viam um filme. Ele acabou se sentindo culpado por tomar tanto espaço importante e desistiu de chamá-la para reuniões supérfluas.

Claro que essa decisão não veio de forma saudável. Ele se martirizou antes de chegar a essa conclusão, decidindo que não queria ser mesquinho. Entendia ser o último na lista de prioridades da vida dela, mas o ciúme sempre que a via andando com Brandon o corrompia. Se não fosse Adam, provavelmente teria sucumbido à ignorância de seus sentimentos, cobrando-a ou descontento suas frustrações nela, e teriam perdido a amizade antes do que aconteceu.

— Hunt?

Adam estalou os dedos na frente dos olhos do amigo, rindo quando um pulo foi sua primeira reação.

— Eu não queria te assustar. Tá tudo bem?

Hunter fez que sim com a cabeça, ignorando a notificação que apareceu no seu celular. Já havia imaginado que Brandon era teimoso, algo em sua personalidade agitada denunciava isso. A quantidade de mensagens que havia recebido dele, porém, mostrou um nível de persistência que Hunter não achava ser possível existir em uma pessoa só. Depois que a festa passou e ele percebeu que não queria o problema que se envolver com Brandon traria, decidiu ignorar o atleta. Era amigo de Amélia e ela poderia não gostar; na melhor das hipóteses, se não houvesse drama por causa dela, haveria entre os dois. Falando por si, Hunter

era muito mais esperançoso do que aparentava ser, e sabia que Brandon não gostava de compromissos. A melhor coisa era ficar longe.

Adam estalou os dedos na frente do seu rosto novamente. Irritado, assoprei para que ele se assustasse com o frio também. Eu gostava de Adam, tive pena de vê-lo implorando por atenção.

— Quem é que fica te mandando mensagem?

Hunter se amaldiçoou por ter deixado tão aparente. Deveria desativar as notificações ou bloquear Brandon.

— É um cara que não sai do meu pé.

Adam riu.

— Quer que eu mande uma foto dizendo que sou seu namorado, pedindo pra ele se mandar?

Hunter riu, mas não achou que fosse uma ideia ruim.

— Ele te conhece, não sei se acreditaria.

— Por quê? Não sou bom o suficiente para ser seu namorado?

Hunter evitou rir dessa vez.

— Porque é complicado. — Não quis explicar que Amélia acabaria desmentindo a informação, mesmo que sem querer. — Mas agradeço a ajuda.

Adam deu de ombros, pegou o próprio celular e começou a vagar pelo *feed* do Instagram. Era um dia calmo em todos os sentidos, sem as piores aulas ou atividades extras. Naquele momento, passavam um tempo na área externa do refeitório, aproveitando um dos poucos dias de sol daquela época do ano. Eram os únicos na mesa, sozinhos uma vez que só tinham um ao outro, mas era o suficiente.

A proposta de Adam invadiu a mente de Hunter por mais tempo do que deveria. Fazia algumas semanas desde a transferência do garoto, semanas desde que Amélia reivindicou sua amizade naquele corredor. Adam era uma pessoa tão fácil de lidar que Hunter se esquecia que o conhecia há pouco tempo, e percebeu naquele momento que não sabia detalhes sobre ele. A proposta de poucos minutos atrás soou como uma brincadeira, mas poderia ter sido um flerte.

Hunter se sentiu mal com o pensamento. Talvez a insistência de Brandon tivesse alimentado seu ego, porque ele nem mesmo sabia se Adam gostava de garotos.

— Adam? — Chamou-o, se arrependendo logo em seguida. Ficou desconfortável para perguntar o que lhe veio à cabeça, então disse a primeira coisa que conseguiu pensar: — A gente devia sair depois da aula.

Meio surpreso, Adam largou o celular na mesa.

— Pra onde?

— Sei lá, qualquer lugar. Podemos jogar videogame lá em casa.

Adam fez uma careta.

— Não sou muito fã de videogames.

Ultrapado, Hunter colocou a mão no peito. Foi de fato uma reação espontânea, já que era um completo viciado.

— Você passa quase todas as aulas jogando nessa porcaria. — Apontou para o celular de Adam com o nariz. — Como não gosta de videogames?

— Ei, tenha respeito. Ele é um clássico. — Adam sentiu necessidade de defender seu aparelho já ultrapassado. — E, pra ser sincero, eu nunca joguei nada em um videogame. Não tenho um e nem amigos que tenham.

Hunter apoiou os dois braços na mesa novamente, sorrindo orgulhoso.

— Agora você tem. E você vai jogar um jogo de verdade.

Com um último olhar ultrapado para o telefone de Adam, Hunter encerrou a discussão. Estava decidido, e seria bom para ele não ficar sozinho mais um dia. Amélia costumava ser sua única distração, mas agora havia Adam. E Adam parecia solitário também.



Os pais de Hunter não conseguiram esconder o choque quando viram que o filho estava acompanhado. Era o primeiro amigo que ele levava para casa desde que havia completado onze anos, com a exceção de Amélia, claro. Ambos ficaram tão animados que não deixaram Adam respirar, oferecendo comida e fazendo perguntas sobre sua vida como se estivessem em um interrogatório.

Hunter se sentiu um pouco desconfortável, o que não o impediu de aproveitar a oportunidade para saber mais coisas sobre Adam. Nunca teria coragem de fazer tantas perguntas sozinho.

— Mãe, chega. — Em algum momento, Hunter achou que eles estavam indo longe demais. — A gente vai subir pra jogar videogame.

Adam gostou dos pais de Hunter no primeiro instante, o que transformou aquela chuva de perguntas em algo quase agradável, e não inconveniente. Ainda assim, preferia estar sozinho com Hunter e ficou grato com a interrupção. Se deixou ser puxado para fora da cozinha, abandonando tanto Alicia quanto seu bolo caseiro.

— Depois me passa o telefone da sua mãe! — A mulher gritou quando Adam sumiu de vista.

Adam respondeu em concordância, rindo pelo modo como Hunter não precisava se esforçar para puxá-lo. Já havia percebido como era bem mais baixo e pequeno em relação ao amigo, mas não sabia que era mais fraco também.

— Chega, cara, vai estragar minha blusa. — Puxou seu braço para longe, quase se desequilibrando na escada.

— Perdi Amélia para o Brandon, agora você para a minha mãe — Hunter resmungou. — Vocês dois são uns ingratos.

Entraram no quarto ao som da risada de Adam. Hunter fechou a porta e cruzou os braços, encarando-o.

— Não tem graça. Sabe que ela estava colhendo informações, né? Você foi tipo um espião.

— Não acho que você tenha muito o que esconder dos seus pais. — Adam já havia parado de rir, distraído com os detalhes do quarto. Seus olhos passaram vagamente pelo armário e pela estante, mas pararam nas paredes cheias de cartazes. — Ou talvez eu esteja errado — finalmente levantou uma sobrancelha, encarando Hunter: — Eles sabem que você é gay?

Os malignos cartazes com aquelas mulheres ainda faziam Hunter acabar em apuros. Ou não, levando em consideração que quase ninguém entrava em seu quarto.

— Eles sabem — esclareceu. — Não estão aí por causa disso.

— Então por quê?

— Não vou te contar, você não é confiável. Vai acabar vendendo a informação por um pedaço de bolo.

Adam não negou. Muito pelo contrário, levantou as mãos em rendição.

— Admito que é a minha fraqueza. Sou facilmente comprado com comida.

— Informação útil, e nem precisei te dar nada pra comer. — Hunter se moveu até a mesa de computador, onde ficava seu videogame. — Imagino o que eu conseguiria arrancar com a quantidade certa de bolo.

Ele mexia no console e na televisão quase ao mesmo tempo, distraído o suficiente para não notar a risada baixa que Adam deixou escapar. De fora, eu conseguia ver claramente o que acontecia, mas Hunter sempre foi um pouco mais lento. Se ele tivesse prestado atenção aos sinais, teria notado o interesse excessivo de Adam nas suas coisas, coletando qualquer informação que conseguisse encontrar das estantes, livros e objetos.

Ele teria notado o interesse de Adam quando perguntou sobre as mensagens, mais cedo. E teria notado, com certeza, suas intenções ao aceitar o convite para ir até a sua casa.

— Você não gosta muito de ler? — Adam perguntou. Estava na frente da estante, encarando a coleção de livros ainda embrulhados.

— Não muito — Hunter confessou, procurando um jogo que Adam pudesse gostar. — Ganho livros dos meus pais, mas não tenho tempo para ler.

— Entendo. — Adam pegou um exemplar da prateleira. — Muitos jogos pra jogar, imagino.

Havia uma provocação ali, mas Hunter decidiu ignorar. Achou o CD certo e sorriu quando pensou que estava prestes a conquistar um colega de jogos, colocando-o no console.

— Esse nome é familiar — Adam comentou, olhando a biografia de um autor na contracapa de um dos livros. — Ele não é um dos nossos professores?

Hunter levantou os olhos, sentado na cama já com o controle em mãos. Adam se aproximou e ocupou o espaço ao seu lado, ainda com a atenção presa no livro. Sem ter a intenção de ser mal-educado, mas ainda sem pedir permissão para tal, colocou os pés sobre o colchão e cruzou as pernas. Hunter esperou enquanto o garoto lia todas as informações em silêncio, perdendo tempo demais analisando os cachos que caíam sobre os seus olhos agora que inclinava a cabeça para baixo. Sentiu um impulso muito forte de tirar a mecha mais grossa, atrapalhando a leitura, segurando o controle bem mais forte para não correr o risco de se distrair.

Quase ri. Se eu pudesse, acenderia um cigarro para assistir ao nervosismo de Hunter. Era um pouco diferente de quando ele teve que lidar com Brandon, se sentia em um território perigoso. Não sabia se Adam estava ao seu alcance e, na verdade, até aquele momento, não havia percebido que se interessava por ele. Brandon o fez se sentir desafiado e até desejado com o flerte barato e sem filtros, mas Adam era uma boa companhia. Um amigo *de verdade*.

Ele balançou a cabeça, certo de que estava confundindo as coisas. Era muito mais carente e emotivo do que gostava de admitir e, levando em consideração que passara os últimos dias se sentindo rejeitado pela sua única amiga, provavelmente projetava frustrações em Adam. Não era justo com ele.

— Você me empresta esse livro? — Adam levantou os olhos, finalmente puxando aquela mecha para trás.

Hunter só concordou, ainda meio atordoado pelo debate interno. Para ajudá-lo, já que não aguentava mais vê-lo em situações desastrosas, sussurrei uma ideia em sua mente.

— Se você não quiser jogar, podemos só ver um filme ou algo assim.

Adam se apoiou na cama usando os dois cotovelos e pensou a respeito.

— Sem chances, eu quero saber o que tem de tão especial em um videogame.

Hunter sabia que ele estava mentindo para agradá-lo, então sorriu.



Quando Adam foi embora, já passava das dez da noite. Em algum momento fiquei entediado e descí as escadas para ver o que havia de interessante ali. Hunter era tão monótono na maior parte do tempo que, com o passar dos anos, me interessei pelos seus pais também. Os mais velhos gostavam de assistir programas de comédia, beber vinho e cozinhar — as partes que eu mais gostava, já que às

vezes alguma coisa pegava fogo — e naquela noite não foi diferente. Depois de fazer o jantar e abrir uma garrafa de vinho, sentaram-se no sofá da sala para falar da vida do filho. Ouvir aquela conversa foi quase tão engraçado quanto assistir a um incêndio, visto que eram de uma geração com ideais e costumes diferentes. Apesar de se esforçarem para acompanhar as atualizações, acabavam caindo em armadilhas. Não sabiam se deveriam ter exigido que a porta ficasse aberta ou se ao menos poderiam ter deixado que subissem e ficassem sozinhos.

— Ele já tem quinze, é normal — o pai murmurou.

A mãe, quase derrubando o vinho, se desesperou um pouco.

— Claro que não! Ele é muito novo. Deveríamos ter pedido que ficassem aqui na sala...

— Pode ser só um amigo.

Não é só um amigo, sussurrei na mente dela, o que resultou em uma expressão assustada.

— Não é só um amigo! Você não viu como o Hunter olhava para ele?!

Aquele pensamento não foi plantado, então me surpreendi. A conexão entre Hunter e Adam ainda era nova e um pouco frágil, mas inevitável. Sua mãe havia percebido, e seu pai também. Não estavam desesperados apenas com a ideia de um filho se desenvolvendo sem que pudessem ajudar. Humanos como eles chamariam de intuição, mas era apenas a sensação deixada pelas peças se encaixando em algo que ia além da compreensão deles.

Acompanhei a conversa dos O'Brien até que decidissem dormir. Os direcionei ao quarto, não deixando que atrapalhassem Adam e Hunter. Apesar de estarem concentrados no videogame e nada além daquilo, era um momento importante para eles, e o que viria a seguir não poderia ser atrapalhado.

Adam recebeu uma mensagem da mãe e só assim percebeu que estava tarde. Ele se levantou da cama, colocou os sapatos e disse que precisava ir. Hunter pausou o jogo para acompanhá-lo, aproveitando o silêncio confortável enquanto desciam as escadas e seguiam para a porta da frente. Era uma noite fria, que fez Hunter se encolher e cruzar os braços. Adam usava a jaqueta verde do dia que se conheceram, protegido do frio.

— Você tinha razão — ele admitiu, sorrindo levemente. — Aquela coisa é bem legal.

— A gente pode jogar sempre que você quiser — falou como se fosse indiferente, desmentido pelo seu coração batendo mais forte.

Adam concordou com a cabeça e acenou em despedida, descendo os degraus da varanda. Hunter pensou em se oferecer para levá-lo, mas o amigo simplesmente pegou sua bicicleta largada nos pés da varanda e montou nela.

— É só um empréstimo — garantiu Adam. — Te devolvo amanhã.

Hunter concordou, deixando que Adam partisse com Vivi, e retornou a entrar em casa. No andar de cima, viu a movimentação de seus pais curiosos, que tentaram fugir antes de serem pegos e falharam.

Ele apenas riu, nem um pouco incomodado.

Mas talvez eu colocasse alguns pesadelos nos sonhos deles.



15

2021

Quando Brandon toca a campainha de casa, estou só parcialmente recuperado da ressaca. O suco milagroso de Taylor amenizou a dor de cabeça e um pouco do enjoo, permitindo que eu conseguisse comer um pouco de cereal com leite. Apesar disso, ainda sinto meu corpo lento e pesado. É como se eu estivesse sem dormir há dias; nunca fiquei assim depois de uma noite de bebedeira.

— Ele chegou — Taylor anuncia, pegando a bolsa sobre o sofá e correndo até a porta.

Ela insistiu que deveríamos levar comida e água. Não soube como expressar meu pessimismo em relação a essa busca, já que provavelmente estaríamos de volta em pouco tempo, exaustos e frustrados por não conseguir encontrar a Cidade Fantasma.

Lentamente, me levanto da poltrona e a sigo para o lado de fora. Ben ficará chateado quando acordar e perceber que saímos sem a sua presença. A culpa, entretanto, não influencia na minha decisão de deixá-lo para trás. As visitas à Cidade Fantasma estão completamente fora de cogitação para Ben, farei tudo o que puder para não o colocar em perigo.

Brandon trouxe seu amuleto: o Mustang branco que pertencia ao seu pai, Daniel, quando era adolescente. No passado, quando queríamos encontrar a Cidade Fantasma, entrávamos nesse carro e dirigíamos sem rumo até que as ruas comesçassem a mudar, ou a floresta a escurecer, e a fonte de tubarão quebrada aparecesse. Era a porta de entrada mais comum, visto que em outros casos, quando a cidade nos puxava sem a nossa permissão, nunca sabíamos exatamente qual amuleto era o responsável por nos levar.

Desço as escadas da varanda ao lado de Taylor. Brandon está encostado contra o carro, ambas as mãos nos bolsos da calça e uma jaqueta vermelha e branca. Apesar dos anos, ele não envelheceu sequer um dia; tem o mesmo cabelo dourado bem penteado, os mesmos olhos claros, o mesmo sorriso de covinhas e a pele bronzeada. Também tem — não que eu tenha reparado muito — o mesmo porte físico de atleta, o que me faz lembrar de seu emprego de meio período como treinador. Taylor mencionou que ele cursa alguma coisa na faculdade, e agora estou curioso sobre qual profissão escolheu depois de não conseguir virar um jogador profissional.

— Como está a ressaca? — Ele pergunta, olhando para mim ainda sorrindo.

Taylor o cumprimenta com um abraço rápido e, quando se afastam, estou muito consciente do olhar divertido que Brandon me lança. Sua última pergunta é no mínimo inconveniente, visto que ele deveria simplesmente fingir que a noite passada não aconteceu. Há um código para esse tipo de situação, até onde minha experiência pode contar, no qual as pessoas se ajudam e depois esquecem das piores partes.

Mas, se ele quer falar sobre isso, não serei o primeiro a fugir. Não é exatamente um segredo.

— Poderia ser pior. — Em contrapartida, penso que não poderia.

Ele sorri muito largo, provavelmente acha graça de algo que não consigo lembrar.

Irritante.

— O que diabos aconteceu ontem, afinal? Por que eu fui atropelado?

Se antes ele se segurava para evitar rir, agora Brandon não tenta disfarçar. Apesar de não saber ainda o que aconteceu, sinto as minhas bochechas esquentarem à medida que sua risada gradativamente aumenta, quase como se meu corpo se sentisse culpado. Taylor, diante do momento constrangedor, balbucia que esqueceu algo em casa e some de vista, nos deixando sozinhos.

Brandon não se preocupa com a saída pouco discreta dela.

— Você não foi atropelado... Não exatamente.

— Que merda isso quer dizer? — Quando percebo que fui rude, já é tarde demais. Às vezes é difícil segurar meu temperamento e, na maioria das vezes, estou errado. Mas Brandon é realmente um pé no saco.

— Você sempre teve a boca muito suja, Hunter. Ainda bem que não respondeu às minhas mensagens, meus pais não te aprovariam.

— Conta logo o que aconteceu — ignoro o flerte.

Brandon suspira.

— Você estava muito alterado — avisa, um pouco mais sério.

— Sim?

Ainda há um sorriso em seus lábios, exibindo as covinhas perfeitas. Ele desvia o olhar e está claramente se esforçando para não rir.

— E você meio que tentou pular para fora do carro.

Não demonstro reação, então ele continua:

— Enquanto ele estava em movimento.

Esperei por qualquer coisa, menos isso.

— Por que eu faria uma coisa dessas? — Finalmente encontro algo para dizer.

— Eu não sei, Fantasma. Me diz você.

— Se eu soubesse, não estaria te perguntando — resmungo. — Eu não disse nada antes de pular?

— Não. Só abriu a porta e saltou, como se estivesse em um filme. Foi bem sexy, tirando a parte que você vomitou no asfalto e eu quase morri do coração.

Deus. Isso não pode estar acontecendo. Nunca mais vou beber com Maddie. Enquanto essa memória viver na minha cabeça, talvez nunca mais beba com ninguém. Extremos como esse não são comuns na minha vida — costumo ser um bêbado rabugento, às vezes um bêbado atirado, mas não um bêbado *suicida*. Estou começando a achar que fui drogado, que Maddie me deu alguma coisa. É a única explicação.

— Você nem mesmo me levou a um hospital — percebo, indignado. — E se eu tivesse me machucado?

— O carro nem tava andando direito, até uma bicicleta nos ultrapassaria. Além do mais, você me chutou e me bateu o caminho de volta todo, com certeza não estava sentindo dor.

Agora sou um bêbado agressivo também. Se não fosse tão cético, diria que Dethaun mexe com as minhas energias ou algo do tipo. Ou talvez minha aversão a Brandon se multiplique com o efeito do álcool.

— Devia só ter me deixado no bar — percebo tarde demais que pensei em voz alta.

A expressão de Brandon suaviza e o sorriso divertido se transforma em um tipo irritante e convencido.

— Eu nunca faria isso com o cara por quem tenho uma queda. Sou um cavalheiro.

— Pelo amor de Deus — reviro os olhos. — Você ainda não tem um namorado?

— Você sempre teve interesse demais na minha vida amorosa — observa. Como ele consegue distorcer tudo? — Mas nunca respondeu às minhas mensagens. Sinceramente, é difícil de entender.

— Só estou curioso, Brandon. Ser ignorado por anos deveria ter te dado um sinal de que não estou interessado.

— Vocês dois — Taylor interrompe a resposta de Brandon, saindo de dentro da casa com mais uma bolsa de suprimentos. — Temos que ir antes que escureça. Podem trocar farpas mais tarde.

Me sinto um pouco infantil por ter perdido tempo com essa conversa quando tantas outras coisas mais importantes estão acontecendo, mas Brandon realmente consegue me irritar, sempre foi um de seus dons. Concordo com Taylor, já entrando no carro para ocupar um dos bancos de trás. Brandon se acomoda atrás do volante e minha amiga se senta ao seu lado, no passageiro. Ela me olha pelo espelho retrovisor por um breve segundo, e trocamos um meio sorriso nervoso, de repente conscientes do que estamos prestes a fazer.

Brandon confere se estamos todos prontos antes de ligar o motor. Ele gira a chave com cuidado, quase como se esperasse que um de nós pedisse para desistir. Como isso não acontece, simplesmente engata a primeira marcha e dirige. Observo pelo vidro traseiro a rua calma na qual cresci se distanciar, sumindo completamente quando entramos no centro da cidade.

— O melhor caminho é pela estrada do bar — Taylor nos lembra. Fomos puxados muitas vezes perto dela.

Brandon concorda e segue até que árvores cerquem os dois lados do carro. Apesar de ser apenas três da tarde, o céu nublado escurece o dia e nos passa a sensação de que é quase noite. Não ligamos o rádio enquanto seguimos, nem conversamos. Sabemos que a Cidade nos acolheu em meio a conversas turbulentas, mas agora temos medo de ela nos rejeitar até por estarmos falando demais.

E há a tensão, claro.

Taylor sustenta aquele olhar pelo retrovisor muitas vezes. Aflita por mim mais do que por si. A tranquilizo com um aceno de cabeça, tentando transparecer segurança, e até sinto estar fazendo um bom trabalho. Podemos encontrar Adam, temos ajuda.

Mas a calma que construí é frágil, e ela se quebra em pedacinhos quando meu telefone toca. O simples fato de o silêncio ser corrompido me deixa instável, nervoso, e eu me sinto mal de novo, mas procuro afastar tudo ao menos para ver quem está me ligando.

Não muito surpreso, vejo que é o Ben. Penso em ignorá-lo, como fiz em Nova Iorque, mas depois de ontem ele deve estar à beira de um surto. Devo explicações e um pedido de desculpas.

— Alô?

Do outro lado da linha, um chiado.

— Cara, o meu carro! O que aconteceu com o meu carro?

Quando pensei sobre Ben surtando, não cogitei que essa fosse ser a sua primeira preocupação. Para ser sincero, havia esquecido completamente de seu

carro até agora.

— Ele ficou no bar — não falei com Maddie, mas deduzo que ela o guardou.
— Vou buscar mais tarde.

Ele parece aliviado, emitindo um suspiro longo e demorado do outro lado da linha.

— Graças a Deus! Ainda estou pagando por ele. Cadê você?

Nervoso, procuro Taylor e Brandon, mas ambos estão distraídos com a estrada.

— Precisei sair para resolver uma coisa. — Tento soar despreocupado. — Volto em algumas horas. Tem suco pra ressaca na cozinha, precisa beber se quiser ficar bem logo.

Ele murmura em concordância. Logo em seguida, uma movimentação acontece e ouço os passos de Ben enquanto ele se move.

— Parece horrível — ele comenta, provavelmente se referindo ao suco.

— Não é pior do que a dor de cabeça que está sentindo, confie em mim.

Com um murmúrio, ele concorda.

— Não esquece o meu carro — pede, já em tom de despedida. — E, por favor, toma cuidado.

Era claro que Ben não acreditaria em uma desculpa sem esforço, como a que dei. Ele desliga o telefone depois que concordo em não fazer alguma besteira, e sorrio ao pensar nele tentando tomar coragem para beber o suco.

Mando uma mensagem para a minha mãe, pedindo que grave para mim.

— Ele está bem? — Taylor olha pra trás, preocupada. — Quando chegaram, Ben parecia pior do que você.

— Ele está *sobrevivendo* — contenho uma risada, vendo a resposta positiva que minha mãe manda.

Enquanto digito uma mensagem sugerindo um bom ângulo para a gravação, o telefone volta a tocar. Deduzo ser uma chamada de Ben reclamando do gosto do suco ou perguntando se não tem outra opção, e levo o telefone ao ouvido já esperando sua voz.

Sou surpreendido com um chiado horrível, que me assusta.

— Alô? — a voz dele ecoa ao fundo, entrecortada como uma rádio em má sintonia.

Tampo a orelha livre com a mão para tentar ouvi-lo melhor.

— Ben? Aconteceu alguma coisa?

Afasto o telefone do rosto, checando se o número no visor é mesmo o dele. Quando volto a tentar escutá-lo, os chiados diminuíram.

— Você está me ouvindo? — ele pergunta.

Ele, no caso, não se parece com Ben.

A voz é completamente diferente.

— Quem está falando?

Mais uma série de chiados, então a voz retorna e está muito, muito clara.

— Hunter? É você?

Sinto tanto frio que um mal-estar súbito me faz perder a voz. Seguro o encosto do banco de Taylor com força, tentando recuperar os sentidos, e fecho os olhos. Minha primeira reação é murmurar o nome de Adam, inconscientemente apertando o telefone contra o ouvido. Ao ouvir, Brandon para o carro em uma freada tão brusca que sou jogado para a frente. É quando percebo que estou gritando.

— Adam, é você? É você mesmo?

— Hunter, você está vindo me buscar?

A voz definitivamente pertence ao Adam, e isso me faz congelar. Brandon e Taylor olham para trás com expressões muito parecidas de espanto, ambos esperando, assim como eu, por uma reação. A mão segurando o telefone treme enquanto a outra, ainda apertando o encosto do banco da frente, começa a ficar roxa. Estou depositando muita força em ambas e as sinto doer, só que não consigo parar. Não consigo me obrigar a falar alguma coisa.

— Hunter — Adam suplica do outro lado da linha, dessa vez limpa e sem ruídos. — Onde você está?

O desespero na sua voz parte o meu coração. Ele parece tão assustado que soa como uma criança, uma versão de si mesmo que jamais conheci. Pisco os olhos, evitando deixar que isso me derrube a ponto de começar a chorar e pedir para que volte, para que me ajude a encontrá-lo. Preciso ser racional e aproveitar este único e possivelmente último contato para conseguir informações.

Respiro fundo. A súplica para ele nos ajudar a entrar na cidade estava na ponta da língua, morrendo quando olho para a frente. Brandon e Taylor me encaram enquanto foco no espaço entre eles, na imagem que aparece do outro lado do vidro sujo do Mustang: um tubarão de pedra me encara, com dentes arregalados e olhar voraz.

Limpo a garganta, respiro fundo. Mantenho o controle.

Digo:

— Estamos aqui, Adam. Viemos te buscar.

E a ligação cai.



16

2016

Uma buzina estridente pegou Hunter de surpresa quando ele colocou os pés para fora de casa, naquela manhã. Ainda assim, o susto não foi tão grande quanto a surpresa de identificar o carro branco de Brandon. Piscou, confuso a ponto de cogitar ainda estar dormindo, mas acabou se aproximando, sendo observado pelo motorista a cada passo. Inclinou-se minimamente para enxergá-lo melhor, sorrindo quando Hunter precisou se apoiar nos joelhos para encará-lo pela janela.

— Oi, *Fantasma*. Entra aí.

Hunter levantou uma sobrancelha, sem se mover. Brandon suspirou e apoiou o braço direito no banco do passageiro.

— Adam falou para a Amélia, que me falou que você está sem sua bicicleta. E não que você mereça, já que ignorou todas as minhas mensagens, mas achei que precisaria de uma carona.

Hunter emitiu um som de entendimento enquanto arrumou a postura, finalmente assimilando tudo. Olhou para trás, meio que avaliando se deveria recusar, e encontrou seus pais empoleirados na janela da cozinha, espiando de uma forma que deixou o filho constrangido. Hunter já sabia o que aconteceria se recusasse a carona para caminhar até a escola: seus pais o encheriam de perguntas sobre os motivos, e ele não teria paz sobre isso.

— É melhor que sua direção seja melhor que sua coleção de emojis — resmungou ao abrir a porta.

Satisfeito, Brandon sorriu. Ele observou enquanto Hunter se espremia no espaço pequeno, sendo alto demais para conseguir sentar-se confortavelmente junto com a mochila. Ele tentou colocar a bolsa no colo, até entre as pernas, mas sempre ficava meio estranho, e essa briga com seus pertences só terminou quando

Brandon a puxou de sua mão e a colocou no banco de trás. Precisei desviar para não ser acertado por ela, perdendo o lugar que havia ocupado no segundo dos três espaços do assento traseiro.

Quando voltou a postura para a frente, Brandon deixou o braço no encosto do banco do passageiro. Não acho que foi proposital, mas sim um costume, já que ele sempre se apoiava ali quando se sentia confortável.

— Por que me chamou de fantasma?

Brandon, talvez se esquecendo momentaneamente do que havia dito há poucos minutos, franziu o cenho. Mas, assim que entendeu a pergunta, sorriu.

— Você é pálido e meio assustador. Sei que existe, mas quando mandei mensagens não recebi respostas. Parece um fantasma raivoso se comunicando por pequenas manifestações, tipo no aniversário da Amélia, quando se sentou no canto do salão e ficou lá olhando pra todo mundo como se fosse uma assombração.

— O que você tá falando não faz sentido algum — Hunter resmungou, revirando os olhos.

Ele não podia negar que Brandon foi o único a tentar se aproximar durante o aniversário de Amélia. Ao contrário do que o atleta pensava, porém, não era uma coisa boa: a interação trouxe a Hunter momentos de socialização com pessoas que não eram suas amigas, e uma série de mensagens com flertes baratos.

Hunter se afastou daquela memória e, quando voltou para a realidade, percebeu Brandon muito perto. Bateu na mão dele, fazendo com que puxasse o braço.

— Viu? Um fantasma raivoso.

— A Amélia que pediu pra você fazer isso? — Não seria novidade uma tentativa de aproximar Hunter de Brandon.

— Foi o que eu disse quando cheguei. — Brandon começava a manobrar o carro, a fim de dar meia volta na rua.

Verdade, mas não era aquela a pergunta. Hunter não quis explicar sua verdadeira dúvida e olhou pela janela em silêncio. Enquanto Brandon dirigia, ele tentava ficar menos irritado com Adam por ter roubado sua bicicleta e causado aquela situação.

A escola não era muito longe, mas Brandon dirigia com cuidado. Quando estavam a alguns quarteirões do destino, algo aconteceu e os planos mudaram: Brandon suspirou, parando o carro rente a uma calçada. Não deu qualquer aviso prévio sobre suas intenções, o que deixou Hunter em alerta.

— O que há de errado? — Perguntou quando Brandon desligou o motor.

— Olha, vou ser sincero — se virou para Hunter, voltando a apoiar a mão no encosto do banco do passageiro. — Eu tô tentando facilitar as coisas.

Hunter precisou conter o impulso de recuar diante da aproximação física. Era maior que Brandon, se recusava a fugir como se ele fosse uma ameaça.

— O quê?

— A Amélia tá se sentindo um lixo. Ela quer passar mais tempo com você, mas é complicado. Com as provas, nossos trabalhos e os treinos de líder de torcida, ela quase não consegue te ver.

— E...?

Hunter não estava sendo difícil: realmente não entendia aonde Brandon queria chegar. Ou o que ele tinha a ver com a crise na sua amizade com Amélia.

— Seria mais fácil se fôssemos todos amigos, entende? Pra ela não precisar escolher com quem vai gastar seu tempo livre.

Hunter enfrentou uma série de emoções com aquela sugestão. Primeiro, confusão; depois, uma espécie estranha de desconforto e, por último, raiva.

— Esse foi o motivo de ter dado em cima de mim?

— Em minha defesa, eu te pegaria se você realmente me desse uma chance, mas admito que também pensei na possibilidade de virarmos um grupo.

Ele quis rir. O som morreu na ponta de sua língua, virando uma bufada de ar indignada.

— Merda, você é pior do que eu imaginava.

— Não cometi nenhum crime. Sempre tentei te incluir no grupo, não é uma tentativa recente. Nos esforçamos, mas você nunca nos deu uma chance. Pensei que se eu fosse direto, talvez percebesse as minhas intenções altruístas.

O tom meio debochado na última frase acabou com todas as chances de Hunter levar o discurso de uma forma amigável.

— *Não quero* ser amigo de vocês — respondeu prontamente.

Era meio que mentira, claro. Quem não queria ter amigos? Mas Hunter era orgulhoso, se recusava a deixar que o tratasse, como um caso de caridade ou um projeto de administração para o tempo livre de Amélia.

Brandon pareceu ultrajado. Eu sabia que suas intenções eram boas, que gostava de Hunter e realmente o queria no grupo, mas a forma como se expressava estava fazendo tudo soar de um jeito diferente.

— Qual é o problema? Não usamos roupas pretas o suficiente?

— Realmente não quero andar com pessoas que usam uma jaqueta de time para qualquer coisa.

Foi a gota d'água para Brandon.

— Você realmente se acha melhor que nós! Sei muito bem como são caras como você. Olhe pra mim, eu toco guitarra, tenho tatuagens e um passado sombrio. Eu sou tão mais interessante.

Hunter finalmente se retraiu no banco, quase se jogando contra a porta ainda fechada quando se virou para encarar Brandon. Estava atônito, à beira de um surto de raiva que o faria começar a gritar.

E, bem, sua próxima resposta veio em um grito.

— Eu não toco guitarra, você não me conhece! Cala a porra da boca e me deixa em paz.

— É exatamente disso que eu tô falando! A gente não se conhece porque você sempre se isola e não deixa ninguém tentar ser seu amigo. Faz anos que a gente tá nessa, cara. Desiste!

— Desiste do que?

— De se sabotar. Não é possível que você realmente goste de ser sozinho. Já pensou em fazer terapia?

Hunter respondeu com uma cotovelada. Ele não planejou aquilo, foi um reflexo causado pela raiva. Infelizmente para Brandon, estavam muito perto um do outro e o golpe foi certo.

Hunter saiu do carro e fez questão de bater a porta. Não deveria ter aceitado aquela carona, para início de conversa, mas agora o estrago já havia sido feito. O seguiu enquanto o garoto tentava se acalmar, respirando e inspirando repetidas vezes ao caminhar pela calçada. No carro, Brandon assimilava o que havia acontecido. Ele precisou de dez segundos para se recuperar e ligar o motor, irritado consigo mesmo por ter estragado as coisas. Geralmente, conseguia o que desejava com charme e diálogo. Levar uma cotovelada era novidade.

Senti a indignação crescer dentro dele em diversos estágios. Primeiro, raiva pela agressão; depois, desespero por estar perdendo o controle de uma situação que ele mesmo criou. O encorajei a tentar convencer Hunter de que sua sugestão era a certa. Foi preciso apenas um pensamento para Brandon voltar a conduzir o carro, lentamente acompanhando os passos do outro garoto, rente à calçada.

Não seria fácil para Brandon e, sinceramente, eu gostaria de ver o que aconteceria se eles conseguissem se acertar. Por isso, acabei sussurrando para Hunter coisas que posteriormente me arrependi de ter implantado em sua cabeça, porque aquelas foram as palavras que o levaram à Cidade Fantasma.

Ele tinha razão, foi a frase que escolhi. No mesmo instante, ouvi sua defesa. Para Hunter, Brandon estava sendo intrometido e sem noção. Ele não entendia que era verdade: nos últimos anos, o atleta fez muitos esforços para incluí-lo no grupo. Hunter não percebia porque não prestava atenção, mas foram inúmeros convites e cumprimentos simpáticos ignorados. Brandon podia ser narcisista e arrogante — sua preocupação flertava com a rejeição, já que estava acostumado a ter muitos adoradores —, mas Hunter também era um pé no saco.

Você podia fazer isso pela Amélia, voltei a sussurrar. Seria melhor para todos se simplesmente fossem amigos. Por que insiste tanto em ser uma aberração solitária?

Como esperado, aboliu todos aqueles pensamentos. Em contrapartida, foi incapaz de ignorar Brandon e o Mustang branco acompanhando seus passos.

— Hunter! Desculpa, cara, sério. Por favor, entra no carro, vamos resolver isso. Eu não queria uma briga.

Ignorando-o completamente, Hunter puxou o celular e os fones de ouvido da bolsa. Colocou uma música no volume máximo e seguiu andando como se o carro ainda não o acompanhasse. Durou alguns segundos, mas logo a buzina alta e estridente do Mustang ultrapassou as barreiras musicais que havia criado. Hunter interrompeu a caminhada, irritado com a ideia de chamar a atenção daquele jeito, e puxou os fones.

Encontrou Brandon, como esperado. Mas ele parecia diferente. Exibia olhos arregalados e engoliu em seco assim que percebeu que conseguiu a atenção de Hunter, então sussurrou:

— Fantasma, olhe ao redor.

E, sem conseguir conter a curiosidade, ele obedeceu. Moveu a cabeça para o lado, direcionando a atenção para nenhum lugar em específico. Ainda assim, encontrou algo que não esperava: uma grande estátua de tubarão, quebrada e obviamente antiga, tão perto que Hunter deu um passo para trás, assustado.

— Entra no carro — Brandon sussurrou, e foi uma sugestão incontestável. Hunter andou sem se virar, dando passos para trás com o olhar fixo no tubarão.

Assim que se sentou no banco do passageiro, novamente ao lado de Brandon, se permitiu entrar em pânico. Ele não conhecia aquele lugar e não entendia como haviam parado ali tão de repente. O frio da Cidade Fantasma o corroía por dentro, fazendo-o tremer violentamente quando combinado com o medo.

— Brandon, que lugar é esse? — perguntou baixinho.

— Eu não faço ideia. Não sei como viemos parar aqui.

Hunter checkou o celular: sem sinal. Fora do carro, não havia telefones públicos à vista.

— Dê meia-volta, talvez consigamos chegar à escola.

Brandon olhou para Hunter e sentiu sua incerteza. Nenhum dos dois acreditava que aquilo iria acontecer, mas era a única opção. Ele concordou, ligou o carro e começou a andar devagarinho pela rua malfeita de paralelepípedo, contornando a praça e a estátua de tubarão que Hunter percebeu, então, ser na verdade uma fonte desativada.

Pararam em frente ao prédio de uma delegacia. Não precisavam de palavras para entrar em acordo sobre a decisão: procurar a ajuda da polícia era uma saída

viável. Desceram do carro ainda em silêncio, sentindo o frio mais forte, e atravessaram a calçada para chegar à porta de entrada do prédio. Parecia tão antiga e velha quanto a estátua.

— Não tem ninguém lá dentro. — Brandon colocou as mãos em concha ao redor dos olhos, espiando pelo vidro da porta. — Parece que está abandonado.

— *Tudo* aqui parece abandonado — Hunter comentou, analisando o restante da cidade.

— O que devemos fazer?

— Olha, tem alguém ali — Hunter o interrompeu, apontando para o outro lado da praça. Correu antes que Brandon pudesse impedi-lo, passando pela estátua de tubarão como se ela não fosse mais tão assustadora. — Ei, espera!

Permaneci parado quando notei que Hunter seguia na direção da igreja. Não havia nada que eu pudesse fazer por ele, se decidisse entrar. A criatura dentro dela procurava uma pessoa em específico, mas aquilo não a impedia de ser cruel com quem cruzasse seu caminho.

Ao chegar no pé da escadaria, o garoto parou, sem fôlego. Brandon chegou atrás dele, nem um pouco cansado. Buscou respostas, lançando um olhar confuso dele para a porta da igreja, mas Hunter estava concentrado em algo lá dentro, atrás das portas entreabertas.

— Não estou vendo ninguém — Brandon comentou, por fim.

— Ali. — Hunter apontou. — Lá dentro.

Para ser sincero, também não vi nada a princípio. Mas, então, como se tivesse sido convidado a sair, as portas da igreja se moveram e a Criatura deixou a igreja. Hunter e Brandon deram um passo para trás, sentindo o frio dilacerante que a presença trouxe para a cidade. Pensei em interferir, apesar de ser dia e, tecnicamente, não haver perigo, mas a Garota apareceu ao meu lado.

— Foi isso o que aconteceu no parque — informei, reconhecendo o mesmo padrão.

Na frente da igreja, a Criatura descia os degraus com calma, um passo de cada vez, suas botas batendo no concreto com um som oco e irritante. Seus olhos finalmente mudaram, o azul muito intenso parecendo brilhar, fazendo com que Hunter e Brandon finalmente entendessem que ele não era um aliado.

— Devíamos interromper? — a Garota perguntou, meio aflita.

— Não. Se pudesse alcançá-los já estariam presos na igreja. Vamos esperar, talvez ele conte o que quer.

Senti seu olhar esquadrihar a lateral do meu rosto. Sempre fui mais alto do que ela, mas a Garota havia aprendido a ser inquisitiva.

— Você está deixando de me contar alguma coisa.

Apontei para eles com a cabeça, evitando sorrir quando a Garota revirou os olhos. Odiava joguinhos e eu sabia disso, entretanto gostava muito de vê-la confusa.

Na frente da igreja, Brandon e Hunter ainda não entendiam exatamente o que acontecia. A Criatura chegava ao último degrau, ainda em silêncio. A luz do dia caiu sobre seu rosto, iluminando ainda mais os olhos não humanos. Assim como eu, se parecia com um homem humano, mas ao contrário do que sempre fiz, não procurava esconder sua verdadeira natureza. Por isso, Hunter e Brandon deram as mãos, certos de que algo estava errado e de que, talvez, aquela situação fosse irreversível.

A Criatura estava prestes a dizer algo quando a cidade sumiu. Hunter e Brandon se viram no meio daquela rua pouco movimentada que dava acesso à escola, a mesma na qual tiveram a briga.

Hunter foi o primeiro a notar que ainda estavam de mãos dadas, soltando Brandon tão abruptamente que o atleta se assustou. Ele deu um passo para trás, ainda chocado com o que aconteceu, tão confuso que cheguei a sentir pena dele.

Gostaria de ficar para ver suas reações, mas precisava voltar para a Cidade e verificar o que havia acontecido.

Entender o porquê de a Criatura ter voltado e, principalmente, o porquê de ter demonstrado tanto interesse em Hunter e Brandon — não como pessoas e não como almas, mas como *aliados*.



Cinco minutos se passaram. Ainda assim, não conseguimos reunir a coragem necessária para deixar o carro. Brandon e Taylor se assustaram quando viram a estátua de tubarão logo à nossa frente, já que ela não estava ali alguns segundos antes, e gritaram em uníssono, mas eu não emiti nenhuma reação além de choque por ter falado com Adam.

Brandon é o primeiro a se mover. Ele abre a porta e desce do carro, os olhos fixos na estátua enquanto Taylor o observa com cuidado. Um pouco depois ela segue seus passos, me deixando sozinho, e ambos ficam parados do lado de fora como se estivessem em transe, surpresos demais com o sucesso do plano para notar que está muito mais frio agora do que antes.

Respiro fundo antes de sair do carro também. Faço isso com um misto de nostalgia e medo, culpando a estranheza de estar pisando nessa praça outra vez. É inevitável não reparar que a Cidade Fantasma parece a mesma. Anos se passaram e as coisas deviam estar piores, destruídas e enferrujadas, mas é como se o tempo tivesse parado depois que a abandonamos.

Como se estivesse apenas *nos esperando*.

Começo a andar, ultrapassando Taylor e Brandon. Sigo para o meio da praça, onde o tubarão nos recebe com seus dentes pontiagudos. O encaro por alguns segundos, certo de que esses olhos de pedra viram muita coisa, histórias inimagináveis.

— Olha — Brandon aponta para algo na fonte. — São as nossas garrafas. Da sua festa de aniversário.

Sim, a noite em que decidi dar uma chance e aceitar que me fizessem uma festa de aniversário. A única vez na vida que me rendi à ideia de ter amigos e a

noite na qual perdi Adam. As latas e garrafas de cerveja ainda estão aqui, espalhadas pelo chão, assim como parte da fogueira.

— Não podemos perder tempo. — Taylor lembra, evitando olhar para o que sobrou daquela noite. — Vamos nos separar para encontrar Adam.

— É melhor ficarmos juntos — sugiro. Não me agrada a ideia de perdê-los de vista.

Ela concorda. Brandon também.

— Você recebeu uma ligação do Adam — o atleta relembra, falando sobre o ocorrido pela primeira vez. — Consegue ver o número? Se for um telefone fixo, pode ser de alguma das casas.

— Apareceu como se fosse uma chamada de um dos meus amigos.

Brandon franze o cenho.

— Bizarro.

É mesmo muito bizarro, então não acrescento nenhum outro pensamento à observação.

— Deve ter um mapa da cidade na delegacia. — Taylor aponta para o prédio à direita da praça. — Assim não vamos nos perder, certo?

— Me lembro pouco desse lugar — Brandon concorda. — Definitivamente precisamos de um mapa.

Juntos, atravessamos a praça e seguimos para a delegacia. Como na primeira vez em que estive aqui, parece vazia e abandonada, com a porta de vidro suja nos dando uma visão do que há dentro. Há um mapa acima do balcão da recepção, esperando por nós. Entramos e Brandon me ajuda a tirar o quadro da parede — ele se equilibrando em uma caixa e eu simplesmente em pé, como sempre alto demais para os padrões de qualquer um. Taylor o apoia em uma mesa e com cuidado, descola a parte de trás do quadro para retirarmos o papel. Felizmente, não é tão grande e conseguimos abri-lo segurando-o com as duas mãos.

— Devíamos começar com prédios públicos — sugiro. — Onde há telefones em todos os lugares. Depois, partimos para as casas, onde vamos ter mais trabalho.

Brandon e eu espiamos o mapa por cima do ombro de Taylor, a mais baixa do grupo. Ela aponta para onde estamos, na praça com o tubarão.

— Loja de doces, fliperama e a delegacia são os mais próximos. Começamos por esses, então.

Concordamos e, em conjunto, nos viramos para observar o salão de entrada da delegacia. Taylor enrola o mapa com cuidado e o segura perto do corpo como se fosse uma relíquia, esperando Brandon e eu darmos os primeiros passos, o que fazemos com um pouco de hesitação.

Lembro da primeira vez em que estive aqui, com Brandon, e de como tivemos medo do que vimos. Hoje entendo que a Cidade Fantasma aparecia quando

precisávamos dela. Brigas e momentos de solidão e tristeza eram sempre interrompidos por sua presença, como se a cidade escolhesse nos fornecer uma saída. Éramos acolhidos e, talvez, tenhamos confiado nela justamente por isso. A interpretamos como um refúgio, e não como parte do problema. É possível que estivesse se aproveitando da nossa vulnerabilidade, que tenha feito o papel de um parasita enquanto achávamos que era uma aliada.

O desaparecimento de Adam mostrou que sempre estivemos sozinhos. Que a ideia de um coletivo — como se ela nos entendesse como grupo — era falsa. Não me lembro da Cidade Fantasma acolhendo Adam, nem Bill, e olha como ambos terminaram. Apesar de isso me aterrorizar, começo a pensar que há raiva e crueldade no destino deles, e que talvez a cidade tenha influenciado essas tragédias mais do que gostamos de admitir.

— Isso não estava aqui antes. — Brandon aponta a lanterna do celular para um armário de arquivos.

Balanço a cabeça e decido me concentrar na busca, deixando as memórias para trás. A cidade, além de tudo, sempre nos afetou fisicamente, causando desconforto e cansaço quando passávamos muito tempo nela. Preciso concentrar minhas forças em me manter bem e acordado.

Brandon abre uma gaveta cheia de papéis. No passado não tínhamos muitas chances de explorar a cidade e conhecemos apenas alguns de seus pontos. A delegacia foi um dos poucos lugares que vasculhamos, já que fica bem próxima da fonte. Lembro bem de não haver arquivos ou fichas nelas, chegamos a deduzir que a polícia havia retirado tudo. É estranho o fato de agora ter aparecido um armário cheio de documentos.

— Deve ser uma pista de Adam.

Brandon e Taylor me encaram, um pouco desconfiados. Me aproximo para vasculhar os papéis da primeira gaveta, procurando por algum indício de que é mesmo uma mensagem de Adam.

— São só jornais velhos. — Taylor se aproxima também. — Não consigo imaginar como nos ajudaria, e nem por que estão aqui.

Pego um dos jornais amarelados, tão antigo quanto tudo aqui.

— Isso fala do acidente.

Interessado, Brandon se aproxima e tenta ler o jornal por cima do meu ombro. Seus olhos passam pelas letras com curiosidade, e eu me inclino um pouco para ficar mais baixo que ele.

— O acidente foi aqui? — ele questiona. — Isso não faz sentido.

— Meus pais me contaram apenas o resumo do que houve. — Passo o jornal para ele, me encarregando de encontrar outro com notícias parecidas. — Um carro perdeu o controle durante um evento beneficente e atropelou muitas pessoas.

— Eu sabia disso. — Brandon não está sendo rude, apesar das palavras. — Mas olha a foto da notícia. — Aponta para o registro em preto e branco: um local aberto com fitas da polícia, corpos cobertos por sacos plásticos no chão. O mais chocante, contudo, é a mesa com aperitivos manchada de sangue. — Lá no fundo, é a estátua do tubarão, tá vendo?

Aperto os olhos até conseguir enxergar.

— Não pode ser uma igual?

Ele ri sem humor.

— Acho difícil alguém replicar uma coisa feia daquelas.

— Meninos — Taylor nos chama, pegando mais um jornal da gaveta. — Isso aqui também é interessante.

Ela se aproxima com a página desdobrada, batendo nela para tirar um pouco da poeira. A notícia deste jornal é sobre uma série de desaparecimentos, todos dos anos 1990.

— Adam desapareceu também.

Ela deixa o jornal nas minhas mãos e volta para o arquivo, à procura de outros. Leio a notícia, mas não há nada útil: adolescentes sumiram em 1990, mas até a publicação daquela edição não haviam sido encontrados. Do outro lado da página, há também uma matéria sobre o alto índice de suicídios entre jovens da cidade naquela época.

— Não tem mais nada. — Taylor suspira, frustrada por ter chegado tão perto.

— Temos que continuar — Brandon dobra o jornal com a notícia do acidente, colocando-o no bolso da calça jeans. — Daqui a pouco vai começar a escurecer.

Concordamos e pegamos o mapa para sair da delegacia. Nosso próximo objetivo é a loja de doces, que fica nos arredores da praça. Nela, também encontramos algo diferente: folhetos antigos de pirulitos para o Halloween. Fora isso, nenhuma pista ou novidade.

— Fliperama? — Taylor sugere.

— Dez minutos para escurecer. — Brandon checa o celular.

Entendemos que é a melhor hora de sair, então seguimos de volta para onde deixamos o Mustang. Estacionado perto da estátua, o carro está com os faróis ligados quando nos aproximamos. Olho para Brandon, que confirma apenas com um aceno a minha suspeita de que ele não havia esquecido de desligar. Taylor também percebe, engolindo em seco enquanto caminha em silêncio até o banco do passageiro. Eu me acomodo novamente no banco de trás, e Brandon liga o motor. Checo o telefone uma vez, como se esperasse mais uma ligação de Adam, só que nada acontece. Talvez amanhã, quando voltarmos, ele tente se conectar de novo.

O caminho para fora da Cidade Fantasma é o mesmo para entrar: dirigimos sem rumo por alguns minutos, então as árvores mudam de tom, e fica menos frio.

Meu telefone volta a ter sinal.

E eu, de alguma forma, me sinto menos vazio.



No caminho de volta, peço para Brandon me deixar no bar de Maddie. Ele me olha com uma careta e eu sei que está pensando que quero beber de novo, o que me faz revirar os olhos.

— Meu amigo deixou o carro lá — explico.

— Você pode me deixar na casa do Hunter antes? — Taylor pede, massageando as têmporas. — Minha cabeça tá estourando.

Brandon concorda e segue para a minha casa, onde deixamos Taylor em segurança antes de continuar nosso caminho. Passo para o banco da frente, me atrapalhando com as pernas longas ao pular entre o espaço pequeno. Brandon ri, mas me ajuda puxando um pouco o encosto do passageiro para trás.

— Não achei que fosse possível, mas você ficou ainda maior — observa em um falso tom de indignação. — E eu aqui, lutando para crescer só um pouco mais.

Dou risada.

— Com todo o respeito, você já cresceu tudo o que tinha que crescer. Tem uma ordem natural para esse tipo de coisa.

Parece que toquei em um ponto sensível. Brandon fecha a cara e bufa, fazendo com que eu tenha que segurar uma risada.

— Você nem é tão baixo. Só é pequenininho.

— Não tá ajudando — resmungo.

É verdade que ele tem porte atlético e é alto, mas sua estrutura óssea continua pequena. Tenho plena noção de que pareço um armário perto dele e não vou mentir para alimentar o ego já inflado de Brandon, portanto o deixo emburrado.

O restante do caminho até o bar é silencioso. Quando chegamos, Brandon desce junto comigo. Acho estranho e penso em dispensá-lo dizendo que não preciso mais de ajuda, só que Maddie aparece antes que eu tenha a chance.

— Brandon! — Sorri, animada, e o abraça com um pulo. — Você finalmente apareceu. Tá me devendo uma cerveja.

— É verdade — ele sorri quando se afastam. — Mas vou ter que continuar devendo. Tenho aula amanhã, só estou acompanhando o Hunter.

Por um instante, ela parece confusa. Então seus olhos passam de Brandon para a minha direção, e Maddie finalmente me nota.

— Você está bem? — pergunta. — Fiquei preocupada.

Levanto as mãos como se estivesse permitindo que ela me analisasse.

— Tô ótimo. Vai ter que fazer melhor para me derrubar.

Maddie exhibe um sorriso orgulhoso.

— Esse é o meu garoto! Veio para a segunda rodada, então.

Como se ela tivesse acabado de sugerir que eu me atirasse de uma ponte, nego imediatamente.

— Vim buscar o carro do Ben, na verdade.

— O bonitinho que fala em coreano quando bebe? Eu não tinha entendido o nome dele, é bom saber que consigo pronunciar — olha para Brandon, empurrando algo contra o peito dele. — Entrem, eu volto em alguns minutos. Pedi para um amigo guardar o carro pra não ficar largado na rua.

Ela sai depois que Brandon segura a chave, ainda contra o seu peito. Meio confuso, ele analisa o molho com cuidado antes de me procurar.

— Vamos entrar, tá meio frio.

Como não quero ficar em pé, apenas concordo. Passamos pela porta da frente do bar, destrancando tudo com cuidado. Assim que pisamos no salão de entrada, as luzes se acendem e damos um passo para trás diante da claridade. Brandon apaga algumas no interruptor ao lado da porta, então segue para a mesa mais próxima e se senta.

Ocupo o lugar à sua frente. Venta muito na Cidade Fantasma, meu cabelo ficou todo bagunçado. Passo os dedos entre as mechas para tentar organizá-las de uma forma coerente, mas não tenho ideia do que estou fazendo então, em certo momento, apenas desisto. Me sinto exausto depois do dia que tivemos — e não só por isso, já que a cidade sempre sugou nossas forças. É como se nela o tempo corresse de uma forma diferente, ou como se algo por lá nos deixasse sempre cansados.

— Posso perguntar uma coisa? — Brandon questiona enquanto brinca com as chaves sobre a mesa, sem me olhar.

Faço que sim com a cabeça.

— Por que você foi embora?

Desejo ter dito não, e Brandon levanta os olhos como se sentisse que eu negaria uma resposta. Abro a boca para fazer exatamente isso, mas o modo como ele me encara me faz desistir. Tem algo na expressão dele que me deixa muito vulnerável, influenciável, até. Quero me explicar mais do que tudo. Quero não ser um merda em seu ponto de vista.

— Eu... não pude ficar. — Tento não soar tão desesperado quanto me sinto.

Naquela época, *estar vivo* era difícil. Sempre tive péssimos momentos, poucos amigos e muitos pensamentos correndo sem minha permissão na cabeça. Quando Adam apareceu e tudo melhorou, encontrei uma forma de lidar com o que até então

eram os meus piores demônios, e depois que ele se foi, todos voltaram ainda mais fortes.

Coisas simples não são fáceis para quem não tem qualquer expectativa em si mesmo. Cada pequena conquista parece frágil e superficial, um sentimento que se esvai quando o momento passa. Com Adam consegui fazer com que todas, juntas, parecessem com algo próximo da felicidade. Eu não percebi que estava voando para cair e, quando tudo desmoronou, foi como se eu tivesse perdido a única oportunidade de ser feliz na vida.

Adam era a minha chance e eu o deixei ir. Na verdade, o arrancaram de mim, e não sobrou nada de depois disso. Nenhum bem, nem mal. Só o caos de alguém que nem sabia mais se queria ter algo pra si mesmo.

Eu fui embora. Fui embora para que deixasse de ser real, para me afastar daqueles sentimentos. Bem no fundo, também fui embora porque queria tentar encontrar novas partes de mim.

Não consegui.

— Mas por que sumiu daquele jeito? — Insiste. — Foi tão de repente que achamos que havia desaparecido. Como o Adam desapareceu.

Agora tenho certeza de que pareço desesperado. Meus olhos encontram os dele, suplicando para que desista dessa conversa. Por mais que eu queira explicar, não haveria como. O sentimento de precisar desaparecer, de precisar sumir para que a dor suma não é algo que alguém que não passou por isso entenderia.

— Me desculpa — ele percebe o meu desconforto, suspirando ao arrumar a postura na cadeira. — Não precisa responder, não é da minha conta.

Aliviado, só balanço a cabeça.

— Tudo bem. Mas eu quero fazer uma pergunta também.

Brandon gesticula com a mão, me encorajando a seguir em frente.

— Por que guardou o jornal? Aquele que encontramos na Cidade Fantasma hoje cedo.

Diante da sua expressão, talvez eu devesse me sentir vingado. É tristeza, mas principalmente mágoa. Apesar disso, tudo o que sinto é culpa por ter feito uma pergunta ruim.

Ao contrário de mim, Brandon ignora seus motivos e me fornece uma resposta.

— Meus pais morreram naquele acidente. Sei muito pouco sobre eles... na verdade, quase nada. Achei que poderia encontrar pelo menos os seus nomes no jornal.

É um bom motivo, penso, enquanto também penso que deveria ter procurado mais, para ajudá-lo. Talvez quando voltarmos eu tente buscar alguma nova pista nos recortes.

— O que você sabe sobre os seus pais?

Brandon pensa por alguns segundos, provavelmente reunindo as poucas informações que possui.

— Que estudaram com meus pais adotivos e estavam no evento beneficente para ajudar.

É realmente muito pouco.

— Não faz essa cara. — Brandon pede, analisando as minhas feições. — Você não é sentimental, te arrancar uma reação faz eu me sentir como um pobre coitado.

Sentimental? Do que ele tá falando?

— Não tô fazendo cara nenhuma.

Brandon se inclina um pouco, levantando as sobrancelhas.

— Se quer manter o personagem, Hunter, deveria se esforçar mais. Essa sua expressão de pena te faz parecer um cachorro sem dono. É terrivelmente fácil ver que você se importa.

Sinto minhas bochechas corarem, muito mais por irritação do que por vergonha.

— Vai se foder, Brandon. Não sinto pena de você — minto, porque é obviamente uma mentira. — Essa é a minha cara de cansado, você que confundiu as coisas.

— Então você é muito frio. Um monstro sem coração que não sente empatia pela triste história de um órfão.

Reviro os olhos.

— Vai se foder — repito. Não sei mais do que xingá-lo e, sendo bem sincero, nem sei se é um xingamento de verdade.

Brandon ri.

— Senti falta do seu vocabulário sujo, Fantasma. Fico feliz que tenha voltado.

Olho ao redor, para o bar onde ele roubou meu número de telefone, o lugar que uniu o grupo inteiro pela primeira vez. Não me sinto feliz aqui, para ser sincero. Não quando sei o que aconteceu com Piper e Adam, e o que pode acontecer conosco.

— Eu não voltei — esclareço, incomodado com a ideia de ficar. — É temporário, para encontrar o Adam.

Brandon passa as chaves de uma mão para a outra, alongando o silêncio por tanto tempo que desisto de uma resposta. Alguns minutos depois, Maddie passa pela porta da frente do bar anunciando que o carro de Ben está nos esperando na calçada.

— Volte para aquela cerveja — pede ao Brandon — e traz o Hunter, ele precisa ver o Piper.

Ele sorri e concorda antes de se despedir, então deixamos o bar. A noite chegou junto com o frio, me surpreendendo, pois não percebi que havíamos ficado tanto tempo naquela mesa.

— Ela nunca aceitou a morte do Piper. — Brandon solta um suspiro triste ao olhar para o letreiro neon, que distribui uma luz rosa pela calçada. — Sempre fala dele como se estivesse vivo.

— Ela não deveria receber algum tipo de ajuda?

— Maddie não tem família, nem condições de pagar um tratamento ou algo assim. Tentamos cuidar dela como podemos, e torcemos para que fique bem.

É nítido o carinho que Brandon sente por Maddie. Ele fala como se fosse uma grande perda, não um efeito colateral ocasionado por uma situação terrível.

— Dirija com cuidado — volta a me olhar, apertando meu ombro levemente antes de se afastar. — Vejo vocês amanhã.

Enquanto Brandon caminha para o próprio carro, penso no que ele disse sobre Maddie. De alguma forma, ele ainda cuida dela. Mesmo depois de anos e mesmo depois de todos esses elos quebrados. É impossível não me comparar, não me achar uma pessoa horrível. Eu nunca seria capaz de ajudar alguém, nem mesmo fui capaz de me ajudar. A única coisa que sei fazer é fugir e fingir um recomeço, ignorar tudo e todos.

Então, chego a uma conclusão: mais do que antes, encontrar Adam não é só uma questão de tirá-lo vivo da Cidade Fantasma, mas uma forma de me redimir por tudo o que abandonei.

Encontrar Adam agora é tudo o que importa. Um verdadeiro recomeço.



Em casa, subo direto para o meu quarto depois de checar se Taylor melhorou da dor de cabeça. Fico aliviado por ela ter escolhido descansar na sala, vendo TV, porque assim posso fechar a porta e me isolar com os jornais que roubei da Cidade Fantasma.

Pois é, Brandon não foi o único que teve essa ideia. Depois que encontrei um padrão entre notícias específicas, resolvi trazer alguns. Sinceramente, não sei se haverá alguma consequência, se a cidade pode achar ruim estarmos retirando coisas dela. Espero que não.

Trouxe três jornais. Um fala sobre terem encontrado o corpo de Audrey Knight, prima de Taylor. Nos primeiros meses a consideraram desaparecida, como todos os outros, mas depois descobriram que ela estava envolvida com um esquema de tráfico de drogas, o que é surpreendente. Os Knight são de uma família extremamente religiosa, não consigo imaginar como lidaram com tudo isso. Deve

ser esse o motivo de ignorarem de forma tão veemente Audrey, ou de não darem atenção ao luto por ela como dão ao luto por Dylan. Taylor comentou algumas vezes que sentem uma fixação absurda em manter a imagem do primo sempre viva, enquanto a sua irmã é praticamente esquecida.

O segundo jornal fala que uma equipe de detetives britânicos esteve em Dethaun para ajudar no caso dos desaparecimentos, e que consideraram que os suicídios da época eram na verdade *assassinatos*. Eu queria muito mais notícias sobre essa parte da história, o que me deixou frustrado pois não encontrei nada de relevante depois dela.

Por último, uma notícia com uma entrevista do xerife local falando sobre as inúmeras tragédias de Dethaun na época. Algo nela me chamou atenção, apesar de eu não saber o quê. Trouxe para ler até encontrar o que está me incomodando.

Até encontrar o que Adam está tentando nos dizer.



A Garota estava sentada na fonte de tubarão quando retornei à Cidade Fantasma. Tinha o olhar vago, as duas mãos cuidadosamente acomodadas em seu colo enquanto uma brisa fria bagunçava a barra de seu vestido. O rosto transparecia uma palidez anormal até para um fantasma.

Ela nem mesmo me olhou ao falar.

— Não podemos deixar que aquelas crianças morram.

Sua voz saiu um pouco trêmula, como se estivesse prestes a chorar. Ainda assim, era fria o suficiente para me lembrar que carregava anos de solidão. Desde o acidente de 1999, aquela era a primeira vez que a Garota via um ser humano vivo. Eu gostaria de pensar que sua tristeza era por medo de ver pessoas tão jovens como Brandon e Hunter em perigo mas, acima disso, havia mágoa por si mesma, ao lembrar que havia partido cedo também.

A Garota queria ter vivido mais, muito mais. Lutou para permanecer, apesar do que o universo lhe disse. Acabou não resistindo, no final, e mesmo assim não odiou as regras. Até aquele momento, quando viu que a história iria se repetir com outras pessoas.

— Não há nada que possamos fazer, querida.

Ela me olhou com raiva.

— Aqueles garotos fazem parte disso tudo? Não é justo que paguem pelo que aconteceu no passado. Estão sendo atraídos, não é como se estivesse procurando por nós.

— Ainda assim, não podemos fazer nada. Escondemos a cidade por anos, vigiamos os monstros, os observamos... O universo é traiçoeiro,

independentemente dos nossos esforços.

— Podemos escondê-la melhor — a Garota sugeriu. — Mudá-la de lugar.

— Não podemos mover uma cidade inteira, querida.

E realmente não podíamos. Quando escondemos Dethaun — a verdadeira Dethaun — do mundo humano, usamos proteções e truques baratos, mas eficazes. Ela ainda estava lá, no sul de um Estado muito frio, protegida por um elo inquebrável, uma divisão entre dois mundos. Não devia ser possível achá-la, mas feitiços e truques continham falhas. A principal fraqueza do meu plano estava neles: *os escolhidos*. Ou, para quem sabia a história toda, os sobreviventes. A ligação daqueles jovens com Dethaun era mais forte que qualquer proteção, e eles seriam atraídos para ela em algum momento. O que me preocupava era o modo como acabaram ali, seguindo a trilha de migalhas de uma criatura raivosa, usando caminhos perigosamente ligados aos piores sentimentos de seus antepassados.

Precisava encontrar um jeito de colocá-los para fora.

Quando voltei a olhar para o lado, a Garota havia sumido. A cidade escureceu, recebendo a noite, fazendo a igreja se iluminar com o fogo queimando dentro dela, escondendo ou não a criatura que vivia lá dentro. Faltavam poucos minutos para o sol desaparecer por completo e os fantasmas saírem, o que significava que o tempo de tentar resolver aquela bagunça acabara: eu precisava partir. Não podia ficar em Dethaun com os fantasmas por muito tempo.

Levantei e observei o tubarão de pedra. À noite, quando o sangue surgia e a deixava ainda mais macabra, a estátua parecia viva, quase ameaçadora. Era como se estivesse me mandando embora, como se quisesse me fazer ficar longe.

Dei-lhe as costas, não muito ansioso para ficar por muito tempo.

Um pouco antes de eu sair da cidade, os fantasmas começaram a gritar.



Hunter estava encolhido no canto do quarto, abraçando os joelhos. Decidiu não comparecer às aulas restantes quando chegou atrasado ao colégio, voltando para casa com a desculpa de que estava se sentindo mal. Seus pais, preocupados, ofereceram ajuda e até lhe fizeram um prato do jantar, sendo ambos educadamente recusados pelo garoto, que só queria ficar sozinho. Sua angústia guardava resquícios de Dethaun, da sensação sombria de visitar um lugar carregado de almas em eterno sofrimento, o que era uma coisa horrível de se lidar. Mesmo depois de horas, quando a noite chegou, ele não se sentiu melhor, e provavelmente não se sentiria tão cedo.

Brandon está sentindo o mesmo? sussurrei em sua mente. Observei-o balançar a cabeça, querendo mandar aquele nome para longe. Parecia realmente irritado com o atleta, rancoroso a ponto de achar que tudo o que aconteceu naquela tarde

era culpa de Brandon. Hunter estava disposto a odiá-lo por qualquer coisa e, no fundo, também estava disposto a acreditar que a visita à Cidade Fantasma fora algum tipo de truque barato, uma piada que Brandon armou apenas para humilhá-lo. Era óbvio que Hunter tinha problemas de autoestima muito mais elaborados do que imaginei, todos eles partindo para longe de sua aparência física e focando em sua personalidade. Ele pensa que alguém como Brandon nunca iria querer ser seu amigo por simples interesse, mas sim para transformá-lo em algo ruim depois.

Era exaustivo vasculhar os pensamentos de Hunter quando ele decidia que tudo e todos o odiavam, então o deixei em paz e me afastei do quarto. Nem mesmo eu seria capaz de convencê-lo a acreditar que Brandon caiu na mesma armadilha; Hunter era cético e não tentaria ver sob outra perspectiva.

Fui atrás de Brandon, e o encontrei lidando com a mesma crise. Ao contrário de Hunter, porém, ele escolheu pesquisar ao invés de simplesmente se atormentar, sentado em sua cama com as costas na cabeceira e o notebook no colo. Ele fez as mesmas pesquisas de Amélia, na manhã da corrida, e também não encontrou nada. Se sentia exausto, exaurido pela carga emocional que havia sugado simplesmente por entrar na cidade, e decidiu abandonar a pesquisa quando a cabeça começou a doer.

Saiu do quarto e desceu as escadas, procurando um remédio para ajudá-lo entre as prateleiras do banheiro de visitas. Quando não encontrou, foi até o quarto dos pais, onde Barth desenhava seu próximo projeto em um caderno sem linhas. Ele notou o filho assim que Brandon chegou perto da porta, olhando-o por cima dos óculos de grau com preocupação.

— Você tá com uma cara péssima — levantou-se da mesa, andando até Brandon para verificar se ele estava febril.

— Acho que estou doente — o garoto deu de ombros. Era a melhor forma de explicar.

Barth franziu os lábios ao analisar melhor o rosto do filho. Aos dezesseis, Brandon era apenas um pouco mais baixo que seus pais, mas eles ainda o tratavam com um bebê, algo frágil que precisava de proteção. Para o garoto, era exagero; naquela época, não fazia ideia do passado que sua família escondia, ou das coisas pelas quais haviam passado. Talvez, se soubesse o quanto o amor de seus pais se misturava ao medo de perdê-lo, fosse um pouco mais compreensível.

— Vou pegar um remédio para você. E pedir uma sopa.

O garoto riu. Era típico de Barth não saber cozinhar, mas uma sopa? Brandon podia fazer uma. Não estava se sentindo tão mal assim.

— Não precisa pedir, deixa que eu faço.

Barth pensou em contestar, mas nem mesmo sabia onde encontraria um lugar que entregasse porções de sopa. Concordou e, com cuidado, guiou o filho para fora

do quarto, descendo as escadas com as mãos em seus ombros como se achasse que Brandon pudesse cair a qualquer momento.

— Você me orienta, e eu faço — não era um pedido ou sugestão, Barth tentaria de qualquer jeito.

Brandon concordou. Chegaram à cozinha, ainda assim seu pai não mudou de ideia.

— Você pega a água e os legumes, depois coloca tudo numa panela.

— Isso não parece muito certo.

— Não tem como dar errado — Brandon garantiu, sentando-se na cadeira da mesa de jantar enquanto Barth procurava panelas nos armários.

Ele ficou ali, se sentindo exausto, e eu fiquei ao seu lado observando-o entrar em um conflito sobre o que havia acontecido naquela manhã. Brandon tentou parar de pensar naquilo, o que obviamente não funcionou e o deixou frustrado, fazendo-o abaixar a cabeça e encostar a testa na mesa.

— Quer ir ao hospital? — Barth perguntou, vendo-o naquele estado.

A voz de Brandon saiu abafada.

— Não, tá tudo bem. Só preciso tomar um remédio.

Barth havia se esquecido. Ele deixou a água fervendo no fogão e correu para o quarto, em busca de um comprimido para dor. Entregou a Brandon junto com um copo d'água, e voltou para o balcão para escolher os legumes.

Enquanto esperava o efeito do remédio, Brandon pegou o celular e mandou uma mensagem para Amélia. Na manhã da corrida, viram algo, e hoje outra coisa estranha havia acontecido. Ele pediu para que ela fosse até a sua casa para conversarem, e a garota concordou sem perguntar o porquê.

— Seu pai chegou — Barth falou de repente, parando de cortar uma cenoura para espiar a janela da cozinha.

Brandon contou até sete e encarou a porta, por onde Daniel passou. Estava começando a dar aulas particulares de música, o brilho em seus olhos entregava toda a empolgação pelo projeto novo estar dando certo. Me arrumei na cadeira para observá-lo se aproximar, curioso com o pensamento que surgiu de Brandon quando viu o pai: indecisão. Há algumas horas sentia raiva por Daniel esconder tão veemente os assuntos de seu passado, por nem mesmo fornecer o nome de sua mãe biológica, mas agora tudo o que conseguia sentir era amor. Rancor passara a soar como uma grande besteira. Aqueles eram seus pais, ponto final. Não havia por quê passar por cima daquilo.

Daniel tirou os sapatos na entrada e caminhou até a cozinha, franzindo o cenho quando percebeu que Barth cozinhava. Ele e o filho trocaram um olhar desconfiado, e Brandon deu de ombros.

— Estou doente — explicou. — Papai quis fazer uma sopa.

Barth havia acabado de picar uma quantidade absurda de legumes, e virou para o marido com um sorriso orgulhoso.

— Esperem na sala, eu aviso quando estiver pronto.

Brandon achou graça da determinação dele, mas não ousou contradizê-lo. Levantou-se da cadeira e seguiu Daniel até a sala, onde sentaram-se ambos no sofá de três lugares em frente à TV. Aquela noite, apesar de exatamente igual a todas as outras na casa dos Hudson, carregava uma sensação estranha que Brandon ignorou, achando ser culpa de sua indisponibilidade. O pai, entretanto, notou a diferença como notava quando estava prestes a chover: com um sentimento ruim, desconfiado e cuidadoso, prevendo que algo se aproximava. Ele puxou Brandon para que o filho deitasse a cabeça em seu colo, não permitindo uma negação diante do cuidado excessivo porque, no fundo, não queria confortar sua doença. O gesto foi impulsionado pelo momento de desconforto, o instinto paterno buscando trazer proteção ao filho diante do menor sinal de algo desconhecido por perto.

Sentei-me na poltrona ao lado do sofá, observando a cena com cuidado. Era fascinante o modo como a humanidade respondia ao medo com amor, o mal com o bem; Brandon sucumbiu ao sono enquanto Daniel acariciava seus cabelos, a TV ainda desligada, o cheiro forte da sopa inundando cada cômodo da casa e trazendo conforto.

Foi uma cena triste, por outro lado. Quando pensei em Hunter, sozinho e encolhido no chão do seu quarto, cogitando a hipótese de que o mundo queria engoli-lo. Percebi que a humanidade também conseguia transformar coisas boas em algo ruim com apenas um pouco de esforço.

E, para almas como essas, que dificilmente se deixavam confortar, a Cidade Fantasma era um lugar terrivelmente perigoso.



Quando Amélia chegou à casa dos Hudson, Brandon ainda dormia no sofá, sozinho depois que Daniel decidiu tomar um banho para descansar. Ele foi acordado pela amiga, que gentilmente passou os dedos pelo seu rosto em busca de uma reação.

— Amy? — Quando finalmente despertou, sentou-se de imediato.

— Desculpa ter demorado, eu estava fazendo um trabalho de biologia.

Brandon concordou com a cabeça. Olhou para trás apenas para checar se estavam sozinhos, encontrando a cozinha vazia. Seus pais provavelmente haviam decidido se deitar. Eles dificilmente gastavam tempo com programas de TV, sempre cansados ou atarefados.

Voltou-se para Amélia, que esperava com curiosidade.

— Te chamei pra fazer uma pergunta. — Limpou a garganta, arrumando-se no sofá para que Amélia se sentasse também. — Lembra da manhã da corrida?

Ela fez que sim com a cabeça. Me inclinei na poltrona, buscando ficar mais perto. Há muito tempo eu convivía com a curiosidade de saber o que havia acontecido para deixá-los aflitos daquele jeito.

— Lembra que a gente viu um homem estranho? E aquela igreja?

Novamente, Amélia fez que sim. Não me surpreendi ao saber que fora a Cidade Fantasma a assustá-los. Já a informação de que viram alguém era, no mínimo, interessante.

— Eu o vi de novo — sussurrou, como se tivesse medo de que pudessem ouvi-lo. — E o Hunter estava comigo. Foi tão rápido quanto da última vez, e aconteceu do mesmo jeito. Uma hora estava lá, na outra não.

— Então não estávamos loucos — Amélia concluiu, não aparecendo aliviada com aquilo. — Por que isso está acontecendo?

— Não sei, mas estou tentando achar esse homem. Ele... ele se parece com a Taylor, não acha?

— Por que está dizendo isso?

Era uma observação estranha. Amélia não entendia por que Brandon resolvera comparar Taylor com o que quer que tivessem visto naquela manhã.

— Porque a Taylor tinha um primo — ele esperou que Amélia fizesse as ligações, mas a garota ainda estava perdida. — Um primo muito, muito parecido com ela.

— Mas ele morreu no acidente.

— É o que estou querendo dizer, Amy. O que aconteceu foi muito estranho.

Não queria dizer em voz alta que achava estar sendo assombrado. Tinha medo de Amélia não aceitar a suposição, de, principalmente, não ser levado a sério. Ele tinha um sentimento crescente no peito, como se algo ruim pudesse acontecer a qualquer momento.

— Devíamos procurar uma foto dele para comparar — Amélia sugeriu, surpreendendo-o por ambos terem tido a mesma ideia.

— Eu pedi uma, mas a Taylor não conseguiu ainda. Ela disse que vai tentar pegar com a família no Natal.

Amélia concordou, uma promessa de que cogitaria a hipótese do amigo até a foto confirmar ou não o que ele sugeriu.

Após aquele pequeno pacto, a sala foi subitamente invadida pelo som do celular de Amélia. Era uma notificação de mensagem, tão alta que assustou os dois. Amélia puxou o aparelho em meio a um suspiro, quase não acreditando que estava tão abalada.

— O Hunter tá me chamando pra ver um filme. — Olhou pra Brandon. — Você queria me perguntar mais alguma coisa?

Ele mordeu o lábio inferior. Ainda se sentia estranho.

— Na verdade, eu ia te pedir pra dormir aqui. Podíamos correr amanhã cedo.

Amélia analisou o rosto do amigo, chegando à conclusão de que ele simplesmente não queria ficar sozinho. Se lembrava do sentimento de ver aquele homem, a igreja e a destruição, além do sentimento confuso quando tudo sumiu.

— Vou marcar com o Hunter para amanhã. — Sorriu, e Brandon a agradeceu com o olhar.



Na casa dos O'Brien, tudo estava apagado. Passava das duas da madrugada e os pais de Hunter haviam dormido, deixando o filho trancado no quarto depois que ele garantiu que estava apenas com uma leve dor de cabeça.

Sentei-me na beira de sua cama, observando-o tentar desligar o cérebro. Apesar do frio, Hunter tirou a camisa, febril e ansioso, não conseguindo controlar as reações do próprio corpo enquanto os resquícios da Cidade Fantasma o corroíam por dentro. Ele se sentiu pior depois de ser rejeitado por Amélia, cogitando até mesmo a hipótese de ela estar com raiva por Hunter ter destratado Brandon naquela manhã. Era a única explicação para se recusar a vê-lo em uma noite livre.

Tente o Adam, sugeri, cansado de vê-lo se martirizar. O garoto se sentia tão desesperado que nem mesmo tentou rebater, buscando o celular embaixo do travesseiro para mandar uma mensagem. Claro que se arrependeu assim que percebeu que horas eram, até mesmo tentou apagar. Adam, por outro lado, respondeu no mesmo instante.

Hunter: Quer vir aqui em casa jogar videogame?

Adam Warlock: São três da manhã. Você tá bem?

Hunter pensou em dizer a verdade. Chegou a digitar que estava se sentindo mal e que provavelmente cairia em uma crise de ansiedade se continuasse sozinho consigo mesmo. Ele apagou, porém, e disse apenas que não havia notado que era tão tarde.

Hunter: Amanhã, se você puder. Depois da escola?

Adam Warlock: Amanhã não vou poder.

E mais uma vez Hunter se sentiu horrível. Duas rejeições em uma mesma noite, quando precisava desesperadamente *ver* alguém. Ele respirou fundo ao sentir as mãos começarem a tremer e desejou boa noite para Adam. O garoto respondeu, mas Hunter devolveu o celular à parte de baixo do travesseiro e continuou com os olhos pregados no teto.

Deitei-me ao seu lado, tentando ao menos deixar o quarto frio. Minhas influências geralmente eram interpretadas de uma forma ruim, mas Hunter estava cansado de sentir como se fosse explodir e as recebeu com alívio.

Ele conseguiu parar de tremer. E, aos poucos, parar de pensar em Adam e Amélia.

Estava prestes a adormecer quando sua janela estalou, assustando-o. Se sentou na cama, confuso, e olhou para o vidro até que ele estalasse de novo. Permaneci deitado, sabendo que a mensagem que ele ignorou o colocaria nessa situação, espiando de longe quando Hunter olhou pela janela.

— Adam? — Sussurrou, surpreso. Seus olhos arregalados estavam fixos no garoto do lado de fora.

Com cuidado, sorri, evitando influenciá-lo a se sentir satisfeito também.

Seria uma noite boa, ou perto disso, já que Hunter finalmente não estava mais sozinho.



19

2021

Quando saio do quarto, encontro a casa vazia. Como não visito meus pais há anos, perdi completamente a noção de qual é a rotina que seguem ou o que costumam fazer. Tem um bilhete na geladeira, deixado pelo meu pai, informando sobre o jantar congelado. Me sinto culpado de não estar com fome. O conheço bem o suficiente para saber que gastou tempo preparando algo que eu goste.

A porta da frente se abre e Ben entra. Parece um furacão, então faço sinal para que não exagere no barulho, já que Taylor dormiu no sofá.

— Graças a Deus o meu carro está intacto — ele interrompe um grito diante da minha repreensão.

Quando Ben entra na cozinha, abro a geladeira e procuro o jantar, decidindo que é melhor comer antes que eu comece a me sentir zozinho.

— Por que seu carro não estaria intacto? Só bebemos umas cervejas.

Escuto Ben arrastar uma das cadeiras para sentar-se. Mesmo sem ver, sei que está com o queixo apoiado na mão, o olhar perdido na cozinha.

— Não foi bem assim que aconteceu — rebate. — Tenho uma vaga lembrança de você pulando do carro. Eu não sabia se era ou não o meu, fiquei preocupado de ter causado um acidente.

Fecho a geladeira e me viro para ele, incrédulo.

— Sua primeira preocupação foi com o *carro*?

Ben desencosta o queixo da mão para me dispensar, fazendo pouco caso do fato de que eu literalmente saltei de um veículo em movimento. Bêbado. *Praticamente inconsciente.*

— Você chegou em casa comigo, ao contrário da Stella.

— Claro, a Stella — repito com deboche, abrindo a geladeira mais uma vez. Acabo pegando só uma garrafa de água.

— Se fosse a *Vivi* — ele faz questão de frisar que também nomeio meus objetos. — Você também estaria preocupado!

Não é uma comparação justa. Lutei muito para ter Vivi, enquanto Ben ganhou Stella de presente sem ter que se esforçar. Se eu perdesse minha moto, andaria a pé por anos até conseguir comprar outra, mas Ben poderia simplesmente pedir outro carro para o padrasto rico.

— Tanto faz. — Resolvo encerrar a discussão, apesar de Ben não aparentar querer levar a diante. — Você tá bem? Ficou de ressaca?

— Aquele suco horrível ajudou. — Faz uma careta, e eu me sento ao lado dele. — Onde você foi hoje? Pode pelo menos me contar o que aconteceu, já que está me excluindo?

— Não estou te excluindo — rebato. — É para a sua segurança. Mas, sim, posso te contar: fomos até o lugar onde o Adam desapareceu.

Uma pausa. Ben me olha em expectativa enquanto procuro uma maneira de explicar a ligação sobrenatural bizarra que recebi no carro.

— E...? — Me encoraja.

— E nós procuramos por um tempo, mas não encontramos nada — então me lembro dos jornais, levantando um pouco da cadeira para pegar a página dobrada no meu bolso traseiro. — Ou quase nada. Achamos isso.

Deixei a página que fala sobre os desaparecimentos comigo, para ler sempre. Talvez eu encontre algo se insistir bastante.

— Isso é alguma coisa. — Ben passa os olhos pela notícia. — Deve ter uma ligação.

— Não sei como haveria. Faz muito tempo que isso aconteceu...

— Nem tanto tempo. Posso investigar pra você, tentar encontrar mais informações sobre esses casos.

Não parece perigoso, então concordo com a cabeça. Ben sorri muito largo, quase como se eu tivesse lhe dado um milhão de dólares ou algo assim.

— Por que você quer tanto ajudar? — Pergunto, não desconfiado, mas genuinamente curioso.

— Por que você odeia tanto a ideia de receber ajuda? — Ben retruca. Quando não respondo, ele suspira e continua: — Eu já disse, cara. Você é meu amigo. Meu único amigo, na verdade. Quero mesmo te ajudar, já que é importante.

Fico olhando para ele. É na verdade muito estranho, mas entendo o que diz. Já fui esse amigo, apesar de hoje em dia não ser tão útil às pessoas que amo. Por Amélia, Adam e até por Brandon, no final, eu faria qualquer coisa, me arriscaria por eles. Talvez o fato de nenhum dos três ter feito o mesmo por mim deixe a

sensação de que ninguém nunca faria, mas Ben é a prova de que ainda posso ter amigos. Preciso confiar nele e, de alguma forma, retribuir.

— Podemos investigar juntos — sugiro. — Tem uma biblioteca na cidade, com arquivos antigos e essas coisas. Fecha em duas horas, acho que dá tempo.

Ben concorda e se levanta, correndo para o andar de cima em busca da sua câmara. Ele nunca sai sem ela, sempre pronto para registrar coisas importantes, e eu sorrio ao perceber que sei disso porque sou um bom amigo. Ou pelo menos um decente.

Quando volta, deixamos um bilhete para Taylor na geladeira, falando da comida. Também mando uma mensagem, caso ela não veja. Então saímos de casa e entramos no carro de Ben. Me sinto um merda por ter pensado que a Stella valia menos que Vivi de alguma forma; agora que estou sentado no banco do passageiro de couro, sei que esse carro é muito importante para Ben. Fico feliz que está tudo bem com ele.

— Você não me contou sobre o encontro — Ben escuta o comentário enquanto coloca o cinto, e para o movimento na metade para me encarar.

Parece incrédulo.

— É porque eu não fui. *Você* me deixou sozinho no estúdio.

Merda.

Verdade.

Ben sai em tantos encontros que confundi com outro da semana. Ele é um romântico incorrigível. Se apaixona muito fácil, principalmente se a pessoa também ama fotografia e tem um bom senso de humor. É triste pensar que não me conta detalhes. No começo da nossa amizade achei que era timidez, mas depois que o conheci melhor entendi que Ben é bastante extrovertido e aberto. Hoje acredito que alguns encontros são muito frustrantes e, sendo bem sincero, nunca sei como entrar no assunto sem pensar que vou piorar as coisas.

Nunca me odiei tanto por ser subdesenvolvido emocionalmente. Aposto que se Ben resolvesse se abrir sobre suas frustrações, eu simplesmente diria que é um saco e ele ficaria ainda pior.

— Ah. Desculpa.

— Tudo bem — ele dá de ombros, finalmente ligando o carro. — Troquei meu encontro por uma aventura em uma cidade assombrada.

Solto uma risada nervosa, sendo mais uma vez grato por ter Ben por perto. Ele é o único traço de normalidade que restou desde que saí de Nova Iorque, uma espécie de porto seguro. Eu não sei se conseguiria fazer isso sem ele.

Ben começa a dirigir e seguimos para a biblioteca. Já está tarde e eu torço para que o período noturno ainda exista.

— Chegamos — Ben anuncia ao parar o carro. Ele se inclina para analisar o prédio, que, em comparação aos de Nova Iorque, é muito pequeno. — Tem certeza de que é aqui?

Retiro o cinto de segurança e abro a porta do carro. Ben faz o mesmo, acionando a tranca enquanto ainda tem os olhos presos na biblioteca. O edifício possui apenas um andar acima do térreo, é branco e exibe marcas de infiltração, com as janelas de vidro pedindo desesperadamente por uma limpeza. Dentro, sei que vamos encontrar inúmeras fileiras de estantes de ferro enferrujadas, guardando livros que há anos não são tocados. Talvez o setor acadêmico tenha movimento, mas acredito que a esta altura todas as outras sessões estarão vazias.

Entramos e, logo na recepção, uma garota levanta os olhos para nos receber. Ela parece surpresa e até se levanta para dizer oi, exibindo um sorriso simpático.

— Hunter! É você, não é?

Por um momento, sinto todo o meu corpo travar. Não faço a mínima ideia de quem é essa garota, ainda assim ela parece me conhecer. É muita informação para um só momento e, enquanto tento assimilar o seu rosto, decidindo se devo fingir lembrar ou ser sincero, Ben age. Ele me conhece o suficiente para saber o que está acontecendo e dá um passo adiante para apertar a mão da garota.

— Oi — Ben lê o nome no crachá dela — Jane! Como você está? Eu sou o Ben. O Hunter ainda tá meio perdido por causa da viagem.

Ela parece confusa com o fato de ele estar conduzindo a conversa, e não eu. Me olha com expectativa, como se esperasse por alguma coisa.

— Ah, oi, Jane. Quanto tempo! Você está bem?

O sorriso no rosto dela aumenta, provavelmente achando que me lembrei de seu rosto. Infelizmente, apenas segui o plano de Ben, mas espero conseguir juntar os pedaços a tempo de ela não me odiar.

— Estou... — hesita e, por um instante, seus olhos parecem muito tristes. Um lapso de uma lembrança ameaça aparecer, mas rapidamente some quando Jane volta a sorrir. — Indo — completa, sem jeito. — Como posso ajudar vocês?

Conto a ela a mesma mentira que contei aos meus pais, e digo que preciso de acesso a jornais antigos em vantagem de um trabalho acadêmico. Jane concorda e nos dá a chave de uma sala com o que sobrou da história de Dethaun.

— Ninguém pensou que havia valor neles — Jane franze os lábios, triste —, então a maioria dos jornais foram queimados ao longo dos anos, para liberar espaço na biblioteca. Espero que consigam achar informações úteis nos que restaram.

Agradecemos e pegamos a chave, seguindo juntos pelo caminho que ela nos indica. Como esperei, a biblioteca está vazia, com apenas dois estudantes em mesas da sessão acadêmica.

— Você não se lembra dela? — Ben espia Jane no balcão, alguns passos as nossas costas. — Parece que ela te conhecia.

— Sinceramente, não. E eu nem era tão popular, só tenho um cérebro preguiçoso.

Ben espia uma última vez antes de chegarmos à sala, e eu abro a porta com a chave. Quando acendo a luz, definitivamente não era o que eu esperava: o cômodo tem menos de três metros quadrados, se parecendo mais com um armário de vassouras. Em prateleiras mal organizadas, pilhas de jornais amarelados ameaçam cair, intercaladas a alguns livros.

— Eu deveria ter jantado — murmuro.

Vamos passar muitas horas aqui.



Quando a biblioteca está prestes a fechar, meu telefone toca. Puxo o aparelho do bolso e checo o visor antes de atender, antecipando uma saudação para Taylor.

— Onde vocês estão? — É a primeira coisa que ela pergunta, com a voz ainda sonolenta.

— Na biblioteca da cidade. Viemos tentar encontrar mais informações sobre aqueles jornais.

— Querem ajuda?

— Não, a gente já tá indo embora. Chego em casa em vinte minutos.

Ela concorda e desliga, provavelmente voltando a dormir. Pego o último jornal da minha pilha, um tanto frustrado ao perceber que é mais uma página de informações inúteis. Ben, do outro lado da mesa, caiu no sono, provavelmente exausto da noite péssima que teve em meio à ressaca e aos enjoos.

Jane nos ajudou ao longo das últimas horas, feliz de ter algo para quebrar sua rotina tediosa. Não apareceram muitos visitantes na biblioteca, então ela pegou pequenas pilhas de jornais e separou o que eram notícias de crimes e o que eram anúncios, entre outras coisas. Ela é tão legal que me senti mil vezes mais culpado por não lembrar de seu rosto, mas ainda tenho esperanças de descobrir de onde a conheço.

Jane deixa uma última pilha de jornais na minha frente, pegando a que acabei de checar para levá-la ao armário. Quando volta, se apoia em uma perna e suspira, parecendo cansada.

— Você fuma? — Pergunta, e eu faço que sim. — Não quero causar um incêndio, vamos lá para fora.

Checo Ben uma última vez antes de me levantar e segui-la. Não estou realmente a fim de um cigarro, mas preciso esticar as pernas e pegar um pouco de

ar fresco. A cadeira da biblioteca é terrivelmente desconfortável, e o cheiro de papel velho fez meu nariz coçar há algumas horas.

— Aqui. — Jane puxa um maço do bolso, depois busca o isqueiro também dentro da caixinha.

Acendo o cigarro dela primeiro, então trago o meu. Faz tempo que não fumo, e agora não sei por que parei. O momento no qual a nicotina faz efeito é o melhor que tive no dia, de repente nem estou mais tão cansado.

— O que você estuda, Hunter?

Estamos nos fundos do prédio, onde o estacionamento para funcionários abriga apenas o carro de Jane. A noite é linda, muito diferente do céu sem estrelas de Nova Iorque.

Trago mais uma vez antes de responder.

— Em resumo, fotografia. E você, o que anda fazendo?

Ela dá de ombros.

— Eu larguei a faculdade. Não consegui continuar depois... De *tudo*.

Observo seu rosto com atenção. Ela está triste de novo. Os olhos escuros, castanhos, quase do mesmo tom de sua pele, ficaram marejados, brilhando sob o brilho fraco da luz mais próxima. Ela me percebe encarando e retribui, mas não parece incomodada.

— Desculpa — força um sorriso. — Eu não queria pesar o clima. É que você o conhecia, então deve entender. Não posso falar sobre isso com muitas pessoas.

Eu o conhecia?

Levo apenas mais um segundo para finalmente me lembrar quem é essa garota. Jane, claro, sempre andava com Piper! Era a namorada dele. Nos vimos poucas vezes, mas deveria ter me lembrado antes.

— Não tem problema — respondo, com sinceridade. Mais do que qualquer outra pessoa, realmente a entendo. — Eu também abandonei muitas coisas depois que perdi o Adam — não é fácil dizer isso, mas sinto que devo —, não é nenhum crime. É só mais uma forma de lidar com o luto.

Ela sorri, verdadeiramente agradecida, e finalmente uma lágrima solitária escorre pelo seu rosto. Jane a limpa com um traço de timidez, como se não gostasse de ser vista chorando, e joga seu cigarro na calçada.

— Preciso fechar a biblioteca — diz, buscando se recompor. — Vou guardar os jornais, você pode terminar seu cigarro com calma.

Fico sozinho logo em seguida. Sigo sua orientação e trago com paciência, sem pressa para acabar com a única coisa que me trouxe um pouco de calma nos últimos dias. Quando termino, faço o mesmo que Jane e deixo o cigarro jogado na calçada, voltando para a biblioteca logo em seguida.

Ao contrário de antes, agora todas as luzes estão apagadas. Vejo um ponto brilhante no fundo que deduzo ser a recepção, e sigo na direção dela, tateando as estantes para não derrubar nada. Como sou alto, não preciso me esforçar para enxergar, mas de repente a luz some, me deixando sem um rumo claro.

— Hunter O'Brien. — Alguém diz, como uma chamada.

É uma voz masculina.

— Ben? — Retruco, irritado por me deixarem no escuro.

A voz responde, dessa vez um pouco mais perto.

— Não vai encontrar....

O som ecoa por toda a biblioteca antes de morrer sem terminar a frase. A luz não volta a acender. Fico parado no lugar, sentindo um frio absurdo inundar o corredor à medida em que tudo fica mais e mais escuro.

Eu sei o que está acontecendo, mas não quero acreditar. Fecho os olhos, conto até três, tento me puxar para fora da Cidade Fantasma. É a mesma coisa de quando Brandon e eu a encontramos, anos atrás: uma passagem não solicitada em um momento inoportuno, mas eu não quero fazer isso sozinho.

— ... o que procura. — A voz agora sussurra.

Está muito, muito perto.

— Você não é o Ben. — Tenho certeza disso, então não transformo a frase em uma pergunta. — Quem é você?

Inconscientemente seguro as estantes que me cercam uma com cada mão, estabilizando meu corpo. O medo irracional de ser puxado ou levado é tudo no que consigo pensar enquanto fica cada vez mais frio.

— Não sou o Ben — a voz responde. — Se quiser saber quem sou, terá que abrir os olhos.

Parece uma armadilha. Permaneço de olhos fechados, tentando reconhecer quem está falando. Sei que já ouvi essa voz em algum lugar, apesar de não ter certeza de onde, e minha cabeça ferrada não encontra comparações com as pessoas que já perdi. Fiquei tanto tempo longe que não lembro como Piper falava, e Adam, de quem a voz eu decorei cada entonação, simplesmente sumiu.

— Eu quero voltar — sussurro para mim mesmo. Não sei como funciona essa coisa, mas deve ter uma forma de controlar. — Por favor, me leve de volta.

Aperto as estantes entre as minhas mãos, tão forte que sinto todos os meus dedos doerem. Então um toque frio alcança meu ombro, e eu não consigo controlar o impulso de dar um passo para trás.

— Cara, tá tudo bem?

Como tenho certeza de que é a voz de Ben, abro os olhos. Estou tremendo e ofegante, minhas mãos dormentes. Meu amigo me olha confuso e preocupado, com

o rosto meio inchado de ter dormido sobre a mesa da biblioteca. Atrás dele, Jane parece simplesmente espantada, cobrindo as duas mãos com a boca.

Não tenho como explicar o que aconteceu, então engulo em seco e peço para irmos embora.

— Preciso dormir um pouco, acho que estou começando a apresentar sinais de sonambulismo.

Ben ri, mas Jane continua me encarando espantada. Eu a agradeço pela ajuda quando passamos por ela, sem coragem de oferecer para esperá-la fechar a biblioteca.

— Você tem certeza de que está bem? — Meu amigo pergunta, segurando meu braço como se eu fosse desmaiar ou algo assim.

— Tenho, só preciso ir para casa.

Ele concorda, e voltamos para Stella. No caminho, fecho os olhos e tento lembrar aquela voz, mas não consigo reconstruí-la com clareza.



Taylor está acordada quando chegamos. A televisão ligada apresenta um dos programas de entretenimento que costuma assistir, e eu me sinto bem ao vê-la distraída. Se deixarmos que essa história ocupe todo o nosso tempo, será apenas mais um evento traumático do qual não conseguiremos nos recuperar. Digo isso por mim e por ela.

— Você jantou? — Pergunto, e Taylor responde que não.

Vou até a cozinha enquanto Ben sobe as escadas para guardar a câmera. Sei que tirou fotos da biblioteca e sei que está curioso para ver como ficou, assim como sei que não irá checar tão cedo. Ele tem uma política estranha de só conferir seu trabalho no computador, um hábito que adquiriu depois que descobriu que a edição salva muitos registros. Sempre diz que acaba apagando fotos com potencial quando as vê ainda na câmera, e como não trouxe seu notebook, provavelmente só irá checar tudo quando voltarmos.

Ele vai precisar de tempo. Ben tirou realmente muitas fotos.

Quando ele volta, segue direto para a sala. Senta-se ao lado de Taylor e os dois começam uma conversa sobre o programa, o que me surpreende porque achei que Ben não gostasse desse tipo de coisa.

Esquento o jantar e levo os pratos até a mesinha de centro na frente do sofá. Assim como Ben, não sou muito fã de assistir televisão. É muito difícil para mim me concentrar em alguma coisa o suficiente para ficar mais de vinte minutos sem me distrair, acabo não entendendo metade das séries que assisto.

Mas, hoje, quero ver televisão com meus amigos.

— Você cozinhou? — Taylor pergunta, levantando uma sobrancelha.

Os pratos na mesinha emanam um cheiro maravilhoso, o que já responde à pergunta dela. Sou péssimo na cozinha.

— Meu pai deixou para a gente.

— Então é seguro. Bom, porque estou faminta.

Taylor pega um dos pratos, Ben outro. Comemos em silêncio enquanto a televisão faz o trabalho de preencher a sala com barulho, sendo interrompida vez ou outra pela risada dos meus amigos. Como esperado, não consigo me concentrar. Continuo pensando na Cidade Fantasma e em Adam durante todo o tempo, tentando achar respostas para perguntas que me confundem.

Meus pais chegam algumas horas depois e eu descubro que eles ainda trabalham. Em algum momento dos últimos anos exclui essa informação da cabeça, mas é bom saber que ocupam o tempo com algo produtivo. Eles passam direto pela sala depois de desejar boa noite, cansados o suficiente para não querer nada além de tomar um banho e dormir. Minha mãe chega a interromper seu trajeto para me dar um beijo na testa, se inclinando pela parte de trás do sofá, mas recusa o convite para assistir Tv e sobe as escadas.

Ben está desmaiado na poltrona. Taylor encostou a cabeça no meu ombro, com os olhos pesados.

— Tay? — chamo baixinho, e ela murmura em resposta. — Você sente falta de Nova Iorque?

Ultimamente me sinto tão parte daqui que esqueço que não pertencemos a esse lugar. É como se meu apartamento fosse apenas uma ideia, um sonho. Como se eu ainda fosse o Hunter de antes, esperando para deixar tudo isso aqui para trás.

— Sinto falta dos meus amigos — Taylor confessa, baixinho.

— Nina e Grace?

— Sim, principalmente delas.

Até onde sei, as três se conheceram no Suzy's. Nina e Grace fazem faculdade juntas e costumam estudar no fundo do salão. Um dia, começaram a conversar. Quando Taylor descobriu que a segunda é uma mulher trans também, talvez até mesmo antes disso, um laço muito forte foi criado. Às vezes, sinto ciúmes dela, mas algumas coisas sobre Taylor nunca serão de total entendimento para mim, assim como aspectos meus permanecerão inalcançáveis para ela.

— Quando a gente voltar — digo, baixinho porque Ben se move e percebo que podemos estar incomodando-o. — Vou chamar todo mundo pra um jantar lá em casa.

Uma risada baixa vem antes de sua resposta.

— Você nem sabe cozinhar.

— Você sabe.

— Então *você* vai convidar todo mundo para jantar a *minha* comida?

— Eu chamo de trabalho em equipe.

Agora, sua risada é alta. Ben se move de novo, e posso jurar que sorri por um segundo também.

— Tô falando sério. Quero fazer mais coisas normais. Tipo... isso. Agora.

— O quê?

— Ver televisão.

Sinto a desconfiança na sua voz.

— Você nem gosta de ver televisão.

— É que a gente tá sempre fazendo coisas não tão legais. Nossa amizade devia ser mais do que lutar por sobrevivência.

Taylor levanta um pouco a cabeça para me olhar.

— É porque a gente sobrevive junto que nossa amizade é especial, não acha?

Ela volta a atenção para a TV quando não respondo. Pensei em refutar sua observação, mas Taylor não mentiu. É verdade que só confiei nela depois de passarmos por muita coisa juntos, e vice-versa. Deve ser assim que pessoas quebradas desenvolvem laços profundos.

Deve ser assim que se junta pedaços para se tornar alguém de novo: com ajuda. E sobrevivendo dia após dia, mesmo que você não queira.



20

2016

Hunter não esperava que Adam tentasse escalar até a sua janela, mas pareceu extremamente fácil quando o garoto o fez. Ele precisou de pouco tempo para alcançar o segundo andar, pisando dentro do quarto com muito cuidado para não fazer barulho. Usava jeans, mas a blusa era um pijama dos Simpsons, o que fez Hunter rir.

— O que você está fazendo aqui?

Adam fechou a janela, depois retirou os sapatos. Tentou ajeitar os cachos que haviam sido arruinados no caminho até ali, passando os dedos por eles sem perceber que só estava piorando.

— Você me convidou, lembra? Estou aqui para jogar videogame.

Se eu pudesse registrar a expressão de Hunter naquele momento, o faria. A mistura entre alívio por não estar sozinho, felicidade pela surpresa e preocupação por todo o resto deixava seu rosto engraçado, como uma caricatura.

— Eu não acredito que você veio mesmo até aqui — riu incrédulo.

Adam deu de ombros.

— Eu precisava devolver sua bicicleta.

Hunter concordava com aquela parte, se dando por satisfeito após o choque inicial. Ele ofereceu uma calça confortável e meias para Adam, que aceitou e teve que dobrar as barras por conta da diferença de tamanho. Hunter preparou o videogame para começarem, escolhendo alguma coisa boba e genérica que o distraísse sem contribuir com a tensão.

Hunter não queria ter percebido que se sentiu incrivelmente calmo na presença de Adam. Também não queria ter se sentido tão bem com aquela visita ou

com o fato de o garoto ter atravessado parte da cidade em uma bicicleta apenas para lhe fazer companhia. Algo dentro dele dizia que era um caminho perigoso, incerto e arriscado, e que errar a interpretação daquele gesto ocasionaria em um desastre.

Ainda assim, não se ouviu quando percebeu seu joelho tocando o de Adam enquanto jogavam, ambos sentados na cama com as pernas cruzadas e controle nas mãos. Era um toque sutil, confortável, protegido por duas camadas de algodão, tão inocente que cheguei a rir de seu nervosismo, mas para Hunter era significativo.

Não conversaram muito naquelas primeiras horas da noite. Apenas aproveitaram a companhia um do outro, tentando não fazer muito barulho para que os pais de Hunter não acordassem. Quando chegou perto das 4 da madrugada, ambos sentiram a letargia do dia cansativo e passaram a ficar sonolentos, bocejando hora ou outra e arrumando suas posições para se sentirem confortáveis.

Hunter jogou uma partida sozinho quando Adam ficou cansado demais para continuar. Foi um jogo rápido de quinze minutos que acumulou mais um recorde aos registrados no console, mas quando Hunter se virou para comemorar com Adam percebeu que o garoto havia dormido. Ele ocupava apenas uma pequena parte da cama, com a cabeça apoiada no braço e os cachos caindo sobre os olhos, inclinado como se estivesse assistindo ao jogo quando adormeceu.

Com cuidado, Hunter saiu da cama e pegou dois cobertores extras no guarda-roupas. Um deles era para Adam, o outro para si. Apagou a luz, deixando apenas o brilho muito fraco da tela acesa de seu celular para guiá-lo de volta para a cama, e se deitou ao lado do amigo ainda completamente em silêncio. Tomou a liberdade de observar o rosto adormecido de Adam por alguns segundos, notando que geralmente se sentia tão tímido que evitava encará-lo diretamente, meio fascinado ao perceber a curvatura perfeita dos cachos e o formato redondo do nariz, parando nos lábios cheios e de repente muito atraentes, mesmo que fossem absolutamente normais.

— Desistiu de jogar? — Adam perguntou de repente.

Apesar de ainda estar de olhos fechados, Hunter sentiu todo o seu rosto queimar de vergonha. Desviou a atenção antes que sua sorte mudasse e tentou soar casual quando respondeu.

— Eu fiquei com sono também.

Alguns segundos se passaram, e Hunter pensou que ele havia voltado a dormir.

— Você não vai me contar o que aconteceu? — Adam perguntou, ainda acordado.

— Não aconteceu nada.

— Você me chamou para jogar videogame às duas da madrugada. Alguma coisa deve estar errada.

Adam finalmente abriu os olhos. Àquela altura, Hunter já havia se acostumado com a escuridão, e viu quando o garoto piscou brevemente, analisando-o como se estivesse procurando uma mentira.

— Não aconteceu nada — repetiu.

Adam olhou para baixo, onde seus pés encontravam o limite da cama. Hunter estava com parte do tornozelo para fora, apesar de haver espaço acima de suas cabeças, o que fez o garoto sorrir.

— Quando quiser me contar o que aconteceu — Adam voltou a olhá-lo, um sorriso doce surgindo em seus lábios —, pode me chamar. Mesmo que seja às duas da madrugada.

Hunter não podia recusar aquilo, então apenas concordou com a cabeça. Adam voltou a fechar os olhos, dessa vez definitivamente dormindo.

Continuou com os tornozelos para fora da cama pelo restante da noite, sem a mínima vontade de se mover.



Foi Amélia quem despertou Brandon, já vestindo uma roupa vermelha com listras brancas que não lhe pertencia. As mangas ficavam muito longas nos braços e as calças precisaram de um cinto, mas em geral eram confortáveis. Ela teria levado roupas próprias se Brandon tivesse avisado com antecedência.

— Bom dia! Acorda, raio de sol!

Amelia puxou as cortinas até todo o quarto ser inundado pela claridade da manhã nublada. Brandon escondeu a cabeça embaixo do travesseiro, pouco disposto a se levantar para correr depois de uma noite tão ruim de sono. Ele ainda se sentia mal quando se deitou, e pela madrugada teve pesadelos envolvendo o lugar terrível que o assombrou duas vezes. Amélia chegou a acordar junto com ele, mas parecia que nada a abalava, pois sua energia era a mesma de quando dormia perfeitamente bem.

— Amy, só mais dez minutos...

— Não! Você me prometeu uma corrida, lembra?

— Você tá ótima, Amy, não precisa correr. Deita e dorme — resmungou, virando-se para o outro lado.

Amélia não se deu por vencida, e muito mais por vontade de irritá-lo do qualquer outra coisa, puxou as cobertas até que Brandon ficasse sozinho na cama. Foi engraçado vê-lo se encolher diante do frio, determinado a não se mexer, como se pudesse continuar dormindo.

Puxe os pés dele, sugeri enquanto me apoiava no batente da porta. Amélia sorriu com a sugestão, misturando meus pensamentos aos seus e indo para a ponta da cama em busca dos tornozelos do amigo. A garota era fraca demais para vencer aquela briga, o que fiz questão de mudar ao ajudá-la com um pequeno impulso. Amélia não percebeu e achou que Brandon havia simplesmente desistido, sorrindo vitoriosa enquanto o amigo pulava emburrado para fora da cama e se trancava no banheiro, tão irritado que nem mesmo se dignou a soltar um xingamento.

Eles saíram de casa antes de amanhecer completamente. Amélia queria colocar suas roupas de corrida, então mudaram um pouco o trajeto para que ela desse uma passada rápida em casa. Os esperei em cada ponto, não muito disposto a acompanhá-los na corrida, mas ciente que conversariam apenas quando chegassem aos destinos pré-determinados. Na casa de Amélia, eles concordaram em passar longe da floresta, com medo de serem puxados para a Cidade Fantasma de novo, e seguiram para o parque no centro da cidade. Quando os encontrei por lá, já pareciam exaustos, ambos respirando pesadamente enquanto buscavam onde se apoiar.

— Você viu aquilo? — Amélia lutava para recuperar o ar.

Brandon, um pouco melhor que ela, tinha as mãos na cintura e o olhar perdido em algum ponto do parque vazio. Estava perto da cidade acordar, agora que o relógio se aproximava das sete da manhã, e logo aquele lugar ficaria lotado.

— O quê?

— O Adam saindo pela janela do quarto do Hunter.

A expressão de espanto no rosto de Brandon fez Amélia sorrir. Ela já havia notado que Hunter estava na lista de interesses do amigo e, sinceramente, torcia para dar certo. O problema era que Hunter não parecia disposto a cooperar, e Brandon continuava usando estratégias erradas de aproximação. Amélia conhecia os dois e sabia que eram incompatíveis, um sendo quieto e introvertido e o outro agindo como uma celebridade 24h por dia. Mas agora era diferente. Se Hunter e Adam estavam juntos, Brandon não teria uma chance.

— Você acha que eles estão...

— Não sei. — Amélia deu de ombros. — Hunter me chamou pra ver um filme ontem, lembra? Poderia ser algo com Adam e eu furei, então foram sozinhos.

— E por que ele sairia pela janela?

Amélia não tinha uma resposta para isso.

— Amy, tem um garoto saindo pela janela do quarto de outro garoto, e um deles é gay. Pense um pouco.

Obviamente, ela se sentiu lerda e ingênua. Apesar disso, achou a linha de raciocínio de Brandon bastante exagerada. Era perfeitamente possível que qualquer outra coisa estivesse acontecendo entre Adam e Hunter, já que eram amigos.

Estarem juntos em um quarto não significava nada além de estarem juntos em um quarto.

— Se for o caso, você perdeu todas as suas chances com o Hunter.

Brandon revirou os olhos.

— Fica quieta ou eu vou correndo contar para o Danny que você caiu na lábia dele também.

— Eu nunca disse isso! E o nome dele não é Danny, para de implicar com o garoto só porque ele passa gel no cabelo!

— Ele se chama Danny para mim. E não muda de assunto; te vejo sorrindo pro celular, Amélia. Não sou idiota.

— Só estou sendo amigável com o irmão do seu namorado. — Ela deu de ombros, lembrando-se do seu aniversário, quando Rick levou o irmão mais novo e ele pediu o número de Amélia. Nunca mais se viram, mas conversaram muito por mensagens.

— Ele não é meu namorado — Brandon lembrou. — Prometi que não perderia tempo com essas coisas até bater meu próprio recorde no futebol. Preciso ser o melhor de novo.

— Eu sinceramente não sei como uma coisa afeta a outra.

Brandon a olhou daquele jeito que lembrava Amélia de que ela era de fato muito ingênua.

— Gasto excessivo de energia fora do campo. E sempre tem um drama cansativo que acaba me distraindo.

Amélia ainda não via diferença, porque Brandon e Rick agiam como namorados de qualquer forma. Ao menos explicava porque ele flertou com Hunter no seu aniversário; devia significar que não estavam mesmo juntos.

— Podemos voltar a correr? — Brandon sugeriu, cansado de ter a vida amorosa contestada.

Amélia concordou e, começando devagar, eles partiram. Fiquei para trás, observando o parque que agora começava a ficar cheio. Sentei-me em um banco e esperei, cansado de correr atrás deles por aí e também cansado de Hunter, que ainda enfrentava dilemas. Cheguei a cogitar ir atrás de Taylor para ver o que a garota estava fazendo, mas alguém apareceu quando estava prestes a me levantar.

Eu quase havia me esquecido dele, para ser sincero. Bill Piper era um caso perdido e eu evitei perder tempo com sua existência. A morte em sua sombra era cansativa, triste até para os humanos que a sentiam. As pessoas o olhavam e pensavam que não duraria muito, sem saberem que estavam certas, enquanto Piper não fazia esforço para mudar seu destino.

Naquela manhã, não passava das sete e ele já estava bêbado. Sua namorada, Jane, a pobre garota que o encontrou há alguns dias, o carregava enquanto

atravessavam o parque, sóbria o suficiente para estar incomodada com a situação. Em algum momento, ela não aguentou e deixou Bill no banco de madeira mais próximo, suspirando ao ver o garoto deitar e se encolher como se estivesse na cama de sua casa.

Era nítido que ela já o amava. Eu não acompanhei a evolução daquele sentimento, mas o jeito como Jane o observava deixava óbvio. Ela se sentou ao lado dele no banco, cruzando os braços para afastar o frio, e deixou que Bill deitasse a cabeça em seu colo.

— Você precisa parar — ela murmurou, passando os dedos pelos cabelos loiros platinados. — Sempre exagera muito.

Bill fechou os olhos, sem ter uma resposta. Jane conhecia a rotina dos Piper, o jeito frio que tratavam uns aos outros, e honestamente pensava que o namorado não tinha culpa de ser *tão* quebrado. Ele bebia e fazia coisas piores para se afastar da realidade, sempre quando Maddie não estava por perto — e, depois que ela começou um curso de pintura, nunca estava. Bill ficou sozinho por alguns meses, já que a irmã passava tempo demais em estúdios e aulas, fugindo como ele fugia, mas de outra maneira.

E aquela solidão foi o problema.

— Billie? — chamou baixinho, querendo que ele acordasse. — Precisamos ir para casa.

Ele negou com um resmungo, e eu me senti mal por Jane. Ela não era minha responsabilidade, não tinha qualquer relação com os outros, mas não pude evitar ajudá-la. Me inclinei na frente de Bill, tocando seu rosto com a ponta dos dedos. O frio o despertou junto com a sensação de desconforto trazida pela minha interferência, e ele se sentou no banco atento.

— Jane? — franziu as sobrancelhas pra ela. — Você... Quem estava aqui?

— O quê? — Ela olhou em volta, mas não encontrou ninguém.

— O homem que estava falando com você.

— Não conversei com ninguém, Billie.

Piper checkou uma última vez, seus olhos passando direto por mim. Dei um passo para trás, receoso de que pudesse sentir a presença que não via, mas sabia estar ali. Ele se deu por convencido alguns segundos depois, culpando a bebida, e se levantou com Jane para continuarem o caminho até a casa dele.

Com as mãos nos bolsos do casaco, os observei se afastarem. Assim como nenhum dos outros podia me ver, Piper também não deveria. Taylor era uma exceção, mas agora ele também estava notando a minha presença?

Talvez fosse a morte. A proximidade absoluta que Bill tinha dela, lutando todos os dias para escapar enquanto não percebia que estava cada vez mais perto.

Esperava que ao menos no fim, quando partisse, encontrasse o mínimo de paz, e que passasse bem longe da minha existência.



PARTE 3: A CIDADE



21

2021

A realidade lentamente se infiltra no meu sonho. Primeiro, perco os sons do mar que estava observando, percebendo que as ondas pararam de quebrar. A segunda perda vem do cheiro, de repente nulo, nada salgado, quase deprimente; por último, a noite toma conta do dia ensolarado, e minha solidão não é mais um refúgio: tem alguém no meu quarto. Alguém que está puxando minhas cobertas e chamando meu nome, andando em passos pesados ao redor da cama.

Quando abro os olhos, é para notar que a noite não existia. Eram apenas as cortinas do quarto protegendo o cômodo do sol lá fora, e agora elas foram puxadas, deixando que a claridade me atinja como um soco.

Engatinho até a janela acima da minha cama e puxo as cortinas de volta para o lugar. Então finalmente encontro o gerador de tanto caos, parado com os braços cruzados, me encarando.

— Que merda você tá fazendo aqui?

Brandon segura um sorriso, provavelmente se divertindo com o meu mau humor, mas não querendo ouvir outro xingamento.

— Temos uma cidade inteira para explorar — ele diz, como se fosse óbvio. — Não podemos começar tarde.

— Que horas são? — passo as mãos nos olhos, tentando despertar.

— São cinco da manhã. O sol está prestes a nascer, o plano é entrar na cidade junto com ele.

Deixo os braços caírem ao lado do corpo, os pés já no chão, tateando o carpete. Ainda assim, não consigo levantar. É muito cedo, não sou capaz de processar tudo o que está acontecendo.

— Como entrou na minha casa?

— Ben me recebeu. Seus pais estão dormindo, então fale baixo.

Arregalo os olhos diante da audácia. Me mandando falar baixo na minha própria casa, depois de invadi-la? Eu não me importo se Ben o deixou entrar, ele não deveria estar aqui.

— Cai fora — murmuro, voltando a me jogar no colchão. — Vamos depois do almoço.

— Não importa se você é grande, eu vou te arrastar para fora dessa cama se for preciso. — Brandon avisa ao puxar as cortinas novamente.

Solto um gemido irritado e cubro a cabeça com o travesseiro. Ele é muito irritante. Tão irritante que o sono deu lugar à raiva. Bufo ao me levantar novamente, deixando de lado o travesseiro para tentar entender o que Brandon está fazendo enquanto fuça na minha mala. Eu não a desfiz desde que cheguei, por preguiça, e quase sinto a necessidade de explicar a bagunça. Acabo percebendo que é ele quem está mexendo nas minhas coisas sem autorização.

— Como você consegue diferenciar suas roupas? — Brandon pergunta, entretido com as peças. — Tudo é preto. Achei que você fosse do tipo que usa meias coloridas, se quer saber.

— Não quero. E sai de perto das minhas coisas.

— Suas cuecas também são pretas. Pra que essa corrente?

Suas palavras despertam um alarme dentro da minha cabeça, e eu me levanto tão rápido que quase tropeço e caio. Puxo uma das minhas cuecas da sua mão, repreendendo Brandon com o olhar enquanto ele apenas ri da minha reação.

— Estou te ajudando. — Brandon se levanta, roubando uma camiseta da mala aberta. Se aproxima e a empurra contra o meu peito, me analisando por tempo demais quando o faz. A aceito por reflexo, usando-a para esconder meu tronco nu. — Se troca e desce pra gente sair.

Ele pega meu travesseiro antes de se dirigir para a porta, o que me faz revirar os olhos. Como se eu fosse capaz de dormir depois desse escândalo, penso, mas então me imagino embaixo das cobertas e realmente acho que conseguiria.

Encaro a camisa nas minhas mãos, preta como todas as minhas outras roupas. São cinco da manhã, está frio e meu quarto foi invadido por Brandon Hudson, depois que Benedict o deixou entrar.

Minha vida está uma *bagunça*.



A voz de Brandon é o primeiro som que escuto quando chego perto das escadas. Ele está sugerindo que Taylor passe a dormir na sua casa a partir de hoje,

um absurdo tão grande que me pego descendo os degraus com pressa, apenas para confrontá-lo.

— Não há a menor necessidade — resmungo, apesar de me sentir um merda por tentar decidir isso por Taylor. — Ela está aqui.

— Você a colocou pra dormir na sala.

Olho para o sofá, com indícios de que alguém se deitou ali. Ben está se levantando da poltrona e se aproxima com cuidado, ainda sonolento também.

— Por que você dormiu aqui? — Me viro para Taylor.

— A cama é pequena demais para nós dois, mas estou bem aqui.

— A cama não é pequena — resmungo.

— Verdade, a cama é espaçosa. — Brandon sorri, me deixando momentaneamente confuso com o seu apoio. — Você que é um brutamontes.

Reviro os olhos. Claro que ele não iria me ajudar.

— Não ligo de dormir no sofá, gosto de ver televisão. — Taylor dá de ombros.

— Não. Hoje você dorme no meu quarto e eu durmo aqui.

Ben, parecendo ultrajado, me lança um olhar fulminante.

— Por que ninguém lembra do melhor amigo?

De fato, não faço ideia de onde Ben dormiu ontem. Talvez tenha sido aqui na sala, junto a Taylor, já que a poltrona está meio amassada também. Não lembro onde ele se deitou antes de eu subir as escadas para dormir.

Brandon toca o ombro dele.

— Se quiser, o convite se estende a você.

Belisco Brandon para que solte meu amigo.

— Ele é hétero, nem adianta se esforçar.

O olhar que Brandon me lança é realmente irritado. Acho que nunca o vi tão puto assim na vida.

— O que acha que sou, um maníaco? Estou oferecendo porque temos um quarto de hóspedes. Pelo menos ele não teria que dormir em uma poltrona!

Ouçó Taylor suspirar, prevendo a briga. E Benedict, como o traidor que é, dá um passo para o lado de Brandon.

— Acho que vou trocar de melhor amigo.

— Nós temos um quarto de hóspedes também — cruzo os braços. — Se tivesse avisado que vinha ao invés de simplesmente aparecer, teríamos preparado ele pra você.

Taylor parece confusa.

— Você não tem um quarto de hóspedes.

— O sótão serviria como um.

Brandon segura uma risada, e eu perco a paciência.

— Quer saber? Podem ir com ele, façam o que quiserem. Não acredito que me tiraram da cama às cinco da manhã pra essa discussão.

Brandon nem mesmo tenta esconder que está se divertindo.

— Você tem razão. E agora que ganhei um novo melhor amigo, podemos até mesmo sair sem você. Temos um longo dia.

— Nem sonhando que eu vou deixar o Ben com você — resmungo, puxando meu amigo para longe.

É melhor a gente sair antes que Brandon coloque alguma ideia errada na cabeça do Benedict, já que ele é teimoso e eu nunca conseguiria convencê-lo do contrário.

Sigo na frente para o lado de fora da casa. O carro de Brandon está estacionado ao lado do de Ben, ambos brancos, apesar de um ser uma lata velha dos anos 1990 e o outro um modelo novinho. Desço as escadas da varanda e, quando chego perto do Mustang, percebo que ele não está vazio, o que quase me faz tropeçar.

— Antes que você surte — escuto a voz de Brandon às minhas costas, apenas alguns passos atrás. — Precisamos dela. Tipo, literalmente.

Ele para à minha frente, tampando a visão do carro. Espero que continue antes de decidir se vou ou não protestar.

— Taylor e Ben passarão o dia na biblioteca, atrás de respostas nos jornais — abro a boca com uma objeção, mas ele antecipa o que estou pensando e me interrompe: — Precisa ser a Taylor, sim. A família dela é a única que ainda fala sobre o acidente. Se encontrarem algo, vão até a casa dos Knight para comparar informações. A Amélia não seria muito útil, então vem com a gente.

— Não precisamos dela. Vamos só nós dois.

Eu sei que ele vai soltar um flerte barato apenas pelo micro sorriso em seus lábios, e me preparo para isso.

— Podemos ficar sozinhos outra hora, preferencialmente longe de uma cidade assombrada. É só responder às minhas mensagens.

Quando não falo nada, ele me olha um pouco mais sério.

— Ok. Aqui vai a minha teoria: estamos tentando voltar para a cidade há anos, e nunca conseguimos. Desde que você e Taylor foram para Nova Iorque, ela se fechou, mas agora está nos recebendo de novo.

Seu olhar é sugestivo, esperando que eu ligue os pontos.

— Precisa de três de nós — acompanho seu raciocínio.

— Sim. Dois amuletos e você, o mistério dos mistérios.

Não sei se gosto do que isso significa. Seguro o impulso de estremecer diante de um calafrio, com muito mais medo do que antes. Ainda não entendi o que

aconteceu ontem, na biblioteca, e sinceramente não tenho certeza de se quero descobrir. Todos esses mistérios e segredos estão me deixando cada vez mais aflito.

Brandon coloca a mão no meu ombro, buscando meu olhar com uma expressão compreensiva. Ele sabe que é tudo muito complicado e, por um minuto, me coloco em seu lugar: no meio do caos, sem ter qualquer responsabilidade de lidar com as buscas pelo meu ex-namorado que, na realidade, nem era seu amigo. Ele quer cuidar de todo mundo, ajudar como puder. E eu estou apenas dificultando as coisas, como sempre faço.

— É, faz sentido — solto o ar dos pulmões, aceitando uma trégua. — Vamos nessa, então.

Ele sorri satisfeito. Taylor e Ben seguem para o carro mais novo, e eu sigo com Brandon para o Mustang. Olho para meu melhor amigo pela janela de trás, com uma sensação estranha de abandono crescendo à medida que os veículos se afastam.

Então seguimos para a Cidade Fantasma, onde espero encontrar Adam.



Sinto o olhar de Amélia pelo retrovisor. Ela desvia sempre que tento retribuir, visivelmente desconfortável com a situação. Não sinto a menor vontade de mudar isso, então permaneço quieto enquanto Brandon dirige em silêncio pela estrada cercada pela floresta.

Até que ele não aguenta mais e suspira.

— O dia será longo se vocês não se acertarem.

Me mexo no banco, cruzando os braços e desviando o olhar para a janela.

— A gente vai trabalhar junto — ele continua. — Já é tenso o suficiente ter que procurar por um amigo desaparecido.

Volto a atenção para frente e encontro Brandon me confrontando pelo retrovisor. Seus olhos são a única coisa que vejo no reflexo do espelho.

Não sei o que ele quer que eu faça. Depois de anos, não posso simplesmente voltar a falar com Amélia como se nada tivesse acontecido. Eu nem saberia o que dizer, mesmo que me esforçasse. É muito estranho.

— Amy — Brandon se vira para a amiga —, mostra pra ele.

Meio confusa, ela faz que não com a cabeça. Me inclino para a frente, curioso. Será que é uma pista sobre o Adam?

— O que é? — insisto.

Amy olha de Brandon para a estrada algumas vezes antes de abrir o portaluvas do carro. Ela tira algo de lá e me entrega.

— Encontrei isso um pouco depois de você ir para Nova Iorque — diz. — Achei que iria querer. O Adam esqueceu comigo antes de... você sabe.

Não respondo. Dessa vez a atitude é inocente e nada raivosa, movida pelo choque de encontrar, depois de anos, algo que achei que tinha perdido.

No nosso primeiro encontro, Adam e eu tiramos uma foto em uma cabine na frente do cinema. Deixei que ele ficasse com o registro, mas não fazia ideia do que havia acontecido com essa lembrança.

Levanto os olhos para a Amélia. Lembrar daquela noite me faz tremer um pouco, e eu preciso me esforçar para não deixar essa imagem me abater.

— Ele ficou tão feliz — diz ela, olhando para a foto também. — Disse que foi uma noite perfeita.

— Por que você ficou com isso? — Pergunto. Não sei se sou rude, não estou em condições de analisar.

— Ele queria uma cópia, mas não podia sair de casa. Deixou comigo e me pediu para tirar uma.

Ele provavelmente queria que eu tivesse uma igual.

— Obrigado — murmuro, me recostando contra o banco novamente. Mesmo ainda prestando atenção na foto, percebo Brandon e Amélia trocarem um olhar.

Quando eles esquecem de mim e focam na estrada, coloco a foto na parte de trás da capinha do meu celular. Acho que vou manter essa lembrança por perto, enquanto ela ainda é boa. Se em algum momento voltar a me destruir, removo.

Seguimos em silêncio por mais alguns minutos. Já estou melhor, menos transtornado com a foto, distraído o suficiente para ficar confuso quando Brandon freia o carro. Ele mesmo parece surpreso, apesar de aliviado por não deixar a gente bater na maldita estátua de tubarão.

— Que merda! — Ele segura o volante com as mãos, nervoso. Então se vira para Amélia e checa se ela está bem antes de olhar para mim. — Você se machucou?

Faço que não com a cabeça.

— Me desculpem, ela apareceu de repente. Nunca havia acontecido desse jeito. — Brandon parece aflito.

Percebo que ele ficou nervoso apenas por ter deixado um palavrão escapar, e repito que está tudo bem. De fato, não lembro dessa estátua ter aparecido tão perto em nenhuma das outras vezes em que entramos, e a mudança no padrão é outro sinal que me assusta.

Saímos do carro depois que o susto passa e conseguimos raciocinar. Brandon pega o mapa dentro do porta-malas e o abre usando o capô de apoio.

— Hoje vamos ao fliperama, certo?

Concordo sozinho, porque Amélia não estava presente quando decidimos a ordem das coisas. Brandon enrola o mapa e nos afastamos, contornando a fonte e a praça para chegar ao outro lado, onde o fliperama abandonado nos aguarda. Entramos sem checar pelo vidro, dessa vez já esperando encontrar escombros e aparelhos quebrados.

— Não me lembrava desse lugar — comenta Amélia, analisando o ambiente.

Também não me recordo de termos entrado aqui antes, mas as nossas visitas à Cidade eram muito breves, nada planejadas e geralmente caóticas.

Brandon liga a lanterna do celular primeiro, e nós fazemos o mesmo. As máquinas desativadas estão repletas de poeira, então não prestamos muita atenção nelas. Seguimos direto para o escritório, onde existe um telefone de onde Adam poderia ter me ligado. A porta contém um aviso de exclusivo para funcionários e está tão suja quanto o restante do lugar. Tento abri-la, mas o pé está preso ao chão por uma camada de terra. Brandon nota que estou com dificuldade e se coloca à frente para ajudar, empurrando-a junto comigo.

Quando a porta finalmente se move para trás, uma nuvem de poeira cai sobre os nossos ombros. Tossimos enquanto nos afastamos, surpresos com o que aconteceu.

Escuto Amélia rir e a encaro por apenas um segundo, o suficiente para fazê-la desviar a atenção e ficar séria.

— Já que está achando graça — Brandon não parece irritado, porém. — Por que não entra primeiro, Amy?

Ela levanta o nariz presunçosamente, não muito intimidada.

— Sem problemas — rebate ao passar pelo amigo, adentrando o escritório antes de nós dois.

Atrás da porta, encontramos um cômodo minúsculo com apenas uma mesa e um armário. A caixa registradora está aberta, mas vazia e, ao lado dela, um caderno com anotações sobre clientes mostra um ranking dos melhores jogadores.

Brandon passa os dedos pela página empoeirada, analisando os nomes. Sei que ele está procurando por algo relacionado aos pais, então não o interrompo. Vou até o armário e abro as gavetas, curioso com o que pode ter dentro. Amélia, por algum motivo, está parada olhando pelo vidro que mostra o fliperama, provavelmente onde o dono ficava observando o movimento.

Dentro do arquivo, não há nada. Nem um papel ou registro.

— Gente — Amélia chama, depois de alguns segundos. — Eu achei que era só impressão, mas aquela máquina ali está ligada.

Seguimos a direção para onde ela aponta. Um dos caças níqueis brilha muito fraco na escuridão, quase como se estivesse lutando para permanecer ligado.

Brandon pega o caderno com as anotações e sai do escritório. Nós o seguimos, caminhando apressadamente até onde a máquina pisca. As luzes são frenéticas e coloridas, mas ainda muito fracas.

— Como isso tá funcionando? — Brandon murmura consigo mesmo. — Não tem energia na cidade.

Olho para Amélia, que olha para mim. Quando Brandon faz menção de tocar na máquina, seguro seu braço, e ele me olha confuso.

— É melhor não — aconselho.

Brandon concorda com um movimento, e eu solto seu braço. Percebo sua atenção nos meus dedos enquanto desfaço o toque e dou um passo para trás. Quando se recupera do susto, ele volta a encarar a máquina, analisando o que aparece na tela.

— São recordes — algo chama a sua atenção logo em seguida. — Ei, o primeiro é do Adam.

Amélia e eu nos aproximamos para olhar, um de cada lado de Brandon. O nome de Adam está mesmo no topo, seguido por outros que não conheço. Puxo o caderno da mão de Brandon para comparar.

— Não tem nenhum Adam aqui, então não pode ser alguém dessa época com o mesmo nome.

Ele sorri.

— É ele. O Adam esteve aqui... e ele está tentando conversar com a gente.

Sinto um alívio imensurável ao perceber que Brandon está realmente feliz com isso. Talvez eu não estivesse acreditando que era possível mais alguém compartilhar essa sensação comigo, mas parece que há esperanças. Não é um truque ou uma forma de eu me arruinar, mas uma busca por Adam.

Vamos encontrá-lo.

Amelia puxa o celular e tira uma foto da máquina, dizendo que pode haver mais alguma pista que perdemos.

— Certo, tudo bem — tenho dificuldade de segurar a ansiedade, querendo percorrer essa cidade inteira de uma vez. — Qual é o próximo lugar?



2016

Os Natais em Dethaun costumavam ser coloridos. A cidade, que passava o restante do ano esquecida e quieta, ganhava vida sempre que dezembro chegava. As pessoas eram muito religiosas naquela época, e talvez fossem para sempre. Tragédias criavam luto, mas traziam formas de recomeço que não existiriam em outras circunstâncias. Cidades pequenas, com poucos recursos, não ofereciam opções além da religião, o que ocasionou em um lugar preenchido por uma fé que poderia ser vazia para uns e um rumo para outros.

Era o primeiro ano de Adam na escola, conseqüentemente o primeiro ano em que teria um amigo para ver a decoração junto com ele. Antes daquela noite, passara suas semanas de Natal sozinho com a mãe na casa afastada da cidade, desfrutando de horas agradáveis, mas silenciosas, que não mudavam, mesmo na madrugada do dia 24. Adam precisou implorar para Hunter acompanhá-lo, e só obteve sucesso quando deixou claro que seria a sua primeira chance de sair com um amigo depois de anoitecer em muito tempo.

Alicia empurrou uma blusa para Hunter antes dele sair, insistindo que o tempo iria piorar. Adam achou graça, observando com cuidado a forma como se esforçava para não soar protetora demais.

— Volte antes das dez, tudo bem? E cuidado com... Com as *pessoas*. Eu te amo — ela se colocou na ponta dos pés para beijar a cabeça do filho, um tanto rápido para que ele não se esquivasse.

Hunter corou em tons de rosa e vermelho, puxando Adam para fora assim que a mulher o largou. Estava muito frio naquela noite, o que fez o garoto precisar admitir que sua mãe tinha razão: sem uma blusa adequada, congelaria em poucas horas.

— Vocês são tão fofos — Adam comentou, com um risinho. — Queria que a minha mãe fosse assim.

A sensação fria que os envolveu na varanda veio de sua tristeza, misturando-se ao vento gelado da noite. Hunter o observou de lado, reparando que sua expressão havia mudado.

— Você e sua mãe não se dão bem?

— Não é isso, mas ela não é do tipo que demonstra sentimentos com facilidade.

Hunter quis muito perguntar. Senti a dúvida correndo pela sua cabeça e ele logo percebeu a indelicadeza.

— Se quiser conversar...

Adam riu.

— Você não conversa comigo, não seria justo.

Era uma verdade absoluta. Hunter nunca contou a Adam o motivo de ter precisado de companhia às duas da madrugada, entre outras pequenas coisas que ficaram pelo caminho.

— Eu não sou muito de falar sobre meus sentimentos — Hunter tentou se justificar. — Lido com eles sozinho.

Hunter não percebeu como era parecido com a mãe de Adam, mas foi inevitável para o outro garoto não reparar. Talvez aquele fosse o motivo de gostar tanto do mau humor: já o conhecia muito bem.

— Você parece certo disso, mas tudo o que vejo é um Hunter sobrecarregado.

— Virou psicólogo, por acaso?

O tom raivoso fez Adam rir. Gostava do jeito meio bruto de Hunter quando se sentia acuado, era muito mais interessante assistir sua raiva do que sua tristeza.

— Minha mãe e eu... — Adam resolveu ceder. Talvez Hunter se sentisse bem para conversar se entendesse que era algo bom. — É meio complicado. A mulher é teimosa e protetora, mas não do mesmo jeito que a sua. Estudei em casa a vida toda porque ela não queria que eu me machucasse, seja lá o que isso signifique. Tivemos muitas brigas e eu senti muita raiva, mas agora estamos nos acertando.

Hunter achou curioso, para dizer o mínimo.

— Ela nunca te deixou sair? — Tentou não soar muito abismado, com medo de magoar Adam.

— Ela deixa, mas só antes do anoitecer. Tive problemas naquela noite que fiquei aqui até escurecer, minha mãe quase surtou.

— E como a convenceu de te deixar vir hoje? — Hunter estava curioso. Uma vida inteira de proteção, e de repente Adam podia ir à escola e sair fora do horário estabelecido? Devia ter algo por trás.

— Eu disse que tinha um encontro. Com um garoto. Ela ficou meio desnorteada, então me aproveitei.

Hunter deixou uma risada alta e muito rara escapar. Seu rosto inteiro se iluminou, os olhos brilharam. Adam observou cada segundo, deixando um sorriso nascer também, mas Hunter não percebeu porque desviou a atenção.

— Você... *Nossa*, nem sei o que responder.

— Você pode dizer que sou um gênio. Que estou usando o sistema opressor a meu favor e blábláblá...

— Não acho que seja o caso. Se formos analisar, você *me* usou para mentir para a sua mãe.

Adam deu um passo para trás, mas sua expressão permaneceu divertida.

— Eu não estava mentindo.

Hunter deixou a risada morrer subitamente. A feições suaves abandonaram seu rosto, formando expressões de confusão, alívio e depois felicidade, respectivamente. Era bom ter as coisas claras, leves de uma forma acolhedora. Adam acabara de facilitar um pouco algo que era muito complicado na cabeça de Hunter, e agora que o primeiro passo havia sido dado ele não sabia exatamente como agir. Era novidade ter certeza sobre uma coisa boa, mas ele se esforçaria.

— Então ela não é uma mãe ruim — Hunter se recuperou, tentando deixar a conversa longe do tópico *encontro* porque, no fundo, estava muito mais nervoso agora que tinha certeza do que acontecia. — Te deixou sair hoje.

— Não, nem de perto. Só teve uma vida difícil e acabou exagerando ao tentar me proteger das coisas que ela passou. E me deixou vir — frisou, como se dissesse que não o deixaria fugir do assunto. — Estou em um encontro, à noite. Com um garoto.

Hunter sorriu, não tendo muito o que acrescentar. Era péssimo com palavras quando precisava se expressar, mas Adam já havia percebido aquilo.

— Temos que ir, ainda tenho um toque de recolher — o garoto brincou.

Hunter concordou com a cabeça e, antes de descer as escadas da varanda, olhou para trás. A porta da casa dos O'Brien estava fechada, mas ele conseguiu visualizar Alicia sentada no sofá da sala ainda preocupada com o frio e tudo o que ter um filho gay saindo para um encontro implicava.

Ela era uma boa mãe tentando protegê-lo das coisas que havia passado, assim como a de Adam.

...

Em Nova Iorque, havia neve no Natal. Hunter queria se mudar para lá quando saísse do colégio, por isso não deixou de comparar a noite entre as duas cidades. Em Dethaun era muito gelado, até no verão. Na sombra, onde o sol não tocava,

seria impossível aproveitar uma tarde quente. Na maioria das vezes, as pessoas preferiam ficar em casa, o que deixava a cidade relativamente vazia.

Noites como aquela eram uma rara exceção na vida social de Dethaun. Eventos despertavam o ânimo das pessoas, que resolviam deixar suas casas mesmo na temperatura congelante, fazendo o lugar parecer uma realidade alternativa da cidade que conheciam. Luzes, vozes, música e cheiro de comida ocupavam a praça central, onde a decoração de Natal daquele ano seria exibida. Hunter andava por ela com as mãos nos bolsos, protegendo-as do frio, mas percebeu que Adam não fazia o mesmo: seus dedos estavam soltos ao lado do corpo, meio pálidos. Ele se imaginou segurando a mão dele apenas por um segundo, o suficiente para desistir da ideia com inúmeras justificativas diferentes. Por mais que estivessem oficialmente em um encontro, ainda era uma situação incerta.

Se distraiu ao explicar o que acontecia em cada canto, como se Adam não soubesse o que era um coral ou uma apresentação de Natal. Hunter sabia que suas informações eram inúteis, mas queria preencher o silêncio, e se sentiu bem com isso.

— Acontece todo ano? — Adam perguntou em certo momento.

— Há apenas alguns anos. Depois do acidente, decidiram não fazer mais eventos em locais abertos, pra evitar outra tragédia. Ainda assim, as pessoas se reuniram para rezar pelos entes queridos no Natal seguinte, o que virou uma tradição pelos próximos anos. Até 2011, se não estou enganado, essa era apenas uma forma de lembrar e homenagear. Então a nossa geração chegou e transformou tudo em uma festa. E é o único evento noturno permitido desde então.

Hunter não estava errado, apesar de a verdadeira razão das preces cessarem e o luto partir ter sido outro. Depois que isolei a Cidade Fantasma e a deixei longe dos humanos, o luto lentamente deu lugar a um vazio que muitos não sabem identificar até hoje. Entre superação, fé e evolução, a verdadeira resposta nunca foi atribuída à sensação de não sentir mais tristeza pelos que partiram, e era assim que as coisas deveriam ser.

Adam escutou tudo o que Hunter disse com atenção, como se não soubesse de nada. No final da rua, o parque de diversões lançava luzes coloridas e música caótica sobre o clima natalino. Aquele era o foco dos dois garotos, que não estavam interessados nos corais, apesar de bonita. Havia reservado aquela noite para visitarem o centro, ver a decoração e, principalmente, ir ao parque de diversões, já que Adam nunca havia andado em nenhum dos brinquedos.

A primeira escolha deles foi uma barraca de tiros que Adam quis testar. Ele errou todas e ficou incrivelmente feliz com aquilo. Hunter acertou duas e deu o urso que ganhou para ele, já que não era fã de pelúcia. Então, seguiram para uma montanha russa que evitei entrar, observando-os apenas de longe. Seus gritos,

assim como os de todos os outros, ecoavam por todo o parque, chegando até o coral um tanto comicamente. Voltaram do brinquedo felizes, e eu os acompanhei até o próximo: uma xícara estranha e enorme que girava. Evitei esse também, zonzinho apenas de olhar.

Foi então que vi Brandon se aproximar. Ele estava acompanhado por Rick e seu irmão mais novo, que, por consequência, estava acompanhado de Amélia. Era uma espécie de encontro duplo que me deixou curioso o suficiente para me aproximar deles, com cuidado, claro, para não perder Hunter e Adam de vista. Todos eles pareciam desajeitados. Talvez fosse apenas a minha impaciência em um cenário deprimente como um parque de diversões, mas olhá-los me fez estremecer. Rick e Brandon não estavam bem, obviamente não passariam daquela noite, e Amélia esperou demais do irmão preguiçoso de Rick. Ela teve a iniciativa de sugerir que dessem uma volta sozinhos enquanto Brandon comprava cigarros, mas o garoto negou. Depois disso, resolvi não assistir ao restante da cena e voltar para Hunter.

E ele havia sumido com Adam.

Foi a primeira vez em anos, mas aconteceu: perdi alguém que estava seguindo. Senti-me um iniciante e suspirei, notando que Rick tinha um maço de cigarros no bolso. Pensei em não roubá-lo, mas foi mais forte do que eu. Precisava fumar se iria passar o restante da noite entre três casais de humanos completamente desalinhados ao universo.



Quando encontrei Hunter e Adam, estavam prestes a ir embora. Chegava perto das dez da noite, o horário que Alicia estabeleceu para o filho voltar. Hunter não costumava obedecê-la, mas dez horas também foi o limite imposto pela mãe de Adam, que o buscava de carro quando voltassem.

O centro não era distante da casa de Hunter e a caminhada até lá foi agradável. O frio sumiu gradativamente à medida que seus corpos esquentavam, provocando uma sensação febril e estranhamente acolhedora. Adam olhava de canto para Hunter a cada dez segundos, meio agradecido e meio extasiado com a noite que tiveram, todos os brinquedos, barracas de doces e jogos de desafio que entraram.

Chegaram à varanda dos O'Brien quando faltavam dez minutos para o horário final, e trocaram um olhar vitorioso. Cansados, sentaram-se na escada de madeira, diante da rua vazia e escura que nunca pareceu tão silenciosa. Adam abraçou seu urso, muito apegado a ele, e seus cachos se moveram para os seus olhos quando olhou para Hunter.

— Obrigado por ter ido comigo — sorriu.

— Não foi nada.

— O melhor encontro de todos!

— Foi o único que você teve — Hunter tentou soar rabugento, mas acabou sorrindo quando Adam sorriu.

— Precisamos de outro, só para eu ter certeza de que esse foi o melhor.

Parecia tão fácil para Adam dizer tudo o que pensava, que Hunter ficou com um pouco de inveja. Era óbvio que ele queria um segundo encontro também, passou a noite procurando maneiras de sugerir aquilo sem que parecesse um idiota, e ali estava a solução: Adam. Ele fazia tudo parecer natural.

— Eu nunca fui ao cinema — Adam continuou, sugestivamente.

— Ok, cinema.

Juntos, sorriram. Não era grande coisa, mas estavam felizes, e Adam aproveitou aquela felicidade para deixar tudo fácil de novo. Se aproximou apenas alguns centímetros de Hunter, o urso ainda preso firmemente entre seus braços e os olhos escuros lutando contra os cachos. Ele esperou a iniciativa sem realmente colocar esperanças naquilo, mas foi surpreendido por Hunter quando o toque quente de seus dedos puxaram sua nuca, selando o primeiro beijo daquele primeiro encontro.

Desci as escadas da varanda, deixando-os para trás, e fiquei parado no meio da rua escura. Quando a mãe de Adam apareceu, poucos segundos depois, freou bruscamente, assustada com o gato preto que apareceu no caminho tão de repente. Adam e Hunter se assustaram, interrompendo o beijo, ambos agora meio corados.

Subi no capô, chamando a atenção da mulher atrás do volante. Ela parecia ainda mais assustada agora, provavelmente se lembrando de quando eu costumava assombrá-la. Pensei que fosse dizer alguma coisa, me enxotar como fazia quando eu aparecia miando na sua janela, mas tudo o que ela fez foi chamar o filho com um grito apressado.

— Tô aqui — Adam entrou no carro, colocando o cinto. Ele notou que a mãe encarava a rua fixamente. — Tudo bem?

Ele seguiu o olhar, mas não me viu. Quando percebeu que era a única a enxergar o gato no capô, ficou um pouco mais assustada, mas não quis deixar transparecer. Limpou a garganta, ligou o carro e começou a dirigir.

Fiquei para trás, no meio do asfalto úmido enquanto eles desapareciam em uma esquina. Suspirei e, de volta à forma humana, encontrei Hunter na varanda, ainda sentado no mesmo lugar. Como se tivesse acordado de um transe, ele se moveu e puxou o celular do bolso. Não precisei entrar em sua cabeça para saber que enviaria uma mensagem para Adam, o sentimento frio de sua felicidade ainda tomava cada canto da varanda.

Porém, quando Hunter desbloqueou o telefone, tudo ficou morno. Seu perfil em alguma rede social chata para humanos estava aberto, exibindo uma linha de

publicações ainda mais chatas. A primeira delas era de Amélia, mais especificamente de uma foto dela com Brandon no parque. Estavam sozinhos e sorrindo na frente da roda gigante, com as luzes coloridas refletindo em seus olhos. Hunter apertou o celular inconscientemente, enciumado, se sentindo mesquinho e horrível por isso.

De tudo o que havia na vida de Amélia, ele era a parte mais desinteressante. Era bem óbvio quando analisava a foto, porque Brandon era perfeito ao lado dela, o amigo incrível que Hunter nunca seria. Havia mencionado que sairia com Adam; Amélia poderia ter sugerido de irem todos juntos, ou até de sair com eles, mas sequer cogitou a hipótese. Era óbvio agora que se manter na rotina da Amélia não era mais uma possibilidade.

Hunter recebeu uma notificação. Era uma mensagem de Adam, a qual ele não conseguiu responder porque estava tremendo.



No parque de diversões, o encontro duplo não corria muito bem. Retornei quando estava prestes a acabar, perdendo o contexto da briga que ocasionou a ruína da noite. Brandon e Amélia já estavam sentados nos fundos da casa do terror, cada um com um algodão doce em mãos, olhares vazios e expressões desanimadas.

— Você nem tava gostando tanto assim dele — Amélia murmurou.

Não era exatamente verdade. Brandon apreciava a companhia de Rick, só não queria assumir um relacionamento com ele. Havia acabado de conseguir alcançar suas metas no futebol, e ser capitão exigia mais do que ele imaginara. Além de tudo isso, outras variáveis e incertezas corriam pela sua cabeça, todas apontando para a ideia de que Brandon *não queria* estar com alguém. Pelo menos não daquele jeito.

— E você era boa demais para aquele pivete — respondeu, por fim. — Não deu certo porque ele tinha o desenvolvimento emocional de uma porta.

A intenção era fazer Amélia rir, mas ela permaneceu com os olhos fixos em outro ponto do parque, alheia aos esforços de Brandon. Havia algo muito triste em sua expressão, uma prévia de um choro que partiu o coração de seu melhor amigo.

— Você gostava tanto assim dele? — Brandon passou o braço direito ao redor do ombro dela, puxando-a cuidadosamente para um abraço. — Desculpa, Amy, eu não sabia.

Observei-os de longe. Apesar de todos os momentos que presenciei nos últimos anos, esse parecia íntimo demais, principalmente para Amélia. Brandon interpretou sua dor completamente errado, mas suas intenções eram boas. Enquanto ele se esforçava para simplesmente estar presente, fornecendo uma base de apoio que Amy não precisava, porque havia aprendido há muito tempo como lidar com aquilo sozinha, dei alguns passos para trás. Os pensamentos dela me

assombraram. Ela tinha problemas parecidos com os de Hunter, sempre se culpando pela rejeição, mas eram muito mais violentos, talvez *maiores*.

Hunter pensava ser indigno de amor, mas Amélia julgava *impossível* ser amada. Como se nenhuma pessoa neste universo pudesse gostar romanticamente de sua personalidade e aparência. Ela pensava na mãe naquele momento. Queria voltar para casa e receber o abraço dela. Por outro lado, sempre lutou para dar orgulho, ser forte e independente; não solitária. Como Ayana, que a criou sozinha e transformou o amadurecimento sem o pai em uma parte admirável de suas vivências. Ainda assim, as coisas que deveriam fazer de Amélia forte às vezes a enfraqueciam, e ela não teve coragem de correr e contar para a mãe que seu coração havia sido partido daquele jeito. Mais uma vez.

Com Brandon ao menos ela podia chorar. Ele não faria perguntas porque achava já saber a resposta, o que no final fez Amélia se sentir ainda mais solitária e incompreendida. Deitou a cabeça no colo dele, fungando até entender o que já havia entendido muitas vezes antes: não era o momento certo. Nem o homem certo. E, certamente, ela não era tão forte quanto deveria ser.

— Amy, o parque vai fechar — Brandon sussurrou. — É melhor irmos.

Ela não queria se mover. Lutou para se afastar do amigo, sentindo o frio envolvê-la assim que o abraço dele a deixou. O barulho do parque havia cessado, as luzes apagaram-se. Passara tempo demais deitada ali, chorando, para perceber as mudanças.

Quando se levantaram, Brandon puxou o celular do bolso. Assim que desbloqueou a tela, seus pés interromperam o movimento seguinte, estagnado no chão.

— A Taylor mandou a foto do primo dela — anunciou como se fosse uma notícia de absurda importância.

Amélia enxugou os olhos e se aproximou para ver.

— Abre — murmurou ao perceber que ele ainda encarava a notificação.

Brandon obedeceu. Era o retrato de um retrato, onde Dylan Knight posava com a irmã.

— É ele mesmo. — Amélia buscou a confirmação de Brandon. Ele apenas assentiu. — O homem que vimos naquela manhã.

— E o homem que vi quando estava com Hunter — então os olhos de Brandon ficaram vagos, longe do celular. Ele sussurrou: — Aquele homem ali.

Amélia deveria ter dado mais atenção quando o parque ficou silencioso demais. Agora ele havia sumido, e estavam naquela praça com a igreja de novo. O homem que os assombrava ocupava a mesma posição das outras vezes: em pé na escadaria antiga, pronto para se aproximar.

Brandon buscou a mão de Amélia.

— Pronta para uma corrida? — sugeriu.

A garota não sabia se era uma boa escolha simplesmente fugir, mas precisavam de outra coisa além do medo. Foram pegos desprevenidos nas primeiras vezes e, nelas, nada aconteceu, mas não teriam sorte para sempre.

— Pronta — respondeu.

E os dois correram.



23

2021

Como está muito perto de anoitecer, só temos tempo de checar a doceria em frente a praça. Nela encontramos um molho de chaves com o chaveiro de um motel e um pacote de jujubas vazio. Como ficamos cansados e famintos, decidimos que agora é a hora de ir embora e seguimos para a praça, onde o Mustang nos aguarda.

No meio do caminho, Amélia se interrompe e olha para a estátua de tubarão. Curiosa com alguma coisa, sobe na beirada da fonte para conseguir ficar perto da cabeça e puxa o celular para tirar uma foto.

Brandon se aproxima para observar.

— O que você encontrou? — Pergunta enquanto a ajuda a descer.

— Eu não sei, sinto que ela está diferente.

Analiso a estátua e, para mim, é a mesma. Amélia continua observando o tubarão até entrar no carro, suspeitando de alguma coisa, mas não fala sobre o que a incomoda. Brandon se encarrega de dirigir de novo, e eu fico no banco de trás. Seguro meu telefone entre as mãos, sobre o colo, encarando-o fixamente enquanto espero Adam tentar contato mais uma vez, mas obviamente não acontece. Tento não me sentir frustrado, afinal encontramos uma pista importante hoje, mas é realmente difícil.

Dirigimos por vários minutos até a cidade nos deixar sair. Percebo que demorou mais do que ontem e penso em comentar, mas sinto que estou sendo paranoico e prefiro ficar quieto. Dethaun nos recebe com uma onda de ar morno muito bem-vinda, e seguimos pela estrada repleta de árvores até Brandon diminuir a velocidade e parar na frente do bar da Maddie.

Ele analisa a fachada por um segundo antes de olhar para Amélia e, então, para mim.

— Não sei vocês, mas estou faminto. Devíamos comer alguma coisa.

Meu estômago ronca, respondendo por mim. Amélia e eu concordamos e, juntos, nós três descemos do carro. Maddie está do lado de fora, fumando um cigarro embaixo da luz neon do letreiro. Ao lado dela, aquele gato que encontramos na primeira vez em que estivemos aqui parece nos observar. Acho que ele não é de rua, afinal. E, mesmo que seja de Maddie, não se incomoda quando ela se levanta e abre um sorriso enorme na nossa direção.

— Tem uma mesa pra gente? — Brandon sorri, abraçando-a forte. É um abraço muito carinhoso, percebo, mais uma vez admirando o modo como ele é legal com todo mundo.

— Pra vocês, sempre vai ter mesa sobrando. — Maddie encosta seu nariz no dele por um segundo, então se afasta. — E hoje principalmente. O bar está vazio e é todo de vocês. Como nos velhos tempos. Oi, Amy! Faz tempo que não aparece aqui.

Ela não espera uma resposta de Amélia antes de entrar, nos guiando para o salão vazio. Sei que está cedo, mas tenho a impressão de que o bar ficará assim pelo restante da noite, e que seremos seus únicos clientes.

— Sentem-se ali, vou buscar cervejas.

— Eu quero alguma coisa sem álcool — Brandon avisa. Ele não mudou nada. — E algo pra comer. Para nós três.

Maddie concorda e some em uma porta lateral, onde provavelmente fica a cozinha. Seguimos para uma mesa confortável, coincidentemente acabando no lugar onde Brandon roubou meu número alguns anos atrás. Em silêncio, nos sentamos e esperamos enquanto mexemos no celular e nos sentimos aflitos.

— Prontinho! — Maddie retorna, colocando sobre a mesa três garrafas. — Já trago os petiscos de vocês.

Sei que não é muito esperto beber de estômago vazio, mas estou morrendo de sede. Pego a minha cerveja, abro-a com a quina da mesa e me sirvo de um longo gole, deixando a garrafa pela metade logo depois.

— Você pode beber, se quiser. Te levo para casa depois — Brandon oferece.

O pensamento se repete: *exatamente o mesmo*.

— Eu tô de boa. Não quero que aconteça o que aconteceu da última vez.

Ele ri, meio que se lembrando. Sinto meu abdômen doer, apesar de ser um efeito colateral psicológico. Depois da primeira impressão, após acordar, o hematoma sumiu no final da tarde e parou de doer. Não foi tão ruim quanto pareceu.

— O que aconteceu da última vez? — Amélia pergunta, curiosa. Meu primeiro impulso é fechar a cara para ela, mas logo me arrependo. Ela perguntou muito animada. — Desculpa, eu não quis...

— O Hunter se jogou do meu carro — Brandon a interrompe de retirar a pergunta, em um tom apaziguador, depois de me lançar um olhar que mais parece um aviso. Ele está disposto a defendê-la nessa situação, é bem claro. E, sinceramente, não dou a mínima.

— Por que você fez isso? — Amélia parece realmente preocupada comigo. — Você se machucou?

— Eu não sei. E não, tá tudo bem comigo.

— Você ainda não se lembra o motivo de ter pulado do carro? — Brandon pergunta.

— Não faço ideia — dou de ombros. — Ainda acho que você me jogou e agora tá fingindo que foi culpa minha.

— Isso é um absurdo. Eu nunca conseguiria te empurrar, suas pernas ficariam entaladas na porta.

Xingo baixo, ignorando a risada nasalada de Amélia. Maddie chega com dois pratos cheios de batatas fritas, colocando-os na mesa para que todos consigam alcançar. Ela avisa que trará hambúrgueres e some novamente. Pela porta do bar, o ruído de passos chama a minha atenção, e eu me viro para olhar: Taylor e Ben chegaram e estão cumprimentando Maddie.

— Avisei a eles que estaríamos aqui — Brandon explica. — Devem estar com fome também.

Não sei como me sinto com essa informação, para ser sincero. Não quero que Ben fique muito próximo dessas pessoas, assim como não quero que se aproxime da Cidade.

— É só um jantar. — Brandon parece perceber a minha preocupação. — Não vamos sequestrar seu amigo.

Sinto meu estômago revirar. Ben e Taylor finalmente chegam à mesa, criando certo tumulto ao buscar por cadeiras extras, carregando uma bolsa enorme. Eu aproveito que o barulho sobressai a nossa conversa e falo muito sério para Brandon.

— Eu realmente espero que ele não se machuque.

Ele não tem a oportunidade de responder. Maddie voltou à mesa com os nossos hambúrgueres, falando sobre alguma coisa que não consigo prestar atenção. Ben e Taylor já se sentaram, buscando saber o que há no cardápio. Passaram toda a tarde na biblioteca, checando jornais e livros sobre Dethaun, e também estão famintos.

Pode ser impressão, mas sinto que Brandon ficou um pouco aflito depois do que eu disse. Ele desvia o olhar para Amélia e abre a cerveja dela porque está tendo dificuldade, não dizendo nada enquanto a conversa entre Ben e Taylor chega até nós.

— Não sei vocês, mas nós somos ótimos detetives — diz minha amiga, orgulhosa.

— Encontraram alguma coisa? — Pergunto.

Eles trocam um olhar conspiratório, então puxam aquela bolsa enorme que trouxeram e tiram algo de dentro.

— Não achamos qualquer coisa relacionada aos desaparecimentos, mas encontramos isso. — Taylor me entrega uma página de um dos jornais. — É sobre um incêndio que aconteceu nos anos 2000. A igreja pegou fogo durante a madrugada e uma garota foi presa.

Leio a notícia enquanto Taylor resume o que aconteceu ao restante do grupo. Não há o nome da garota em lugar algum, apenas a informação de que ela confessou iniciar o incêndio. Quando perguntaram o motivo, a resposta foi um delírio sobre estar se defendendo de demônios. A foto da igreja é do momento em que o fogo a consumia e, apesar da fumaça e do caos, consigo reconhecê-la.

— Essa é a igreja da Cidade Fantasma — levanto o olhar, e Taylor concorda.

— Eu acho que a Cidade Fantasma já fez parte de Dethaun. — Taylor teoriza, inclinando-se sobre a mesa. — Talvez seja uma parte abandonada dela.

— Tem outra notícia — Ben se inclina para buscar o próximo jornal, puxando-o de dentro da bolsa.

— Na verdade, são várias — Taylor resume o montante de páginas que Ben começa a tirar: — Parece que houve um surto de azar. Vários incêndios e acidentes entre 1999 e 2001. O último foi um massacre em uma escola, que matou três pessoas.

— Meu Deus. — Amélia segura o ar nos pulmões, aflita. — Eu não sabia que tudo isso tinha acontecido aqui.

— É porque, tecnicamente, *não* aconteceu — Taylor explica. — Todas as imagens nas notícias mostram pontos da Cidade Fantasma. Eu acho que as pessoas começaram a abandoná-la quando as tragédias não cessaram, e se mudaram para cá. Não é exatamente onde moramos, né? Mas tem uma relação, e precisamos descobrir qual.

Minha cabeça está girando.

— Isso não faz sentido. — Bebo um gole da cerveja para molhar a boca. — Uma cidade inteira sendo abandonada?

— É possível — Taylor dá de ombros. — Precisamos investigar. Só temos que lembrar sempre de que o acidente de 1999 aconteceu na Cidade Fantasma, e não aqui. Nossos pais podem ter mentido sobre a localização, mas, se pensarmos bem, nunca perguntamos. Tudo o que sabemos é que pessoas morreram.

— Você acha que eles estão escondendo de propósito? — Brandon franze o cenho, provavelmente tentando ligar tudo isso à morte de seus pais. — Por quê?

Sou eu quem responde:

— É um lugar perigoso. Não sabíamos disso antes, mas sabemos agora. Perdemos alguém lá e isso nos mudou. Deve ter acontecido o mesmo com nossos pais. Na verdade, é exatamente a mesma história: entramos, alguém morreu e então a abandonamos. Talvez, para nos proteger, fingiram que o lugar não existia.

— Uma cidade inteira — Brandon repete, indignado. — Como iriam fingir que uma cidade inteira não existe?

Eu realmente não sei. Tudo está confuso e, sinceramente, nossas teorias são as piores que poderiam existir.

— Eu preciso comer — Ben anuncia, meio atordoado. — Depois voltamos a pensar nisso.

Todos concordamos. Deixo Ben pegar o meu hambúrguer, já que o dele ainda não chegou, e ocupo os próximos minutos do meu tempo relendo algumas das notícias nos jornais. Quando levanto os olhos, Ben e Taylor estão dividindo a minha porção de batata frita também, o que, na verdade, não me incomoda. É interessante ver como se aproximaram em tão pouco tempo. Eles conversam como se já se conhecessem há anos.

— Ei — Brandon empurra suas batatas na minha direção. — Come enquanto seu pedido não chega.

Não gosto da ideia de roubar a comida de alguém, mas estou realmente faminto. Aceito e coloco algumas batatas na boca, ouvindo Brandon rir.

— O que foi? — O som sai quase irreconhecível enquanto mastigo.

— É que você fez aquilo de novo.

Engulo.

— O quê?

— Saiu do personagem — sorri.

Coloco uma batata na boca enquanto tento entender o que ele quer dizer com isso. Felizmente, não preciso me esforçar. Maddie chegou com o meu pedido.



As próximas horas são movidas a conversas estranhas e nostalgia. Enquanto Ben faz perguntas sobre como nos conhecemos e o que fazíamos na adolescência, Brandon, Taylor e Amélia revivem parte dos momentos mais divertidos que passaram juntos, enquanto eu só escuto. Não estava presente na maioria dessas ocasiões, e nas que estava era porque a Amélia me arrastou. Fora isso, qualquer coisa que me envolva acaba envolvendo Adam. Todos evitam tocar no assunto.

Acabamos pedindo mais cervejas e, com exceção de Brandon e Ben, ficamos um pouco bêbados. Não chego perto do estado em que Maddie me deixou da última vez, tomando o cuidado de permanecer apenas sonolento, talvez um pouco

triste. Em algum momento, a conversa se dispersa e a mesa gradativamente fica vazia, chegando naquele ponto da noite em que as pessoas se preparam para ir embora.

Ben se coloca a tirar fotos do bar, já que segundo ele o lugar tem um estilo próprio. Taylor e Amélia estão conversando com Maddie no balcão, e Brandon foi ao banheiro. Sozinho, pego a bolsa com os jornais e começo a folhear os recortes — que, na verdade, são cópias dos originais, já que a biblioteca provavelmente não deixou que trouxessem itens tão antigos.

— Encontrou alguma coisa?

Não preciso olhar para saber que é Brandon. Ele senta ao meu lado, muito mais perto do que antes agora que a mesa está vazia. Sinto sua atenção por cima do meu ombro, vasculhando o jornal que estou lendo, e seu braço passar lentamente pelo encosto da minha cadeira.

— Na verdade, não. São muitas tragédias, só isso.

Por um momento, penso que Brandon não escutou a minha resposta por causa do barulho no bar. Até que ele se move e fica muito perto, tão perto que sinto o calor do lado esquerdo do seu corpo. Ele usa o braço que não está encostado na minha cadeira para apontar um dos jornais.

— Esse não se parece com o bar da Maddie?

É a foto da inauguração de um bar na Cidade Fantasma, há muito tempo. Poderia ser qualquer outro lugar, mas sinto que é o mesmo, assim como Brandon sentiu. O balcão, as paredes e a decoração estão iguais.

— É exatamente o mesmo — observo com atenção. — Se a Cidade Fantasma e Dethaun são lugares diferentes, por que o bar é igual nas duas?

— Talvez seja uma linha de bares ou algo assim, com um padrão.

— Não. É um bar de família passado de geração em geração. Só existe *esse*.

É no mínimo uma coincidência interessante, o que me faz dobrar a página para conseguirmos localizá-la mais fácil depois. Começo a procurar entre os outros jornais mais registros desse bar, mas não encontro nada.

— O mapa da Cidade Fantasma não mostra nenhum bar, deve ter algo errado... — Brandon está pensando alto.

Me surpreendo com sua memória diante daquele mapa, mas não digo nada.

— Devíamos perguntar para a Maddie — sugiro, e Brandon imediatamente concorda.

Ele se levanta da cadeira, deixando o espaço que ocupava frio. Sinto um vazio estranho ao me ver sozinho na mesa e automaticamente procuro por Ben. Ele continua tirando fotos, distraído.

Brandon volta com Maddie em seu encalço, puxando-a pela manga da jaqueta. A garota ri e olha para trás, terminando uma frase que havia começado, e

Amélia e Taylor se esforçam para escutar. Quando chegam à mesa, já estou com a notícia sobre o bar nas mãos.

— Tudo bem, o que é tão importante? — Maddie se senta em uma das cadeiras vazias à minha frente.

— Você sabe me dizer se o bar dessa foto é o mesmo no qual estamos? — Empurro o jornal em sua direção, fazendo-a ficar subitamente séria.

Maddie analisa com cuidado os detalhes da imagem.

— Sim, é o meu bar. Por quê?

Brandon e eu trocamos um olhar.

— Tem certeza?

Ela ri.

— Claro. Essa é a Helena, a primeira garçonete contratada daqui. E aquele no fundo, perto do balcão, é o meu avô.

Tenho um pensamento muito rápido, uma possível solução.

— Sabe nos dizer se esse bar sempre esteve aqui? Seu avô já fechou e reabriu alguma vez?

— Sinceramente, não faço ideia. O Piper deve saber, ele ama a história desse lugar. Vou perguntar pra ele e conto pra vocês.

Vê-la falando sobre Piper é um choque tão grande que não consigo continuar a conversa normalmente. Minhas habilidades comunicativas nunca foram das melhores e, sob pressão, em momentos delicados, é mil vezes pior.

— Obrigado, Maddie. — Brandon puxa o jornal de volta, exibindo um sorriso calmo. — Se ele souber de algo, vai ajudar muito no trabalho do Hunter.

Já acostumado a essa situação, conto a ela a mentira sobre o projeto da faculdade. Maddie acha incrível e fica feliz de incluirmos o bar na lista de lugares importantes, levantando-se para propor um brinde a isso.

— Acho que vou embora — suspiro, não querendo chegar perto das bebidas de Maddie novamente.

Me levanto e procuro por Ben, mas ele está entretido em uma conversa com Taylor e Amélia. É o único sóbrio do trio a esta altura, preocupado em permanecer apto a levar Stella de volta para casa.

— A gente não pode ficar mais um pouco? — Ele sugere, com a câmera nas mãos. — Quero fotografar o lado de fora.

Não sei por que ele está tão obcecado com esse lugar.

— Vou pra casa também — Brandon aparece ao meu lado, se espreguiçando. — Posso dar uma carona pro Hunter e você pode levar as meninas.

Ben concorda depois de trocar confirmações com Amélia e Taylor. Me sinto aliviado de não ter que ficar. Estou cansado e preciso desesperadamente recuperar as horas de sono que Brandon me tirou hoje.

Nos despedimos de todos antes de sair. Do lado de fora, o frio é quase tão intenso quanto o da Cidade Fantasma, fazendo com que eu me encolha até chegarmos ao carro e as portas nos isolem no conforto. Brandon liga o motor e, em silêncio, dirige para a minha casa, onde estaciona e apaga os faróis. Aceno com a cabeça em agradecimento à carona e abro a porta, mas Brandon me faz parar.

— O que você disse àquela hora — ele espera que eu o encare para continuar — sobre o Ben. Prometo que vou fazer de tudo para que nenhum de nós passe por aquilo outra vez — e, como se estivesse querendo convencer a si mesmo, fala com muita convicção: — A gente não vai perder mais ninguém.

Quero acreditar nele, mas sei que está fora do nosso alcance. Ainda assim, é bom saber que Brandon está disposto a se esforçar para manter Ben seguro, e nisso eu acredito.

Na verdade, ele está se propondo a cuidar de todos.

É um fardo pesado demais, até para ele.



Já tomei banho e estou secando os cabelos quando ouço três batidas na porta do quarto. Corro para abrir e encontro minha mãe ainda com a roupa do trabalho, parecendo cansada.

— Oi — digo, meio confuso. Desde que cheguei em Dethaun, não recebi uma visita tardia como essas.

— Oi. Eu só queria te dar um beijo de boa noite — ela se aproxima um passo, agindo rápido para eu não me esquivar.

Acabo não odiando completamente o beijo carinhoso que ela deixa na minha bochecha esquerda, e chego a rir. É sempre engraçado como minha mãe precisa se esticar para me alcançar e como isso dificulta sua agilidade.

— Aconteceu alguma coisa? — Pergunto, preocupado.

Como demora para responder, sei que sim. Dou um passo para o lado, indicando que pode entrar se quiser, e minha mãe sorri agradecida. Ela anda até a cama e se senta na beirada, olhando para o chão enquanto pensa no que vai dizer.

— Na verdade, não tem nada de errado — começa, e eu me sento ao seu lado para esperar. — É só que faz muito tempo que não temos... isso.

— Isso?

— É. Isso — aponta de mim para ela. — Você em casa, seus amigos, jantares em família.

Fico em dúvida sobre o que está tentando dizer. Por acaso minha presença a incomoda? Eu devia saber que aparecer de surpresa trazendo dois acompanhantes não era uma boa ideia.

— Você quer que eu vá embora? — Pergunto.

Minha mãe arregala os olhos.

— O quê? Claro que não, filho — ri em seguida, bagunçando meu cabelo molhado antes de se recompor. — Eu só queria dizer que é muito legal ter você de volta. Você odeia essas coisas, mas vai ter que ouvir que eu te amo muito. Queria que viesse mais vezes.

Eu já sabia que era um péssimo filho, mas agora tenho certeza. Ela está feliz apenas com a minha presença e ainda quer que eu volte sempre. É possivelmente a única pessoa nesse mundo inteiro a me amar tanto; a única pessoa nesse mundo que nunca se cansaria de mim.

— Eu vou tentar voltar mais vezes — digo.

O sorriso dela é inacreditável. Minha mãe se aproxima e me ataca com mais um beijo, me fazendo rir. Então se levanta da cama.

— Boa noite, filho.

Fico olhando-a sair pela porta, contente por ter feito a coisa certa. Por mais que eu não goste de Dethaun, devo aos meus pais algumas visitas.

Me jogo contra o colchão, reunindo a coragem necessária para arrumar os jornais que trouxe do bar e ir dormir. É realmente muita coisa e eu quero organizar tudo para ter acesso fácil às pistas, o problema é que não faço ideia de como começar. Talvez seja melhor esperar que Brandon me ajude, ou algo assim.

Estou pensando nisso quando ouço um barulho no térreo da casa. Reconheço a porta da frente abrindo, depois se fechando. Então as vozes de Taylor e Ben chegam até o primeiro andar, e eu me obrigo a levantar para dar uma bronca neles, já que não quero incomodar meus pais.

Antes mesmo de descer as escadas sei que estão muito bêbados. Ben está falando algumas palavras em coreano e Taylor se esforça para entender, mas obviamente não tem muito sucesso.

— Ei, meus pais estão dormindo — pulo o último degrau, chegando até eles com mais alguns passos. — Silêncio.

Os dois, quase como se tivessem ensaiado, cobrem a boca depois de um pedido de desculpas. Solto um suspiro, cruzando os braços e me sentindo como o meu pai.

— Você não tava dirigindo? — olho para Ben.

— O Brandon trouxe a gente.

— O Brandon? — Repito, olhando para a porta da casa. Sem pensar a respeito, sigo para o lado de fora, onde ele está estacionando o carro de Ben na entrada da garagem.

Maddie está no banco do motorista do Mustang, esperando para voltarem. Ao menos dessa vez a Stella voltou para casa com Ben e ele não vai surtar.

— Consegue lidar com eles? — Brandon pergunta ao se aproximar, girando as chaves entre os dedos. — Estão bastante alterados.

Um pouco emburrado, espio Taylor e Ben através da janela da cozinha. Pelo jeito como gesticulam, voltaram a gritar. Sinto pena dos meus pais. Se eu fosse eles, me colocaria para fora com meus amigos.

— Dou um jeito — respondo, voltando para Brandon.

Ele me entrega as chaves, mas não se move. Fica me olhando por alguns segundos.

— O que foi?

— Saiu do personagem de novo — conta como se fosse um segredo.

Bufo.

— Você fica falando isso... Por quê?

— Eu já disse, é interessante. Você se esforça, mas acaba se traindo. Gosto de ver.

Estou começando a achar que é uma piada. E que Brandon vai mantê-la para si por muito tempo.

— Procura outra coisa pra se interessar — resmungo. — Não tem personagem nenhum, você tá inventando coisa. Que nem inventou com aquela história de fantasma.

Ele ri alto, o que me pega de surpresa.

— Não posso fazer nada se você tem tantas nuances — adiciona um tom dramático no final, o que me deixa mais irritado. — Estou curioso para saber qual vai ser o próximo, Fantasma.

Empurro seu peito levemente, indicando que deve voltar para o carro. Chega de Brandon por hoje. Tenho dois bêbados alegres para lidar.

— Boa noite.

Ele não volta para o carro de imediato. Espera que eu suba as escadas da varanda e, só quando estou fechando a porta, responde com um aceno.



24

2016

Se o Natal não a tivesse destruído, Taylor teria percebido que Amélia e Brandon deixaram de responder sua mensagem. Ela estava ocupada demais lidando com os obstáculos de ser uma Knight para enxergar além daquelas paredes. Seus tios e avós, como sempre, a colocavam em uma caixa parecida com a de seu primo, mas não entendiam muitas das contraposições que aquilo trazia.

Taylor não era um garoto.

Se esforçava muito para não parecer um.

Acima de tudo, Taylor estava viva. E não deveria ser sua função servir como forma de preencher o luto daquelas pessoas. Fez aquilo por anos e, sinceramente, estava cansada. Era muito injusto precisar se esforçar para manter as expectativas, ainda mais quando sabia que o próprio Dylan era pouco exemplar.

— Filho?

A batida na porta antecedeu a fala, o que não a deixou menos desconfortável. Seus pais sabiam da sua transição, mas não a respeitavam, principalmente perto do restante da família. Taylor se esforçava para não sentir raiva, tendo em mente as inúmeras histórias que via de outros jovens trans lidando com violências piores que a sua. Ainda assim, machucava e, em algum lugar não muito fundo em sua mente, sabia que não estava sendo egoísta ao querer um tratamento justo.

Talvez fosse só mais uma mentira que contava a si mesma. Talvez pensar que poderia ser pior criava conforto no que tinha.

E, talvez, estivesse farta disso. Como estava de tudo o que envolvia os Knight.

— Ei, você não me ouviu?

Sua mãe ocupou o espaço vazio do seu lado direito da cama. O terno que havia comprado estava ali, estirado como ficou no próprio quarto antes de saírem

para aquela noite desastrosa.

— Vai se atrasar. — O tom de repreensão não a surpreendeu. Era sempre assim, como se Taylor estivesse constantemente fazendo algo errado.

— Estou pronta. — Ela deu de ombros.

Não tinha energia para uma discussão. Só queria descer, fazer os brindes, subir e dormir. Mais dois dias e estariam em casa, e tudo ficaria aceitável de novo.

— Não pode ficar com essas roupas, comprei o terno pra você.

— É horrível.

— É um terno. Pare de ser mesquinho e vista logo.

Ali estava a violência que Taylor achava não sofrer. Era justo se sentir diminuída, por mais que parecesse haver uma brecha na decisão da mãe. No final, não teria escolha: usaria o terno e faria sua vontade, e se sentiria mal com isso — não pela roupa, se fosse ser sincera, mas por tudo o que significava, como muitas coisas eram em sua existência desde que começou a se entender, e principalmente por sua família.

A sombra de Dylan sempre foi muito forte. Taylor imaginava que, para Audrey, sua prima, que além de mulher, havia nascido em outra época, havia sido difícil ser uma Knight também. A igreja dominava a cidade em 1990, todos tinham os olhos em sua família. Audrey precisava estar sempre muito perto do irmão, sem ofusca-lo, e tudo enquanto vigiava as ações dele. Ainda assim, Taylor arriscava dizer que para si era bem pior. Não só era a última descendente dos Knight, como rejeitava tudo que vinha daquela família. Crescer com pessoas tentando convencê-la de que tudo o que acreditava era errado podia ser cansativo. E aquele terno, mesmo sendo só uma peça de roupa, cumpria o mesmo papel que alguns dos discursos do seu tio: certo e errado, religioso e diabólico. *Você faz parte da família Knight, comporte-se como tal. Somos pessoas de Deus.*

E era tudo uma absoluta hipocrisia. Usar um terno não apagaria todos os erros que seus avós, tios e até pais cometeram; não fariam dos Knight uma família justa e boa. E, acima de tudo, não a transformaria na pessoa que eles queriam, com a missão de levar o nome e os valores que conservaram por anos adiante.

Um suspiro cansado atravessou os lábios de Taylor, que só concordou. A mãe, contente, levantou da cama e saiu do quarto, fechando a porta. No silêncio que perdurou, analisei o terno sobre a cama e cogitei a hipótese de queimá-lo - coisa que provavelmente traria mais problemas do que alívio. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir aquela situação e, estando na posição delicada de verdadeiramente simpatizar com Taylor, senti um estranho vazio.

Taylor pegou o celular e checkou a foto do retrato de Dylan. Era a única imagem do primo naquela casa, em um quadro acima da lareira onde ele, Audrey e seus pais posavam para a câmera. A data indicava que havia sido tirada uma noite

antes da prima sumir e um ano antes de Dylan morrer. Ela se perguntou se alguém teria reparado que as datas coincidiam. Era, no mínimo, estranho, mas não seria ela a pessoa a trazer o questionamento à tona.

Incapaz de conter a curiosidade e vencendo um pouco do desânimo anterior, Taylor se levantou da cama e silenciosamente saiu do quarto. A porta ao lado da sua era o antigo quarto de Dylan, o qual seus tios fizeram questão de preservar por algum motivo que fugia à compreensão da garota. Além do luto que nunca ia embora, a presença ilusória de um filho já morto era mais importante que Taylor, viva e se esforçando para permanecer assim, lutando para ganhar espaço naquela família. Ela não queria sentir raiva do primo morto, mas foi o que aconteceu quando entrou no quarto fechado e encontrou uma infinidade de cuidados que nunca tivera: tudo estava limpo, bem-organizado e intocado, como se o garoto ainda estivesse ali.

Ela se moveu para o meio do quarto, curiosa com a personalidade dele. Desde criança, entendeu a ordem implícita para não entrar ali em todas as visitas à casa dos tios. Mas, agora que estava dentro, pensou que deveria ter desobedecido antes. Era um lugar interessante, com muitos livros, duas guitarras e pôsteres. Parecia com o quarto de qualquer outro adolescente, com exceção dos inúmeros objetos quebrados espalhados pelas estantes e pelo chão.

Ela sabia que Dylan era um garoto problemático. Ele tinha seus demônios e várias questões envolvendo uma raiva que não sabia como controlar, imerso em uma família religiosa que, ao invés de proporcionar ajuda, o mandou para um internato longe de tudo o que amava. Ele voltou pior do que antes, ainda mais enraivecido por ter perdido a irmã enquanto estava longe. Taylor sabia pouco das histórias, mas eu estava lá: vi tudo o que aconteceu, o modo como o garoto culpava a todos pela perda da irmã. Ele queria achar um responsável e machucou pessoas demais no processo, parando de causar danos apenas quando morreu.

Pensei que, mesmo depois de partir, Dylan não mudou. Ele estava na Cidade Fantasma, preso por não saber como controlar os danos que causava. Sua prisão era a igreja na qual cresceu, onde o pai, pastor, o fez rezar para tentar acalmar seus impulsos e angústias. Confesso que fui um pouco cruel quando escolhi seu isolamento, mas precisava ser em um lugar forte, caso contrário, Dylan escaparia.

O lado ruim era que estar na igreja o deixava mais próximo da família e, conseqüentemente, sua raiva alcançava o luto, que nunca desaparecia. Taylor se perguntava por que a irmã de Dylan, Audrey, não recebia tanta atenção quanto ele, e eu gostaria de poder explicar que a presença do primo, tão raivosa, era como uma sombra na vida deles. Audrey partiu em paz.

Um mural com fotos chamou a atenção de Taylor, e ela registrou tudo para enviar a Brandon. Ainda não sabia o motivo do pedido, mas confiava no amigo e

provavelmente havia algo importante por trás dele. Passou o celular com cuidado pelos registros, parando quando a parede deu espaço a alguns desenhos. Eram bons, muito bons. Dylan tinha talento, apesar de um traço caótico que deixava tudo bastante sombrio. Taylor ficou alguns segundos admirando as criações, andando distraidamente pelo quarto, até que uma arte chamou a sua atenção.

Ela se aproximou para ver melhor. Era um esboço de uma cena, com um homem de jaqueta em um parque de diversões. Estranhamente, se parecia muito com o que vira na noite em que ficou para fora da Casa do Medo, esperando que Brandon e Amélia saíssem. Havia até mesmo a tatuagem no pescoço, subindo até a parte de trás de sua nuca.

Tirou uma foto. Não soube o porquê, mas a coincidência lhe deu uma sensação de importância. Continuou admirando os desenhos, então passou para os cadernos na escrivaninha, onde músicas inacabadas deixavam mais uma marca de Dylan para trás. Taylor pensou, com tristeza, que tudo aquilo era um desperdício. Se identificou pela primeira vez em anos com o primo, não por aparência, claro, mas pelo sentimento de que aquela família o esmagou como a esmagava. Uma década de diferença, talvez algumas questões maiores, mas se tivessem se conhecido as coisas poderiam ter sido diferentes. Talvez um pouco menos trágicas.

O telefone de Taylor tocou, assustando-a. O levou ao ouvido depois de checar que era Amélia ligando, mas um chiado foi tudo o que passou pela linha. Preferiu desligar e tentar retornar à ligação, mas uma mensagem de texto chegou antes que tivesse a chance.

Amélia: Temos algo importante para te contar.

Taylor: Sim, pode falar.

Amélia: Tem que ser pessoalmente.

Taylor: Estou na casa dos meus tios, é o jantar de véspera da véspera de Natal. Como sempre.

Amélia: Se conseguir escapar, juro que vai valer a pena.



Taylor não conseguiu parar de pensar na oferta da amiga. Infelizmente, seria impossível fugir sem que notassem sua ausência. Era o foco daquela noite, afinal: a última geração dos Knight, a mais nova entre todos. Enquanto seus avós e tios falavam sobre seu futuro e o que planejavam para sua vida, a garota se sentiu à beira de um colapso. Mais do que todos os anos anteriores, ela queria sumir. Literalmente.

Era seu último ano na escola e todos queriam saber para qual faculdade iria. Taylor não havia pensado sobre aquilo ainda, concentrada demais na missão de sair de casa o quanto antes para enxergar outro futuro. Pessoas como ela, em famílias

como aquela, priorizavam coisas diferentes. Enquanto Amélia se preocupava com a faculdade, Taylor queria um lugar pacífico para viver, e cada uma buscava construir seu futuro com base naquilo.

Enquanto Taylor lidava com os próprios pensamentos e se esforçava para manter respostas curtas, dei uma olhada pelo espaço. Havia deixado que a garota enfrentasse a família sozinha nos últimos anos, o que me manteve longe da casa dos Knight por muito tempo. O pastor continuava o mesmo, apesar de todos os outros terem mudado ao menos um pouco depois que Dylan partiu. A mãe, que não chegava a ser a pior entre eles, afundou em uma depressão profunda, culpando-se não só pela morte do filho, mas pela da filha também. Para Taylor, era opressivo estar ali, mas de fora eu conseguia entender que todos eles queriam protegê-la. Haviam perdido duas crianças. Não queriam perder mais uma.

Quando o jantar acabou, Taylor subiu para o quarto de hóspedes. Colocou o pijama, penteou os cabelos e se deitou com as cobertas até o pescoço. Sentei-me na poltrona no canto, ao lado da janela, e deixei que o cômodo esfriasse. Não queria incomodá-la, mas Taylor precisava permanecer alerta. Durante o jantar, ouvi um som no quarto de Dylan, um frio incontestável.

Ela não estava sozinha.

Assobieei, mantendo-a acordada. Taylor se virou para a parede e permaneceu de olhos abertos, respirando muito forte. A música no quarto de Dylan voltou, passando para o dela. Era o som baixo de uma guitarra, e uma voz. Taylor se moveu e olhou por cima do ombro, tentando entender de onde vinha. Acabou vencida pela curiosidade e saiu da cama, entrando no corredor apenas para perceber que era a única acordada.

Ela parou na frente da porta ao lado. O quarto escuro deixava a música passar, e pareceu seguro entrar. Ela o fez com cuidado, atenta ao perigo, encontrando apenas o cômodo vazio com os mesmos objetos de antes.

Pensou estar ficando louca. Amaldiçoou aquela família por mexer tanto com sua cabeça.

Girou o corpo para voltar ao quarto de hóspedes, mas era tarde demais.

Havia sido puxada para a Cidade Fantasma.



Hunter não queria estragar o que havia acontecido naquela noite. Apesar de simples, se tornou tão especial em sua concepção que foi incapaz de barrar os pensamentos sobre ela. Sua mente repassava as melhores partes, os melhores sorrisos e os toques desajeitados sempre que fechava os olhos, ajudando-o não só a

ficar mais calmo, como feliz. Verdadeiramente feliz. Como nunca achou que poderia ser.

Pegou o celular para responder à mensagem de Adam quando já era muito tarde.

Adam Warlock: Foi o melhor primeiro beijo de todos.

Hunter: Foi o único que você teve.

Adam Warlock: Então preciso de outro, só para ter certeza.

Ele sorriu, se sentindo um idiota. Concordei com o julgamento ao sentar-se ao seu lado e ler as mensagens, pensando como os humanos conseguiam ser difíceis de compreender. Até aquela noite, Hunter era um caso sem solução, uma alma não sociável e fechada que permaneceria sozinha para sempre. Vê-lo se abrir com Adam e sorrir de verdade me fez perceber que todos os meus séculos de existência não foram o suficiente para entender como aquelas criaturas funcionavam. Me senti um idiota, tanto quanto ele.

Hunter pegou o celular de novo. Hesitação preencheu o quarto quando pensou no que digitar, e previ sua decisão como se minha última análise não fosse válida: humanos eram, na verdade, bastante previsíveis e nada complicados.

Hunter: Hipoteticamente falando, se você quisesse fugir de casa essa noite, eu deixaria minha janela aberta.

Adam Warlock: Hipoteticamente falando, se eu estivesse a dois minutos da sua casa agora, ficaria feliz de chegar e ver a janela aberta.

Desconfiado, Hunter se levantou da cama e espiou pela fresta da cortina. Em dois minutos, Adam apareceu. Estava com uma bicicleta diferente da que usava para ir à escola e a mesma roupa do encontro, com a exceção do casaco verde musgo. Com a mesma facilidade da primeira vez ele escalou até o segundo andar, chegando ao quarto em um silêncio invejável.

— Trouxe bebida. — Puxou algo de dentro do casaco, exibindo a garrafa para Hunter. — Sempre quis beber no meu primeiro encontro.

— Como pretende voltar para casa bêbado?

Adam franziu o nariz em uma careta adorável.

— A intenção é que você não me deixe voltar.

Hunter venceu o passo que os separava, tirando a garrafa de sua mão e a deixando na cômoda. Adam pareceu momentaneamente decepcionado, interpretando o gesto como uma negativa para sua oferta. Sua impressão mudou quando Hunter o puxou para perto, envolvendo sua cintura com um braço, segurando seu rosto com a mão livre. Adam ficava com os cachos bagunçados quando andava de bicicleta, o que era particularmente atraente para Hunter.

— Você ainda quer aquele outro beijo? — Sussurrou, os dedos desenhando a bochecha de Adam com cuidado, aproveitando ao máximo aquele momento raro

no qual não precisava de desculpas para poder olhá-lo.

Adam confirmou com um murmuro inebriado, completamente perdido na boca de Hunter. Ainda assim, o outro se aproximou com cautela, tocando seus lábios com carinho e paciência. Queria prolongar a sensação de ser quem eram naquela noite. Todas as primeiras experiências que acumulou e providenciou, os fragmentos que o fizeram sentir que iria explodir. Perdeu as contas de quantas vezes o próprio coração quebrou e aqueceu à medida que se sentia bem de verdade, talvez pela primeira vez em sua vida. Sabia pouco sobre estar apaixonado, mas acreditou com todas as forças que era exatamente aquilo. Não havia outra explicação para querer Adam tão perto. Não havia explicação para tê-lo em seus braços e ainda sentir que a proximidade não era o suficiente.

A jaqueta verde desceu pelos braços de Adam, encontrando um lugar no chão. Sem ela, Hunter sentiu o coração do garoto bater contra si, tão forte e descompassado quanto o próprio, enriquecendo cada parte daquela proximidade. Estremeceu em um momento de histeria que fez todos os seus sentidos entrarem em combustão. Não havia nada além deles e aquele quarto, nenhum mundo além da janela.

Nada além deles e de seu telefone, que tocou no momento em que Hunter deitou Adam na cama bagunçada. A pressão de seu corpo, quente e suave, hesitou por um breve instante, quando pensou em não atender.

Mas era *madrugada*. E ninguém faz ligações tardias se não fosse uma emergência.

Com um pedido de desculpas, Hunter caiu para o lado direito de Adam e pegou o telefone. Encarou o teto enquanto atendia, sentindo a presença do garoto deitado tão próximo, espalhando os cachos bagunçados pelo colchão. Hunter não percebeu quando decidiu buscar a mão de Adam, apertando os dedos com carinho enquanto escutava quem quer que estivesse do outro lado da linha.

— Hunter?

A voz era conhecida. Hunter afastou o telefone para checar o contato, mas pertencia a um número sem identificação.

— Sou eu.

— É a Taylor. Não sei se você lembra de mim, sou amiga da Amélia.

— Sim, eu me lembro. Está tudo bem?

Foi inevitável para ele não se preocupar.

— Posso te pedir um favor?

A voz dela estava aflita. Um aperto muito forte fez seu estômago revirar. Deixou o corpo cair completamente na cama, encontrando os olhos de Adam. Ele passou os dedos pela testa de Hunter, brincando com uma mecha de cabelo, atento e um pouco preocupado.

— Claro.

Um instante de silêncio alongou a ligação, até que Taylor suspirou.

— Estou perdida em algum lugar e não consigo falar com mais ninguém.

Não era o que ele esperava. Ainda assim, se dispôs a ajudar, sem hesitação.

— Que lugar? Tem alguma placa por perto?

— Não.

— Consegue me enviar uma foto da rua ou algo assim?

— Meu celular ficou sem sinal. Achei um telefone e liguei. Estou em uma espécie de bar, só que não tem ninguém por perto. Parece abandonado.

Hunter franziu o cenho.

— Não tem nenhum letreiro? Ou algo no cardápio.

Taylor pediu um instante. Demorou dois minutos para voltar.

— Bar do Bill — murmurou, provavelmente lendo alguma coisa. — Mas não tem endereço.

— Tudo bem, eu sei onde é.

Um suspiro longo exalou pelo telefone.

— Obrigada. Muito obrigada mesmo.



25

2021

Hoje é 18 de janeiro.

Em um mês será o aniversário do desaparecimento do Adam.

E, também, o *meu* aniversário.

Não sou fã de comemorações, para ser sincero. Apesar de não ter problema em lidar com a realidade de estar um ano mais velho, essa data me assombra há muitos anos. É difícil comemorar e assoprar velas quando a todo o instante tenho em mente que Adam desapareceu na minha festa de aniversário. Uma festa que eu nunca quis.

Uma maldita festa surpresa.

Realmente tento não culpar Amélia por isso. Apesar de ainda acreditar que cometeu erros naquela noite, suas intenções nunca me passaram despercebidas. Eu só queria que ela tivesse me escutado, ao menos uma vez. E então Adam estaria aqui.

— Você entendeu o plano?

Estou sentado no sofá, ao lado de Ben. E Amélia, por algum motivo, ainda está falando.

— Não vou fazer parte disso. — Repito pela milésima vez. — Você já tem toda a ajuda de que precisa.

A garota busca o olhar de Ben, que dá de ombros. Está determinado a não se envolver em mais nenhum desentendimento entre Amélia e eu. Conversamos bastante depois que as coisas se acalmaram, e ele entendeu que nem sempre ser enxerido é a melhor forma de ajudar. Sei que o bom comportamento durará pouco, o que não me impede de admirar o esforço dele.

— Mas é o aniversário do Brandon — Amélia insiste. — Não podemos deixar passar em branco.

— Faz um bolo e enche o carro dele de balões — resmungo. — Não precisa de uma droga de festa surpresa. A gente não tá mais no colegial.

— Na verdade — Taylor, que até o momento se manteve fora da discussão, intervém: — Não há uma data de validade para festas de aniversário. Eu acho uma ideia muito legal, pode contar comigo.

Uma pontada de ciúmes faz com que eu revire os olhos. Sou o Hunter de 15 anos de novo, lutando pela atenção que Brandon sempre tira de mim. Parte do que motivava esse sentimento mudou e, adulto e não tão mesquinho como antes, não odeio o garoto como naquela época, mas não quero fazer uma festa para ele. Não na minha casa e certamente não enquanto ainda estou concentrado em procurar o Adam.

Amélia agradece o apoio de Taylor.

— O Hunter fica de fora, então. Ben, você vai ajudar?

Ele nem mesmo pensa antes de se levantar do sofá para se voluntariar.

— Gosto do Brandon, pode contar comigo.

Evito deixar qualquer comentário escapar. Não acredito que estão perdendo tempo com isso quando não checamos nem a metade da Cidade Fantasma. Faz uma semana desde que estabelecemos o plano inicial e fomos relativamente bem analisando prédios públicos e lojas, mas os dias estão passando e as pistas que encontramos ainda não nos dizem nada. É um tanto desesperador ficar sozinho em um beco sem saída enquanto todo mundo planeja a festa surpresa de Brandon.

Levanto-me do sofá. Pretendo repassar as notícias nos jornais e fazer mais algumas pesquisas enquanto não voltamos para as buscas. Tenho a impressão de que estamos perdendo algo muito importante, algo que Adam está tentando nos falar. Subo as escadas e entro no quarto, puxando a cortina que cobre o vidro da janela. Montei um miniquadro aqui, com o intuito de manter tudo escondido dos meus pais. Sei que eles não me repreenderiam, achando que tudo faz parte do meu projeto para a faculdade, mas isso não diminui o medo de magoá-los.

Analiso o recorte que deixei no centro: o bar de Maddie, estranhamente igual nas duas cidades. Depois daquela noite, passei na biblioteca e Jane encontrou outras matérias sobre o lugar. Fiz cópias e trouxe todas para casa. A foto dos caça níqueis está um pouco abaixo, com uma página do livro do fliperama ao lado. Tentei descobrir quem eram os clientes em destaque e também não cheguei a nenhum resultado. Eram nomes comuns, entretanto a maior dificuldade ganhou no tempo: a maioria das pessoas que estavam em Dethaun em 1999 foram embora. Algumas morreram, outras deixaram a cidade depois de alguma tragédia. Apenas um nome simplesmente não gerou qualquer resultado, mas pertencia a um jogador

que utilizava pseudônimo. *Damon*, seja lá quem for, é o próximo recordista depois de Adam, e espero que não seja importante.

A cômoda inteira vibra com a notificação do meu celular, o que me assusta um pouco. Transfiro a atenção da janela para a mensagem que recebi, um pouco esperançoso quando percebo que é um recado de Jane:

Mary Jane: Oi! Acho que encontrei uma coisa interessante.

Ela digita por um tempo, mas acaba mandando uma foto. Amplio a imagem para conseguir ler o que está escrito no recorte de jornal que Jane enviou. É uma notícia sobre o incêndio que destruiu a igreja da Cidade Fantasma, com parte de uma entrevista com o pastor da época.

Mary Jane: Ele ainda está vivo, poderia falar com ele.

Não é uma má ideia. Poucas pessoas permaneceram em Dethaun, talvez umas vinte ou trinta contando com os meus pais. Não por coincidência, os moradores que decidiram ficar não estão diretamente ligados aos acidentes, mas esse pastor com certeza viu o que aconteceu ao menos naquela noite. Espero que ele tenha informações úteis que possam nos ajudar a entender a Cidade Fantasma melhor.

Hunter: Obrigado, vou dar uma olhada.

Mary Jane: Por nada. Se eu encontrar mais alguma coisa, te mando.

Checo a notícia mais uma vez, em busca de informações sobre o pastor. Talvez, com o nome, eu consiga descobrir se ainda vive na cidade. Não deve ser difícil localizar alguém como ele, principalmente em um lugar pequeno no qual as pessoas são muito apegadas à religião.

E ali está, um pouco antes da entrevista, em que o jornalista apresenta algumas informações sobre o homem.

— Knight — murmuro, abismado.

É a família da Taylor.

É o tio dela.



Vivi está bastante enferrujada. Meus pais tentaram preservá-la enrolando-a em um amontoado de plástico e papelão, o que não ajudou muito. Na pressa, parte dessa proteção improvisada ficou para trás e, à medida que pedalo, escuto o som do plástico lutando contra o vento.

Chego à casa dos Knight em vinte minutos. Fica algumas ruas atrás da minha, no último quarteirão, como se estivesse se escondendo do restante de nós. Observo a parte de fora por alguns segundos, bastante nervoso agora que penso no que estou fazendo. É possível que Taylor fique irritada quando souber que visitei sua família sem consultá-la, mas, sinceramente, eu não a faria passar por isso comigo. Teve muito trabalho lutando para manter seus avós e tios o mais longe possível de sua

vida, sempre fugindo de convites para feriados e até mesmo evitando mencioná-los em conversas. Sei apenas superficialmente da trágica história de seu primo, já que o luto dos Knight a afetou de uma forma diferente e Taylor lembra pouco dele. Ainda assim, sei bastante sobre como a trataram durante a transição, e não faria sentido expor minha amiga a essas pessoas. Posso fazer isso sozinho, eles nem mesmo precisam saber que a conheço.

Toco a campainha, e, no mesmo instante, ouço algo às minhas costas. Viro-me e encontro Ben chegando em seu carro branco, trazendo Brandon no banco do passageiro. Franzo o cenho e a porta se abre, então me viro.

— Posso ajudar?

É uma mulher que me atende, muito parecida com Taylor. Deduzo que se trata da sua mãe, e tento sorrir. Quando estou prestes a me apresentar, entretanto, ela enxerga além dos meus ombros e sua expressão muda ao reconhecer Brandon.

— Há quanto tempo! — A mulher passa direto por mim, cumprimentando o garoto com empolgação. — Você está tão grande! Entre, entre!

Brandon me cumprimenta brevemente quando a segue porta adentro, e Ben se aproxima com cuidado até parar ao meu lado. O encaro meio em dúvida se devo ficar furioso. Há menos de uma hora lhe dei créditos por deixar de ser um enxerido, mas aqui estamos.

— Precisamos distraí-lo para montar a festa. — Ben se explica. — A Jane me mandou uma mensagem falando sobre o tio da Taylor, e eu decidi trazer o Brandon comigo. Não sabia que estaria aqui...

Reconheço que, dessa vez, não é culpa dele.

— Recebi a mesma mensagem. — Explico.

Ele abre a boca, um pouco confuso.

— Esquece isso. — Solto um longo suspiro cansado.

Entro na casa mesmo que ninguém tenha me convidado. Estou aqui, afinal. E com Brandon, tenho uma chance mínima de conseguir informações úteis.

Ben me acompanha e seguimos para a sala, onde a mãe de Taylor conversa com Brandon. Permanecemos em silêncio e, quando ela nos vê e não nos expulsa, tomamos a liberdade de nos sentarmos no sofá. Permanecemos invisíveis enquanto ela pergunta coisas superficiais e, quando a mulher sai afirmando que nos fará um café, puxo Brandon para se sentar ao meu lado.

— Qual é o plano?

— Se soubéssemos o que estamos procurando, haveria um plano. — Ele tenta não falar alto. — Vamos só... conversar com ela ou algo assim. Usa a sua desculpa do trabalho. Qualquer informação que nos dê uma direção será bem-vinda.

Não penso em nada melhor, então concordo.

— Qual é o nome dela mesmo?

Brandon me olha meio horrorizado.

— Você não se deu ao trabalho de tentar descobrir antes? Fique feliz que eu apareci. Lauren te odiaria.

— Lauren — repito, tentando memorizar.

É estranho pensar nisso, mas Taylor nunca me falou o nome da mãe dela. Nem com o que trabalha. A informação de que seu tio era pastor há vinte anos deveria ser algo fácil, eu deveria saber disso. Me sinto um péssimo amigo por não ter qualquer noção de como era a vida da Taylor antes de Nova Iorque.

Lauren retorna à sala. Dispõe três xícaras na mesinha de centro e serve apenas a destinada a Brandon. Estou ciente de que sou um intruso, mas não deixo de pensar que ela é bastante mal-educada.

— Então, quem são eles? — Mesmo que esteja se referindo a nós, olha apenas para seu convidado desejado.

— Sou o Ben. — Meu amigo responde animadamente, estendendo a mão.

Sinceramente, deveria ser considerado um crime tratar esse garoto de forma rude. Lauren demora para responder sua saudação, deixando-o um pouco desconfortável, mas não menos amigável. Ela enfim cede e cumprimenta meu amigo, sorrindo fraco ao apertar sua mão.

Não me dou ao trabalho de dizer meu nome. Ela não disse o dela.

— Lauren, queríamos muito a sua ajuda para um dos nossos projetos de faculdade. — Brandon assume a conversa, chamando a atenção da mulher. — Teria um tempo para responder algumas perguntas?

Lauren parece um pouco confusa, mas concorda. Ela se senta no sofá do outro lado da mesa, juntando as pernas e arrumando a postura. Talvez seja o fato de eu não gostar dela, mas de repente Taylor e essa mulher não são nada parecidas.

— Claro, pode perguntar o que quiser.

Brandon sorri. Se ajeita no sofá, preparando-se para começar. Deve estar pensando em uma forma de entrar no tópico sem causar um alarde, visto o histórico que a família Knight tem em lidar com tragédias. Enquanto isso, imagino se o tio de Taylor está em algum lugar. Viemos por ele, mas parece que Lauren mora sozinha há algum tempo.

— Nosso trabalho é sobre Dethaun. — Brandon explica. Sinto seu esforço para manter a tensão longe, como se o assunto não fosse nada demais. — Sobre a história dela, mais especificamente. E, durante a pesquisa, encontramos algumas coisas que nos deixaram bastante confusos. Lembrei que a senhora morou aqui durante os anos 1990, e se puder nos ajudar...

— O que vocês querem saber sobre 1990? — Ela o interrompe. Seu lábio superior treme um pouco e me deixa em alerta. De repente, estar aqui parece uma ideia horrível.

— Seu irmão era pastor na época, não era?

— Sim, ele era.

A xícara de café de Brandon permanece intacta. Ele está concentrado em conduzir a conversa e nada além disso. É como se a cada segundo Lauren o odiasse mais, a mudança em seu humor é evidente quando percebe qual será a nossa pergunta final. Eu diria que delicado é uma forma bastante superficial de definir como essa família lida com o passado. A reação de Lauren é tão intensa que abala até mesmo o *meu* psicológico. Aperto as mãos para que não tremam, evitando o pensamento que me ocorre: sou parecido com ela. Já estive nessa posição muitas vezes, molhando com lágrimas uma expressão vazia de quem já se acostumou tanto com a dor que não a sente mais. É assustador ver de fora, ela parece... *morta*.

Puxo a camiseta de Brandon disfarçadamente, indicando que devemos ir embora. Quero achar Adam, obviamente, mas não estou disposto a perturbar a paz de uma família em luto.

— A senhora pode nos contar alguma coisa sobre o incêndio que destruiu a igreja? Não encontramos informações sobre isso.

Lauren me olha. É um movimento tão rápido que me deixa ainda mais tenso, e não gosto de ser o foco de sua atenção. Preferia quando ela estava fingindo que eu era invisível.

— Onde está meu filho? — Questiona.

Até este momento, achei que Lauren não sabia quem eu era. Ela parece bem ciente agora, com raiva, como se eu tivesse levado Taylor para longe dela.

— Você o trouxe de volta? Ele está lá fora, esperando?

— Não. A Taylor não está aqui.

— Ele te mandou fazer essas perguntas? — Volta a olhar para Brandon. — Por quê?

Brandon parece tão confuso quanto eu, mas responde com calma:

— Não, a Taylor não nos pediu para fazer isso. Como eu disse, é um trabalho pa...

— Ele nunca soube respeitar a própria família. — Lauren ri nervosamente, e agora eu sei que foi mesmo uma péssima ideia estar aqui. — Sabe o que ele falou antes de ir embora? Que nunca seria o Dylan. Como se não soubéssemos disso...

Puxo a camiseta de Brandon de novo. Dessa vez, ele me olha. Faço sinal para sairmos, mas ele balança a cabeça negativamente.

— Diga para ele deixar o primo em paz. — Lauren se levanta do sofá. — Não vou responder perguntas sobre o incêndio. Por favor, saiam.

Não espero que ela peça uma segunda vez. Pulo para fora do sofá e puxo Ben comigo na direção da porta. Com as mãos trêmulas, foco no meu melhor amigo para controlar o nervosismo e tentar voltar a ter controle. Respiro baixinho até

estarmos fora da casa, que de tão escura faz nossos olhos doerem em contato com o sol.

— O que foi aquilo? — Ben sussurra enquanto ainda o puxo, agora na direção do carro.

— Eu não sei.

Brandon finalmente sai da casa, fechando a porta atrás de si. Ele desce os degraus da varanda e para na minha frente, soltando um suspiro meio devastado.

— Meu Deus. Eles nunca mudam — comenta.

Seu tom de voz é tão frio. Não parece que acabamos de testemunhar o luto em sua essência. Talvez eu esteja sendo muito emotivo, mas esperava um pouco de empatia de Brandon.

Sei que ele não tem culpa de não ter os mesmos traumas que eu quando se trata de perder alguém, mas não consigo evitar questioná-lo.

— Por que fez aquilo? Devíamos ter saído quando ela começou a chorar. Estávamos falando da família dela.

O olhar surpreso de Brandon me pega desprevenido. Por um instante, fico confuso, até que ele explica.

— Ela não se sentiu pressionada pelo luto, Hunter. Foi a menção ao incêndio. Deveríamos ter insistido mais...

— Como assim?

— Ela parecia culpada, você não percebeu? E falou do Dylan e da Taylor sem que a gente mencionasse nada. Talvez...

Eu estava tão concentrado em não deixar Lauren me afetar, que não percebi.

— Talvez? — pressiono, não muito paciente para esperá-lo formular uma teoria.

— Talvez o Dylan tenha alguma coisa a ver com o incêndio.

— Mas ele morreu no acidente de carro.

— Na verdade, ele ficou em coma antes de morrer.

— Seria difícil provocar um incêndio se ele estivesse em coma — ressalto.

Brandon me olha irritado.

— Você tem a cabeça muito fechada, Fantasma. Depois de tudo o que vimos, descarta a possibilidade de ele ter feito isso depois de morto?

— Se fosse o caso, Lauren não saberia. Ou ela acha que o Dylan é um fantasma e aceitou isso?

Brandon não tem uma resposta para isso.

— E se procurássemos a garota? — sugere. — A que aparece na notícia como culpada.

Não é uma má ideia. Mas não consegui encontrar nada sobre ela quando pesquisei.

— Talvez devêssemos falar com a Taylor antes. Ela precisa saber que estivemos aqui.

— Ela provavelmente sabe alguma coisa também. A mãe falou como se Taylor já tivesse perguntado sobre o incêndio antes.

Entramos em um acordo, então. Ben está encostado no carro, esperando a gente terminar. Quando olho para ele, o garoto aponta para Vivi, meio entretido.

— Aquilo é plástico?



Sou pego de surpresa junto com Brandon. Achei que sua festa seria na minha casa. Antes de sair, minha mãe planejava o bolo e a decoração com Amélia. Pensei que o bar da Maddie seria seguro quando Ben sugeriu que bebêssemos algo. Eu devia ter suspeitado quando notei ser apenas o começo da noite, mas, ultimamente, não tenho muitos critérios para buscar escapatórias.

Gritos ecoam pelo salão assim que entramos. Posso ainda estar sensível pela visita aos Knight, mas esse coro de vozes me deixa tonto por um instante. Não quero mesmo chamar a atenção de ninguém, então me obrigo a afastar todas as lembranças da noite em que Adam morreu, os gritos assustadoramente parecidos com esses que escutei apenas algumas horas antes de tudo acontecer.

Repiro e inspiro baixinho, me afastando três passos até minhas costas baterem na porta do bar e eu sumir de vista. Ninguém está preocupado comigo já que Amélia segura o bolo na frente de Brandon, seu rosto iluminado pelo brilho alaranjado das velas. A cantoria começa logo que o aniversariante está próximo o suficiente do grupo, e mantenho o foco nele, nas mãos batendo palmas, no sorriso tímido. Tudo para fugir daquela noite. Me distrair. Tentar voltar para a data certa.

Os flashes da câmera de Ben são a minha âncora. É o que me arrasta de volta para a realidade.

Estou bem.

Respiro fundo mais uma vez antes de me aproximar, a tempo de ver Brandon assoprar as velas. É quando a calma cai sobre o grupo e as pessoas se revezam para abraçá-lo.

— Isso foi... surpreendente — ele ri. Seu primeiro comentário.

Maddie aparece com gritos estridentes e nos guia para uma mesa especial. Ela diz que fechou o bar apenas para esse momento e garante que não faltarão bebidas e aperitivos pelo restante da noite. Agora que isso está se parecendo menos com uma festa surpresa, consigo relaxar e percebo que o karaokê de antigamente voltou ao seu posto, no meio do salão com suas luzes piscantes. Amélia já está lá, junto com Ben. Jane aparece em algum momento também, o que me deixa confuso, mas feliz. Gosto dela. E sempre que a vejo, penso que está muito triste.

— Prontinho, suas cervejas. — Maddie coloca duas garrafas sobre a mesa em que estou sentado com Brandon e Taylor. — Trago algo sem álcool pra você, aniversariante?

— Não. — É Taylor quem responde. — Hoje é um dia especial. Ele vai beber e nós é quem vamos levá-lo para casa.

Brandon ri, sem objeções. Maddie concorda e sai em busca de mais uma cerveja.

— Me sinto como nos velhos tempos — Taylor comenta ao observar o salão. — Uma festa, todos juntos...

— O Hunter emburrado — Brandon provoca.

— Sim, é exatamente igual.

— Eu não tô emburrado — me defendo.

Mas não tem como disfarçar a irritação na minha voz.

— Como é em Nova Iorque? — Brandon cruza os braços e me analisa, curioso. — Você fez amigos com essa cara?

— O Ben.

Taylor acompanha a risada do garoto, apesar de não ter sido uma piada. Logo depois, Maddie se junta a nós na mesa e os três iniciam uma conversa da qual não faço parte. Apesar de querer, é muito mais interessante apenas observá-los. Parecem, de fato, iguais a antes, felizes e um pouco inocentes, até. Quase não percebo a tristeza em Maddie, e, por um segundo, quando ela menciona Bill como se ele estivesse vivo, eu não duvido.

É mais difícil separar as coisas à medida que fico bêbado.

— Maddie, o que tem feito? — Taylor pergunta, com cuidado. Está interessada, mas um pouco receosa. — Ainda pinta?

Lembro vagamente de Meredith fazendo aulas de pintura antes de tudo acontecer. Ela reservava o porão do bar para ser seu estúdio e passava boa parte do dia ali. Não coincidentemente, foi quando Bill piorou; ele era obrigado a ficar sozinho e lidar com os pais sem a ajuda da irmã.

— Dei um tempo da pintura. — Maddie bebe um gole da cerveja antes de continuar: — O bar é trabalhoso o suficiente.

Jane se aproxima, o que chama a atenção da loira.

— Ei! O Bill vai demorar? Achei que ele estava com você.

Por um instante doloroso, Jane entra em um estado catatônico de confusão. Observo seu rosto enquanto tenta assimilar o que acabou de ouvir, provavelmente não tendo visto Maddie desde que Bill morreu. Ela não sabe que a garota está... Bem, não muito sã.

Felizmente, este momento intenso que tinha tudo para ser horrível é interrompido por Brandon, que se levanta da mesa e chama a atenção de todos. Vê-

lo se colocar em evidência me deixa desconfortável, o que me faz invejar um pouco a sua disposição. Eu deixaria este lugar cair aos pedaços antes de impedir tentar impedir o desastre iminente — não porque eu não ligo, mas simplesmente porque não conseguiria.

Como se tivesse lido a minha mente e quisesse me provocar, Brandon olha na minha direção e me puxa pela camiseta até que eu fique em pé. Por algum instinto, não largo a minha cerveja e fico apenas olhando para ele enquanto toda a mesa nos observa.

Até que ele diz algo.

— Vamos fumar lá fora? — e inclui Jane no convite, olhando para ela com uma sobrancelha levantada. A garota concorda e Brandon se move, passando por ela enquanto ainda me puxa, nos arrastando gentil e apressadamente para o lado de fora.

Enquanto me afasto, desejo que Taylor consiga lidar com a segunda parte da situação sozinha. Não poderia ajudá-la, mesmo que quisesse. E sei que não posso prestar qualquer auxílio à Jane também, que, do lado de fora, longe do restante do grupo, cai no choro antes que eu possa fazer qualquer coisa. Brandon toma a iniciativa de oferecer um abraço quando as lágrimas começam a pingar na calçada, mas a garota recusa com a voz embargada.

— Preciso ir ao banheiro — ela murmura antes de correr para dentro do bar.

Me sinto pesado. Como se tivesse sido o responsável pela situação. Brandon também tem algo muito devastador no olhar, e eu sei que ele está se sentindo culpado.

— Ei, você não pode cuidar de tudo. — Tento animá-lo, dando um tapinha em seu ombro. — A Jane vai ficar bem.

Ele dá um passo para trás, encostando a cabeça na parede do bar. O letreiro rosa deixa seu olhar um pouco escuro, talvez mais triste do que de fato é.

— Eu queria poder ajudar a Maddie — confessa. — Mas não sei o que fazer.

Enquanto ele bebe um gole da cerveja, respondo:

— Ela não é sua responsabilidade.

— Então de quem é? — Rebate, um pouco menos triste. — Pessoas que não têm ninguém são responsabilidade de todos os outros, você não acha? Ou devemos apenas abandoná-la?

Eu a abandonaria, penso. E logo em seguida percebo a diferença entre nós.

— Você deveria entrar e comemorar seu aniversário — sugiro. Apesar de ter sido contra essa ideia, não tem por que deixá-lo cair em dilemas a esta altura.

Brandon olha para a porta brevemente.

— Quero ficar aqui mais um pouco.

Dou um passo para trás.

— Ok. Estarei lá dentro se precisar e...

— Não — me interrompe. — Fica aqui. Por favor.

Concordo com a cabeça. Vou para perto da parede e encosto no espaço ao seu lado. Não tem nada para ver aqui fora, só a estrada, as árvores e a noite.

— Hunter?

— Oi.

— Posso te contar uma coisa?

Olho para ele, que mantém a atenção fixa na estrada.

— Claro.

— Não quero que mais ninguém saiba disso. Você já me odeia, não mudaria se eu te contasse, então... — Ele leva um segundo para organizar os pensamentos. Nesse tempo, cogito refutar sua última sugestão, me surpreendendo diante da rapidez com a qual percebo que não o odeio. Brandon continua: — Eu acho que meu pai estava dirigindo o carro que matou todas aquelas pessoas no acidente da praça.

Quando Brandon perguntou, achei que fosse me contar alguma teoria nova sobre os Knight. Sou pego de surpresa e não consigo conter uma expressão assustada, o que me faz sentir como um idiota. Sempre fui um péssimo ouvinte, de qualquer jeito.

Brandon deve saber disso.

Diante do silêncio, ele continua:

— Acho que é esse o motivo de Daniel e Barth decidirem esconder a identidade dos meus pais biológicos. Sabem que eu não aguentaria descobrir ser filho da pessoa que causou tanto sofrimento a uma cidade inteira.

Não é algo tão absurdo e, com tristeza, percebo que Brandon provavelmente está certo. Imagino como a informação foi difícil de absorver e não consigo parar de me perguntar se esse é o motivo dele ser sempre tão cuidadoso com todo mundo. Está inconscientemente tentando compensar o erro do pai?

Há uma questão mais importante que essa, porém.

— Você encontrou alguma pista que te disse isso?

Brandon me olha. Não parece triste, apenas desanimado.

— Meu carro é o mesmo das fotos do acidente. Provavelmente foi reformado, mas... Parece igual. Fiz uma busca com o documento e o primeiro dono não era meu pai adotivo.

— Qual era o nome do primeiro dono?

Ele bebe mais um gole da cerveja e parece decepcionado quando nota que foi o último.

— Thomás, ou algo assim. Mas não encontrei nada sobre ele em lugar algum.

— Realmente acha que ele é seu pai biológico? O carro pode ter sido vendido.

— Daniel era amigo de um Thomás... Seria muita coincidência, não acha?

Não tenho o que responder a isso, então empurro minha cerveja na sua direção. Álcool ajuda na raiva e na mágoa, sei melhor do que ninguém. Brandon levanta uma sobrancelha, perigosamente perto de um sorriso ao aceitar.

— Certo, havia me esquecido de que está aqui como distração. Obrigado por me manter embriagado.

Não havia percebido que tinha uma missão a cumprir. Ainda assim, me sinto estranhamente aliviado pelo sorriso que conquistei.

— Geralmente não sou bom com distrações. Vou me esforçar, já que é seu aniversário.

Brandon solta uma risada arrastada e bêbada.

— Você é bem distrativo, Hunter. Dificilmente me concentro quando está por perto. Não precisa de esforço.

É uma progressão suave do flerte para a confissão, deixando ainda mais claro que Brandon bebeu sete garrafas de cerveja e não pretende parar. Não me importo em ser o foco de suas investidas, não como antes. Aos quinze eu pensava que era tudo um jogo, hoje entendo que ele está se protegendo. Não de mim ou do mundo, muito menos da Cidade Fantasma, mas de si mesmo. Evitar a seriedade em um mundo pesado o suficiente é uma escolha sábia. Melhor do que se afundar em raiva, como eu.

— Você estava errado antes. — Chamo sua atenção. Brandon terminou a minha cerveja e me olha com a atenção meio vaga. — Eu não te odeio.

— Isso quer dizer que você vai responder às minhas mensagens?

Faço uma careta.

— Dê um passo de cada vez.

Vejo essa conversa caminhar para uma direção bastante perigosa. Ainda assim, dificilmente não ficaria curioso com o desfecho. É interessante, divertido e um pouco errado observar as nuances, e não me oponho quando Brandon deixa a garrafa vazia em um ponto dos nossos pés e se aproxima. Penso que vai me beijar ou tentar alguma coisa, mas ele só toca uma mecha do meu cabelo. Sinto seus dedos se moverem perto da minha orelha, muito suave, os olhos fixos em um ponto do meu pescoço.

— Eu gosto do seu cabelo assim — murmura. O toque desce um pouco, parando na minha nuca. É quente e ainda suave, mas firme. — Me faz querer dar mais um passo.

Seguro o impulso de tocar nele também. É devastador, quase um desafio. Gosto do seu rosto, da atenção fixa que deposita naquele ponto do meu pescoço. Brandon nota que estou observando, mas não desvio. Sustento seu olhar até ele sorrir e mover os dedos para o meu queixo.

— Passei anos achando que você me odiava, e agora quero muito te beijar. Isso pode fazer com que me odeie de verdade, o que é muito confuso. Talvez eu deva só te esquecer de vez.

Ele ainda observa meus lábios. Não bebi tanto para sentir esses arrepios, nem o coração muito acelerado. Seguro seus dedos ainda no meu queixo e os levo à boca, beijando-os suavemente.

— Você quer sair daqui? — Pergunto.

Brandon parece surpreso, mas não abismado.

— Isso é por pena?

— Não. Isso é porque eu definitivamente não te odeio.

Ele sorri.

O frio não nos incomoda, é um velho aliado. Brandon está quente e corado e um pouco zozinho, mas é surpreendentemente ágil para seu estado. Ele me empurra contra a parede assim que sorrio de volta, me beijando com urgência, mas não de uma forma desleixada. Em dias normais, eu não faria isso; não fugiria para fora de um bar de estrada com um garoto só porque ele é muito bonito, mas estou aqui. Como o Hunter de quinze anos que se sentia insuficiente para o mesmo garoto que agora me beija como se eu fosse tudo o que existe no universo.

Ele puxa a minha jaqueta depois que puxo a dele, e meu cinto é o primeiro a sair. Minha cabeça gira por razões diferentes das suas. É melhor que a bebida, essa necessidade urgente e avassaladora de sentir algo.

Isso. Nós dois.

Não o frio.

Não esse frio corrosivo que me faz segurar Brandon pela camisa, infelizmente sem a intenção de beijá-lo, apenas para interromper seus movimentos.

— O quê? — Ele parece confuso. — Eu pensei que...

— Olhe para trás — sussurro.

Ele se vira lentamente. Leva um susto quando percebe o que estou vendo, dando um passo desorientado para o lado. O seguro para que não caia e o puxo um pouco para que fique atrás de mim.

O homem parado a alguns metros tem um cigarro preso entre os lábios e o olhar divertido, nos analisando como se estivesse vendo algo realmente interessante.

— Não parem por minha causa. — Bill Piper sorri. — No mundo dos mortos, pouquíssimas coisas são interessantes assim.



26

2016

Adam ficou bastante chateado naquela noite, depois que Taylor ligou. Ele queria ajudar, mas Hunter achou melhor o garoto ir para casa.

— Sua mãe abriu uma exceção e deixou você sair comigo — argumentou — Se ela acordar e não te encontrar em casa, pode decidir que não vai deixar mais a gente se ver.

Era um medo genuíno.

Já apaixonado e pouco disposto a continuar seguindo ordens, Adam não enxergava o mesmo perigo que Hunter — sempre racional e pessimista — e insistiu para acompanhá-lo. A primeira quase briga dos dois foi curta por falta de argumentos, uma vez que Adam não podia ir contra a ideia de que um deslize provocaria a ira de sua mãe.

Em poucas horas amanheceria. A varanda da casa dos O'Brien ainda guardava parte da madrugada, fria e silenciosa o suficiente para tornar aquela conversa tensa. Hunter colocou as mãos nos bolsos do moletom e estremeceu, sentindo o mal presságio. Adam o observou, mais preocupado do que um minuto antes agora que o outro demonstrava aflição.

— Acha que ele está bem?

— *Ela* deve estar bem. Provavelmente se perdeu.

Adam franziu o cenho, fez as ligações necessárias para encontrar o erro e acabou envergonhado.

— Eu realmente queria ajudar — concluiu.

Hunter negou com a cabeça. O segurou pelos braços e o guiou para fora da varanda, na direção da bicicleta deixada de qualquer jeito rente à parede. Adam

tentou lutar contra, mas foi inútil; era menor e mais fraco e, de alguma forma, menos teimoso. Ele se contentou em seguir a indicação e subir na bicicleta.

— Te aviso quando a encontrar — garantiu Hunter. — Não se preocupe.

Mas algo já havia se instalado em Adam. Aquele mal pressentimento incômodo que apertava seu estômago e o fazia querer gritar. Tudo o que segurava a vontade de insistir era o pensamento de que estava exagerando; que as paranoias da mãe acabaram contaminando sua percepção. Se Hunter dizia que estava tudo bem, deveria confiar nele.

Olhei para a rua vazia quando trocaram um beijo de despedida. Nunca gostei da maioria das demonstrações de afeto humanas, porém a forma como Adam e Hunter se tratavam mesmo no começo era íntima demais. Sentia-me um intruso na maioria dos momentos em que se olhavam, sem que precisassem se tocar para expressar o que sentiam. Talvez eu só estivesse incomodado com o futuro dos dois, já que sabia o que estava por vir, e não quisesse me deixar ser levado. Demônios não deveriam sentir empatia pelas almas que condenavam, seria apenas um erro apreciar o que os dois tinham.

Adam finalmente partiu. Hunter o esperou sair de vista para entrar em casa e roubar a chave do carro dos pais. Qualquer que fosse o problema, seria mais fácil de resolver se não chegasse cansado ao Bar, e ainda havia a possibilidade de Taylor estar machucada. Não havia conseguido contato ao retornar ao número de telefone que a garota usou para contatá-lo, uma preocupação extra agora que precisava saber se deveria levar medicamentos ou ajuda.

Precisei do carro, Hunter escreveu no bilhete. Observei de lado a letra horrorosa ocupar grande parte do papel que ele colocou na geladeira com um ímã e, sem conseguir evitar, completei a frase com *esqueci um trabalho com a Amélia e fui buscar*, já que os pais de Hunter entrariam em desespero com a informação vaga. Depois, segui para a garagem onde ele lutava com as marchas para assumir o controle do carro, e esperei os três longos minutos que o garoto demorou para sair sem levar parte da casa junto.

Quase senti falta de Bill Piper quando Hunter pegou a estrada e uma música bastante irritante começou a tocar. O garoto estava tão nervoso que não notou a melodia, nem quando a troquei. Seus dedos apertavam o volante e o tronco inconscientemente pendia para a frente, deixando seu rosto próximo demais do painel. Hunter era habituado ao Bar do Bill, assim como Taylor, e naquele momento revezava suas preocupações entre o estado dela e a dúvida sobre como a garota não havia reconhecido o lugar. Afundei no banco e esperei que ele pensasse um pouco mais baixo, tentando amenizar o frenesi de seu cérebro sempre muito rápido para que não batesse o carro.

A primeira pessoa que Hunter viu ao chegar o pegou desprevenido, e ele deixou o carro morrer diante do susto. Os faróis apagaram junto com o motor, retirando o holofote antes evidenciando Brandon sentado na calçada em frente ao bar. Com a cabeça entre os braços em cima dos joelhos, não dava para ver seu rosto, mas Hunter conhecia a jaqueta vermelha de longe.

Hunter desceu do carro e se aproximou. Chamou uma vez, mas não obteve reação. Ficou preocupado e se sentou ao seu lado, tocando o ombro direito de Brandon com cuidado.

— Ei — Hunter tentou novamente. — Tudo bem?

Brandon enfim levantou a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos, os cabelos bagunçados. Hunter o conhecia há anos e nunca o vira em um estado tão deplorável, o que o deixou ainda mais preocupado.

— Fantasma?

Hunter suspirou de alívio. Se estava flertando, provavelmente não era tão ruim.

— Sou eu. Onde está a Taylor?

O olhar de Brandon ficou vago. Hunter suspirou e puxou os cabelos que cobriam sua testa para trás, em busca de seus olhos.

— Me conta o que aconteceu.

A palidez desnorteada, o som arrastado da voz enquanto lutava para se manter acordado.... Brandon havia passado uma madrugada inteira na Cidade Fantasma. Não soube como ainda estava vivo.

— Eu acho que alguma coisa ruim vai acontecer com a gente — ele sussurrou.

— Por que está dizendo isso?

— Aquele cara... — a frase morreu, mas eu sabia que ele falava de Dylan.

Hunter, por outro lado, não entendeu o contexto e cogitou a hipótese de Brandon estar bêbado. Tentou levantá-lo, mas não obteve sucesso. Acabou desistindo e ficou ao seu lado, buscando contato com Amélia ou Taylor pelo telefone. Não queria deixar o garoto sozinho, porém, havia dirigido até ali por outro motivo. Brandon deitou a cabeça em seu ombro enquanto Hunter procurava uma solução, e dormiu. Estava exausto e, sinceramente, pensei que estivesse morrendo, mas ele era bem mais forte do que cogitei.

— Tudo bem aí? — Alguém perguntou.

Hunter olhou para trás, onde Meredith e Billie Piper trancavam o bar. Com expressões cansadas, passavam a chave na porta de entrada, sinalizando o fim do expediente.

— Esse é o Brandon? — Maddie se aproximou, ajoelhando-se no chão frio.

Bill veio logo atrás, embrulhado em uma jaqueta de couro. Os cabelos loiros pareciam brancos agora que a manhã fria ganhava claridade. Fiquei ao seu lado, observando a cena com as mãos nos bolsos. Bill não era muito bom em ajudar os outros, geralmente sendo a pessoa que precisava de auxílio.

— O encontrei assim — Hunter explicou, sem saber como contextualizar a situação. — Ele bebeu muito?

— Em outro lugar, talvez. Brandon não estava no nosso bar. Além disso, você sabe que ele não bebe — Maddie murmurou, ainda analisando o amigo.

— Bom... — Bill se inclinou para enxergar Brandon melhor. — Parece que ele abriu uma exceção.

Hunter e Maddie trocaram um olhar preocupado, ambos pensando a mesma coisa: era impossível. Ou no mínimo improvável. Brandon rigorosamente mantinha sua decisão de não exceder os próprios limites, e com Taylor e a ligação misteriosa aquela história ficava ainda mais estranha. Hunter gostaria de colocar tudo como uma simples coincidência, mas, no fundo, entendia que havia algo errado.

— A Taylor passou por aqui? — perguntou Hunter.

Maddie pareceu surpresa por um instante.

— Sim, ela está lá dentro. A encontramos aqui, no mesmo lugar que você está agora, e a levamos para dentro. Temos uma cama no porão onde ela está dormindo.

Alívio tomou conta de Hunter. Ele se sentiu um pouco culpado por não ter sido a pessoa a ajudá-la, já que Taylor ligou diretamente para o seu celular, mas acabou priorizando a informação de que ela estava bem.

— O que esses três estavam fazendo ontem? — Bill riu nasalado. Já havia acendido o primeiro cigarro do dia, e eu aproveitei para roubar um do maço enquanto ele estava distraído.

Quando Maddie tocou a testa de Brandon, procurando saber se o garoto estava com febre, Hunter conseguiu se concentrar o suficiente para entender as palavras de Bill. Até ali, sua mente ainda parecia turva, preocupada com Taylor e todo o resto.

— Três? — Ele repetiu.

— A Amélia estava aqui também, mas a mãe veio buscar.

Era uma informação estranha de armazenar. Hunter sabia que deveria ser importante, mas não entendia como. Os três pararam no Bar do Bill no mesmo estado, em momentos diferentes. Pareceria uma noite de bebedeira se Brandon não estivesse envolvido; ele não era o tipo de pessoa que passava dos limites.

— Ele não pode ficar desmaiado aí — Bill reclamou. — É melhor a gente levar ele lá para dentro.

Já se inclinando para ajudar, ele jogou o cigarro de lado na calçada. Hunter afastou um pouco Brandon de si, apenas o suficiente para conseguir passar um dos

braços dele por cima de seu ombro. Ficou frio onde o corpo dele antestocava, e o atleta pareceu perceber; ao invés de soltar, agarrou o braço de Hunter com mais força, o que fez Maddie rir. Bill o puxou e, juntos, levaram Brandon para o porão, atravessando o bar escuro sob o som abafado de seus passos contra o piso de madeira. Todos os quadros e placas pareciam borrões sem a luz dando forma às figuras, e Hunter ficou grato quando finalmente chegaram ao porão. Lá embaixo era bem diferente do restante, com pinturas em telas ainda em andamento e um cheiro de tinta fresca. Havia uma televisão no canto mais distante, junto com uma cama de casal. Hunter reconheceu Taylor dormindo no colchão, e levou Brandon até ela.

— Deveríamos avisar os pais dele. — Maddie trazia uma garrafa de água, a qual colocou na cômoda para que alcançassem caso fosse necessário.

Hunter não tinha o número dos Hudson. Com cuidado, tateou os bolsos de Brandon em busca de seu celular, encontrando-o rápido o suficiente para não deixar a situação estranha. Usou o dedo indicador do garoto para desbloquear a tela e acessou os contatos, mandando uma mensagem para Barth avisando que o filho estava bem e que voltaria para casa no final da tarde. Fez o mesmo com Taylor, achando o telefone no bolso de sua jaqueta.

— Você quer ficar aqui? — perguntou Bill.

A mensagem era clara: estavam cansados e precisavam ir embora. O bar havia sido fechado, só permaneceram para ajudar.

Todavia, Hunter não queria deixar os dois sozinhos.

— Se não tiver problema, eu gostaria de esperar que acordassem.

— Pode ficar. Estaremos na casa de cima se precisar de alguma coisa — Maddie informou, já puxando o irmão na direção das escadas.

Hunter ficou sozinho no porão, sentado no chão ao lado da cama. Abraçou os joelhos, sentindo muito frio depois que a adrenalina passou. Os celulares de Brandon e Taylor estavam ao seu lado, recebendo notificações frenéticas com mensagens de seus pais. Hunter as ignorou agora que havia feito sua parte, deixando que os dois lidassem com o caos quando despertassem.

Seu próprio telefone tocou depois de alguns segundos. Era Adam perguntando se estava tudo bem.

Hunter: Tudo sob controle. Encontrei a Taylor e ela está bem.

Apesar do que escreveu, ele olhou para cima em busca de confirmação. A garota permanecia dormindo, encolhida nas roupas de frio largas, o cabelo preto curto espalhado pelo colchão e a respiração calma.

Adam Warlock: Que bom. Minha mãe ainda estava dormindo quando cheguei.

Hunter segurou um sorriso. Havia algo agradável na imagem que apareceu na sua cabeça, onde Adam entrava em casa em silêncio e concluía o plano com sucesso. Esperava que não tivessem que fazer aquilo por muito mais tempo, sabia

que estava sendo precipitado e ainda assim não conseguia impedir seus pensamentos, todos voltados para momentos com Adam, apenas os dois, sem limite de tempo ou segredos.

Hunter: Você quer ir no cinema hoje?

Como em muitas outras coisas, Hunter decidiu ser direto. Se pensasse muito sobre aquilo, acabaria desistindo, e ele não podia deixar que sua cabeça ferrada afastasse suas chances com Adam. Ficou bastante orgulhoso de si mesmo quando percebeu que havia tomado a iniciativa, e aguardou a resposta ansioso. Quando ele começou a demorar, passou a se martirizar por ter se precipitado.

— Merda, merda, merda — xingou baixo, guardando o celular no bolso.

Outra notificação no aparelho de Brandon fez a tela brilhar, mas dessa vez era uma mensagem de Amélia. Hunter olhou de soslaio e, primeiro, decidiu ignorar. Depois a curiosidade falou mais alto, e ele pegou o telefone. Sabia que era errado, mas queria muito entender o que havia acontecido na noite anterior.

Amélia: Você está bem? Minha mãe quase me matou. Acho melhor a gente ficar longe daquele lugar.

Hunter, claro, não respondeu. Ficou olhando pra mensagem em silêncio, esperando enquanto Amélia digitava mais alguma coisa.

Amélia: Me manda as fotos que a gente tirou de lá?

Hunter mais uma vez foi movido pela curiosidade. Saiu das mensagens e entrou na galeria do celular, onde havia mais de dez mil fotos. Fez uma comparação tola com seu arsenal de imagens que não passava de 200 capturas de tela de alguns memes e séries, e se sentiu um fracassado mais uma vez. Enquanto Brandon colecionava momentos com amigos, em festas e na escola, ele tinha no máximo uma foto com Amélia.

— O que você tá fazendo?

A voz soou muito alta. Hunter levou um susto e deixou o celular escorregar, se martirizando quando ele caiu no chão. Colocou a mão no coração e respirou fundo, olhando para Brandon logo em seguida. O garoto passava as mãos nos cabelos, bastante desorientado enquanto acordava. Se havia percebido que Hunter mexia em seu celular, não deu importância e se concentrou em tentar manter os olhos abertos.

— Onde a gente tá? — Brandon levantou os olhos para Hunter. Eles sempre foram muito claros, mas agora com o tom de rosa pareciam translúcidos — Por que a Taylor tá aqui? — Finalmente notou a garota deitada ao seu lado.

— Estamos no Bar do Bill.

Brandon checou o ambiente, não demonstrando estar familiarizado com ele. Por fim, voltou a atenção para Taylor.

— Ela não deveria estar aqui — murmurou. — É Natal.

— Vocês não estavam juntos? — Hunter questionou. Sua teoria até aquele momento era que Taylor estivesse acompanhando o garoto em alguma coisa.

Brandon negou com a cabeça, mas não deu qualquer explicação. Ao invés disso, tentou sair da cama. Colocou um pé no chão frio, então o outro, e cambaleou. Hunter foi rápido ao se levantar, dando o último passo que os separavam para segurar Brandon pelo braço, ajudando-o a manter o equilíbrio. O atleta acabou desistindo de ficar em pé quando sentiu o chão frio demais, e se sentou na cama. Hunter fez o mesmo e ocupou o espaço ao lado dele.

Diante do silêncio, Hunter queria entender o que havia acontecido.

— Você esteve lá de novo? — Perguntou. Brandon havia mencionado algo relativo a isso quando se viram do lado de fora, mas precisava confirmar. — Naquele lugar estranho.

Brandon fez que sim com a cabeça. Olhou para baixo, onde seu joelho tocava o de Hunter. Ele usava uma calça de moletom preta e azul que parecia muito mais confortável que a calça jeans de Brandon, e senti mesmo de longe o impulso que quase o fez querer tocá-lo.

— A Amélia foi junto?

A pergunta chamou a atenção de Brandon, que voltou a olhar para cima.

— É. Ela estava comigo.

— Como chegaram lá?

Hunter não conseguia evitar fazer todas aquelas perguntas. Aquela tarde na qual fora puxado para a Cidade Fantasma morava em sua cabeça, todos os dias trazendo questionamentos e dúvidas até sobre a própria sanidade.

Brandon deu de ombros.

— Não sei, foi igual ao que aconteceu com a gente. Simplesmente aparecemos lá.

Hunter esperou. Queria saber mais, só que não conseguia achar as perguntas certas. Brandon, felizmente, estava confuso o suficiente para falar em voz alta como se aquilo fosse trazer todas as respostas que precisava.

— Dessa vez, passamos horas naquele lugar — continuou. — É uma cidade abandonada, com prédios e casas em ruínas. — Ele olhou para o chão, onde seu celular ainda estava. — Tiramos fotos, se quiser ver.

Hunter concordou, tentando não parecer ansioso. Precisou colocar as mãos entre as pernas enquanto esperava Brandon pegar o telefone jogado no carpete, agitado de curiosidade.

— Isso é estranho — Brandon comentou, voltando a sentar ao lado de Hunter. — As fotos sumiram.

— Como assim?

— Acho que estava escuro demais.

De fato, tudo o que havia nas fotos recentes de Brandon era uma série de quadrados pretos.

Hunter ficou decepcionado, mas não menos curioso.

— O que aconteceu lá? Como você veio parar aqui?

— Na verdade, não sei. Em algum momento Amélia e eu dormimos, e acordei aqui.

Esperei que Brandon mencionasse Dylan, mas ele não o fez. Não era um segredo, a sensação foi de que ele sabia que o fantasma não era uma coisa boa.

— Como vocês dormiram em uma situação dessas? — Hunter parecia indignado.

Brandon chegou a pensar sobre o assunto, tentando encontrar uma explicação lógica. Ele não sabia o que era a cidade de verdade, nem das coisas que viviam nela.

— Eu só me senti... muito cansado — concluiu. Brandon guardou o celular, olhando para Taylor por um instante. — Enquanto ela não acorda, vamos procurar alguma coisa pra comer. Eu tô morrendo de fome.

Sem esperar uma confirmação, Brandon seguiu para as escadas. Hunter cogitou não o seguir, mas acabou desistindo quando sua barriga roncou, lembrando-o que não havia tomado jantado.



PARTE 4
OS FANTASMAS



Já estive em situações piores. Entre fodas de banheiro em festas da fraternidade e uma adolescência preenchida por encontros escondidos com meu namorado, beijar um cara do lado de fora de um bar é, na verdade, um pequeno arranhão na minha reputação. Ainda assim, quando coloco a jaqueta de volta, sinto todo o meu rosto queimar. Eu não deveria estar me preocupando com isso, visto que uma pessoa morta acabou de aparecer na minha frente, mas não consigo evitar. Brandon não é um cara que conheci em uma festa da faculdade; ele é uma parte da minha vida. Droga... Ele *conheceu* o Adam. No que eu estava pensando?

— Eu sabia que vocês acabariam se pegando. — Piper ri, alheio ao nosso choque. — A tensão sexual entre vocês... Nossa, era de matar.

É incrivelmente desconfortável estar aqui. A situação é absurda de uma forma que não me mostra saídas.

Limpo a garganta.

— Cara, você... *tá vivo*? — Deixo escapar, ainda atordoado demais com a situação e querendo desesperadamente desviar o assunto para outro tópico. — Por que tem um mural ali fora dizendo que você morreu?

— Porque eu morri. — Ele dá de ombros, uma risada meio descompassada escapando por entre seus lábios.

Esquecendo-me da vergonha por apenas um segundo, troco um olhar com Brandon. Estamos ambos atordoados, eu mais ainda agora que percebo seus lábios inchados por minha causa. Balanço a cabeça, mantendo o foco.

— Então a gente morreu? — Percebo, enfim, o que tudo isso pode significar. Brandon me olha ainda mais chocada.

Billie Piper ri alto.

— Não foi isso o que eu quis dizer quando falei que a tensão sexual entre vocês era de matar. Fiquem tranquilos, ninguém morreu... Além de mim.

É horrível sentir minhas bochechas queimando de novo sem conseguir evitar. Felizmente o fantasma na nossa frente é mais interessante para Brandon do que o que aconteceu, e ele permanece com a atenção em Bill.

— Você assombra o bar? — O garoto deduz, olhando para a parede coberta em tons de rosa às nossas costas. — Por isso a Maddie acha que você tá vivo?

— *Isso* — Bill esclarece — foi um mal-entendido, na verdade. Preciso contar para a Maddie que sou um fantasma, ou ela continuará falando para todo mundo que vou aparecer. Estão começando a achar que ela é maluca.

— Sim, as pessoas acham isso — murmuro, já que cheguei a essa mesma conclusão.

Bill me olha irritado.

— Por falar nisso, também vou contar para a Jane que ainda estou aqui. Ela anda muito interessada em você.

A informação me pega de surpresa. Inconscientemente dou um passo para trás.

— Eu meio que sou gay.

— Ela não sabe disso.

— É melhor eu contar que sou gay do que você contar que tá assombrando o bar, não acha?

Ele analisa a proposta por um segundo.

— Verdade. Deixe bem claro, por favor.

Apesar de realmente não ter interesse em Jane, fico um pouco confuso com a dinâmica que Billie quer adotar. A vida dela precisa seguir em frente em algum momento e ele não pode controlar com quem a garota pretende se envolver.

É informação demais, então acabo guardando o pensamento para mim.

— Agora que esclarecemos a orientação sexual do Hunter — Brandon intervém, chamando a atenção de Bill —, pode nos dizer o que está acontecendo? Tipo, você é mesmo um fantasma?

Billie suspira. Ele olha para trás por um instante, observando as árvores da estrada.

— Temos pouco tempo. Quando amanhecer, precisarei ir embora.

— Seja rápido, então — o pressiono.

— O que vocês querem saber? Sim, sou um fantasma. Não tem nada de diferente de ser um humano, é só muito mais entediante.

Brandon segura uma risada.

— Você sabe onde o Adam está? — Pergunto. É o que importa, afinal. — Sabe se ele...

— Está morto? — Bill completa, erguendo as sobrancelhas. — Não sei. Nunca encontrei mais ninguém que tenha morrido, é por isso que é tão chato. Eu só posso ficar nesse bar.

— O que acontece quando amanhece? — Não consigo conter a curiosidade.

O olhar que ele me lança é frio. Percebo que Brandon dá um passo para perto de mim, como se tivesse entendido algum tipo de perigo também.

— Quando amanhece, eu vou para o inferno — Billie murmura.

Engulo em seco, decidindo não fazer mais perguntas.

— Estamos procurando pelo Adam. — Desvio o assunto de volta para a nossa busca. — Ele mandou uma mensagem de voz pedindo ajuda, está perdido na Cidade Fantasma. Sabe de alguma coisa dele?

Billie faz que não com a cabeça.

— Não entro naquele lugar. Já ferrou a minha cabeça em vida, não preciso testar o que pode fazer comigo agora que estou morto. Vocês deveriam ficar longe também.

— Não podemos — rebato, um pouco nervoso. — Temos que achar o Adam.

— O ama tanto assim? — Bille franze a testa, então desvia o olhar para Brandon. Eu sei o que ele está pensando, e me sinto envergonhado de novo. Se procuro por Adam porque nunca deixei de amá-lo, o que aconteceu há poucos segundos é algum tipo de traição?

Minha cabeça sempre foi bastante ferrada, mas agora parece pior.

Um carro passa pela estrada, cortando o silêncio. Piper olha para trás e percebe que o céu está clareando. Ele suspira e volta a nos encarar.

— Por favor, não contem para a Maddie sobre isso — pede.

Então some.

Solto o ar em uma respiração única e pesada. Brandon permanece quieto, um pouco rígido, com os olhos fixos no ponto onde Piper estava antes.

— Então é possível que esses fantasmas saiam da cidade — Brandon murmura consigo mesmo.

Evito pensar no que ele pode estar sugerindo: Adam morto, como Piper, apenas enviando sinais. Talvez não saiba da própria condição, talvez esteja nos atraindo porque não quer ficar sozinho. Talvez só queira que o ajudemos a se libertar da Cidade Fantasma.

— Adam está vivo — digo em voz alta, para mim e para Brandon. — E mesmo se não estiver, quer a nossa ajuda. Devemos tentar achá-lo.

Por um instante, Brandon me olha de uma forma realmente triste. Não sei se é por mim ou por Adam, mas me sinto exposto. Desvio a atenção para o letreiro do

bar, agora menos luminoso com a manhã se aproximando.

— Hunter — ele me chama. — Você está procurando pelo Adam porque quer ajudá-lo ou porque ainda o ama?

Solto uma risada nervosa.

— Isso faz diferença?

— Faz — responde tão rápido que o encaro, em dúvida. — Se está fazendo porque ainda o ama, é na verdade um favor para si mesmo. E, se for esse o caso, as coisas podem acabar diferentes do que você espera.

Não consigo esconder o incômodo de ouvi-lo dizer o que venho temendo desde que decidi voltar para Dethaun. É claro que pensei nisso, seria burrice não cogitar a hipótese de sair mais arruinado do que entrei.

— Hunter. — A voz de Brandon fica firme, apesar de cuidadosa. Ele parece lutar contra o álcool para encontrar as palavras certas. — Tem a possibilidade de vocês não ficarem juntos.

Por que ele está me dizendo isso? Aperto as mãos em punhos, lutando contra essa vontade avassaladora de gritar, segurando tudo simplesmente porque não tenho nada a dizer. Ele está sugerindo que Adam está *morto*, como Piper. Está me dizendo que não vou poder recuperar o tempo que perdi. E, apesar de eu saber que Brandon tem razão, sinto raiva.

— Não pedi a sua opinião sobre o meu futuro com Adam. — Tento não me alterar. Não gritar. Não tremer.

Brandon arregala os olhos. Parece tão magoado quanto indignado quando responde.

— Só pense sobre isso — pede. Eu não mereço o carinho em sua voz, nem o cuidado com o qual ele se aproxima e segura meus ombros. — Espero que você e Adam possam ficar juntos, mas caso o pior aconteça, não se isole como fez da última vez. Fugir nem sempre é a melhor forma de lidar com seus problemas, Fantasma. Estarei aqui se precisar de um amigo.

Ele aperta meu ombro antes de sair, entrando no bar pela mesma porta que usamos para sair. O dia está quase chegando a Dethaun agora, apagando de vez o letreiro. Dou alguns passos para trás até minhas costas baterem contra a parede do bar, e me sento no chão. É frio e úmido, mas não me importo.

Só preciso de um tempo sozinho.



Voltamos para a Cidade Fantasma no dia seguinte. Achei que a ressaca faria Brandon desistir, mas ele apareceu lá em casa perto do meio-dia. Meus pais

estavam na cozinha tentando montar um quebra-cabeças, então atendi a porta sem esperar que a visita fosse para mim.

— Pronto? — Brandon perguntou, parado na varanda.

Me senti um lixo ao vê-lo: cabelo bem penteado, roupas limpas e passadas, perfume, um pouco de protetor solar em excesso na nuca, enquanto eu... Ainda estava de pijama, com o cabelo longo meio embaraçado e zonzinho de sono.

— Não podemos perder tempo — ele explicou quando pareci confuso, então deu um passo para dentro de casa. — Eu te espero ficar pronto. Se sairmos logo, dá tempo de procurar em mais de um lugar.

Fechei a porta e o observei por alguns segundos, ainda em dúvida se deveria ir. Ben estava desmaiado no sofá, e Taylor no meu quarto. Dormi na sala e deixei minha cama para ela depois que fui acusado de ser um péssimo anfitrião, mas me arrependi no momento em que a primeira palavra em coreano saiu da boca de Ben.

Suspirei e falei pra ele esperar na cozinha, com meus pais, já que a sala ainda estava bagunçada com o quarto improvisado que montei. Minha mãe pareceu encontrar uma celebridade quando o viu, deixando o quebra-cabeças de lado para abraçar Brandon como se há poucos dias não o tivesse visto. A verdade é que ela sempre gostou dele, costumava se juntar à Amélia nos planos de nos aproximar.

Entrei no meu quarto e, em silêncio para não acordar Taylor, peguei algumas roupas na mala antes de seguir para o banheiro no corredor. Tomei um banho demorado para sumir com a ressaca, lavando até mesmo os cabelos, e sai já vestido. Brandon estava conversando com meus pais quando voltei a descer as escadas e precisei arrastá-lo para fora.

— Volte para o jantar! — Minha mãe pediu, da varanda, e Brandon confirmou que viria.

Agora, estou na Cidade Fantasma e não consigo parar de pensar em como deveria ter continuado dormindo. Amélia, assim como Taylor e Ben, está de ressaca, o que me deixou sozinho com Brandon. É irônico pensar que queria a presença dela, mas o clima está muito estranho. Mal consigo olhar para a cara dele, apesar de o garoto parecer perfeitamente confortável na minha presença mesmo depois do que aconteceu ontem.

— Hunter?

Tropeço ao ouvi-lo me chamar. Estava tão perdido nos meus pensamentos que não percebi que Brandon falava comigo. Me equilibro para não cair enquanto arrumo uma mecha de cabelo que cai sobre a minha testa. Preciso cortar logo ou vou acabar sem enxergar.

— Oi. Tô aqui.

Brandon me olha meio desconfiado.

— É a biblioteca, só falta ela e a igreja para concluirmos os prédios públicos.

Estamos parados na frente de um prédio de dois andares. A aparência é destruída, como todo o resto, mas a placa informando que é a biblioteca ainda é bastante legível. Me aproximo da porta, empurrando-a até ceder, e uma nuvem de poeira sai de dentro do lugar. Brandon abana o ar com o mapa, tossindo um pouco, e liga a lanterna do celular.

A biblioteca não é grande, apesar de ter muitos corredores. Consigo contar dez fileiras na primeira parte do salão, e provavelmente nos fundos tenha mais dez. O andar de cima conta com pelo menos vinte fileiras, visto que não há o espaço reservado para a recepção e banheiros.

— Fantasma — Brandon me chama quando começo a andar. A intenção era me separar dele com a desculpa de conseguirmos cobrir mais espaço, mas ele me segue.

Murmuro um som de entendimento apenas para ele não ficar sem uma resposta, ainda evitando olhá-lo. Além de não querer me torturar com o que aconteceu ontem, quero focar na busca por pistas. Adam é a prioridade e não posso me esquecer disso.

— Me desculpa por ontem. — Logo atrás de mim, Brandon me surpreende com as palavras. Quase paro de andar diante da confusão, obrigando meus pés a continuarem se movendo enquanto espero que continue. — Eu não deveria ter dito aquilo.

— Tudo bem — respondo automaticamente. Só quero esquecer o que aconteceu.

Sinto a mão dele no meu cotovelo e não consigo impedir que ele me puxe, fazendo com que eu vire para olhá-lo. O toque é leve, quase inexistente, e eu me amaldiçoei por ter seguido seu chamado com tanta facilidade.

— Não me arrependo do conselho. — Brandon ilumina meu rosto com a lanterna. — Só da forma como eu disse. Queria ter te confortado, não te irritado.

— Sério. Tá tudo bem.

— Eu vi como você ficou, Hunter. Não tá tudo bem.

Solto um suspiro cansado.

— O que você quer que eu faça, grite com você?

Ele abaixa um pouco a lanterna, o que me faz perceber que estava sendo cegado por ela. Agora que consigo ver o rosto de Brandon, a expressão dele é bastante nítida, denunciando que tem mais de uma intenção com essa conversa.

— Você pode gritar, se quiser. Não faz bem guardar toda essa raiva.

É irônico, na verdade. Passei os últimos anos tentando arrumar uma forma de lidar com a minha raiva, escondê-la para não explodir e prejudicar mais alguém, e agora Brandon me diz para fazer o contrário.

— Eu não fiquei puto com você — digo, por fim. Talvez isso faça com que ele pare de questionar. — Fiquei puto com o que o Piper disse.

— Como se me beijar te fizesse menos leal ao Adam? — Brandon supõe.

— E ele está certo. — Aproveito para esclarecer as coisas. — Não deveria ter deixado você me beijar, não enquanto estamos procurando pelo Adam.

Inesperadamente, Brandon ri. A luz da lanterna treme, refletindo por toda a biblioteca.

— Espera, o quê? Foi *você* que me beijou.

— Nem fodendo, Hudson.

— Foi você, Fantasma — ele insiste, deixando de rir para exibir apenas um repuxar de lábios cheio de segundas intenções. — E tudo bem, porque o Piper está errado. Isso não te faz menos leal ao Adam. Ele sumiu há anos, Hunter. *Anos*. Você voltou aqui e enfrentou todos os seus demônios para encontrá-lo, não tem nada que prove mais a sua lealdade do que isso.

Eu realmente não esperava ouvir isso de Brandon, ou de qualquer pessoa. Venho me culpando por ter ficado longe, mas só agora percebo que era doloroso demais voltar e, mesmo assim, estou aqui. Por amar Adam ou querer ajudá-lo, não sei ao certo, e acho que não importa. Ele sai ganhando de qualquer jeito, enquanto eu só tenho uma chance.

Em silêncio, concordo com a cabeça. É preciso muito esforço para deixar com que meu corpo reaja positivamente a esse assunto. Brandon sorri, movendo a lanterna para observar melhor meu rosto.

— Você concordou — comemora, baixinho. — Isso quer dizer que vamos nos beijar de novo?

Afasto sua mão, fazendo com que a luz da lanterna vá para longe.

— Temos que continuar procurando. Daqui a pouco começa a anoitecer.

Dou as costas para ele e continuo andando para o meio da biblioteca. Não quero voltar a esse assunto, continuo achando que o que fizemos é errado. Ainda assim, quando ele fala essas coisas eu chego muito perto de ceder e acreditar que não há problema em me aproximar de Brandon. Preciso manter em mente que estou procurando o Adam, e que quando o encontrar há possibilidade de ele ser meu de novo.

Brandon finalmente segue o plano inicial, e nos separamos quando ele segue para a outra fileira de estantes. A maioria delas está vazia, com apenas um ou dois livros, deixando um vão que permite que mantenhamos contato visual. Apesar de querê-lo longe, esse lugar é escuro demais e fico grato por não ter que ficar sozinho. Minha última experiência em uma biblioteca não foi muito boa.

Depois de checarmos o primeiro andar, passamos para o segundo. As estantes daqui estão caídas, como se alguém tivesse empurrado uma sobre a outra e

provocado um efeito dominó. Passo pela única parte do chão livre, seguindo para os fundos, onde vejo que uma das estantes permaneceu em pé.

— Tem livros nela — Brandon comenta ao meu lado. Aponto a lanterna para a frente e vejo que é verdade. Essa última estante está cheia, sem nenhum espaço sobrando.

Todos os livros são iguais. Vejo pela lombada que pertencem ao mesmo autor e têm o mesmo título. Puxo um da ponta, checando a capa com cuidado. Ela é familiar, mas não me lembro de onde. Ao meu lado, Brandon faz o mesmo, folheando as páginas em busca de alguma coisa. Acabamos repetindo essa inspeção por todos, até chegar ao último.

Está perto de escurecer e uma pilha de trinta livros nasceu à nossa esquerda depois que tiramos todos os exemplares da estante. Brandon pega o último e, logo que o abre, solta um murmuro animado.

— Encontrou alguma coisa? — pergunto, olhando por cima do seu ombro.

Ele me mostra a primeira página, onde há uma marcação. Nenhum dos outros livros tinha trechos destacados, mas esse aqui tem em várias páginas. Brandon chega à contracapa, onde encontramos a biografia e foto do autor. Ele para por um segundo, franze o cenho e comenta.

— Esse cara não foi nosso professor?

É então que me lembro de onde conheço o livro. Eu tinha um exemplar na estante, apesar de nunca ter lido. Adam pegou emprestado quando estive na minha casa pela primeira vez.

— Isso é uma pista, com certeza. Vamos levar com a gente.

Brandon concorda, e decidimos sair da biblioteca. Seguimos para onde estacionamos o carro, perto da fonte, como sempre. Quando nos aproximamos, ele segura meu braço, fazendo com que eu pare de andar.

— O que foi? — Viro apenas o rosto.

— Tem alguém ali — ele aponta com o queixo, e eu sigo a direção. — Na porta da igreja.

Não sei como havia passado despercebido, mas Brandon está certo. Na escadaria de pedra, quase no topo, vejo uma garota sentada.

— Está nos olhando. — Meu tom é de aviso.

Brandon olha para o carro como se quisesse correr.

— Podíamos tentar falar com ela — sugiro. — Parece que é um fantasma, como o Bill.

— Isso te conforta? — Ele soa genuinamente curioso.

— Se quisesse nos machucar, teria feito isso.

Ele sabe que tenho razão, então suspira e concorda. Começamos a andar na direção da igreja juntos, ambos um pouco nervosos, mas determinados. Brandon

segura o livro que pegamos da biblioteca com muita força, e eu não paro de pensar nisso mesmo com o que estamos prestes a fazer.

Será que esse é o meu livro?

Adam o trouxe para cá?

Balanço a cabeça. Pensarei nisso depois. Foco na igreja e na garota, mas, quando pisco, ambos somem. Paro de andar com o susto e busco Brandon, que parece tão confuso quanto eu.

— O que aconteceu? — Ele procura a cidade ao redor, mas tudo o que resta é a estrada principal de Dethaun.

— Saímos da Cidade Fantasma — percebo. O Bar do Bill está logo à frente, então definitivamente voltamos para casa.

A confusão de Brandon se transforma em indignação, o que me deixa um pouco perdido. Então, quando ele volta a falar, finalmente entendo.

— Meu carro ficou na Cidade Fantasma.

É verdade. Não tem mais nada com a gente. Só o livro.

Acho que um fantasma acabou de roubar a gente.



Por baixo da mesa, o dedo de Adam estava entrelaçado ao de Hunter. A confiança que os dois tinham no esconderijo chegava a ser fofa, entretanto o gesto era nítido para qualquer um que passasse pela porta de vidro da entrada. A lanchonete, apesar das lâmpadas em tons rosa de neon e decoração vintage, era bastante iluminada. Os dois também não fizeram um bom trabalho com a discrição, tão próximos e dividindo um milkshake com dois canudos.

Demorei um pouco para perceber que, na verdade, não estavam se escondendo. Conhecendo os humanos como conhecia, meu primeiro pensamento com a natureza casta daquele gesto foi precaução. Por medo de julgamentos ou violência, não seria um absurdo que tentassem passar despercebidos. Com o avançar das horas, porém, ficou nítido que a motivação beirava a timidez, o que deixou tudo um pouco engraçado. Não era como se fossem estranhos. Conheciam um ao outro há algum tempo, já haviam saído juntos e até se beijado, mas a ideia de um encontro de verdade pareceu assustar os dois.

— Então, que filme a gente vai assistir? — Adam perguntou.

Ainda era a primeira parte do encontro. Decidiram comer antes de ir ao cinema, um pretexto pouco elaborado para alongar a atmosfera de primeiras vezes que deixava tudo especial. Não era a mesma coisa de quando se viam na escola, e ambos sabiam disso. Aquele espaço era um espaço livre para flertes baratos, perguntas indiscretas e toques desajeitados, um conceito que animou Adam e assustou Hunter. Ele nunca havia saído em um encontro de verdade, mal sabia o que fazer para manter as coisas interessantes.

— O que você quiser. — Hunter pareceu achar a resposta perfeita. — Eu não tenho preferência.

— Pode ser um filme de terror?

Um pequeno sobressalto fez Hunter engasgar-se com o milkshake. Ele tossiu um pouco, rápido o suficiente para Adam ainda estar rindo quando se recuperou.

— Não, sem filmes de terror.

— Você disse que não tinha preferência.

— E menti. Minha preferência é qualquer coisa que não me assuste.

Adam apoiou o queixo nas costas das mãos, olhando para Hunter com interesse.

— Tem, tipo, uns vinte jogos de terror naquela sua coleção. Você não pode ter medo dessas coisas.

Era um assunto complicado. Esperei com expectativa enquanto o cérebro de Hunter tentava formular uma desculpa convincente para aquela falha nos padrões de comportamento, quase colapsando ao enfrentar certa dificuldade.

— Jogos não são realistas como filmes. — Ele pareceu muito orgulhoso de si mesmo quando finalmente achou a resposta.

— Eu seguro a sua mão se você ficar com medo.

Hunter revirou os olhos, e Adam riu.

— A gente decide quando chegarmos lá. Ainda tenho tempo de te convencer.

— Boa sorte. Sou muito teimoso.

Adam sabia daquilo, mas já havia se conformado com a ideia de assistir qualquer coisa. Por passar tanto tempo em casa, havia criado um vínculo emocional com produções cinematográficas. Se apegava muito fácil a personagens e lugares que não existiam, e aquilo também valia para os livros que lia. Não se importava realmente com o gênero, contanto que fosse uma boa história.

Enquanto Hunter puxava o fundo do milkshake com o canudo, evitando olhar para Adam porque sabia que estava sendo observado, gastei segundos demais tentando entender a dinâmica por trás daqueles dois. Ficou nítido que Adam projetava expectativas demais no outro, esperando uma história como nos filmes, e que Hunter só queria... bem, não estar sozinho. Ele gostava de Adam, sim, era bastante óbvio, mas não era um sonhador. E talvez aquela diferença tenha feito com que Hunter pensasse, mesmo depois do fim, que nunca fez o suficiente por Adam.

— Mudando de assunto... — Adam piscou, lembrando-se de outra situação parecida com a de um filme. — O que aconteceu naquele dia com a Taylor?

Hunter não ofereceu detalhes sobre sua missão de última hora, o que deixou Adam curioso. Ele evitou perguntar, julgando que o outro contaria se achasse necessário, mas pareceu um assunto confortável para preencher o silêncio.

— Eu a levei para casa... Acho que os pais dela ficaram bravos, mas a Taylor está bem.

Obviamente, Adam não ficou satisfeito. Hunter era um péssimo mentiroso, o esforço para manter Brandon e a Cidade Fantasma fora da resposta deixou cada frase estranha. Não era como se quisesse esconder alguma coisa de Adam, mas antes mesmo de tudo acontecer ele sentia que o lugar era ruim. Que deveria manter o garoto o mais longe possível da sensação horrível que precisou enfrentar depois de ser puxado contra sua vontade. Brandon enxergava aquelas visitas como um grande e intrigante mistério, mas Hunter era naturalmente desconfiado.

Deixaram a lanchonete assim que Hunter terminou o milkshake, dividindo a conta e já seguindo para o carro. Os O'Brien haviam emprestado o veículo para o filho, que mentiu sobre o destino da noite. Apesar de saber que não precisava esconder aquele encontro dos pais, Hunter era bastante fechado em relação a tudo sobre si e os questionamentos que poderiam surgir com a informação o deixaram desconfortável mesmo quando só existiam em sua cabeça. Talvez contasse a verdade depois que tudo desse certo, ou quando estivessem namorando.

Hunter se surpreendeu com aquele último pensamento.

Parei de andar junto com ele. Adam avançou alguns passos antes de se virar, confuso, enquanto um pequeno sorriso nascia nos lábios de Hunter.

— Ei — chamou, formulando o pensamento para conseguir falar em voz alta. — Vamos assistir aquele filme de terror que você quer ver.

Adam pareceu surpreso, mas concordou com um sorriso. Hunter era transparente demais para ele, e suas ações, até mesmo as mais simples, não passavam despercebidas. Esticou a mão, oferecendo-se a cumprir a promessa de mais cedo, e sem a vergonha dos primeiros momentos, quando entrelaçaram os dedos embaixo da mesa, Hunter aceitou.

Até mesmo enquanto dirigia, continuaram daquele jeito.



O esforço de Adam para manter as coisas naturais foi invejável. Geralmente era fácil para ele estar na presença de Hunter, fosse para jogar videogame, falar sobre filmes ou trocar teorias estranhas sobre o universo. Juntos, exalavam aquela conexão que tornava o silêncio confortável, mas, naquela noite, as coisas estavam diferentes. Hunter não era muito sociável, ele não se sentia bem em locais com bastante gente, e estar ali o deixava tenso. Adam percebeu, mas não achou que sugerir ir embora ajudasse. Decidiu tentar fazê-lo se sentir confortável.

Primeiro, soltou sua mão. Não queria atenção demais. Hunter ficou apreensivo quando saíram do carro e enfrentaram a enorme fila para comprar os ingressos, repleta de grupos de amigos e pessoas que poderiam conhecer. Ficou

ainda mais evidente naquele momento como Hunter dificilmente deixava o próprio quarto, se não fosse para ir para a escola, o que surpreendeu até mesmo Adam — o garoto que tinha um toque de recolher.

— Hunt — chamou, baixinho, atraindo a atenção do outro. Já que deixá-lo confortável não estava funcionando, a próxima alternativa seria encerrar o encontro. — A gente pode ir para casa, se você quiser.

O olhar confuso que recebeu como resposta o pegou desprevenido. Adam havia entendido tudo errado. Ele achava que Hunter estava tenso por causa das pessoas, mas ele estava tenso por causa da cidade. Mesmo naquele encontro e principalmente depois da noite anterior, quando Brandon contou que havia ficado preso na Cidade Fantasma com Amélia, Hunter sentia medo de levar Adam junto com ele sem querer.

— Não. Vamos ficar aqui — Puxou a mão dele, segurando-a entre seus corpos, baixa o suficiente para que ninguém além deles visse. — Só estou pensando no filme.

Adam riu.

— Eu já disse que você não precisa fazer isso.

— Eu quero. Você merece depois de ter fugido de casa por mim duas vezes.

— Por falar nisso, preciso voltar antes das 20h. — Um pouco decepcionado, Adam informou. — Minha mãe acha que estou em um treino do time de futebol.

A primeira reação de Hunter foi erguer as sobrancelhas. Mentiou para os pais há apenas algumas horas e ainda assim achava a atitude de Adam desproporcional, muito pior que a sua.

— A desculpa do encontro não funcionaria duas vezes — Adam brincou.

— Posso perguntar uma coisa? — Com o tom cuidadoso, Hunter se aproximou um pouco, isolando os dois em um espaço só deles. — Pode ser um assunto delicado.

— Depende.

— Sua mãe não sabia que você é gay até ontem? Como ela reagiu depois que você voltou para casa e o choque já tinha passado?

A imagem que Hunter tinha da mãe de Adam era a de uma pessoa inflexível. Para não o deixar sair de casa e diante de todas as mentiras que o garoto precisou contar para conseguir se divertir, não se surpreenderia se fosse uma pessoa intolerante. Hunter tinha bastante consciência de que era sortudo em relação aos pais que tinha. Muitos, como Taylor, não eram bem aceitos pela família, e partia seu coração imaginar que Adam era uma dessas pessoas.

— Ela sabia — Adam respondeu, um pouco pensativo. — Acho que, de alguma forma, ela sempre soube. Ontem foi a primeira vez que tive um encontro com um cara, só isso. Mas acho que ela teria ficado chocada se fosse uma garota,

também. O que a deixou em alerta foi que eu quisesse sair, não com quem faria isso.

Não ajudou muito Hunter a entender, mas ao menos ficaria tranquilo sabendo que Adam não se machucaria apenas por estar com ele.

— Eu disse que ela é uma boa mãe. — Adam reforçou, apertando a mão de Hunter. — Não se preocupa com ela. Você é bastante desconfiado, sabia? Chega a ser fofo.

— Não é fofo ser paranoico — murmurou.

— Não é paranoia. Você só está cuidando de mim.

Poderia ser verdade. Hunter confundia meus pensamentos com os dele e as coisas que o mundo causava em si com as coisas que trazia sozinho. Criava situações que o prejudicavam, uma autossabotagem melhor do que eu mesmo causava como seu demônio, mas suas ações quanto aos outros eram diferentes. Cuidadasas.

— E como você conseguiu convencê-la de que joga futebol? — Hunter brincou, querendo mudar de assunto agora que havia recebido um elogio, sem saber como reagir às palavras de Adam.

— Está dizendo que não tenho um porte atlético, Hunter?

— Não é isso. — Ele corou, arrependido das próprias palavras. — Mas você escolheu uma mentira difícil de sustentar.

— Pode ser, mas o Brandon vai me ajudar.

— Como?

— Ele concordou em me dar cobertura, se for preciso. Como capitão, pode ser útil.

Não parecia um plano seguro para Hunter, mas ele não tinha uma ideia melhor.

— Além do mais — Adam continuou —, quando começarem os testes, vou tentar entrar no time. Não é uma mentira completa, está mais para um adiantamento da verdade.

Hunter caiu na risada. Seus olhos chegaram a ficar cheios de lágrimas enquanto tentava se conter, mas acabou falhando. Adam, por outro lado, não se ofendeu.

— Não acredito que te fiz gargalhar de novo — comentou, soando incrivelmente orgulhoso. — Achei que era impossível.

Foi a primeira de muitas vezes que Hunter ouviu aquilo. Não havia percebido até aquele momento, e cogitou que, com Adam, passaria a gargalhar sempre. Depois dele, nunca mais. Ou raramente. Assistir aquele momento sabendo que havia um mundo de monstros querendo destruí-los me fez sentir culpado.

A vez de Hunter e Adam chegou e eles compraram os ingressos. Dentro da sala escura, ainda de mãos dadas, procuraram duas poltronas em uma localização que deixasse Hunter fugir caso achasse necessário. Ele estava nervoso antes mesmo do filme começar, e percebi que antes da Cidade Fantasma ele não sentia tanta aversão a histórias de terror. Fiquei imaginando o que teria acontecido se ele tivesse visto o que Brandon viu na noite anterior, o que aconteceria se soubesse de Dylan e todo o resto.

Sentei algumas fileiras atrás, entretido com um grupo de amigos. Eu não assustaria Hunter e causaria um infarto que o mataria tão jovem, mas aqueles adolescentes meio que pediram por uma lição quando começaram a jogar pipocas na direção de Adam.

— Merda. — Um deles praguejou enquanto refrigerante escorria pela sua cadeira. — Essa coisa tá quebrada.

Ele checkou apenas para encontrar o suporte de copo sem qualquer defeito. Olhou para os amigos, que apenas riram. Adam não havia percebido as pipocas voando, felizmente. Ele continuou com a cabeça no ombro de Hunter, tão concentrado no próprio encontro que ignorou quando derrubei o segundo copo e mais gritos ecoaram.

— Isso tá muito estranho — outro deles comentou.

— Para com isso, você tá fazendo cena.

— Juro que não derrubei de propósito.

— Calem a boca — uma garota interrompeu a discussão. Era a única que parecia disposta a ver o filme. — Os trailers acabaram, vai começar.

Como se ela fosse algum tipo de líder, todos obedeceram. Foi então que reconheci que a garota era Meredith Piper, escondida em uma blusa de moletom com capuz que cobria seus cabelos loiros. Procurei por Bill, mas ele não estava por perto, então me levantei e me sentei ao lado dela.

Ele deveria ter vindo, sussurrei, esperando que ela pensasse no motivo de o irmão não estar presente. Maddie afastou minhas palavras como se fossem uma ameaça, evitando deixar até mesmo o nome de Bill preencher espaço demais. Notei que lágrimas se acumularam nos seus olhos, e ela se sentiu terrivelmente solitária.

Você está com seus amigos, tentei convencê-la, um pouco desesperado para que a garota não começasse a chorar de verdade. *Mas eles não são meus amigos. São estranhos. São pessoas que eu não queria ver*, Maddie respondeu, e por um instante fiquei em dúvida sobre a origem daquele pensamento. Parecia algo que eu diria, não ela.

Mesmo que não sejam amigos, ainda há formas de se divertir. Pessoas fazem isso o tempo todo; nem todo mundo tem um amigo de verdade, sugeri. Estava sendo sincero. Aquele grupo em especial tinha uma natureza boa, intenções que,

apesar de conturbadas, guardavam carinho e zelo. Mas inúmeros humanos passavam a vida sem encontrar um amigo de verdade, alguém em quem confiar, e apesar de parte deles usar isso para se isolar, outra parte tirava proveito da situação. Relações superficiais traziam diversão vazia, o que era melhor do que ficar sem sentir nada pela eternidade. E Maddie, mesmo sendo muito intensa, podia aproveitar o que aquelas pessoas rasas ofereciam naquela noite.

As portas duplas da sala de cinema bateram quando a última pessoa chegou, determinando o início da sessão. Cruzei as pernas, curioso com a figura de jaqueta de couro subindo as escadas, premeditando até o alívio de Maddie quando ela reconheceu o final.

— Você chegou. — O puxou para a cadeira ao lado. — Pensei que tinha esquecido.

Bill colocou a mão sobre o coração, ofendido.

— Eu não esqueceria o seu aniversário, panda.

— Claro, porque é no mesmo dia que o seu. E eu já falei para você não me chamar assim.

Billie riu da irritação dela, apertando o nariz da irmã entre o dedão e o indicador. Não a chamava pelo apelido de infância com frequência, só em momentos especiais.

— Não posso fingir que sua fase obcecada por lápis de olho nunca aconteceu. — Roubou a pipoca da irmã, enchendo a boca antes de continuar. — Você ficava assustadoramente adorável com aquela maquiagem. E você sabe que não ligo para o meu aniversário, só para o seu.

Maddie revirou os olhos. Billie pulou da cadeira, puxando-a para se sentarem perto do grupo de amigos. Fiquei onde estava, observando-os com certa distância, curioso sobre como a presença do irmão deixou Maddie instantaneamente bem-humorada. Bill não era minha pessoa favorita do grupo, entretanto naquela noite não o odiei; entre todas as pessoas sentadas nas duas fileiras do fundo, ele foi o único que impediu que mais pipocas voassem na direção de Hunter e Adam.

Assisti ao filme com eles, roubando pipocas uma vez ou outra, rezando para que alguém decidisse sair e fumar um cigarro antes do fim.



29

2021

— Vocês estão com uma cara péssima.

Não tenho como contrariar a observação de Maddie. Ela tem razão, afinal. Depois que percebemos que a cidade nos expulsou — e nos roubou — decidimos ficar no bar até pensar em uma solução para os nossos problemas. Entre o carro desaparecido, a garota misteriosa na igreja e as pistas novas, estávamos mais perdidos do que nunca.

— A semana tá meio difícil. — Brandon tenta justificar

Como é segunda-feira, Maddie faz uma careta. Ela pede um minuto e se afasta da mesa, voltando apenas um instante depois com duas cervejas.

— Eu não posso beber. — Brandon afasta a que Maddie colocou na sua frente.

Puxo a minha garrafa, usando a quina da mesa para abrir a tampa.

— Por quê? Não é como se você fosse dirigir hoje.

Brandon me lança um olhar ameaçador, o que só faz tudo ficar mais engraçado. Maddie se afasta percebendo que isso pode acabar saindo do controle, dizendo que vai trazer alguns petiscos também. É inevitável não pensar em Bill, ou no que pode acontecer a ela quando a garota descobrir a verdade sobre o irmão. Ainda não entendi o que Maddie criou na própria cabeça para se convencer de que Piper está vivo, mas é nítido que seria capaz de destruí-la.

Ao meu lado, um suspiro interrompe meus pensamentos.

— Meus pais vão me matar — Brandon murmura baixinho. — Eles amavam aquele carro.

Finalmente cai a ficha sobre o histórico daquela lata velha. Brandon havia mencionado que o carro foi passado de uma geração para a outra, o que adiciona

apelo sentimental ao carro. Talvez não perdoem o fato de ele ter perdido um item tão importante.

— Ainda podemos recuperar aquela coisa. — Tento ajudar. — Provavelmente vai estar no mesmo lugar quando voltarmos.

Brandon não parece muito convencido. Dou um tapinha nas suas costas, o que ajuda muito menos. Minha cabeça continua girando em torno daquele carro, e eu nem sei o porquê. Não é problema meu, não conheço os pais de Brandon para me importar com os sentimentos deles. Se foi o carro que usaram na adolescência, nem devem se importar mais com ele.

— Espera — murmuro, tirando a mão das costas de Brandon. Ele me olha, sem entender. — Acho que isso significa que você estava certo sobre aquele carro.

— Como assim?

Meus pensamentos estão correndo muito rápido. Tento montar uma linha de raciocínio que faça sentido, mas as informações se atropelam e eu não consigo achar as palavras certas. Nervoso, bebo um pouco da cerveja na garrafa, virando mais da metade do que tinha no vidro de uma única vez.

— Certo, me diz se eu tô viajando, mas esse pode mesmo ser o carro do acidente. Pensa bem: ele era dos seus pais, logo estava na cidade naquela época. Além disso, acabei de perceber que sempre que estamos junto com ele, acabamos perto demais da fonte. É como se o local do acidente estivesse chamando por ele... — Fecho os olhos. Tem mais coisas que quero dizer, mas não sei como. Espero que ele entenda. — Faz sentido, não faz?

Brandon me olha um pouco atônito. Ele concorda com a cabeça em um movimento quase robotizado, provavelmente absorvendo as informações com cuidado.

— Eu acho que estávamos errados, então — concluo, por fim. — O carro não era um amuleto, era uma maldição.

— Ele só faz parte da cidade, não quer dizer que é algo ruim.

A segunda parte do meu raciocínio é mantida em segredo. Tenho medo de cavar um buraco muito fundo ao mencionar o motorista do acidente. Não sei se ele está pronto para falarmos sobre o fato de que o seu pai biológico matou todas aquelas pessoas.

Brandon afunda no banco e enfim puxa sua garrafa. Torço para que ele não fique tão bêbado quanto ontem, já que foi realmente difícil levá-lo para casa depois que chegou ao limite.

— Se cada amuleto tá ligado a uma tragédia, o que será que aconteceu com o colar da Amélia? — Questiona. Seus olhos estão do outro lado do salão, vagos.

Realmente não sei. Teríamos que vasculhar o acidente mais a fundo e achar alguém que estivesse usando o colar na noite em que tudo aconteceu. Talvez até

em outras das tragédias. Não acho que essa informação seja útil, então penso em outra coisa mais importante.

— Eu gostaria de saber qual é o meu amuleto. E o da Taylor.

— Na verdade, eu acho que sei qual é o da Taylor — Brandon parece incerto quando começa a falar, reforçando o tom de voz à medida que percebe que não tem como voltar atrás. — Eu não sei explicar, mas é o primo dela.

— O primo dela?

— Dylan Knight.

Espero, mas Brandon morde o lábio inferior e se perde em pensamentos. Sei que tem alguma coisa que ele não está me contando, uma informação importante.

— O que foi? — Pressiono. — O que você sabe sobre o Dylan?

Ele me olha um pouco aflito.

— Lembra do homem que vimos na primeira vez que fomos puxados para a Cidade Fantasma? — Concordo, e ele continua: — Era o Dylan. Descobri depois de um tempo, quando Taylor me mostrou algumas fotos dele.

— Por que não contou para ninguém?

— Não sabia como explicar que estava vendo o primo morto da Taylor... Além do mais, poderia ser doloroso para ela.

Quero ficar bravo, mas acho que teria feito a mesma coisa. Não é mais segredo que fantasmas realmente existem, vimos Piper com os nossos próprios olhos. E, se um carro é capaz de nos puxar para lá, um primo morto com certeza conseguiria fazer o mesmo.

— A gente devia procurar por ele — sugiro, e Brandon levanta uma sobrancelha meio cético — O Piper não entra na Cidade Fantasma e não pode nos ajudar, mas o Dylan, até onde sabemos, vive por lá. Se ele ainda estiver assombrando aquela igreja, devíamos procurar por ele e fazer algumas perguntas.

— Não gosto muito dessa ideia. Aquele cara me dá arrepios.

— Não gosto de nada disso também — rebato — Mas já estamos envolvidos, não temos por que ter medo. Se ele quisesse nos machucar, teria nos machucado anos atrás.

Brandon suspira.

— Eu... Eu acho que preciso te contar uma coisa.

Me viro no banco, já indignado. Quantas segredos sobre a cidade ele escondeu nesses anos?

— Lembra daquele Natal, quando você me encontrou do lado de fora do bar?

— Sim, eu lembro.

— A cidade nos prendeu lá a noite toda. Junto com o Dylan.

— Vocês ficaram lá com ele? Por horas?

— Não. Assim que a cidade apareceu ao nosso redor, ele entrou na igreja e ficou lá. Mas... — Ele engole a seco, meio confuso com as memórias. — Eu vi fogo quando ele entrou. Tipo, as coisas ficaram quentes. As portas da igreja e tudo mais. Amélia e eu achamos que ele estava tentando nos dizer algo, e agora tenho certeza.

— Tipo o quê?

— Eu não sei. — Dá de ombros.

Me lembro da notícia sobre o incêndio na igreja. Dylan estava mesmo envolvido, então. E é isso que está tentando nos contar por todos esses anos. Preciso voltar até a casa dos Knight. Não importa se não querem conversar comigo, preciso de mais informações.

Pego meu celular e mando uma mensagem para o Ben.

Hunter: Vamos na biblioteca? Quero pesquisar umas coisas sobre as novas pistas.

Doutor Estranho: Posso ir com a Taylor, me passa o que você quer que a gente procure

Hunter: Leva a Amélia, a Taylor não pode saber o que estamos procurando. Quero tudo o que vocês conseguirem achar sobre a família Knight

Doutor Estranho: Por que vai procurar sobre a família dela? Seria mais fácil perguntar

Hunter: É complicado

Eu não sei por que sinto que devo esconder isso, mas tenho um pressentimento ruim sobre o que vamos encontrar. Se por acaso descobrimos que Dylan foi o responsável por destruir a própria família com aquele incêndio, Taylor pode não aguentar. Ela sempre se sentiu conectada com o primo de alguma forma, uma empatia que aparecia sempre que se comparava com ele dentro do possível. Era uma âncora. Mas, se Dylan for um assassino, alguém longe do que Taylor espera, será devastador.

Com Ben pesquisando na biblioteca e a cidade inacessível pela noite chegando, não sei bem o que fazer a seguir. Beber com Brandon pareceu uma ideia boa no começo, mas agora estou começando a me sentir mole e cansado.

Meu celular apita com uma mensagem da minha mãe:

Vocês estão chegando? A comida vai esfriar.

Puta que pariu.

Esqueci completamente que tínhamos combinado de jantar com os meus pais.

— O que foi? — Brandon me olha. — Você tá pálido.

— Minha mãe tá esperando a gente pra jantar.

Tendo a mesma reação que eu, Brandon parece chocado por ter esquecido. Ele afasta a cerveja da mesa e se levanta, me puxando para irmos. Está meio

desesperado, a necessidade urgente de agradar todos e ser amado gritando mais uma vez. Ele não suporta a ideia de que minha mãe fique chateada com sua atitude.

Brandon me puxa pela manga da camiseta até a saída do bar, passando por Maddie apenas para avisar que temos que ir correndo e não vamos poder esperar os petiscos. Do lado de fora, anoiteceu. Pego o celular para chamar um carro em um aplicativo de carona, mas lembro que não existe esse tipo de coisa em Dethaun e bufo, cansado.

— Vamos andar até lá? — Espero que Brandon tenha uma solução.

Para o meu desespero, ele dá de ombros.

— Eu acho que sim.

Apesar disso, não nos movemos. Fico olhando pro aplicativo do celular, xingando baixo por alguns segundos, até que Brandon se move. Ele some dentro do bar e, quando volta, está empurrando uma bicicleta.

— O que é isso?

— A Maddie emprestou para a gente.

Minha primeira reação é rir. Andei muito de bicicleta quando estava na escola, mas não acho que Brandon um dia já fez isso.

— Você sabe pedalar?

— Não. Mas tem um banquinho atrás. Você me leva.

Ele dá um tapinha orgulhoso no banco de ferro acima da roda, e eu coço a cabeça. Não acho que consigo levar alguém assim, precisa de uma coordenação que nunca tive.

— Sobe aí. — Brandon empurra a bicicleta na minha direção. — Duvido que eu conseguiria te levar até se conseguisse pedalar. Essas pernas ficariam arrastando no asfalto e a gente ia cair.

— Qual é a porra do seu problema? Para de falar das minhas pernas!

— Eu tô brincando com você, Fantasma. Suas pernas são lindas.

Irritado, pego a bicicleta, subo e dou um tranco para começar a pedalar, disposto a deixá-lo aqui. Brandon ri alto e corre atrás de mim, me puxando pelo ferro do banco acima da roda. Tento continuar, mas não sou tão forte e acabo me desequilibrando.

Com um pé no chão, espero enquanto ele cessa a risada.

— Sobe aí e fica quieto — murmuro.

Ele levanta os braços em sinal de rendição.

— Nem mais uma palavra sobre suas pernas. Prometo.

Firmo a bicicleta para Brandon subir, e sinto sua confiança vacilar quando pensa muito sobre o assunto.

— Não vai me deixar cair, né? Tenho que dar aula amanhã.

— Confia.

Apesar de desconfiado, ele passa a perna para o outro lado, usando meu ombro para ter apoio. Quando se senta, espio rapidamente sua expressão de desconforto, o corpo rígido enquanto os pés fincados ao chão se recusam a nos deixar sair.

— Você pode segurar em mim — sugiro, esperando que ajude. Ele me olha meio em dúvida, mas decide seguir o conselho e, com cuidado, passa os dois braços ao redor da minha cintura. — Melhorou?

— Isso deveria passar confiança? Só consigo pensar que, se você cair, eu caio.

— Pelo menos vamos cair juntos — provoco, e ele faz uma expressão de desgosto.

Começo a pedalar tentando não deixar que a falta de jeito de Brandon nos derrube. Ele reforça o aperto no início, mas depois de um ou dois minutos começa a relaxar.

— Viu? Não é tão ruim.

Não posso me virar para ver sua reação sem correr o risco de nos derrubar, mas sei que Brandon não deve estar muito feliz. Para irritá-lo, acelero um pouco o ritmo das pedaladas, aproveitando a inclinação da rua para descer com embalo. Quase não consigo respirar quando ele me aperta muito forte, absolutamente aterrorizado. Ao chegarmos no fim da ladeira, paro a bicicleta porque estou rindo demais para conseguir me concentrar e continuar. Brandon pula para fora do banco, desestabilizado, xingando como nunca o vi xingar na vida.

— Eu vou matar você. — Ele se aproxima e soca o meu ombro. É forte, mas não o suficiente para doer — Isso foi desnecessário. *E infantil.*

— Para de fazer drama — Corto sua próxima leva de xingamentos e, apesar de ver que Brandon está irritado, não consigo interromper minha própria risada. — Sobe, falta pouco pra gente chegar.

É mentira, claro. Mal saímos de perto do bar. Dá pra ver o neon rosa do letreiro, se Brandon se virar, o que realmente espero que ele não faça.

— Não confio em você. Vamos andando.

Droga, acho que realmente passei dos limites com a brincadeira. Ele está decidido a não subir, a expressão e postura evidenciando que é sua palavra final. Reviro os olhos, já estamos atrasados o suficiente.

— Sobe logo — insisto. — Se minha mãe ficar triste por sua causa, te encho de porrada.

A expressão antes irritada de Brandon rapidamente se transforma em surpresa.

— Não me atrasei sozinho — lembra. — E eu com certeza te daria uma surra.

Desço da bicicleta, deixando-a cair atrás de mim, e levanto as mangas.

— Duvido.

É a vez de ele revirar os olhos.

— Você acha que tá no Clube da Luta? Ou os caras de Nova Iorque flertam assim?

— É quase isso. — Arrumo as mangas já que a brincadeira perdeu a graça de qualquer maneira. Depois, subo na bicicleta, disposto a sair até mesmo sem ele. — Não que eu esteja flertando com você. É tudo uma tentativa desesperada de chegar em casa a tempo do jantar.

A postura de Brandon antecipa sua resposta, desarmando aos poucos. Ele morde o lábio inferior enquanto pensa nas opções disponíveis, chegando à conclusão de que essa bicicleta é a melhor.

— Eu vou subir porque não quero decepcionar a sua mãe. — Esclarece ao se aproximar. Segura no meu ombro e passa a perna para o outro lado do banco, tão tenso quanto da primeira vez. — Tenta não perder o controle dessa coisa antes de chegarmos lá.

Penso em como as coisas mudam rápido e sem que a gente perceba. Anos atrás eu criticava as habilidades de direção de Brandon enquanto ele me dava uma carona, e agora estou em seu lugar. Claro que não é a mesma coisa, já que tudo o que tenho é uma bicicleta, mas acredito que sua reação seria a mesma se em algum momento Brandon andasse na garupa de Vivi.

— Segura em mim. — Dessa vez não é bem uma orientação, é uma ordem.

Brandon obedece e me abraça um pouco mais forte do que da última vez. Ele obviamente não acredita que vou pedalar devagar, e está certo. Assim que a bicicleta estabiliza, dou um empurrão com o pé direito e sigo na direção da minha casa, onde espero chegar rápido. No meio do caminho, porém, fico com peso na consciência e decido não correr, pedalando rítmica e cuidadosamente.

Brandon mais uma vez relaxa, mas seus dedos continuam firmes na minha camiseta, segurando-a tão forte que, se já não fosse alguns números maior que eu, provavelmente rasgaria.

Por um momento, me sinto o Hunter de antes. Aquele que andava de bicicleta e não odiava o mundo, com suas limitações sociais e todo o resto. Aquele garoto era melhor que eu, tenho certeza. Se importava com os outros e, nos raros momentos em que se permitia quebrar os muros que o protegiam, apreciava o que recebia.

Acho que sou aquele Hunter. Não só me sinto ele, mas estou em sua pele novamente. Porque, sem pensar, coloco a mão esquerda sobre a de Brandon, cobrindo-a com a minha em um gesto impulsivo e que sei que vai me causar problemas depois.

Fico assim até chegarmos em casa. E, quando paramos, tento não deixar aquele Hunter escapar outra vez.



30

2016

Como todos os outros letreiros da cidade, aquele era rosa. Brilhava em neon no meio da noite escura, refletindo nas poças de água da calçada como se fosse sangue. Traguei o cigarro roubado de um dos amigos de Meredith enquanto ela e o restante do grupo passavam pelas portas duplas do último fliperama de Dethaun, rumo à fase final da comemoração de aniversário da garota.

Bill não era bom com jogos. Dificilmente se concentrava o necessário para ter sucesso em um, o que ficou bastante evidente em sua expressão incomodada enquanto era puxado pela irmã.

— Só hoje — Meredith insistiu. — Por mim.

Como não havia nada que Bill Piper não fizesse pela irmã, sua teimosia deu lugar a exceção. Obrigou os pés a se moverem atrás de Meredith, revirando os olhos diante da comemoração exagerada dela.

— Nenhum dos seus amigos veio? — O questionamento surgiu sem qualquer traço de más intenções, ainda assim Meredith se sentiu acuada.

Só havia amigos de Bill ali. Nenhum dela.

— Não. Eles estavam ocupados.

Obviamente, Bill percebeu a mentira na resposta de Meredith. Conhecia a irmã bem o suficiente para saber que, quando ela desviava o olhar, era por vergonha ou tristeza.

— Que bom que não puderam vir. — Bateu contra uma das máquinas para iniciar o jogo. — São chatos pra cacete. Só iam ficar enchendo o saco.

Meredith concordou, se colocando a postos para competir com o irmão no jogo que ele escolheu. Ambos na frente da máquina, começaram uma partida inicialmente silenciosa que, depois de alguns minutos, virou uma confusão. Fiquei

distante para observá-los, evitando que o cheiro de cigarro os alcançasse, esperando que algo acontecesse e imaginando como Hunter e Adam estavam se saindo no encontro deles.

Quando os irmãos chegavam perto do final da partida, a porta do fliperama se abriu e alguém entrou. Meredith levantou os olhos para espiar, já que o lugar havia ficado silencioso de repente, e suas feições tensas pelo jogo sumiram, dando lugar a uma ruga entre suas sobrancelhas.

— Taylor? — Murmurou.

Ainda parada na frente da porta, Knight acenou. Os olhos azuis intensos dela não se permitiram vasculhar o ambiente, concentrados em Meredith e apenas nela. Sabia o que a encontraria quando chegasse ali, toda aquela atenção curiosa e ameaçadora a recebendo de uma vez só. Tomou a decisão de não se importar — ou fingir o suficiente para que não a abalasse — no momento em que saiu de casa, e manteria até o final. Meredith era uma amiga, mesmo que não das mais próximas, e havia recebido um convite para o seu aniversário. Nada a impediria de estar ali.

Fiquei surpreso por vê-la. Desde a noite na Cidade Fantasma, havia se trancado no próprio quarto e ficado por lá. Não dissera uma palavra dos dias que seguiram, recuperando aos poucos a energia sugada pela maldição do lugar. Pessoalmente, gostaria que ela falasse sobre isso com alguém, assim eu poderia saber o que havia acontecido. Mas Taylor, por algum motivo, decidira ignorar a experiência.

Bill encostou na máquina e observou a irmã se afastar, conformado que a última rodada do jogo seria esquecida. Taylor recebeu Meredith com os braços ao redor do pescoço da amiga, apertando tanto que quase a deixou sem ar.

— Parabéns — murmurou Taylor, quando finalmente a soltou.

Houve uma troca de palavras educadas e desejos de felicidade, e Meredith ficou incrivelmente feliz com aquilo. Era a única amiga dela no seu próprio aniversário, o que a faria não se sentir tão fracassada pelo restante da noite. Mais uma vez me surpreendi por dar créditos a Bill; foi um gesto no mínimo admirável quando convidou aqueles garotos. Já sabia que, fora do bar, todas as amizades da irmã desapareciam.

Ele se sentiu bem ao ver Taylor. Ela era melhor do que todos os seus amigos juntos simplesmente por se importar de verdade com Meredith.

Tentei me lembrar de Dylan enquanto as duas conversavam. Poucas eram as lembranças dele fazendo algo altruísta, mas, surpreendentemente, existiam algumas. Sempre achei que Taylor era o melhor daquela família, mas, depois do Natal, quando se viu tão parecida com o primo, tive minhas dúvidas. Se alguém como ela conseguia sentir empatia por Dylan, era porque havia alguma humanidade nele. Talvez o mundo não tivesse sido justo com suas dores, talvez os

recursos disponíveis para o ajudar, naquela época, fossem escassos. Talvez a última Knight estivesse certa sobre como sua família esmagava aqueles que não correspondiam às expectativas e, no final de tudo, a culpa não fosse realmente de Dylan.

Mais do que nunca, desejei que Taylor se afastasse dos próprios pais. Não pude fazer nada por Dylan, assim como não poderia fazer nada por ela. Eu não queria que a história se repetisse, mas não havia como mudar o destino. Famílias como a dela, com tantas rachaduras, desmoronavam e levavam quem tentasse permanecer intacto junto.

Taylor sentia medo de viver a mesma vida solitária que o primo, apesar de não saber que aquilo era impossível. Tinha bons amigos, um futuro longe de Dethaun.

Uma chance de não acabar com o mesmo destino dele.



Bastante entediado, deixei o fliperama. Os cigarros haviam acabado, e todos estavam distraídos demais com os jogos para perceber e comprar mais. A noite estava mais fria do que antes, perigosamente perto do que era uma madrugada na Cidade Fantasma, e eu me perguntei como estariam as coisas por lá naquele momento.

Em alguns dias seria o aniversário de Brandon; depois, o de Hunter. Mas Fevereiro, há anos, era um péssimo mês. E eu sabia que não seria diferente.

Caminhei até a casa de Amélia, imaginando o que estaria acontecendo com ela depois daquela visita involuntária à Cidade Fantasma. Fiquei muito curioso sobre o que havia acontecido naquelas horas, um pouco irritado por aquela maldição; se eu pudesse ficar na cidade durante a noite, as coisas seriam muito mais fáceis.

No térreo da casa, a mãe de Amélia mexia no celular, em silêncio sentada na mesa da cozinha. Tinha os cabelos crespos envoltos em um lenço amarelo, da mesma cor que suas unhas, e uma expressão concentrada. Espiei por cima do ombro dela, achando curioso como ela parecia preocupada com as postagens da filha em uma daquelas redes sociais chatas para humanos. Ela suspirou depois da foto de Amélia com os amigos no parque, naquela noite em que foi puxada, e finalmente entendi: a imaginação da mulher estava indo para um lugar muito perigoso, talvez até *mais* do que uma cidade amaldiçoada.

Ayana se levantou em um pulo, o que me pegou de surpresa. Dei um passo para trás, deixando espaço para que a mulher alcançasse o armário da cozinha. Ela deixou o celular jogado sobre a madeira polida da mesa, ainda naquela foto, e voltou depois de pegar uma garrafa de vinho e uma taça. Serviu-se de dois dedos

da bebida sem tirar os olhos da imagem da filha naquele parque. Com cuidado, ocupei a cadeira à frente dela e encostei na tela do celular, fazendo com que apagasse.

Você está exagerando, sussurrei. Foi impressionante como a minha influência a atingiu, mesmo depois de anos. No mesmo instante, Ayana colocou a taça na mesa e engoliu o vinho, digerindo com cuidado para não se engasgar. *Ela passou a noite fora sem me consultar*, respondeu, *e estava com um garoto*.

Ela é uma adolescente.

Ela é minha filha também.

Não foi nada demais.

Será que ela está tomando cuidado?

A discussão continuou por alguns minutos. Em algum momento, desisti, me jogando contra o encosto da cadeira. Ayana sempre foi muito teimosa, o que piorou depois que virou mãe. Devia ser porque Amélia era muito teimosa também.

— Vou falar com ela — a mulher decidiu, levantando-se da cadeira em outro pulo.

Observei-a largar o vinho e o celular na mesa, subindo as escadas tão nervosa que parecia que ela era a filha. Cogitei em deixá-las conversar em paz, mas, temendo que Amélia falasse sobre a noite na cidade, decidi segui-la. Não estava muito animado para a conversa de mãe e filha que precisaria testemunhar, mas havia visto coisas piores naquele castigo.

— Filha? — Ayana bateu na porta fechada do quarto. Esperou, mas não recebeu qualquer resposta. — Estou entrando.

Por um momento, pensei que Amélia havia fugido do castigo. O cômodo inteiro mergulhava em escuridão, pontuado por estratégicos feixes de luz que passavam pela janela. Na cama, o amontoado de cobertores não denunciou a presença de Amélia, e até mesmo Ayana achou a mesma coisa que eu. Quando nos aproximamos, felizmente, a garota estava lá, deitada e acordada, com os olhos fixos em algum ponto do quarto.

Desde a noite do parque, as duas mal se falavam. Não houve uma briga porque Ayana não sabia como conduzir a situação. Amélia nunca a desobedecera ou preocupara daquele jeito, o que a deixou em conflito sobre como prosseguir. Ainda assim, as coisas estavam estranhas. A mulher não sabia que a filha enfrentava os efeitos colaterais de ter passado tanto tempo em um lugar amaldiçoado, e pensou que algo ruim havia acontecido ali mesmo, no mundo dos humanos. Sua cabeça cogitava inúmeras hipóteses, todas catastroficamente intensificadas pelas péssimas experiências que ela mesma tivera na adolescência. Os tempos mudavam, mas nunca para mulheres negras, era o que pensava. Algumas coisas sempre seriam difíceis para pessoas como Amélia.

— Filha? — Chamou de novo. A jovem respondeu dessa vez, movendo os olhos para o rosto da mãe. — Você ficou doente?

Um aceno negativo com a cabeça foi a única reação que obteve. Ayana segurou o impulso de soltar um suspiro frustrado. Tentou se lembrar de como a própria mãe conduzia conversas como aquela, mas sua mente entrou em pane e tudo fugiu da memória.

— O que aconteceu? — Perguntou, por fim. A voz mansa, suave, mostrava que não estava ali para julgar ou brigar. — Pode me contar. Sabe disso, não sabe?

Nem mesmo eu acreditei quando Amélia respondeu, dessa vez verbalmente.

— Você não acreditaria em mim.

Esperançosa, Ayana se moveu para mais perto da cama, ajoelhada na frente da filha. Passou os dedos pelos cabelos dela, loiros depois daquela viagem de férias. Não aprovou a decisão da filha de imediato e demorou para se acostumar, mas agora achava que combinava muito com ela.

— Claro que vou acreditar em você — garantiu. — Prometo.

Amélia piscou, em dúvida. Ayana havia sido sincera ao jurar que não duvidaria da filha, mas ela cogitava coisas diferentes para a confissão que ouviria. Obviamente, não pensava que uma história sobre uma cidade fantasma apareceria.

— Eu... Eu fiquei presa em um lugar, naquela noite. — Começou a jovem, procurando uma explicação minimamente coerente, que não a fizesse parecer uma mentirosa. — Por isso não voltei para casa.

Em desespero, Ayana se moveu sobre os joelhos. Sua expressão carregada não deixaria que sua preocupação passasse despercebida, o que fez Amélia instantaneamente se arrepender de contar alguma coisa a ela. Sabia que a mãe era superprotetora, tinha seus motivos para tal, e ela nunca reagiria bem a uma história daquelas.

— O quê? Alguém te prendeu? Quem? Foi aquele garoto?

Amélia nunca mencionou que estava com alguém além de Brandon naquela noite. Desconfiada, a garota se sentou, afastando a mãe e o carinho de seus cabelos.

— Você está me vigiando?

— Claro que não!

— E como sabe do Eddie?

Ayana demorou um segundo para responder, já que se esforçou para memorizar o nome antes.

— Eu vi a foto que você postou, só isso. Dá pra me responder o que realmente importa? Quem te prendeu, e onde? A gente vai resolver isso agora.

Amélia puxou a mãe pela mão quando ela se levantou.

— Por favor, me escuta — suplicou. — Não é o que você tá pensando. Eu me perdi, tá legal? E não consegui sair até já ter amanhecido. Ninguém me prendeu.

A mentira continha um fundo de verdade. Amélia já havia desistido de contar a verdadeira história, julgando ser impossível que sua mãe acreditasse. Ayana olhou para a filha em dúvida, mas cedeu e voltou a se ajoelhar.

— Foi só isso? Você promete?

— Claro.

— Então não estava com aquele garoto?

Mesmo no escuro, o rosto de Amélia ficou tão vermelho que foi impossível ignorar.

— Não, mãe! Eu estava com o Brandon, a gente se perdeu junto. O Eddie... ele não tem nada a ver com isso.

Como se fosse impossível tranquilizar aquela mulher, Ayana ficou preocupada de novo.

— Ele te deixou sozinha? Onde diabos estava o Eddie, afinal?

Um dar de ombros triste antecedeu a resposta.

— Provavelmente em casa. Ele me deu um fora e se mandou.

Ayana se sentou na cama, perto da filha, e passou uma das mãos pelo cabelo dela. Amélia fechou os olhos, agradecida pelo conforto agora que a dor da rejeição havia voltado.

— Ele deve ser um idiota — a mãe murmurou — E burro.

Senti que Amélia queria falar. Se havia alguém que a entenderia, seria a mãe. Havia passado por rejeições como aquela também, ela sabia mesmo que nunca tivessem conversado a respeito. Era só muito... *comum*. E previsível. Se sentir menos bonita ou amável era uma realidade da qual tentavam se desprender, porque no fundo não havia o que ser feito para que pessoas como Eddie gostassem de pessoas como elas. A solução era procurar em outro lugar, não se esforçar pelo mínimo de atenção, mas ainda doía. E Amélia queria desesperadamente falar sobre aquilo.

Mas não falou.

Porque sua mãe achava que ela era uma garota forte, e era isso que deveria ser.

Ayana também percebeu que não haveria mais conversa e, sentindo-se aliviada agora que sabia um pouco da verdade, mudou de assunto.

— Você tá com fome? Vou pedir alguma coisa pra gente comer.

Amélia concordou já puxando as cobertas para sair da cama. Em pé, olhou para a mãe, esperançosa.

— Meu castigo acabou?



31

2021

Eu não esperei que minha mãe estivesse tão entusiasmada para esse jantar. Assim que entramos, sinto o cheiro de comida por toda a casa, e meu estômago ronca. Olho para Brandon, compartilhando um breve momento de alívio por termos chegado a tempo, o que não sei se ele entende.

— Vocês estão aqui! — Minha mãe aparece tão de repente que Brandon se assusta. Tento segurar a risada, mas foi muito engraçado e recebo uma cotovelada de repreensão.

— Lavem as mãos, vou colocar os pratos na mesa.

Depois de abraçar nosso convidado, minha mãe fica na ponta dos pés para me dar um beijo no topo da cabeça. Não consigo fugir a tempo, reclamando baixinho e arrancando algumas risadas dela.

Percebo que meu pai não está em casa e pergunto para a minha mãe aonde ele foi.

— Ele precisou trabalhar até tarde — informa enquanto caminha para a cozinha.

Concordo baixinho, apesar de achar estranho. Decido deixar qualquer nova preocupação de lado, porque a rotina deles não é a mesma de anos atrás, e puxo Brandon comigo quando atravesso a sala de visitas e subo as escadas. Quando entramos no meu quarto, indico a porta do meu banheiro e deixo que ele lave as mãos primeiro. Sozinho, coloco o livro que tiramos da Cidade Fantasma sobre minha antiga mesa de estudos. Checo as mensagens no celular e confirmo que Amélia e Ben estão na biblioteca, mas não faço ideia do paradeiro de Taylor. Tento ligar para ela, mas cai direto na caixa postal.

— MÃE — grito, com preguiça para descer as escadas. — CADÊ A TAYLOR?

Depois de alguns segundos, ela responde.

— DISSE QUE IA VISITAR A FAMÍLIA.

Tenho um mal pressentimento.

Brandon deixa o banheiro, olhando para mim em dúvida.

— Isso não é bom — diz, prevendo o que estou pensando. — Ela deve ter ficado sabendo que estivemos na casa dela.

— Ou só quis fazer uma visita. — Me esforço para soar convincente.

— De qualquer forma, a mãe dela contaria que estivemos lá.

Brandon tem razão. Não tem como fugir disso: deu tudo errado. Devíamos ter contado a ela o que estávamos fazendo. Espero que Taylor não nos odeie. Quando chegar em casa, explicarei tudo e torcerei para que entenda. É o melhor que posso fazer.

Entro no banheiro para lavar as mãos, encontrando Brandon no quarto, me esperando, quando volto. Está folheando o livro que tiramos da biblioteca da Cidade Fantasma, com as sobrancelhas franzidas, muito concentrado. É meio engraçado quando um raio corta o céu do lado de fora da casa e provoca um susto nele. Brandon estremece um pouco, nada além disso, mas sua expressão de irritação me faz segurar uma risada.

— Você tá andando muito comigo. — Reparo, chamando sua atenção. — Qualquer coisa te irrita.

— Eu só não gosto de chuva — rebate, então pensa melhor e completa: — E de bicicletas.

— Não mente, você adorou. Quando chegamos estava até sorrindo — é uma imagem que não vou esquecer tão fácil.

Brandon fecha o livro, anunciando a nossa hora de descer para o jantar.

— Não foi a bicicleta que me fez sorrir, Fantasma.

Percebo, com estranheza, que senti falta disso. Prefiro os flertes baratos do que a irritação, porque o Brandon não soa como o Brandon quando exhibe raiva.

Não respondo sua provocação, deixando-o para trás ao sair do quarto. Brandon me segue sem esperar muito, descendo cada degrau na mesma velocidade que eu, e vejo que está sorrindo quando chegamos ao final da escadaria e faço a curva para a cozinha. Minha mãe já separou três pratos, copos e pares de talheres na mesa, e agora que nos vê parece ainda mais feliz. Ela indica que devemos nos sentar enquanto traz as panelas, o que faz tudo parecer formal demais. Brandon me olha com uma expressão divertida, quase adorável, diante dos esforços da minha mãe. Já eu, que ainda não sei quais as intenções dela com essa cena toda, me sinto um pouco tenso.

— Prontinho, meninos — ela anuncia com orgulho a chegada da panela de macarrão. É uma massa caseira que a minha avó ensinou. Faz anos que não como um desses.

Ficamos em silêncio enquanto ela faz questão de nos servir, brigando quando insistimos que podíamos fazer isso sozinhos.

— Então, meninos, o que fizeram hoje? — Ela pergunta quando todos os pratos estão cheios.

Com a boca cheia, penso em responder, mas Brandon é mais rápido.

— Estávamos fazendo mais algumas pesquisas para o trabalho do Hunter.

O sorriso da minha mãe poderia rasgar a cara dela. É quase assustador.

— Mãe, tá tudo bem? — Pergunto, lutando com o macarrão na minha boca.

— Não fala enquanto come, é falta de educação — e, depois da bronca, parece lembrar da minha pergunta. — É claro que está tudo bem, filho.

— É que tudo isso... Por que você fez esse jantar?

— Porque faz anos que meu filho não vem me visitar — responde com certa irritação. — Preciso de um motivo para te alimentar?

Não quero lembrar a ela que meu pai sempre foi o responsável pela cozinha nessa casa.

— E também — se vira para Brandon, o pegando desprevenido com toda a atenção. — Fiquei feliz que trouxe seu amigo. Sabia que estudei com seus pais? — Questiona, com a sobrancelha levantada. — Andávamos juntos para todos os lugares, sinto muita falta deles.

Eu sabia que todos haviam morado na cidade na mesma época, mas nunca ouvi minha mãe mencionar os Hudson. Fico tão interessado na história que me inclino para ouvir melhor.

— Meus pais não me contam muito da adolescência deles. — Brandon sorri, então continua como se fosse um segredo: — Aposto que eram terríveis.

Minha mãe ri alto.

— Na verdade, seu pai era sim. Ele costumava matar a gente de preocupação.

Olho para a minha mãe. Tem algo de estranho na última coisa que ela disse, mas não sei se Brandon percebeu também. Ele continua entretido como segundos atrás.

— Me conta — pede em um tom conspiratório. — Quero usar contra eles.

A risada dela é generosa, nostálgica e, ao mesmo tempo, triste. E eu finalmente entendo, não é dos Hudson que está falando. Ao menos não só deles. Provavelmente conheceu os pais biológicos de Brandon.

— O pior era o seu pai e aquele carro dele. Não que dirigisse mal, ele só achava que era um carro de corrida. Todo final de semana entrava em disputas com alguns garotos. Sempre ganhava, se quer saber.

Brandon parece surpreso.

— Nunca imaginei isso — confessa.

— E o carro nem era dele. — Minha mãe ri. — Era do Thomas, só que os dois usavam porque era o melhor para correr. Depois dividiam o dinheiro. Seu pai sempre foi muito esperto.

Brandon perde a fala por um instante. Ele olha para mim no segundo em que minha mãe menciona o verdadeiro dono do seu carro, e dividimos um momento de confirmação. O palpite dele estava certo, Thomas era o verdadeiro dono. Falta descobrir se também é o pai biológico de Brandon.

O telefone da nossa casa toca. Brandon se assusta de novo, com o mesmo pequeno sobressalto do quarto, e eu preciso me concentrar para não me engasgar com o macarrão.

— Já volto — minha mãe promete antes de levantar-se e ir até o telefone.

Fico olhando enquanto ela atravessa a sala, pegando o aparelho do gancho. Não me lembro desse telefone ter tocado nesses últimos dias em que estive aqui, então fico curioso. Quem ainda usa isso? Tem mensagem pra tudo hoje em dia. Deve ser algo importante.

Minha mãe concorda algumas vezes antes de desligar. Ela vai direto até a porta, onde pega um casaco e seu guarda-chuva.

— Aonde você vai? — Pergunto, me levantando para ir até ela.

— Seu pai pediu para que eu o buscasse, por causa da chuva. — Pega a chave do carro no painel, então me olha. — Cuide bem da nossa visita. Eu já volto.

Ela se move tão rápido que preciso correr para encontrá-la na varanda. Antes que desça os degraus, me coloco na sua frente, sentindo alguns respingos de chuva molharem as costas da minha camiseta. Recebo um olhar confuso e minha mãe, já com o guarda-chuva aberto, espera que eu fale.

— Antes de você ir — subo um degrau, fugindo da água. — Sabe o Thomas, que você mencionou, e as corridas? Eu queria muito escrever sobre elas no meu trabalho, mas não quero incomodar os pais do Brandon. Pode me contar mais delas?

Minha mãe solta uma risada nervosa.

— Agora? Filho, seu pai tá me esperando.

— Me fala qualquer coisa, só pra eu planejar as próximas perguntas — Invento uma desculpa, e ela suspira. — Por favor.

— Eu não sei, filho. — Me sinto um pouco culpado diante da imagem da minha mãe completamente perdida. — O Daniel era ótimo nas corridas, só perdia para Thomas. Acontecia em uma pista abandonada quase no fim da cidade, mas acho que devem ter transformado em uma quadra comunitária.

— O que aconteceu com o Thomas? Talvez ele me ajude.

Minha mãe morde o lábio inferior e balança a cabeça.

— Ele morreu muito jovem. Deve encontrar mais disso nos jornais... Sendo filho do xerife, o caso repercutiu mais do que deveria.

Com um aceno, concordo e dou um passo para trás, indicando que ela pode ir e não tenho mais perguntas. Quando conversas se aproximam das mortes de Dethaun, automaticamente são cortadas. Sei disso melhor do que ninguém, tive muitos momentos de curiosidade ao longo da infância e sempre saí frustrado das tentativas de saber mais sobre a cidade. Alguma coisa bloqueia meus pais de entrar em detalhes sobre as tragédias, e eu não os julgo por isso, mas agora é um inconveniente ainda maior.

Minha mãe se estica para me dar um beijo na bochecha, rindo da minha reação surpresa e meio revoltada. Ela se despede, diz que volta logo e some atrás da cortina de chuva, correndo em busca de abrigo no carro.

Brandon parece preocupado quando volto para a cozinha.

— Sua mãe está bem?

— Sim. Ela volta daqui a pouco.

Mais um momento de silêncio. As informações que minha mãe me passou ainda são muito vagas, portanto, decido não contar a Brandon. Assim que surgir a oportunidade irei até a biblioteca encontrar mais detalhes sobre Thomas e seu pai. Alguma coisa me diz que eles são importantes, e, mesmo que não fossem, quero muito que Brandon encontre as respostas que procura.

— Então — limpo a garganta, meio nervoso. Não sei quão delicado é esse assunto para ele, mas é uma pista importante e devemos falar sobre — O carro era mesmo do tal do Thomas.

— A gente já sabia disso — ele comenta, meio desanimado.

— Verdade, mas agora também sabemos que minha mãe o conheceu. Podemos perguntar se é o mesmo carro do acidente...

— Ela não vai responder — Brandon me interrompe. — Nenhum deles fala sobre as tragédias, sabe disso.

— Talvez ela nos ajude — insisto. — Podemos tentar.

Ele dá de ombros, não muito confiante. Aparentemente não são só os meus pais que lutam contra as conversas sobre Dethaun. Encontrar informações poderá ser mais difícil do que pensei, e decido agir logo. Pego o celular e mando uma mensagem para Ben, que ainda está na biblioteca, pedindo que busque informações sobre o xerife e seu filho. Veremos o que pode encontrar.

Brandon olha para o restante do jantar, na mesa. Então se levanta e, com calma, começa a recolher os pratos.

— O que você está fazendo?

— Temos que lavar a louça — usa um tom carregado, como se fosse óbvio.
— Não sei por que sua mãe ainda não te deserdou, você é um folgado.

Reviro os olhos.

— É meu pai quem cuida disso.

— Então só você não faz nada. Não estou surpreso.

Ele está fugindo do assunto dos pais, do jeito dele, mas está. Quando me perguntavam de Adam, eu fazia a mesma coisa.

Brandon me lança um último olhar de julgamento antes de levar todos os pratos para a pia. Como não quero ouvir mais nenhuma ofensa, o ajudo com os copos e talheres e guardando as sobras na geladeira. Também limpo a mesa, fazendo questão de deixar claro que estou sendo bem mais útil que ele, mas quando me viro Brandon já está quase no fim da lavagem de pratos.

— Nossa, você é rápido — murmuro alto demais, antes de pensar sobre como elogiei suas habilidades mesmo depois dele me ofender.

— Trabalhei em um restaurante por um tempo — responde, sem ligar muito para o que eu disse. — Vem, me ajuda aqui. Eu lavo e você seca.

Não gosto muito de vê-lo me dar ordens, mas não posso deixar Brandon lavar a louça da minha casa sozinho. Meio que no automático, reviro os olhos e faço o que ele diz, pegando um pano seco e o primeiro prato logo em seguida.

— Você tem quantos empregos? — O silêncio não é desagradável, mas quero mesmo saber. Ele faz faculdade, treina um time de futebol e trabalha em um restaurante? Ele sequer dorme?

— No momento, nenhum. — Ri. — Fiquei no restaurante só o tempo necessário para juntar economias.

— Para as despesas da faculdade?

— Sim.

Solto uma risada amarga. Isso é muito humilhante.

— Desisti da faculdade porque não estava conseguindo pagar — confesso. Não sei por que faço isso, mas sinto que Brandon não vai me julgar. — Deveria ter sido esperto como você.

Ele para de ensaboar um prato por apenas um segundo, olhando para mim com uma expressão que não sei decifrar. Noto que estamos mais perto do que o recomendado para duas pessoas que decidiram não se beijar mais, apesar da óbvia vontade que tenho de fazer isso agora, e dou um passo muito, muito pequeno para trás.

— Você tinha outras prioridades — Brandon conclui, o que é surpreendente. Ele acaba de perder uma oportunidade de me ofender. — Aluguel, mudança, tudo isso é caro. Ainda moro com meus pais, o que não é tão glorioso também.

— Queria morar com meus pais — comento, pegando mais um prato. — Daria tudo para estar com eles.

— Você abandonou a faculdade de qualquer jeito, por que não volta?

É uma boa pergunta, para a qual não tenho uma resposta. Por anos, usei a desculpa de que era doloroso. De que não suportaria viver aqui sabendo o que aconteceu com Adam, nem fingindo que ainda era amigo dessas pessoas. Mas, nas últimas semanas, venho fazendo exatamente isso. Sei que na maior parte do tempo procuramos por ele, mas quando não estamos fazendo nos perdemos em conversas aleatórias no bar, até bebemos. Exatamente como quando éramos mais novos e tudo ainda não havia desmoronado.

— É por causa do Adam? — Brandon deduz, ainda me olhando daquele jeito. — Você sabe que ele iria querer que você seguisse em frente, certo?

— Não é por causa do Adam — respondo, já sabendo que minhas próximas palavras me levarão para um caminho de onde não conseguirei voltar. — É por causa de vocês.

— Da gente?

— Porque *vocês* fizeram aquilo com ele — digo em voz alta. Eu repeti isso para mim mesmo por anos e, às vezes, para Amélia. Mas nunca para Brandon. Nunca para o gentil e prestativo Brandon Hudson.

Porque é verdade. Culpo todos eles, não só Amélia, apesar da maior parte da minha raiva ter sido direcionada a ela. Brandon e, por mais que doa admitir, até mesmo Taylor contribuíram com o desastre.

— Você acha que eu sequestre o Adam? — A ironia fica clara no tom de voz, o que me incomoda um pouco. Ele sabe da parcela de culpa que teve, não pode simplesmente fingir que não aconteceu. — Eu o joguei da porra daquela pedra, Hunter? É isso que você está me dizendo?

Um barulho alto ecoa pela cozinha. Brandon deixou o prato que ensaboava cair dentro da pia. Não chegou a quebrar, mas me assustou. Ele nem sequer deu atenção a ele.

— Você não sabe o que aconteceu de verdade.

— É claro que eu sei. — Se vira completamente na minha direção. Por instinto, dou um passo para trás, mas Brandon também avança. — Eu estava lá.

— Você...

— É por causa da Amélia? — Me interrompe. FRANZO o cenho, surpreso com a sugestão de que ela contou o que houve para ele. — Sabe de uma coisa, Hunter? Eu sei o que aconteceu entre ela e o Adam naquela pedra. E a Amélia não é uma assassina. Você só quer alguém em quem colocar a culpa, mas era o *seu* aniversário, e se você não tivesse sido um babaca, teríamos feito tudo diferente.

— Eu não pedi para vocês fazerem aquilo por mim! Nunca quis uma merda de festa surpresa, sabia disso?

— Mas nós fizemos! Porque éramos seus amigos. Mesmo que nos odiasse e nos tratasse mal, nós nos importávamos com você.

— E olha no que deu — completo, um pouco mais baixo do que minha fala anterior. Estou me sentindo exausto, tão cansado que não consigo mais gritar. — É isso o que acontece quando forçam a barra. Deveriam apenas ter aceitado que eu não queria ser amigo de vocês.

Brandon se afasta um pouco, me olhando de cima para baixo.

— Isso tudo é uma grande perda de tempo — conclui. — Não faz diferença agora.

Não sei exatamente o que isso significa, e não pergunto. Brandon me dá as costas e sai da cozinha. Ouço a porta da entrada logo depois.

Ele foi embora.

Respiro fundo, tentando não deixar que isso me afete. Não quero pensar nas coisas que ele disse, nem no que aconteceu. Não quero pensar na parcela de culpa porque, até então, eu fiz um bom trabalho ignorando que Adam desapareceu por minha causa. Porque eu era uma aberração sem amigos que rejeitava tudo e a todos, e ele me amava o suficiente para querer que todo mundo me amasse também.

Ele ofereceu uma comemoração de aniversário que rejeitei. E aí, ele me fez uma festa surpresa.

Uma festa que eu jurei não querer até o momento em que quis tanto que o amei mais ainda por ter insistido.

E tudo desmoronou, como sempre desmorona quando estou feliz.



2016

Humanos sempre foram uma incógnita para mim. Em alguns momentos os entendia a tempo de prever ações e pensamentos sem precisar entrar em suas cabeças. Em outros, tudo o que faziam deixava dúvidas e questionamentos para trás. Para uma criatura antiga, observá-los deveria ter se tornado monótono, mas sempre havia momentos como aqueles.

Parei ao lado de Brandon Hudson, olhando na mesma direção que ele. Não havia foco em específico, ao menos não um que eu tenha localizado. Como ele não estava sentindo nada, não pude ler seus pensamentos, mas deduzi que esse estado logo mudaria. Não havia dirigido até a casa de Rick apenas para olhar a fachada repleta de pequenas flores, era ocupado demais para aquilo.

Como sempre, a manhã consumia o céu em tons de cinza. E o frio, meu eterno aliado, incomodava Brandon até os ossos.

Finalmente senti algo: *nervosismo*. Em sua mente nada fazia sentido, um misto de ordens e arrependimento criando uma série de raciocínios estranhos que apenas Brandon conseguiria entender. Ele ergueu a sacola que carregava e finalmente puxou uma cartela de ovos de dentro dela, me deixando absurdamente confuso.

Repasse o plano, foi minha primeira tentativa de entender o que estava acontecendo, mas Brandon ignorou o pensamento porque estava com pressa. A urgência veio em um único golpe de adrenalina, impulsionando os pés do garoto para a frente. Primeiro, achei que iria tocar a campainha da casa, só que Brandon passou direto por ela. Seu destino era a garagem da casa de Rick, que suportava apenas um carro. O segundo, que não era parte daquela casa, estava do lado de fora.

Brandon pegou um dos ovos e, no mesmo instante, ouvi passos cada vez mais próximos de nós dois. Me virei, apesar de saber que era Hunter. Ele chegou tão rápido que conseguiu segurar o pulso de Brandon no ar, fazendo com que o ovo caísse muito perto de seus sapatos.

— O que você tá fazendo? — Hunter murmurou.

Ninguém podia ouvi-los de dentro da casa, mas sentia o pânico de ser pego fazendo algo errado.

— Eu te disse. Viemos para dar uma lição nele.

— Isso é ridículo. — Tentou puxar Brandon de volta para o carro, o qual havia ficado estacionado alguns metros distantes da casa. — Coisa de gente sem noção.

— Você só tinha que ficar no carro e dirigir, por que está aqui?

Hunter bufou, soltando o pulso dele. Quando concordou em acompanhá-lo, achou que seria para dirigir até a casa de Amélia e prestar apoio depois de seu coração partido. Brandon, porém, tinha outros planos quando disse que precisava de ajuda para levantar o humor da amiga.

— Ela não vai gostar disso. — Hunter tentou mais uma vez. — Deixa pra lá.

Brandon baixou a mão, deixando que a sacola batesse contra sua perna ao desmontar totalmente a postura de ataque. Felizmente, nada quebrou, o que não significava que era seguro continuar brincando com aquilo.

— No três — ele disse simplesmente.

Hunter franziu o cenho, prestes a perguntar o que significava. Brandon foi mais rápido que seu raciocínio e, antes que pudessem impedi-lo, se virou e puxou os ovos da sacola mais uma vez, jogando vários no carro enquanto Hunter apenas olhava horrorizado.

O alarme começou a tocar, e Brandon gritou:

— Três!

Saíram correndo. Me movi para o banco de trás do carro de Brandon, de onde vi Hunter o seguir. O pânico estampado em seu rosto quando percebeu que levaria a culpa se ficasse parado me fez rir, principalmente quando, mesmo muito irritado, cumpriu sua missão de dirigir. Demorou demais para ligar o motor e dar partida, e Rick, o primeiro a sair da casa, os viu quando estavam arrancando com o carro.

Alguns quarteirões longe, Brandon respirou aliviado e afundou no banco.

— Eu não acredito que você me envolveu nisso! — Hunter apertou o volante, dirigindo como se sua vida dependesse daquilo.

O atleta riu. Não costumava fazer coisas daquele tipo, mas era bom sentir a adrenalina em suas veias. Nunca gostou do irmão de Rick, Eddie. Talvez nunca tenha gostado de Rick também. Depois que o coração de Amélia foi partido, teve certeza daquilo.

— Calma, eles não vão fazer nada. — Tentou apaziguar o nervosismo de Hunter. — Nem tem muito o que fazer.

Brandon estava acostumado a ouvir o outro xingar, mas naquela tarde ele excedeu todos os limites. Resmungou palavrões indignados até chegarem no endereço de Amélia, onde finalmente parou.

— A mãe dela tá preocupada — Hunter informou, olhando para a fachada com tristeza. — Pra chegar a pedir a minha ajuda, deve estar muito desesperada. Ela me odeia.

— Se você xinga assim perto dela, imagino o porquê.

— Vai se foder.

— Viu?

Vinte segundos de silêncio depois, Brandon cutucou Hunter.

— Temos que sair.

E o outro, como sempre, entrou em desespero só de pensar que teria que ser o apoio emocional de alguém.

— Por que ela não chamou o Adam? — Choramingou. — Sou péssimo nessas coisas.

— Porque você é o melhor amigo dela. Não o Adam.

— Mas sou péssimo nessas coisas — repetiu, ainda mais desesperado.

Brandon suspirou, tirou o cinto de segurança e se virou para ele.

— Só de você estar aqui mostra que não é tão ruim quanto pensa. E, aproveitando que está aceitando conselhos, faça a gentileza de aceitar a festa de aniversário que Amélia vai sugerir.

Horrorizado com a simples ideia de comemorar aquela data, Hunter abriu e fechou a boca várias vezes. Ele obviamente não percebeu como Brandon riu, não zombeteiro, mas achando simplesmente fofo, porque era um lerdo. E porque dificilmente acreditaria que alguém o acharia tão adorável.

Revirei os olhos, mas fiquei agradecido por não presenciar mais do que o necessário daquilo.

— Só aceita. — Brandon interrompeu a defesa. — Ela precisa de uma distração, e você de uma festa.

— Não preciso porra nenhuma.

— Você precisa de educação.

— Vai se foder.

— Viu?

Brandon se afastou, abriu a porta do carro e olhou para Hunter, encorajando-o a sair também. O outro, não muito animado, obedeceu, sabendo que era mesmo um dever estar ali por Amélia. No fundo dos seus pensamentos, o encontrei se esforçando para pensar em coisas legais para dizer a ela, mas todas pareciam

supérfluas e bregas em sua concepção. *Apenas a abrace ou faça alguma coisa melosa*, sussurrei, e ele aceitou. Seguiu Brandon para a varanda de entrada e esperou, nervoso, até Ayana os atender. Era comum para Hunter ser tratado diferente, portanto, não estranhou quando a mulher abraçou e sorriu ao receber Brandon, deixando para ele apenas um aceno de cabeça.

Subiram as escadas, encontrando o quarto de Amélia completamente apagado. A porta estava aberta, o que não os impediu de bater. Como não receberam resposta da amiga e eram indecisos demais para simplesmente invadir o espaço dela, fui até a cama e assoprei seu ouvido, despertando-a do sono profundo no qual estava.

Confusa, Amélia levantou a cabeça e os encontrou na porta. Seu coração bateu mais forte em uma mistura estranha de alegria e agonia. Gostou de ver os amigos, mas, ao mesmo tempo, só queria ficar sozinha.

— Oi — disse mesmo assim, sentando-se para ficar confortável.

Brandon entrou e acendeu a luz, fazendo com o que os olhos de Amélia ardessem. Ela usou a mão para protegê-los da luminosidade, não vendo quando Hunter hesitou umas três vezes até dar os próximos passos até a cama. Por fim, ele se aproximou e se sentou bem na beirada, como se estivesse com medo dela — ou de seu emocional.

— Como você está? — Brandon perguntou, se colocando bem perto da amiga. Ele usou a mão direita para arrumar as mechas de cabelo bagunçadas na frente do rosto de Amélia, com tanto cuidado e carinho que despertou a admiração de Hunter. — Melhor?

— Eu só tô cansada.

Nenhum dos dois acreditou. Não estavam completamente errados de cogitar que a amiga tinha problemas, mas a suposição de que era tudo por um coração partido passava longe da verdade. Além da longa visita de Amélia à Cidade Fantasma, havia um novo nó em seu destino. No momento em que colocou os pés naquele lugar, fora condenada a matar Adam. Ela sentia o peso e a culpa antes mesmo de acontecer.

— A gente jogou ovos no carro dele — Brandon falou, orgulhoso. — Foi a coisa mais *filme-adolescente-para-héteros* que fiz, espero que reconheça meu esforço.

Uma risada ecoou pelo quarto, pegando Hunter de surpresa. Ele realmente achou que Amélia desaprovava a ação. Talvez, se Brandon tivesse proposto tal vingança, a garota recusasse. Seu senso de certo e errado era forte, mas, com ele fazendo aquilo por ela, pareceu simplesmente divertido. E a fez se sentir muito amada.

— Eu reconheço. — Amélia se inclinou para a frente, ainda sorrindo. — Mas, acima de tudo, aprecio o esforço que fez para arrastar o Hunter para a sua vingança. Aposto que não foi fácil.

O olhar que eles trocaram continha anos de cumplicidade. Em uma amizade como a deles, não sobrava espaço para falhas de interpretação. Se conheciam o suficiente para saber o que um simples olhar significava, e naquele momento a garota tinha um ponto muito importante a abordar: o que havia acontecido para estarem os dois, juntos, jogando ovos no carro de alguém?

— Não foi fácil, tive que mentir — Brandon confessou, o que fez Hunter revirar os olhos e cruzar os braços. — Mas ele adorou. Precisava ver como correu.

— Não adorei. Aquilo era desespero.

— É a mesma coisa. Adrenalina é adrenalina.

Antes que começassem a discutir, Amélia entrou na conversa.

— Vocês gravaram? Eu daria tudo para ver.

Brandon lançou um olhar acusatório para Hunter.

— Se alguém não tivesse tentado acabar com o plano, eu teria lembrado de gravar.

— *Meu Deus* — Hunter protestou, indignado. — Você ia se filmar cometendo um crime? Mereceria, se fosse preso, só por ser tão exibido.

Brandon e Amélia riram juntos. Hunter era sempre muito dramático, apesar de não fazer por querer. Era só muito forte para ele se preocupar demais com as consequências das coisas. Ou, até quando não havia consequências, pensar sobre tudo.

Quando o coro de vozes risonhas cessou, Brandon puxou as cobertas de cima de Amélia, dando uma ordem silenciosa para que ela se levantasse.

— A gente vai sair para comemorar o aniversário do Hunter.

Ainda faltavam alguns dias para a data, o que deixou a garota e o aniversariante confusos.

— Ele não vai permitir que a gente faça uma festa — explicou Brandon. — Então vamos beber antes.

Hunter analisou a técnica do garoto: usou seu aniversário para fazer a amiga ceder ao seu pedido enquanto, ao mesmo tempo, usava Amélia para fazer Hunter comemorar o aniversário — mesmo que com antecedência.

Ele era bom. Muito bom.

— Tá legal — Amélia concordou, por fim. — Já encontro vocês.

Brandon bagunçou os cabelos dela em comemoração, se levantando e puxando Hunter para fora do quarto. Desceram em silêncio, mas a energia presunçosa do atleta inundou a casa inteira. O sorriso no rosto dele foi o suficiente para irritar o seu parceiro de crime, que já era naturalmente ciumento quando se

tratava de Amélia. Se martirizou por se incomodar com o sucesso no plano de Brandon, já que aquilo significava que a amiga teria uma ótima noite, mas queria ter sido a pessoa a animá-la.

O problema não é ele, sussurrei, o problema é você. Se fosse minimamente desenvolvido emocionalmente, teria sido capaz de ajudá-la, mas você é inútil.

Apesar de ter sido especialmente cruel na provocação, não recebi qualquer resposta.



Não queriam esperar até chegar ao bar dos Piper para começar a beber, então Brandon estacionou o carro na frente de uma loja de conveniências e olhou para trás, apoiando o braço no banco. Hunter, sentado no meio, levantou uma sobrancelha diante do pedido silencioso que recebia, e bufou.

— Você é o brutamontes do trio. — Brandon deu um soquinho no ombro dele. — E quem é o brutamontes fica responsável por comprar bebida.

Era o único que passaria por alguém maior de idade, sim, mas não gostava de ser submetido àquele tipo de coisa. Amélia merecia o mínimo de esforço, porém. Como não foi um suporte emocional útil para ela, forneceria bebida para que tivesse aquilo sozinha.

Xingou muito enquanto abria a porta, resmungando quase tantos palavrões quanto no momento em que fugiram naquela tarde. Amélia e Brandon riram enquanto ele se afastava, e só pararam depois que Hunter sumiu dentro da loja. No silêncio, ficaram confortáveis, mas o atleta ainda se preocupava com o que estava por vir.

— Você tá bem mesmo? — Decidiu perguntar.

Amélia fez que sim com a cabeça.

— É que você não falou nada da festa. Achei estranho.

A garota nunca perdia a oportunidade de planejar o aniversário de alguém. E não havia mencionado o assunto para Hunter até aquele momento.

Amélia deixou seu olhar cair sobre a loja, onde viu o amigo pagando pelas bebidas no caixa.

— Você tinha razão quando disse que o Hunter não nos deixaria fazer uma festa. Ele provavelmente vai sumir ou arrumar uma desculpa para não ir.

— Mas ainda assim...

— Calma. — Ela riu, o interrompendo. — Eu não desisti. Mas acho que devíamos fazer uma festa surpresa.

Seguindo o olhar dela, Hunter analisou o garoto contando as notas pela terceira vez. Era meio engraçado como ele era desajeitado com qualquer pessoa

que não fosse Amélia.

— Talvez seja mais fácil desistir. — Ponderou. — Se ele não gosta, é melhor não forçar.

— É que ele nunca teve uma festa de aniversário. — Amélia defendeu sua ideia, um pouco mais animada agora que se distraia. — Tenho a impressão de que tem medo de ninguém aparecer, sabe? Porque acha que as pessoas não gostam dele. Aí fica dizendo que odeia festas... Eu queria fazer uma noite especial, com um monte de gente que vai estar lá só pra se divertir por e com ele. Acho que pode ser bom.

Brandon sorriu e, meio orgulhoso, apertou a bochecha da amiga.

— Ele não te merece, sabia? E nem eu.

— Para com isso. — Afastou a mão dele, apesar da risada sincera que deixou escapar. — Eu amo vocês. E, apesar de você saber disso, às vezes acho que o Hunter não sabe.

De fato, ele não sabia. E quase sussurrei para Amélia que Hunter nunca iria saber, porque aquele complexo, apesar dos esforços dela, eram maiores do que uma simples festa de aniversário.

— Vou te ajudar nisso — Brandon garantiu. — Vai ser uma festa de aniversário perfeita.

Amélia, genuinamente grata, bateu palmas e repetiu:

— A festa perfeita.



Fico sentado no chão da cozinha por muito tempo. Preciso levantar e fechar a torneira, mas não consigo. A água caindo e batendo nos últimos pratos sujos me faz sentir menos sozinho, como se eu não fosse o único que restou nessa casa.

Brandon me odeia. Taylor provavelmente também. Sou um péssimo amigo para Ben. E talvez eu tenha sido injusto com Amélia. Ainda a considero culpada de alguma forma, mas eu posso julgar o que fez? Quando me contou que Adam caiu no lago enquanto discutiam, eu só senti raiva. Não procurei entendê-la, não pensei que, levando em consideração meus problemas de raiva, estava longe de poder julgá-la. Quis tanto colocar a culpa em alguém que usei a Amélia.

É difícil perceber tudo isso de uma vez. Quando se encara a realidade depois de tantas mentiras, o mundo parece pior do que realmente é. Não tem mais nenhuma fantasia atrás da qual me esconder, não há mais culpados. Na verdade, nem mesmo há o luto ou a culpa.

Sinto um enorme e absoluto nada. E frio, muito frio.

Abraço os joelhos, concentrando toda a minha atenção no barulho da pia. Quando a notificação do meu celular me avisa sobre uma mensagem, puxo o aparelho do bolso da calça e leio o que Ben escreveu com a cabeça ainda encostada na geladeira.

Doutor Estranho: O xerife desistiu do cargo alguns meses depois que a igreja pegou fogo. Essa informação não está nos jornais, mas a Taylor comentou ter ouvido histórias sobre isso enquanto crescia. Parece que Dylan e Thomás estavam envolvidos no incêndio e isso causou problemas ao pai dele, que precisou deixar de ser xerife. Assim como Knight precisou deixar de ser pastor.

Hunter: Tem alguma prova de que o Dylan e o Thomas estavam mesmo envolvidos?

Doutor Estranho: Não, a Taylor já tentou encontrar, mas não há nada além de boatos. Acho melhor você conversar com ela quando chegarmos em casa, é bem confuso.

Hunter: Ok.

Assim que envio a mensagem o meu telefone toca.

— Filho — minha mãe chama do outro lado. — Tudo bem aí? Desculpa ter saído. Já estamos voltando para casa.

Olho para a janela da cozinha, acima da pia. O barulho da água não era apenas a torneira aberta; está chovendo muito lá fora. Tanto que não consigo ver nada atrás da cortina cinza passando na frente do vidro.

— Cuidado com a chuva — peço. — Talvez seja melhor esperar diminuir um pouco.

Sempre tive muito medo de chuva. As ruas alagam, as pistas ficam escorregadias, aparelhos queimam. Em Nova Iorque, minha janela ficou quebrada por umas duas semanas e todas as noites a chuva invadia meu apartamento. Não gosto desse tipo de clima.

Minha mãe, do outro lado da linha, emite um som de dúvida.

— Aqui já parou de chover, estamos voltando.

Confuso, mudo o celular de uma mão para a outro.

— Onde vocês estão?

— Na biblioteca, vimos Amélia saindo e paramos para dar uma carona.

Finalmente me levanto. Vou até o vidro para checar a possibilidade de eu estar alucinando, qual é descartada. Ainda chove lá fora, e muito. Seguro o telefone com força, nervoso, assustado e secretamente rezando para um Deus que não acredito, porque isso só pode significar uma coisa.

— Mãe — chamo, e ela murmura em resposta, mas a ligação cai antes que eu possa continuar.

Onde minha mãe está, não chove. Mas aqui uma tempestade cai.

Um de nós foi puxado para a Cidade Fantasma.



Do lado de fora, encontro o completo caos.

Além da chuva, uma ventania forte balança todas as árvores da calçada.

Meu primeiro pensamento é Brandon. Faz apenas alguns minutos que ele saiu daqui. Vivi sumiu, ele provavelmente a levou, mas não é a falta dela que causa esse

sentimento horrível em mim. Desço os degraus da varanda sem pensar duas vezes. Preciso encontrá-lo. Tem alguma coisa errada.

Minha mãe levou o carro dela, e Ben o dele. Nunca senti tanta saudade de Vivi antes, sabendo que seria melhor até mesmo andar de moto do que enfrentar essa tempestade tentando caminhar por ela. Ainda assim, me concentro e continuo andando até estar na rua de casas padrões agora completamente vazia. Sigo na direção de onde Brandon mora, torcendo para que tenha voltado direto para casa ao invés de seguir para outro lugar. Os Hudson moram a apenas algumas quadras, mas sei que serão as três quadras mais longas do universo.

Ao menos, meus pais, Ben e Amélia estão seguros. Taylor também, por mais que sua família não passe qualquer segurança. Se eu encontrar Brandon, levarei de volta para a minha casa e vamos resolver nossas diferenças, mas não o abandonarei agora. O que quer que signifique a tempestade, sei que é a Cidade Fantasma chegando para nos buscar — nos puxar.

Se estivermos juntos, podemos enfrentá-la. Mas, sozinhos, somos fracos.

Antes da segunda quadra terminar, o encontro. Brandon está sentado na calçada, com a bicicleta ao seu lado. O mundo cai ao seu redor e ele continua ali, quieto, olhando para o outro lado da rua. A chuva é tão forte que destruiu seu cabelo sempre perfeitamente alinhado, e os fios dourados caem sobre seus olhos, grudando na testa e na nuca. Evito pensar sobre a roupa perigosamente colada ao seu corpo, o que é muito fácil de fazer depois que percebo que há sangue onde Brandon descansa os pés.

Corro ao seu encontro, me ajoelhando na frente dele. Não toco em sua perna, apesar de sentir um impulso muito forte de ajudar. Brandon está machucado e não faço ideia do que fazer.

— O que aconteceu? — Pergunto.

Se ele está surpreso por me ver, não demonstra. Tenta mover a perna, mas acaba desistindo com uma careta de dor. Mais um impulso me pega de surpresa e eu me coloco para frente, tocando levemente a calça jeans cheia de sangue. Tento puxar o tecido para ao menos ver o estrago, mas não consigo. Usar peças realmente coladas não só afetam a minha sanidade, mas qualquer possível primeiro socorro.

— Eu caí — ele resmunga.

Quando solto uma risada, é pelo fato de ele estar preocupado com o próprio orgulho e não com a tempestade ou a perna machucada, mas Brandon, sendo o egocêntrico que é, acha que estou caçoando dele.

— Nem uma palavra — me repreende, olhando para o lado.

— Você consegue se levantar? — Mudo de assunto. Não podemos brigar agora.

Brandon tenta se mover mais uma vez, e falha. Procuro pela minha bicicleta e a puxo para frente. Não parece que tem alguma coisa errada com ela, então não houve danos na queda. O único prejudicado foi Brandon. E o ego dele.

— Sobe aí. — Coloco Vivi na frente dele.

O olhar que Brandon oferece me xinga de todas as maneiras possíveis. Sua boca, por outro lado, pronuncia palavras inofensivas em um tom carregado de mau humor.

— Não consigo me levantar, se não percebeu.

Estico a mão.

— Usa a sua perna boa.

Ele parece em dúvida. Olha da minha mão para a bicicleta, e eu bufo, impaciente. Agora estou completamente encharcado também, e fico feliz por sempre usar roupas largas. Ainda assim, o tecido ficou tão pesado que a gola é puxada para baixo, revelando um pouco da minha clavícula, deixando o frio começar a se instalar.

— Sobe logo — insisto. — Temos que sair daqui.

Quando ele não se move, chuto o pezinho da bicicleta para que se sustente sozinha e vou na direção de Brandon. Me curvo na frente dele, estendendo a mão, e prometo que não vou deixá-lo cair. Ele acaba cedendo e aperta meus dedos muito forte quando o puxo para frente. Usando a perna boa, pula algumas vezes até ganhar estabilidade, e eu passo meu braço ao redor da sua cintura para ajudar. O guio até a bicicleta e Brandon se senta no banco com muito cuidado, quase não acreditando que isso deu certo.

Sorrio para ele. Finalmente alguma coisa não foi um desastre.

Não há muita conversa no caminho de volta para a minha casa. Empurro a bicicleta enquanto Brandon range os dentes em resposta à dor, e agradeço por não ter rampas nas ruas do bairro.

— Não tá muito pesado? — Brandon pergunta em algum momento. — Acho que consigo andar o restante do caminho.

— Relaxa, você é leve.

Ele bufa.

— Se a minha perna estivesse boa, eu te chutaria.

— Você não alcançaria.

Espero uma resposta, mas ela não vem. Alguns minutos depois, chegamos em casa. O carro dos meus pais ainda não está na garagem, o que indica que continuamos sem uma maneira de nos locomover. Se essa cidade dos infernos fosse um lugar normal, poderíamos chamar um Uber. Ajudo Brandon a descer da bicicleta e mais uma vez o auxílio, com cuidado redobrado na escada da varanda, até o interior da casa. O deixo no sofá, onde se acomoda e treme de frio.

— Vou pegar roupas secas — aviso antes de sair.

Quando entro no meu quarto, a primeira coisa que vejo é o livro que pegamos da Cidade Fantasma. Não o deixei aberto, mas agora está exatamente assim. Ignoro o frio dilacerante que corrói até meus ossos e me aproximo, olhando para a ilustração da página de rosto: é um cenário, com uma ventania, uma árvore e folhas brancas. É a única folha colorida do livro, em tons de rosa e cinza, e algo desperta no meu cérebro ao observá-la.

Pego o livro e desço as escadas correndo.

— Ei, olha isso. — Ajoelho na frente de Brandon, sobre o tapete. Estou tão encharcado que uma mini poça se forma com a água acumulada na minha calça.

Brandon parece irritado.

— Você não ia buscar roupas? Eu tô congelando.

— Para de reclamar e olha isso. — Bato com o dedo na página aberta, e Brandon, contrariado, me obedece. — Não te lembra de alguma coisa?

— Não sei... Acho que sim.

A princípio, quando olhei, não entendi o que era também.

— É sobre a Cidade Fantasma — digo.

— Não tem como saber. Pode ser a árvore de qualquer lugar.

Balanço a cabeça.

— A sensação, Brandon. Quando você olha, não parece que está vendo aquele lugar?

A isto, ele não tem como negar. As cores, o caos e a melancolia parecem muito com o que sentimos quando estamos na Cidade Fantasma.

— Acho que tem alguma pista nesse livro. O Adam deve ter deixado pra gente perceber.

Brandon só concorda, pensativo. Em um estado frenético pela descoberta, começo a folhear as páginas. Gotas caem e borram o texto, escorrendo do meu cabelo para o papel, e eu quase não consigo ler de tanto que tremo.

Sinto um toque quente. Levanto os olhos e Brandon está tirando uma mecha de cima do livro, para que não continue pingando e arruinando tudo.

— Você vai ficar doente — ele diz, com cuidado. — Deveria se trocar.

Droga. Eu sou mesmo um merda, não sou? Brandon está ensopado e ferido, e eu continuo me preocupando com Adam e a Cidade Fantasma. Fecho o livro e o deixo sobre a mesinha de centro.

— Já volto.

No andar de cima, separo roupas e desço para entregá-las a ele enquanto tento chamar uma ambulância pelo telefone. Minha mãe não me atendeu, provavelmente sem sinal dentro da biblioteca, mas precisamos levar Brandon para o hospital.

— Rua dos Alfaiates — descrevo o endereço para a atendente, já entregando a muda de roupas para Brandon. Ele pega e me observa enquanto me sento ao seu lado, no sofá. — Isso, isso.

Quando a atendente diz que pode demorar, entro em pânico, mas ela explica que a tempestade causou muitos danos por aí.

— Espera...

Desligo o telefone. Ela já tem todos os dados, e algo realmente me confundiu. Minha mãe disse que não estava chovendo quando liguei, e, a princípio, achei que eu estava na Cidade Fantasma, mas acho que na verdade era *ela*.

Em desespero, começo a enviar mensagens. Uma atrás da outra, apenas para receber qualquer resposta, tentando até mesmo o chat do Facebook, por onde ela me responde irritada que ficou sem sinal.

Hunter: Aí está chovendo?

Mulher-Maravilha: Por que vc tá insistindo nisso?

Hunter: Só responde.

Mulher-Maravilha: Não. Tá tudo bem, a gente tá conversando com a Jane, já vamos para casa.

Hunter: O Brandon se machucou, a gente precisa de uma carona até o ho...

A mão de Brandon puxa a minha, me impedindo de enviar a mensagem.

— Tá tudo bem, a gente espera a ambulância. Parou de doer e eu acho que nem foi tão sério assim.

Olho de seu rosto para o machucado. Não sei como, mas de alguma forma Brandon conseguiu se trocar. Minhas calças ficam tão largas nele que consegue puxar a barra até a um pouco abaixo do joelho, mostrando que realmente não era um ferimento tão ruim assim.

Levanto-me do sofá e vou até o banheiro, onde meus pais deixam um kit de primeiros socorros. Não sei fazer muitas coisas de adulto, mesmo sendo um, o que deixa o fato de eu conseguir fazer um curativo algo surpreendente. A questão é que eu tive uma fase... temperamental, em Nova Iorque. Logo depois que saí de Dethaun, quando odiei tudo e todos por longos meses, eu bebia até arrumar uma briga, depois voltava para fazer meus próprios curativos. Ao menos serviu de alguma coisa e posso cuidar do Brandon agora.

Puxo a mesinha de centro para mais perto do sofá, deixando a caixinha aberta próxima dos meus pés. Brandon levanta uma sobrancelha quando dou um tapa no meu joelho, indicando que estique a perna e a apoie em mim.

— Vai logo — resmungo. — Se infeccionar e precisar amputar, sua perna vai ficar ainda menor.

Ele me chuta. Com a perna machucada e tudo.

Logo depois, geme de dor.

— Carma — murmuro, com um sorriso que não consigo evitar.

Ele finalmente cede, ainda de mau humor, e faz o que pedi. Em silêncio, desinfeto o machucado e faço um curativo. Vai precisar de um ponto ou dois quando for ao hospital, mas meus talentos de enfermeiro poderão ajudar até lá.

— De nada — provoco enquanto guardo tudo.

Ele suspira.

— Obrigado.

Não estou satisfeito, mas é melhor do que o silêncio. Fecho a caixa do kit e fico sentado sobre a mesinha, sem saber como proceder. Depois de tudo, acho que devo desculpas a Brandon. Por ter acusado ele e Amélia de serem responsáveis por Adam, principalmente. Eu fui um pé no saco por muito tempo e, hoje, depois de ouvir aquelas verdades dolorosas, acho que sei disso.

O que não sei, é como me expressar.

— Você vai ficar doente — Brandon repete o que me disse há alguns minutos. Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nas coxas, e minha camiseta larga desce um pouco pelo seu ombro direito.

Ele tem uma tatuagem.

Brandon Certinho Hudson tem uma tatuagem.

— O que significa? — Pergunto, sem tirar os olhos dela.

Ele espia o próprio ombro, então volta a me encarar.

— Te conto se colocar roupas secas. Não posso enfrentar fantasmas sozinhos porque meu parceiro pegou um resfriado.

Bufo antes de me levantar e subir as escadas. Troco de roupa e pego uma toalha para que Brandon seque os cabelos. Ele é tão vaidoso com aquela coisa que provavelmente está surtando por dentro.

Sento-me na mesinha de novo, jogando a toalha nele.

— Agora me conta.

Ele sorri, inesperadamente. Se joga contra o sofá e começa a secar o cabelo.

— É uma tatuagem para os meus pais — diz, sem muita dramatização. — As iniciais deles formando uma borboleta.

Como pareço decepcionado, ele segue:

— Sei que é brega, mas eles... Eles salvaram a minha vida. Poderiam ter deixado que me levassem para um orfanato e escolheram me adotar.

Concordo com a cabeça. Sei que Barth e Daniel sempre foram ótimos pais e, na verdade, é meio louco que isso tenha acontecido mesmo quando precisaram criar Brandon sem qualquer planejamento. Se eu pegasse uma criança hoje, não saberia o que fazer pelos próximos dez anos.

— Não é brega — decido, ainda olhando para o seu ombro. — Você tem outras?

Brandon faz que não com a cabeça.

— Não gosto de tatuagens, para ser sincero.

Penso nos inúmeros desenhos que tenho nas minhas costas e fico em silêncio. Odeio que minha primeira reação seja questionar se Brandon continuaria me achando atraente se as visse.

Como se tivesse lido minha mente, ele pergunta:

— Você fez mais alguma depois que saiu de Dethaun?

Ele sabe da tatuagem que tenho no braço porque foi um presente de aniversário do Adam. Mostrei para todo mundo como se fosse um troféu.

— Tenho — respondo meio incerto. — Algumas.

Brandon me olha de uma forma desconfiada.

— Aposto que tem várias.

— É. Acho que sim.

— Posso ver?

A pergunta me pega de surpresa. É meio estranho, para falar a verdade. Não costumo deixá-las à vista porque a maioria está nas minhas costas, e mesmo as pessoas mais próximas, como Taylor, não sabem de todas.

Brandon limpa a garganta, e eu percebo que passei tempo demais pensando nisso.

— Tudo bem, deixa pra minha imaginação. — Tenta parecer descontraído, mas é nítido que ficou sem graça, o que me faz rir.

— Sua imaginação não é muito confiável, é melhor eu te mostrar logo — provoco, levantando as mangas da blusa para ele ver as que tenho no ombro. — Fiz assim que cheguei em Nova Iorque. Gastei todo o meu dinheiro nelas e depois fiquei sem ter o que comer por algumas semanas.

Brandon parece horrorizado.

— Por que você fez isso?

— Não sei.

Na verdade, sei. Fiz pra sentir dor.

Mas não vou dizer isso.

— Queria um dia poder entrar na sua cabeça — ele comenta, divertido. — Deve ser um lugar interessante.

— Nem tanto.

Com uma liberdade recém adquirida, Brandon se inclina na minha direção e toca meu ombro direito, onde uma tatuagem de cobra começa e termina no meu braço esquerdo. Age como se estivesse fascinado, o que é interessante de observar. Ele parece muito mais humano assim, apreciando alguma coisa de verdade, não estando preocupado com alguém ou investindo em flertes baratos.

— Fica bem em você — diz, voltando a se acomodar no sofá. — E a melhor parte é que combina com todos os seus personagens.

Reviro os olhos. Lá vem ele com essa história de novo. Puxo as mangas da camiseta e me sento no tapete. Busco o livro que encontramos na Cidade Fantasma, decidido a, pela primeira vez desde que o ganhei, ler algo além do título e da sinopse. Começo e ficamos assim, em silêncio, enquanto afundo na história. A escrita é boa, apesar de dramática. Mantenho o foco nas ilustrações e trechos marcados, de repente tão perdido no que estou fazendo que esqueço que Brandon ainda está sentado no sofá às minhas costas.

A história, de alguma forma, faz sentido com o que estamos passando. É sobre uma garota que vive em uma cidade onde coisas ruins acontecem, quase amaldiçoada. Espio a contracapa, onde a biografia do autor apresenta sua jornada, e não me surpreendo ao lembrar dele como um de nossos professores, porque Adam já havia me dito isso. Talvez ele tenha transcrevido o que aconteceu em Dethaun quando era mais novo, transformado toda a dor em história. E, talvez, isso tudo nos ajude a achar respostas.

Sinto uma movimentação no sofá, e de repente Brandon está mais perto. Ele passa a toalha pelos meus cabelos, puxando os fios com cuidado entre o tecido. Não digo nada, porque a sensação é muito boa. Finjo não perceber ou me importar enquanto continuo lendo, ou ao menos tentando, já que é meio difícil de me concentrar com seus dedos passeando tão perto da minha nuca.

— Já molhou toda a sua camiseta de novo — ele comenta, movendo a toalha perto do colarinho, onde meus cabelos encharcaram o tecido.

Estremeço com um arrepio vergonhosamente visível. Não sei qual é sua expressão, mas seus dedos param sob a camiseta e, com cuidado, se movem para a pele, tão quentes que é impossível refutar. Inconscientemente me inclino na direção dele, e Brandon entende que é uma permissão. O toque se expande, cobrindo parte da minha nuca e, então, o lado direito do meu rosto, por onde me puxa para olhá-lo.

Como se fosse possível, ele fica ainda mais bonito assim, me olhando de cima com a luz desenhando seus traços por trás. O cabelo ainda um pouco molhado está bagunçado, ridiculamente atraente e convidativo.

Ele encosta minha cabeça em seu joelho com cuidado. Sua outra mão desce pelo meu ombro até estar sobre o meu peito. Penso em me mover, mas não consigo. Sei que devo, e ainda assim não consigo. Nem mesmo quando ele pressiona a palma contra a minha camisa, sentindo meu coração batendo tão desesperado, e muito menos quando sorri e se aproxima para me beijar.

É muito diferente do beijo que compartilhamos no bar. Este é lento e calmo, talvez influenciado pela cautela de seu ferimento recente. Largo o livro no tapete,

esquecendo-o por completo quando me viro e ajoelho para ficar entre suas pernas, puxando Brandon para um beijo de verdade. Não estou bêbado e não tenho desculpas para aplicar, nenhum lugar para onde fugir. Este erro sendo cometido tão calmamente me deixa louco e, ao mesmo tempo, me impede de parar. O puxo para perto ciente de que vou me arrepender e pensamento algum me convenceria a desistir.

Não um pensamento, mas Brandon.

Brandon definitivamente consegue me parar.

Um empurrão sutil contra meu peito é o primeiro sinal que recebo. Interrompo o beijo, mas não tiro os dedos dos seus cabelos. A sensação gélida dos fios molhados em contraste ao toque quente do seu corpo é viciante.

— Hunter — ele fala meu nome como uma ordem, pressionando meu peito com um empurrão mais forte. Não chega a me afastar, mas causa um lapso de realidade que me traz de volta para o mundo no qual lutamos contra fantasmas. — Isso só vai dificultar as coisas.

Confuso, franzo as sobrancelhas. Desço minha mão direita até ela estar contornando seu rosto, puxando-o pelo queixo para um beijo que diz que eu não dou a mínima.

— Hunter — mais uma vez. Não gosto disso, de como está falando. Talvez eu prefira quando me chama de Fantasma. — Você tinha razão. Não podemos fazer isso.

Realmente não sei do que está falando. Há poucos dias me beijava na frente daquele bar como se sua vida dependesse daquilo. Brandon flerta comigo como se estivesse jogando conversa fora, me olha daquele jeito e, agora, diz que não pode fazer isso?

— Por quê? — é tudo o que pergunto.

Ele puxa minha mão para longe do seu rosto, deixando-a sobre o próprio colo.

— Você está atrás do Adam.

— Você mesmo disse que ele iria querer que eu seguisse em frente.

Estou soando desesperado. E, de fato, me sinto assim.

— Não é isso. — Morde o lábio inferior. Cogito a hipótese de ele estar só testando a minha resistência. — O problema não é o Adam. É você.

— Eu fiz alguma coisa?

Tento me lembrar. Ele me beijou primeiro, não foi? Depois, toquei em seu cabelo, mas achei que estava tudo bem. Se passei de algum limite...

— O problema é que você está atrás do Adam — continua. — Fez tudo por ele, e eu estou aqui por você. Achei que conseguiria lidar com isso, mas não consigo. Sinto muito se te confundi, eu deveria ter sido sincero. Mas não posso continuar... Não de novo.

— De novo?

— De novo — conclui, então olha para algum ponto da sala. Com dificuldade, o sigo e percebo que tocaram a campainha. — A ambulância chegou, é melhor atender.

Aperto seus joelhos. Não vou me mover, ainda estou pensando no que disse.

— De novo? — Insisto.

Ele me olha e, por um momento, sinto que vai começar a chorar.

— Por favor, atende a porta.

Quando me empurra, sento-me no tapete apenas por um segundo antes de me levantar. Abro a porta, em silêncio, apontando para onde Brandon está, e os socorristas o ajudam a sair da casa e entrar na ambulância.

Ele não me olha ao sair, nem antes disso. Murmura um obrigado e desaparece, me deixando para trás com tantas perguntas que, sinceramente, preferiria estar perdido em uma cidade amaldiçoada com ele a estar aqui, sozinho.



Era o aniversário de Hunter.

Dia 28 de Fevereiro, quando o portal seria aberto.

A manhã chegou diferente de todas as outras do ano, e até humanos sem qualquer vínculo com as maldições de Dethaun sentiram. Muitos se enganaram com o sol brilhando e o céu limpo, azul como raramente ficava naquela cidade, e acharam que seria um dia como todos os outros.

Segui Amélia durante parte do dia, enquanto organizava a festa surpresa do melhor amigo. Como prometido, Brandon a ajudou, e estava feliz de ser útil. Ver Amélia reagir ao tempo em que ficou triste e deprimida o deixou aliviado. Adam também havia sido convidado para participar dos preparativos, mas não conseguiu despistar a mãe e prometeu que usaria a primeira chance de fugir para marcar presença na festa.

— O que acha dessa aqui? — Amélia balançou o cabide na frente de Brandon, em busca de aprovação.

O atleta analisou a fantasia que ela oferecia. A intenção era comprar uma para Hunter, já que a festa surpresa seria temática e ele não podia ser o único com roupas normais.

— Amy, duvido que ele vista uma fantasia. Economize seu dinheiro.

Irritada, Amélia bufou. E decidiu ignorar o conselho.

— Ele gosta de super-heróis, talvez use uma do tema. Acho que vou levar a primeira que eu encontrar que seja preta.

Brandon se sentou no banco de espera da loja enquanto Amélia procurava algo não colorido pelas fileiras de cabides, usando o celular para se distrair no Instagram. Ele recebeu muitas mensagens irritadas de Rick depois que jogou ovos

no carro do irmão dele e se divertiu com todas, nem um pouco preocupado com o tom de ameaça.

Decidi deixá-los para visitar Maddie e Bill, que haviam cedido o bar para a festa de Hunter. Foi um gesto e tanto, levando em consideração que o final de semana trazia muitos clientes. Os encontrei preparando uma decoração genérica e um pouco ridícula de humanos, com balões e confetes. Trabalhavam bem em dupla, se divertindo com aquele mesmo álbum do Kiss que Bill sempre ouvia.

Então, segui para a casa de Taylor. Desde a noite na Cidade Fantasma ela havia se afastado um pouco do grupo, mas prometera a Amélia que compareceria ao aniversário de Hunter. Gostava do garoto e, sinceramente, precisava de um tempo fora de casa. Sua mãe a colocou de castigo depois que sumiu no Natal, irritada quando Taylor nem ao menos inventou uma história decente. Consegui convencê-la a deixá-la sair brevemente, com a desculpa de que iria estudar na biblioteca. Por conta disso, precisou carregar uma mochila com livros aleatórios - um preço doloroso a se pagar por uma noite de paz, mas pensar que estaria com Amélia e Brandon deixou tudo um pouco mais fácil. Não interessava as consequências de suas mentiras, caso fosse descoberta; uma noite inteira na companhia de pessoas que a amavam fazia tudo valer a pena.

Por último, visitei o aniversariante. Hunter não estava quando apareci, e seus pais, no térreo da casa, fofocavam sobre ele. Sentei-me em uma das cadeiras vazias da mesa, escutando-os conversar enquanto comiam parte do bolo de aniversário do filho. O costume dos O'Brien era acordar Hunter com uma canção de parabéns e velas já acesas, para que o garoto não pudesse fugir. Era o único jeito de garantir que conseguiriam realizar algum tipo de comemoração, e funcionava.

— Você viu como ele não reclamou da gente? — Alicia parecia estar falando sobre uma conspiração de nível nacional enquanto sussurrava para o marido. — O Hunter sempre resmunga, mas hoje até assoprou as velas sorrindo. Acho que tem alguma coisa errada com ele.

O marido interrompeu sua resposta quando ouviu um barulho nas escadas. Levantei os olhos, encontrando Hunter descendo o último degrau. Claro que eu sabia que ele estava fugindo para encontrar Adam, sua felicidade transbordava irritantemente no ar.

— Já volto — foi a única coisa que disse aos pais antes de sair.

Os O'Brien trocaram um olhar cheio de significados, divididos entre comemorar a recente vida social do filho e se preocupar com ela.

— Eu até gosto do Adam. — Alicia roubou outro pedaço de bolo. — Mas ainda precisamos conhecer a mãe dele. Não gosto de não saber como é a família do namorado do nosso filho.

— Não deve ser pior que a nossa. O Adam é tão educado...

O olhar de Alicia fez ele se calar.

— Não é culpa nossa que o Hunter tenha ficado assim. — Defendeu a educação que aplicou no filho por anos. — Alguma coisa no caminho atrapalhou o nosso trabalho, mas ele ainda é um bom garoto. Só é *excêntrico*.

— Você está exagerando. Ele é um garoto normal, só que xinga muito. No fundo, acho que é saudável ele se expressar como quer.

Alicia sabia que o marido não falava sério, ainda assim o repreendeu com uma tapinha no ombro.

Como ficariam debatendo os próprios erros pelas próximas horas, decidi seguir Hunter. Ele era um desastre e provavelmente seria pego pela mãe de Adam sem a minha ajuda. Por sorte, o encontrei encostando Vivi na janela do quarto do garoto, tentando passar despercebido. Qualquer pessoa o veria a metros de distância: todo de preto, alto como um poste de luz, quase como um objeto fora do lugar naquela casa impecavelmente branca.

Mas ele fazia o melhor que conseguia.

Ele bateu na janela de Adam, que apareceu no mesmo instante. O sorriso que Hunter inconscientemente deixou nascer foi talvez o maior que vi em muito tempo.

— Oi. — Como se fosse necessária alguma saudação, ele apoiou os dois braços no parapeito da janela e se inclinou para a frente.

Adam sorriu de volta, aproveitando a proximidade para roubar um selinho de Hunter.

— Oi — rebateu, imitando o tom de voz do outro. — Tenho boas notícias: minha mãe saiu, podemos fugir por algumas horas.

Com a alegria repentina de Hunter consegui roubar alguns de seus pensamentos. O plano inicial era uma visita rápida, para que Adam pudesse estar presente ao menos em alguns minutos de seu aniversário. Saber que agora teriam horas deixou os dois achando que aquele era um grande dia de sorte.

Mal sabiam o quanto estavam errados.

Adam sumiu dentro do quarto por alguns segundos, em busca do celular. Quando voltou, Hunter já estava sentado em Vivi, esperando por ele. Com cuidado, pulou a janela e a fechou, seguindo para a varanda para pegar sua própria bicicleta. Ambos prontos, começaram a pedalar.

Primeiro, apostaram corrida até o centro da cidade, onde aproveitaram o dia agradável. Adam ainda ficava maravilhado com coisas simples, o que fazia Hunter se apaixonar mais a cada segundo. Ele gostava da forma como o outro via magia em tudo, sempre comparando sua percepção com a dele. Se sentia uma pessoa horrível quando percebia que enxergava as coisas de forma pessimista, sem brilho.

Estavam quase no final da avenida principal quando Hunter parou de andar, a atenção presa em uma vitrine que nunca havia reparado. Adam também

interrompeu a caminhada e, curioso, seguiu seu olhar.

— Você quer fazer uma?

A pergunta pegou Hunter desprevenido. Sempre desejou fazer uma tatuagem, mesmo quando era novo demais para querer tal coisa. Até aquela tarde, não fazia ideia de que havia um estúdio em Dethaun, era apenas uma vontade distante.

— É seu aniversário. — Adam agarrou seu braço, encorajando-o. — Deveria fazer. Vamos, te dou de presente.

Hunter desviou o olhar para Adam, ainda mais surpreso que antes.

— Sou menor de idade.

— Faz em um lugar escondido.

— Vão pedir meu documento.

— Diz que esqueceu. — Deu de ombros. — Você parece que tem mais de dezoito. Em dúvida, Hunter analisou a vitrine mais uma vez. Uma série de papéis com desenhos aleatórios ocupava o fundo branco, dando opções para sua possível primeira tatuagem.

— Eu nem sei o que faria — murmurou.

— Tem certeza? Deve haver alguma coisa.

E havia. A imagem que apareceu em sua cabeça foi bem clara para mim, e a forcei a ficar por mais tempo. Hunter queira ignorar sua própria vontade, talvez para não aceitar que Adam gastasse dinheiro com ele, talvez por não desejar esconder algo dos pais.

Apenas faça, sussurrei. Não é como se estivesse roubando um banco. Não tem nada de mais nisso.

Hunter mordeu o lábio inferior e, no mesmo instante, Adam soube que havia vencido. Já abrindo a porta do estúdio, puxou o aniversariante para dentro da loja, rindo quando ele riu, ficando nervoso quando ele ficou.

A garota no balcão levantou uma sobrancelha quando os viu, mascando um chiclete imaginário. Não se moveu, quase como se tivesse escolhido os ignorar, quando finalmente pararam na frente dela.

— Ele veio fazer uma tatuagem. — Adam apontou para o aniversariante com um sorriso orgulhoso.

Hunter levantou a mão e acenou, mas a garota não retribuiu. Mascou duas vezes o chiclete imaginário antes de se apoiar no balcão e olhar seu primeiro cliente do dia dos pés à cabeça.

— Identidade.

Claro que eu sabia que Hunter entraria em curto-circuito. Adam, por outro lado, realmente esperou que ele seguisse o plano, e ficou um pouco decepcionado. Tentando disfarçar, deu uma cotovelada no outro, que enfim lembrou do que haviam combinado.

— Eu esqueci! — Hunter falou rápido demais.

Mais uma análise minuciosa da garota ocupou os próximos segundos, e, enfim, cedeu. Não acreditara nele, obviamente, mas seu salário não era bom o suficiente para bancar a detetive.

— Pode entrar.

Hunter e Adam trocaram um olhar animado, seguindo para a sala indicada no mesmo instante. Quando saíram da recepção do estúdio, passaram por uma porta repleta de desenhos e encontraram outro cômodo, este mais escuro e bagunçado. Apesar de pequeno, o espaço acumulava algumas cadeiras, mesas e equipamentos, além de um cara tão grande que conseguiu surpreender até mesmo Hunter.

Como a sua recepcionista, o tatuador analisou ambos dos pés à cabeça. Também sabia que eram menores de idade e também resolveu ignorar.

— Sou o Travis — se apresentou, apertando a mão dos dois. — Pode sentar-se ali.

Hunter estava mais nervoso do que deixava transparecer. De repente parecia uma péssima ideia fazer uma tatuagem escondido dos pais, com certeza haveria consequências para sua decisão. Ele pensou em desistir, chegou a hesitar antes de se mover para a cadeira estofada, e só continuou porque viu o sorriso de Adam.

Não queria decepcioná-lo. Foi uma percepção rápida e avassaladora, que o pegou completamente de surpresa; já sabia que gostava de Adam, e naquele momento soube que o amava também. Que não era só uma paixão adolescente ou uma aventura. Se importava tanto com ele, com o que pensava e queria, que estava a ponto de criar uma marca irreversível para provar isso. Não a ele, mas a si.

Com calma, ele se moveu e se sentou na cadeira. Adam ocupou espaço perto da porta, cruzando os braços enquanto observava a cena. Sorriu confortavelmente para Hunter, sabendo que ele estava nervoso, e o encorajou com um aceno de cabeça.

— Já sabe o que quer tatuar? — Perguntou Travis, e Hunter entrou em curto-circuito mais uma vez. A mesma imagem de antes ocupou sua cabeça, mas decidiu ignorar. Sempre achou que tatuar as iniciais dos pais era uma boa ideia, mas agora parecia um exagero.

Quando percebeu que seu cliente não estava muito certo de como prosseguir, o tatuador riu e pegou uma pasta na bancada mais próxima.

— Tem algumas opções aí, pode dar uma olhada enquanto recarrego a tinta.

Travis se levantou, pegou alguns equipamentos e sumiu atrás de uma porta que Hunter não havia percebido até aquele momento. Adam checkou se estavam realmente sozinhos antes de se aproximar e ocupar a cadeira do tatuador, analisando Hunter enquanto ele analisava as figuras na pasta.

— Me diz que não vai tatuar um videogame — provocou, o que arrancou uma risada do aniversariante.

— Isso significa que você pensa em tatuar um pedaço de bolo?

— Cada um com seus vícios...

Ambos riram. Adam checou a sala por onde Travis sumiu mais uma vez e, com cuidado, aproximou a cadeira da de Hunter. Ele sentia medo como sentia felicidade, o que foi bem confuso.

— Você fica bonitinho demais quando está nervoso — sussurrou.

Se fosse qualquer outra pessoa, Hunter teria soltado uma leva de xingamentos. Mas era Adam.

— E você fica bonitinho demais tentando não me deixar nervoso — retrucou.

Adam levantou as mãos, reconhecendo que havia deixado sua estratégia muito óbvia. Queria tanto que Hunter se sentisse confortável e realizasse aquele desejo de aniversário.

— Eu não vou desistir — Hunter garantiu. — Só não sei o que fazer.

Adam comprimiu os lábios, pensativo.

— Chegaremos em uma resposta. Vamos começar com coisas simples, ok?

Me diz: qual é a coisa que você mais gosta no mundo?

Sem hesitar, Hunter respondeu.

— Você.

— Tô falando sério. — Revirou os olhos. — Nenhum livro, filme ou frase?

Qualquer coisa.

— Não....

— Você gosta de heróis — comentou, animado.

— Não vou fazer uma tatuagem de super-heróis — resmungou. Adam se sentiu satisfeito porque o mau humor significava que o nervosismo havia passado.

— E se a gente sortear?

Adam puxou a pasta da mão de Hunter, fechando-a sobre o colo. Com os olhos fechados, abriu em uma página aleatória.

— Preparado? — Levantou as sobrancelhas, mal contendo a animação.

Por algum motivo que nem mesmo Hunter soube dizer, ele apenas concordou com a cabeça, se obrigando a murmurar que sim quando percebeu que o outro não podia vê-lo. Adam colocou a mão sobre a página com o dedo indicador apontado para uma direção aleatória e, lentamente, abriu os olhos. Escolheu fazer alguns segundos de suspense antes de finalmente virar a pasta na direção de Hunter.

— Puta que pariu. — O aniversariante riu nervosamente, não acreditando na figura que havia sido sorteada. — Um gato preto?

Pela primeira vez em milênios, ri de verdade. Não vou mentir e dizer que não influenciei a intuição de Adam sobre qual página e posição escolher.

— Então é isso. — Hunter suspirou. — Um gato, minha primeira tatuagem.

— Onde você vai fazer?

— Quer sortear isso também?

O sorriso de Adam foi conspiratório ao dele, inundando todo o seu rosto quando fechou os olhos novamente. Esticou os braços e tateou o corpo de Hunter, agora não mais com medo de que Travis os visse, apenas dedilhando com cuidado a pele de seu braço e o pescoço, rindo quando Hunter pareceu desesperado. Por fim, parou com a mão sobre o seu antebraço.

— Aqui. — Abriu os olhos.

Hunter analisou o local, mas não pareceu achar ruim.

— Decidido.

Alguns minutos depois, Travis retornou à sala. Adam deixou a cadeira e voltou para o canto perto da porta, observando de longe o nervosismo de Hunter crescer mais uma vez. Ainda estava animado e orgulhoso, e agora sentia-se uma parte ainda maior da vida dele.

Antes que Hunter começasse a sentir dor, ele aproximou-se dele e se sentou sobre a bancada ao lado da cadeira. Toquei sua mão, absorvendo o desconforto e o ardor.

— Quer adicionar algum detalhe? — Travis perguntou.

Hunter inclinou um pouco a cabeça para analisar.

Olhos vermelhos.

— Olhos vermelhos — decidiu, seguindo minha sugestão.

Quando o homem concordou e começou o trabalho, os garotos trocaram um olhar.

Era aniversário de Hunter, e ele estava fazendo uma tatuagem — a primeira de muitas marcas que Adam deixaria.



A primeira coisa que penso é que morri.

A segunda, que estou vivo.

Essa dor no tornozelo não aconteceria sem carne e nervos afetados.

Olho para baixo e encontro os meus pés, ou o que deveria ser eles. Há alguma coisa errada nessa imagem, apesar de eu não saber o que, exatamente, me incomoda. Movo as mãos até o lado externo na minha coxa só para ter certeza de que estou sentindo minhas pernas, e é então que entendo: *não sou eu*.

Sem que eu queira, me levanto. Há uma maca de hospital rodeada por uma cortina. Todas as luzes estão apagadas, mas de alguma forma sei o que fazer e não esbarro em nada quando deixo o meu leito. Estou nervoso e assustado, e o coração que não é o meu bate tão forte que reverbera pelos ouvidos. As calças de moletom são minhas, mas estão sujas de arrastar no chão nesse corpo ligeiramente menor.

Estou em pânico. Eu, Hunter. Não o corpo. Porque sei que esse é Brandon, e ele está apavorado.

Ele sente que se encontra em perigo.

Quero falar com ele. Quero garantir que não está sozinho e que não vou abandoná-lo, só que não sei como fazer isso. Repito e repito pensamentos com a esperança de que ele ouça, e todas as minhas mensagens são ignoradas.

Quando Brandon para na frente da porta, se preparando para sair da sala, vejo suas mãos trêmulas hesitarem ao segurar a maçaneta. Uma voz fala na sua mente, uma que definitivamente não é a minha:

Venha. Estou esperando por você.

E tudo fica ainda mais escuro.



Respiro tão fundo que sinto a garganta arranhar. Meus olhos estão lacrimejando e me sinto em pânico, como se ainda estivesse naquele hospital abandonado, com aquela coisa horrível nas veias. Minhas mãos tremem, assim como as de Brandon, quando aperto os lençóis entre elas, tentando desesperadamente retomar o controle.

Brandon está na Cidade Fantasma? Isso foi um pesadelo ou foi um pedido de socorro?

Pego o celular e, sem lembrar do meu orgulho ou do que aconteceu mais cedo, mando uma mensagem.

Hunter: Você tá bem? Por favor, responde.

Fico encarando a tela. Então vejo que são três da madrugada, e que ele provavelmente não vai responder mesmo que tudo não tenha passado de um mal-entendido. Leio sua última mensagem, de alguns dias atrás, só para ter uma ilusão boba de que ele está a salvo.

Hunter: Feliz aniversário!

Homem formiga: Você tá do meu lado, fantasma. Só fala na minha cara.

E eu não falei. Agora, eu diria qualquer coisa pessoalmente só para ter certeza de que estou perdendo a cabeça, que o pesadelo foi o resultado de dias cansativos.

Por precaução, mando uma mensagem para Amélia perguntando se ela falou com o Brandon hoje.

Sento e arrumos os cabelos, muito mais bagunçados que o normal depois da ventania e da chuva que enfrentaram hoje. Olho para a parte da cama que encontra a parede, onde o livro do nosso professor está. Quando reparei melhor no título, achei que "Vilões que vivem em minha cabeça" não é tão dramático quanto achei na primeira vez que o li. Sabendo que ele fala de Dethaun, faz sentido pensar que tantos fantasmas e traumas não saíram da mente do autor ao longo dos anos.

Ele deve ser um cara completamente fodido da cabeça.

Li o livro todo depois que fiquei sozinho e precisei esquecer o que aconteceu com o Brandon. Foi assustador o quanto ele mexeu comigo, o quanto me assustou. Além da escrita pesada, tracei diversos paralelos entre os acontecimentos da trama e os recortes de jornais que guardei durante a busca. Christian Blake, o autor, usou tragédias de Dethaun para criar uma ficção com fantasmas. E os fantasmas nem eram ficção. Ao menos agora sei que o que quer que aconteça nessa cidade, essas maldições não são recentes. Elas já atormentavam os moradores daqui antes da geração dos meus pais, sumindo e matando pessoas desde 1968.

Ainda assim, ele não menciona uma cidade inteira de fantasmas no livro. Há demônios e espíritos malignos, mas nada além disso. O que me faz pensar que,

dessa vez, tem algo diferente na maldição, e que as tragédias que assombram Dethaun passaram por alguma alteração.

Pego o celular e pesquiso o nome dele na internet. Tem algumas informações sobre sua vida acadêmica e um e-mail de contato, então decido arriscar mandar uma mensagem. Apesar de não saber o que dizer, dou o meu melhor para não parecer um troll e peço uma entrevista, ainda usando a desculpa do projeto de faculdade.

Eu preciso de água. Estou com a garganta seca pelo pesadelo, e sendo bem sincero, agora sinto fome também. Desço da cama e saio do quarto, mas paro antes de tocar o primeiro degrau da escada. Não me orgulho de me empenhar para espiar quem está conversando no andar térreo e culpo os meus pais, já que os vi fazendo isso diversas vezes.

Agarrado à madeira do corrimão, encontro Ben e Taylor sentados no sofá. Ela está curvada com a cabeça entre as mãos e ele a olha bastante aflito.

Merda. Alguma coisa tá errada.

Desço alguns degraus em silêncio. A intenção não é esconder a minha presença, mas é o que acontece porque eles começam a falar sem perceber que estou aqui.

— Foi tão ruim assim? — Ben pergunta.

Taylor balança a cabeça, os cabelos loiros acompanhando cada direção. Ela funga.

— Eu sinto muito — Ben murmura. — Vai ficar tudo bem. Posso te dar um abraço?

Conheço meu amigo bem o suficiente para perceber o seu desespero. Ele é uma pessoa de abraços, mas quando pede para dar um ao invés de só agarrar a pessoa com todo o seu tamanho, é porque sabe que tem muita vulnerabilidade em jogo.

Taylor se move até estar nos braços dele, e Ben afaga o cabelo dela com cuidado, murmurando coisas que não ouço. Estão de frente para a TV, em silêncio agora, e Taylor parou de chorar. Desconfortável, começo a subir as escadas de costas, planejando deixá-los sozinhos. Estou indo devagar e com calma, o que muda quando Taylor se inclina para beijar Ben e eu tenho um pequeno momento de pânico.

Mas o que...

Corro de volta para o meu quarto e fecho a porta. Se me ouvirem, não quero saber. Mas preciso de um tempo para processar que tá rolando alguma coisa entre os meus dois melhores amigos.

Na verdade, preciso de muito tempo.

Muito mesmo.

Put a que pariu.

O Ben e a Taylor? Desde quando? As tardes na biblioteca e deixá-los dividir a sala para dormir provavelmente influenciou muito nessa aproximação, mas o que incomoda é eu não ter percebido. Porque, como sempre, deixei as coisas passarem.

Minha atenção é totalmente sugada pelo visor do meu celular, piscante, avisando que uma mensagem chegou. Quase em desespero, pulo na cama e pego o aparelho apenas para constatar que não é Brandon respondendo.

Am(Hella)ia: Não falei com o Brandon hoje. Tá tudo bem?

Ame(Hella)ia: Feliz aniversário :)

Não a respondo. É complicado explicar e, sinceramente, ainda estou atordoado demais para digitar qualquer coisa que não seja uma sequência confusa de emojis.

Sem conseguir me conter, ligo para Brandon.

Ele está sem sinal.

Não tem como ignorar esse sentimento ruim. Tenho certeza de que Brandon foi puxado para a Cidade Fantasma e que está sozinho e machucado. Não posso deixar isso acontecer, ainda mais depois de vê-lo no meu pesadelo tão assustado.

Decidido, levanto-me da cama. Me interrompo a um passo da porta. Não quero ver qualquer coisa traumática se o beijo de Taylor e Ben avançou para algo além, o que me arrasta até a janela do meu quarto. Adam fazia isso o tempo todo, então não deve ser difícil, né? Sou maior que ele, provavelmente ficará mais fácil para mim.

Pego uma jaqueta e coloco o tênis, depois prendo parte dos meus cabelos com um elástico. Abro a janela, sento-me no parapeito e deixo os pés para fora. Não vou mentir, parece muito mais alto do que provavelmente é. Respiro fundo e faço o possível para não morrer ao me pendurar na janela e, com os pés, dar dois passos para a direita, onde uma trepadeira cheia de plantas fica. Testo sua resistência com uma mão antes de me mover para segurar nela e, assim, avanço pouco a pouco até estar no chão.

Certo, eu fiz isso. Fiz mesmo.

Corro até Vivi. A deixei na frente de casa quando cheguei com Brandon e é lá que a encontro. Ainda está molhada pela chuva, mas seco o banco com a manga da jaqueta e começo a pedalar. Sei que é preciso mais de um de nós para entrar na Cidade Fantasma, mas tenho uma teoria e preciso testar. Se der errado, peço para Amélia e Taylor irem comigo, o que sinceramente espero não precisar fazer. Sinto que hoje será particularmente perigoso naquele lugar, à noite e depois daquele pesadelo. Posso fazer isso sem colocá-las em risco.

Freio a bicicleta na frente do hospital, fazendo as rodas derraparem na entrada de emergência. Dois médicos fumando do lado de fora me olham estranho, e eu

tento parecer simpático e não ameaçador quando corro para dentro, deixando Vivi jogada no chão. Eu não sei onde Brandon estava no sonho, mas ele machucou o tornozelo e não foi um corte profundo. Deve ter passado pela triagem e depois pela sala de curativos, que, se não estou errado, ficam no térreo.

Penso na Cidade Fantasma. Quero que ela me puxe então a deixo incessantemente na cabeça. Relembro todos os pontos que conheço, todas as coisas que vi, todas as tragédias e todo o medo. Penso em Brandon também. Não há três de nós, mas já fui puxado quando estava apenas em sua presença e sei que pode acontecer de novo. Estamos no mesmo lugar, em planos diferentes. Ele está aqui, mesmo que esteja lá, e eu também. Nos dois lugares, ao mesmo tempo. Porque finalmente entendo que a Cidade Fantasma e Dethaun são a mesma, dois lados de um lugar que precisou se fragmentar para não ruir.

O lado selvagem e o lado humano.

Em um lugar só.



Acontece rápido, como sempre. Estou andando pelo corredor vazio quando as luzes começam a apagar, uma por uma. O frio chega primeiro, seguido pelo mal-estar característico da Cidade Fantasma. Geralmente, entro pela floresta, e tudo permanece igual até que a estátua dê as caras.

Mas em um lugar fechado, é muito diferente. Observar a transição do mundo humano para o sobrenatural faz com que eu estremeça, e não consigo evitar ficar vergonhosamente fascinado com algo tão horrível. Paro de andar quando as paredes brancas começam a descascar, dando lugar a concreto envelhecido, avermelhado e sujo. As luzes, que já haviam sido apagadas, estouram, e eu me protejo de cacos que nunca me atingem.

Por fim, há o silêncio. Um vazio ensurdecedor preenchido pelo assobio de uma ventania muito forte, mesmo nesse corredor fechado.

Apesar de eu estar aterrorizado, fico feliz que o plano deu certo. Se minha lógica estava certa, Brandon deve aparecer em algum desses corredores em breve. O encontrarei e poderemos voltar para casa.

Refaço o caminho para a entrada do hospital, onde a recepção fica. Atrás do balcão tem um mapa do lugar, o qual arranco da parede para checar possíveis rotas. Não me lembro qual era a sala na qual Brandon estava durante o meu pesadelo, mas acredito que era em algum lugar do primeiro andar.

Com os olhos no mapa, já estou a caminho das escadas quando ouço um barulho.

Olho para a frente.

Esse lugar não está vazio.

No fim do corredor, na frente da porta de acesso às escadarias, tem uma mulher parada. Ela não apresenta uma postura confortável e está simplesmente olhando para a parede, sem fazer nada. Engulo a seco e olho para trás, só para ter certeza de que ela é a única.

Não a deixe te ver, penso.

Parece perigosa, apesar de eu não saber como me ameaçaria. Volto ao mapa com pressa, à procura de outra forma de subir, e encontro elevadores e escadas na ala vizinha. Decido arriscar esse trajeto e, com cuidado, recuo até dobrar o corredor e estar na recepção outra vez. Sigo o caminho para o outro lado, checo se não há pessoas aqui também e corro para as portas.

Uso a lanterna do celular para me locomover pelas escadas. Essa parte está mais destruída que a outra, as paredes mostram a estrutura atrás do concreto, o que me deixa muito apavorado. Não gosto de filmes de terror porque são reais demais, e isso aqui é pior. Porque é a *realidade*.

Foco, não entre em pânico, penso. Respiro fundo. Subo mais degraus. Saio da escadaria e entro no corredor do primeiro andar, felizmente vazio. Nas paredes há indicações de direção informando onde ficam os escritórios e algumas salas de enfermaria, e é para a última que sigo. Vou calma e silenciosamente até onde o corredor faz uma curva, e quando estou chegando perto a lanterna começa a piscar.

Então escuto outro barulho.

Percebo que é do quarto às minhas costas e, antes de conseguir controlar a curiosidade, espio pelo quadrado de vidro. É uma acomodação particular com uma cama, e nela um garoto está deitado. Ele é jovem, talvez mais novo que eu, chorando tanto que parece uma criança. Não sinto que pode me machucar, então coloco a mão na maçaneta e empurro a porta muito devagar.

O garoto levanta os olhos para mim. Eles são brancos, opacos e sem vida.

— Quem é você? — Ele pergunta.

Merda. Acho que eu não deveria ter entrado.

— Eu, hm...

— Quero sair daqui — me interrompe. — Cadê o meu pai?

Olho para trás e concordo com ele. Quero desesperadamente sair daqui também, mas não sei como.

— Vou chamar ele pra você — gaguejo, e o garoto franze as sobrancelhas.

Ele funga.

E sorri.

Eu já estava prestes a sair, mas quando o garoto pula da cama, parecendo menos humano do que alguns segundos atrás, corro para o fora tão rápido que ele não me alcança. Fecho a porta e a seguro enquanto sou observado pelo quadrado de vidro, os olhos brancos sem me dar qualquer indício do que está encarando.

Putá que pariu.

Eu deveria saber que esse lugar é pior à noite.

Espero o garoto voltar para a cama e continuo o trajeto. Não ligo a lanterna e deixo que meus olhos sigam no escuro, com medo de chamar a atenção de alguma daquelas coisas sem querer. Quando chego na enfermaria, suspiro aliviado. A sequência de macas com cortinas é igual à dos meus pesadelos, posso encontrar Brandon aqui.

— Brandon? — Sussurro.

Nada.

Se ele saiu, para onde foi?

Ao escutar outro barulho, meu desespero ganha um pouco de cansaço.

Não tenho como ficar correndo de fantasmas a noite inteira, sou grande, desajeitado e é evidente que uma hora serei pego. Como não tenho escolha, me viro para encontrar quem será o próximo a me assombrar.

No corredor de onde vim, tem um cara parado. Ele usa roupas pretas, tem o cabelo penteado para trás e seus olhos são vermelhos. Não brancos, mas vermelhos, e eles brilham.

Dou um passo para trás, me preparando para fechar a porta e me isolar na enfermaria. Quando faço isso e me viro, achando que estou finalmente seguro, o encontro mais uma vez.

Ele está tão perto que preciso encostar contra a porta para criar distância. Me preparo para morrer — não sei por que um fantasma me mataria, mas é a única coisa na qual penso.

E nada acontece. O homem fica me olhando, quase como se esperasse que eu fizesse alguma coisa.

— Hm... Quem é você? — Arrisco. Talvez não queira me matar e possa me ajudar na busca por Brandon.

O homem inclina um pouco a cabeça para o lado antes de sorrir. É diferente do cara do quarto privado, parece quase se divertir ao invés de só me assustar.

— Sou seu demônio — responde, enfim. — É o que ganha quando nasce amaldiçoado.



PARTE 5
O MAL
EM NÓS



36

2016

Mesmo que fosse noite, entrei na Cidade Fantasma.

Sentada na fonte, estava a Garota. Me olhou de uma forma tão triste que soube, antes mesmo dela falar, que já sabia o que estava por vir.

— Não conseguiu impedi-los?

Fiz que não com a cabeça. Por anos, tentei. Às vezes menos do que deveria, confesso, porque era um demônio. Demônios não protegiam humanos, estava na minha natureza querer sabotá-los.

— Eu sinto muito — murmurei.

A Garota balançou a cabeça. Se aproximou e meus olhos ficaram vermelhos instintivamente. Quando sorriu, quase retomei o controle.

— Podemos controlar os danos — garantiu. — Ainda podem sobreviver. Se protegermos Taylor, ficará tudo bem.

— Não é tão simples.

— Nunca foi — insistiu. — Ainda assim, demos um jeito. Esconder uma cidade inteira para proteger almas inocentes não foi fácil, muito menos simples. Mas podemos fazer de novo.

Ela não entendia. Sacrifiquei muita coisa para manter os fantasmas de Dethaun sob controle, entre elas grande parte do que eu era. Sem aquilo — sem ser nem demônio, nem espírito — não havia nada que eu pudesse fazer.

Suspirei. Droga, como eu queria um cigarro.

Eu não gostava de decepcioná-la, mas precisei ser sincero.

— Sei que é uma alma otimista, mas o Dylan ficou raivoso, a Criatura escapou... Tudo *já* deu errado.

Em milênios, nunca experimentei desespero tão avassalador. Cometi erros enormes, matei e salvei, mas sempre tive um plano. Agora restava apenas o caos e a junção catastrófica de todos os meus deslizes em um só lugar.

— Damon. — A garota chamou, usando essa palavra pela primeira vez em anos.

Tínhamos um acordo de não nos chamar pelos nossos nomes, uma forma de manter esquecida a história de Dethaun, os fantasmas e tudo o que pertencia a ela — incluindo nós mesmos. Se a promessa estava sendo quebrada, significava que a Garota estava disposta a sacrificar tudo, até a si mesma, para vencer aquele conflito. E eu, como sempre a acompanhei, não pude recuar. Aonde ela fosse, eu iria. Até sua alma desaparecer. Ou até que eu me libertasse.

— *Hope* — chamei de volta, e ela sorriu. — Qual é o seu plano?

Porque era óbvio que ela tinha um.

— Se Dylan ou a Criatura escaparem, será o fim não só dos Knight, mas de muita coisa. Sabe disso, não sabe? Acumularam muita raiva pelo que aconteceu, todo mundo que odiaram em vida vai correr perigo.

— Eu sei disso. — Engoli em seco, me sentindo um pouco culpado. Se eu não tivesse feito da igreja a prisão dos dois, as coisas poderiam ser diferentes. Deixá-los em solo sagrado, onde perderam suas vidas para relembrar todos os dias de seus erros, só os irritou ainda mais.

— Temos que impedi-los antes que consigam ficar fortes. Se não temos como prendê-los aqui, devemos impedir que mais humanos entrem.

Era um bom plano, sendo sincero. A barreira que separava o mundo mortal da parte fantasma de Dethaun era fraca, construída com o que restou dos poderes de um demônio exilado. No inferno aquelas pessoas se esqueceriam de quem tinham sido em vida, e, sem humanidade, não haveria pelo que lutar. Mas na cidade, com uma vida inteira de lembranças, o esquecimento nunca chegou. Seus corações acumularam raiva e esperança de voltar a ser o que eram. Quando notei que ainda tinham uma ligação muito forte com objetos pessoais ou parentes ainda vivos, ignorei o problema por não achar que poderia ser um risco. Eu estava errado.

A presença desses fantasmas nas vidas de seus descendentes passou de uma pequena assombração para inúmeros casos de pessoas sendo puxadas para a Cidade Fantasma. Eu sabia que não era o suficiente para que conseguissem sair, mas e se Dylan tivesse um plano? E se houvesse mais falhas das quais eu não tinha conhecimento?

Hope estava certa. Precisávamos tentar.

— Teremos que mantê-los longe, então. — Ela continuou. — Quando se reunirem para comemorar o aniversário de Hunter, serão puxados para a Cidade Fantasma. É o aniversário do acidente, o véu estará fraco e não temos como

impedir que aconteça. Dylan tentará alguma coisa, então ficamos atentos a ele. É um bom plano.

Não era. Senti que precisava alertá-la:

— Sabe que pode não sobreviver, não sabe?

— Já estou morta, Damon. — Tentou sorrir. — Mas posso salvar alguém. E te ajudar a voltar para casa.

Ela estava confiante, mas eu já sabia que daria tudo errado. Torci para que conseguíssemos fazer a coisa certa; reparar o meu erro era essencial para a minha liberdade. Sair daquela prisão e voltar para o inferno era meu objetivo há anos, mas, se tudo piorasse, eu nunca conseguiria.

— O plano dará certo — Hope incentivou. O sorriso que dispôs foi tão humano que esqueci, por um segundo, que ela estava morta.

Aceitei suas palavras.



Sou o Adam.

Ainda assim, sou o Hunter.

Sei que é a noite do meu aniversário porque memorizei cada detalhe daquele evento. Principalmente em relação a Adam. Sua roupa, seu cabelo, o brinco na orelha direita... me lembro de cada um desses elementos. E, por isso, a mão que vejo, com dois anéis e uma tatuagem nova, não é a minha.

Adam digita algo no celular enquanto eu, parado na sua frente, não faço ideia do que vai acontecer. Eu queria ter checado as mensagens que ele estava enviando; queria ser desconfiado e brincalhão, ou sentir que tinha intimidade para perguntar. Mas, com medo de parecer intrometido, não perguntei.

E Adam enviou a mensagem dizendo que estávamos chegando.

Ele se sentiu muito nervoso quando segurou a minha mão. Não sei dizer se era pela festa surpresa, por estarmos tão próximos ou se sentia que algo iria acontecer. Eu estava tão feliz que não percebi que ele agia estranho e, sendo sincero, só notei que não voltávamos para a sua casa quando a estrada apareceu e nossas bicicletas pareceram rápidas demais.

Ele mentiu tão bem sobre precisar buscar algo com Amélia, que o segui. E, quando chegamos no bar de Maddie, ele ficou realmente feliz com todos os que nos receberam já cantando parabéns. Confetes voaram sobre mim e, de fora, notei como eu parecia desconfortável. Ainda assim, havia um brilho no meu olhar, uma expressão de surpresa e conforto que deixou Adam orgulhoso de tudo o que haviam preparado.

Ele me beijou.

Todos gritaram.

E nos próximos quarenta minutos, até anoitecer, contamos sobre nossas tatuagens, nosso dia, e eles nos contaram como foram os preparativos. Adam não soltou a minha mão e, de fora, vendo-o como ele me via, parecia que eu estava feliz de verdade.

Lembro que ele ficou preocupado quando comecei a me sentir mal, mas em sua pele foi pior. Ele entrou em desespero. Muita coisa passou pela cabeça dele, coisas que não consigo processar mesmo agora, depois de anos e sabendo de coisas que ele não sabia.

A Cidade Fantasma nos puxou. Todos nós. De uma vez só, quando saímos do bar para tomar um ar e o tubarão apareceu na nossa frente.

— Puta merda — murmurei. Era esse o motivo de eu estar me sentindo mal?

Adam não conhecia a Cidade Fantasma e ficou olhando em silêncio para a estátua, com um sentimento muito estranho. Um medo avassalador tomou conta dele, e, naquela noite, achei que só estava confuso, mas agora sei que ele entendia o que a cidade era.

Ele a conhecia.

E não me disse nada, porque era meu aniversário. Pensou estar exagerando. Pensou que sua mãe havia feito dele um covarde.

— Como viemos parar aqui? — Perguntou, porque sabia pouco de Dethaun. A cidade amaldiçoada da qual sua mãe o protegia.

Quando passei o braço pelo seu ombro, ele se sentiu seguro.

Isso me destrói porque não pude protegê-lo.

— É meio difícil de explicar. — E realmente era. — Quer ir embora?

Eu não sabia como tirá-lo dali, mas faria de tudo para conseguir, se fosse sua vontade.

Adam disse que não, mas sua mente gritava que sim.

— É seu aniversário — ele disse. — Não vou embora tão cedo.

E eu sorri, sem saber que era uma grande mentira.



Sou Brandon.

Estou sentado na beira da fonte, bebendo porque não vou dirigir hoje.

Vejo Hunter de um lado da praça, e meu Deus, ele está tão bonito.

Eu estou bonito?

Aos olhos de Brandon, sim. Ele sabe que não é porque está bêbado, pensa que nunca vai encontrar alguém como eu. Está se esforçando para lembrar de manter o controle, de não se aproximar, porque existe apenas um motivo para querer se levantar e me beijar sem se importar com tudo, e é a bebida.

Estou com Adam.

Ele está com outra pessoa, pensa antes de desviar a atenção para o outro lado da praça, onde Amélia conversa com Adam. Ele é bonito também, mas por que não pode ser eu?

Sou o Brandon e tomo mais um gole da bebida. Quando volto a olhar para o Adam, ele e Amélia estão se afastando.



Sou o Adam.

Estou me distanciando de Hunter porque quero fumar e sei que ele não gosta.

Amélia está contando sobre como planejou a festa, rindo porque Hunter não desconfiou.

Sou o Adam e penso que ele deve ter desconfiado, mas fingiu que não.

Estou tão perdido e magoado, e tão assustado por estar onde não deveria — porque minha mãe avisou que esse lugar me encontraria. Ela me protegeu a vida inteira, me deixou distante e acabei aqui de qualquer jeito.

Mas o que há de tão ruim em uma cidade? Adam se pergunta. Ele quer afastar o medo. Quer relaxar como os outros relaxam.

E quer ir a um lugar. Não sabe o que há de importante, mas deve estar lá o quanto antes.



Sou a Taylor e estou me sentindo desconfortável porque carrego essa mochila enorme desde que sai de casa.

Ainda assim, não vou deixá-la. Se eu aparecer em casa sem ela meus pais saberão que menti. Que os manipulei para conseguir sair e encontrar meus amigos, e não fui para a biblioteca estudar. Devo fingir só hoje que sou o que eles querem que eu seja, só hoje. Mesmo que eu me odeie por isso.

Só hoje.

Sou a Taylor e afasto tantos pensamentos negativos que não sobra nada para pensar. Só estou aqui, existindo, acompanhando Brandon em suas histórias porque a voz dele me faz sentir em casa. Ele é meu amigo. Estou segura com ele mesmo que essa cidade me faça sentir que tudo é perigoso.

Sou a Taylor e me pergunto onde está a Amélia.

A vejo saindo com Adam e penso em segui-los, mas esse pensamento parece negativo também. Me esforço para ignorá-lo e foco em Brandon.



Sou a Amélia e estou seguindo Adam.

Ele parece conhecer a cidade, apesar de dizer que nunca veio aqui. Anda tranquilamente, puxando o cigarro do maço junto com um isqueiro. Em respeito a Hunter, fuma longe da festa e eu acho isso muito fofo.

Estou com ciúmes.

Espera, eu sou a Amélia e sinto ciúmes? Por quê?

Porque Hunter é o meu melhor amigo, e desde que Adam chegou ele me abandonou.

Mas, como sou Amélia, penso que isso é coisa da minha cabeça bêbada e deixo para lá. Sigo Adam para onde quer que ele vá, tão envolta na conversa que não percebo que ele está indo cada vez mais longe.

Por que Adam está indo tão longe?

O cigarro dele já acabou. Está no segundo, talvez terceiro, e fica cada vez mais frio.

Sou a Amélia e digo que deveríamos voltar, mas ele diz:

— Sabia que tem um lago aqui? A gente podia nadar.

— Tá muito frio — respondo.

— Podemos ver, às vezes nem tá tão ruim. — Ele insiste.

O sigo porque não quero deixá-lo sozinho. Adam não conhece a Cidade Fantasma e, como sou Amélia e fiquei presa uma noite inteira aqui, sei que é um lugar assustador. Do tipo que te faz ver coisas, como *fantasmas*.

Sou Amélia e, quando passamos pelo hospital, vejo nas janelas um garoto com olhos brancos. Agarro o braço de Adam. Ele ri, mais bêbado que eu, e como sou Amélia fico preocupada. Alguma coisa me diz que está tudo bem, e decido confiar nele. Adam me acompanha sendo um porto seguro, fumando mais um cigarro até chegar ao fim da rua e uma trilha aparecer.

— É ali — diz ele. — O lago.

Sou Amélia, mas também me pergunto como ele sabe.



Sou o Adam, e não me lembro de como vim parar aqui.

Tem um lago, e Amélia está comigo. Ela parece desconfortável, mas como não demonstra medo sugiro que não há nada de errado. Como sou Adam, acho que bebi muito e não estou muito consciente do que estou fazendo.

Eu não fumo. Sou Adam e não fumo e acabei de perceber que estive fumando por horas.

— De quem é esse maço? — Pergunto em voz alta.

Amélia me olha confusa.

— Não é seu?

Não é meu, ele pensa. E como sou Adam prefiro manter em voz baixa, porque não sei o que Amélia sabe sobre esse lugar. Ela pode me achar estranho, e já sou estranho o suficiente. O garoto trancado a vida inteira, com a mãe superprotetora, que não sabe beber e não lembra que fumou mais de cinco cigarros.

— Até que aqui é legal — Amélia diz depois de um tempo. Está se acostumando com o frio do lago. — Devíamos voltar e chamar o pessoal. Apesar de que o Hunter não gostaria da ideia...

— Talvez ele dê um mergulho — Adam sugere, e sinto alguma coisa ruim quando ele diz essas palavras. — Se eu pedir.

Amélia ri.

— É. Ele faria isso por você.

Sou Adam e estou orgulhoso. Porque Hunter faria *qualquer coisa* por mim.

Pego o celular para mandar uma mensagem, mas me assusto com o reflexo na tela. Sou o Adam, mas quem vejo não é ele, nem eu: é Dylan.

Sou Adam e sei quem é Dylan Knight.

Tenho muito medo dele.

A voz de Amélia está ao fundo e dou um passo para trás, assustado com a imagem. Ela se aproxima, meio preocupada, mas é tarde demais.

Escorreguei.

Caí no lago.



Sou Amélia e acho que a culpa é minha.

Bebi demais, sei que não posso beber muito porque perco o controle.

Brandon é o primeiro a me ver. Como sempre, é cuidadoso e se assegura de que estou bem antes de perguntar qualquer coisa. Mas, quando Hunter aparece, ele só pensa em Adam.

Adam Adam Adam Adam

Digo que estávamos no lago, mas não menciono que comecei a desabafar sobre como ele roubou Hunter de mim. Não digo que fui cruel e mesquinha e Adam ficou na defensiva, nem que quando tentei puxá-lo acabei piorando as coisas e ele caiu.

Sou Amélia e não sei o que aconteceu, mas tem uma voz na minha cabeça dizendo que a culpa é minha.

Eu o empurrei.

Eu sou um monstro.



Sou o Hunter.

Sou o Hunter e estou em pânico.

Meu corpo inteiro treme, molhado e gelado pela água do lago. Não sinto minhas mãos nem o meu rosto, só sinto medo.

Não consigo achar Adam.

Tem alguém me puxando.

Brandon fala que vou acabar morrendo também. Que precisamos chamar a polícia.

Mas tem uma voz na minha cabeça falando que a culpa é minha. Que eu o trouxe para cá.



Sou o Brandon e estou de coração partido.

Hunter está chorando, tremendo tanto que duvido que seja apenas frio.

Como sou o Brandon, sinto uma vontade muito grande de ser algum tipo de conforto. Mas, mesmo sendo Brandon, não sei o que fazer.

Porque ninguém está preparado para uma situação dessas.



Sou Adam.

Sou Adam e tudo o que penso é que deveria ter escutado a minha mãe.



38

2021

Sou o Hunter

Sou o Hunter, não sou?

Quero sair daquela noite. Fujo desesperadamente dela enquanto imagens de pessoas que não sou bombardeiam a minha mente, me entregando informações que não pedi. Passei anos em busca de respostas, mas agora não as quero. Eu só quero paz.

Quero voltar a ser o Hunter.

Sou o Hunter.

Sou o Hunter e estou chorando e tremendo como na noite em que o Adam morreu. Sei que não estou na água, mas sinto o toque daquele rio por todo o meu corpo, como se estivesse me congelando vivo. Em algum lugar da minha mente há preocupação com os fantasmas desse hospital ouvindo a minha respiração desesperada, entretanto é impossível controlar.

Passo alguns minutos lutando para retomar os sentidos e, quando consigo, finalmente noto o homem parado à minha frente. Ele tem as mãos nos bolsos da calça e olhos vermelhos brilhantes que me deixam em alerta. O pânico volta enquanto o medo cresce, agora não só meu, como se eu fosse todas aquelas pessoas de uma vez só, sentindo tudo o que elas sentiram, e não há como tirá-las de mim.

Sou todas elas. Sei quem é o homem, porque sou ele também.

Esse demônio é o mal que nos assombra, que nos sabotava há anos. Preciso me afastar dele, preciso manter distância.

Ele se abaixa. O brilho vermelho em seu rosto faz com que eu tenha um foco, e eu não sou capaz de desviar a atenção.

— Respire fundo — ele diz. E me toca no ombro.

Consigo respirar. Continuo tremendo. Sinto mechas de cabelo grudadas na minha nuca e na minha testa, e a camiseta larga de repente me sufoca. Quando o demônio se afasta, olha para algo além de mim, e um segundo depois a porta às minhas costas se abre.

Brandon entra na enfermaria. Fujo de seu toque, ainda assustado, pensando que é um truque ou um daqueles fantasmas querendo me matar.

— Sou eu — ele diz, segurando meus braços. Tento afastá-lo até que sua insistência me convence de que é mesmo Brandon. — Calma, sou eu.

Respiro muito fundo e, o que quer que aquele demônio tenha feito, Brandon faz também. Me acalmo um pouco. Procuro pela criatura, mas o lugar está vazio. Ele sumiu.

— Você tá bem? — Ele pergunta e, puxando o cabelo grudado no meu rosto para trás, fixa nossos olhares. — Se machucou?

Faço que não com a cabeça. Minha garganta seca impede uma resposta detalhada, mas Brandon entende e respira, aliviado. Percebo que está com dor quando troca o peso dos pés, apoiando o corpo na perna não machucada. Tento me levantar para que ele não tenha que ficar na mesma posição que eu, o que só me faz cair de volta no chão, tão fraco que o mundo inteiro gira enquanto tento me equilibrar.

— Ei, não se mexe. — Ele pede, me forçando a ficar sentado. — Você precisa se recuperar antes.

— Sua perna...

Com um olhar para o próprio tornozelo, arruma a posição e se senta no chão sem precisar usá-lo.

— Viu? Estou bem. — Espera que eu relaxe e continua: — Como veio parar aqui?

Não está perguntando sobre como acabei na Cidade Fantasma, mas sim aqui, no hospital. Não sei explicar, ainda é tudo muito confuso.

— Eu... fui puxado... ou algo assim.

Algo me denunciou. Talvez o tom de voz, ou não ter conseguido olhá-lo nos olhos. Seja o que for, Brandon sabe que estava atrás dele, e sorri.

— Obrigado. — Não pede por mais explicações. — Por vir me procurar.

Dou de ombros.

— Eu tava passando mesmo.

Uma risada vem junto com sua resposta.

— Ok, você já melhorou. É melhor irmos.

Me levanto primeiro, então ajudo Brandon. Pelo menos vejo que ele conseguiu um curativo antes de ser puxado, e fico um pouco mais aliviado.

— Ainda dói? — Sei que dói, pergunto apenas para saber como posso ajudar, o que só me deixa muito puto quando ele faz que não com a cabeça. — Mentiroso de merda.

Brandon dispensa a minha preocupação.

— Ok. Dói um pouquinho. Mas já passei por coisa pior.

Ele está sendo otimista. Não há nada pior do que ser puxado para uma Cidade Fantasma com um pé machucado e um brutamontes medroso.

— Como você se machucou, afinal?

— Eu caí da bicicleta, achei que estivesse óbvio.

Brandon está machucado e estamos sob pressão, e preciso repetir isso mentalmente umas duas vezes para não rebater algo grosseiro.

— O que a gente faz agora? — Mudo de assunto. Não sou o cara das respostas, mas Brandon é. Deve ter um plano.

— Não sei. Ainda não entendi por que fomos puxados. Não estávamos juntos, nem com nossos amuletos. Ao menos procurávamos pela cidade. Tem alguma coisa errada...

Penso em Amélia e Taylor. Será que foram puxadas também?

— Você encontrou mais alguém aqui? — Pergunto, e Brandon diz que não.

Nossas amigas podem não estar aqui, mas o cara de olhos vermelhos e o menino do quarto estão.

— Vi umas coisas estranhas — aviso. — É melhor ficarmos atentos.

Brandon concorda.

— Temos que voltar para casa. Não é seguro após o anoitecer.

— Acha que conseguimos recuperar seu carro? Talvez com ele dê para a gente fugir.

Nossos amuletos nos tiram e nos colocam na cidade. Da última vez em que estivemos aqui, perdemos o de Brandon e fomos expulsos. Talvez, se o encontrarmos, consigamos uma maneira de sair.

— É uma boa ideia — Brandon concorda. — Ainda bem que decorei o mapa desse lugar. Tem uma garagem comunitária perto da igreja, talvez o carro tenha sido enviado para lá.

Certo. Temos um plano.

De alguma forma, tudo parece melhor agora.



Estar na Cidade Fantasma à noite é muito assustador. Só estive aqui no meu aniversário, mas Brandon, Amélia e Taylor passaram uma noite inteira nesse lugar, há alguns anos. Me lembro de encontrá-los alguns dias antes de Adam desaparecer,

depois que me ligaram pedindo ajuda. Ninguém nunca me contou o que aconteceu naquelas horas, o que me deixa muito curioso.

— A Cidade está igual a quando você passou uma noite aqui? — Decido perguntar.

Para que Brandon não force o tornozelo, estou ajudando-o a andar. Ele não é tão pesado, apesar de nosso ritmo ter diminuído. A chuva castiga a nossa visita, caindo sobre nós com crueldade enquanto tentamos sobreviver a este lugar. Meu cabelo gruda na minha testa e nuca, e minha camiseta está pesada. Cheguei a cogitar deixar Brandon no hospital e voltar para buscá-lo, mas a ideia trouxe o medo de que alguma daquelas coisas — ou o cara dos olhos vermelhos — o pegasse. Achei melhor carregá-lo.

— Tá diferente. — Brandon espia ao redor. — Parece mais... *viva*.

Achei que só eu tinha reparado. A Cidade Fantasma sempre teve barulhos estranhos, como se uma eterna ventania assombrasse o lugar. Mas, hoje, além disso, ela não parece abandonada. É quase como se estivéssemos andando por uma cidade normal, sem aquele silêncio absoluto de sempre. Tenho a sensação de que estamos sendo observados.

— Não estamos sozinhos aqui — murmuro.

Brandon me olha tentando não interromper o passo diante do medo.

— Não estamos — concorda.



Encontramos o carro na garagem.

Está exatamente como o deixamos, com os faróis acesos e as portas destrancadas. Brandon me larga quando o vê, parecendo emocionado com esse reencontro. Fico longe e deixo que ele tenha o seu momento, mas estou preocupado. É como se existisse um relógio e estivéssemos correndo contra o tempo sem saber qual é o limite final. Não gosto dessa sensação.

Quando Brandon faz menção de se sentar no banco do motorista, me aproximo e o puxo para longe. Ele reclama, mas acaba aceitando que o melhor é deixar que eu dirija, dando um monte de instruções e ordens enquanto ligo o motor.

Como se eu não soubesse como conduzir essa lata velha.

— Relaxa — peço, irritado. — Não pode ser tão diferente da minha moto.

Ele revira os olhos, claramente ofendido. Está tremendo de frio, como eu. Ligo o aquecedor e giro as ventoinhas na sua direção, para que receba o ar quente. Espero alguns segundos até o carro ficar confortável, observando cada vidro nos isolar, mantendo-nos escondidos atrás de uma cortina embaçada e úmida. Se antes

estava frio, agora é muito quente; não sei o que é suor e o que é água de chuva, mas não reclamo. É melhor assim.

Quando limpo o vidro com a palma da mão e inicio o trajeto, Brandon coloca o cinto.

— Só toma cuidado — ele pede. Lembro que era o carro de seu pai, e concordo.

Não sei se isso é uma coisa boa, mas os portões da garagem abrem sozinhos. Assim que o carro está fora, se fecham também. Brandon e eu trocamos um olhar preocupado, mas não arriscamos dizer nada sobre isso.

— Eu acho que há a possibilidade de nossos amigos terem sido puxados também. — Seguro o volante com força. Não quero passar nem mais um minuto nesse lugar, entretanto sei que, se Amélia e Taylor estão aqui, devo procurá-las.

Brandon concorda sem hesitar.

— Biblioteca, certo?

— E a casa dos Knight.

Nossos dois próximos destinos. Brandon dá uma espiada muito rápida no tornozelo, como se esperasse uma melhora repentina, e eu me sinto mal por ele. Sei que quer ajudar e cuidar de todos nós. Mas, hoje, somos nós que temos que cuidar dele.

Espero não falhar.

Respiro fundo antes de acelerar o carro, adentrando a cidade novamente. A chuva está pior, mais violenta. Brandon inconscientemente se encolhe no banco, afastado do vidro como se tivesse medo das folhas que se chocam contra o para-brisa. Nunca fui um bom motorista, mas meus pais teriam orgulho de mim agora; ando tão devagar que um ciclista nos ultrapassaria sem problemas.

Estaciono o carro na frente da biblioteca, aliviado por termos alcançado o primeiro destino sem grandes tragédias. Brandon faz menção de descer, mas eu seguro seu braço esquerdo.

— Fica aqui, eu vou dar uma olhada lá dentro. — Sei que ele vai protestar, então completo antes que consiga: — Será mais rápido se eu for sozinho.

Dessa vez, quem segura meu braço é Brandon. Estou com a porta aberta, sentindo a chuva molhar minha perna esquerda, e espero que diga o que quer dizer.

— Toma cuidado — pede, sem mais nenhuma enrolação, e eu concordo.

Fecho a porta e corro para dentro da biblioteca, buscando fugir da água. Está exatamente como na última vez em que a visitamos, vazia e meio assustadora. Sem a luz do dia para ajudar, vejo muito pouco das estantes e do balcão. Me aproximo com a tola esperança de achar uma lanterna ou algo que possa me ajudar, e só então percebo que, na verdade, tudo está diferente.

Tem sangue no balcão. A madeira está descascada, velha e podre. Me viro na direção oposta, decidido a fazer dessa visita breve. Chego mais perto das estantes e chamo:

— Amy? Taylor?! — Por último e temendo que ele responda, acrescento um nome: — Ben?

Minha voz ecoa por toda a biblioteca. Não há resposta, o que me deixa ainda mais frustrado. Talvez não tenham sido puxadas quando estavam aqui, mas.... para onde iriam?

De qualquer forma, sei qual seria a próxima opção. Por precaução, ando pelos corredores de livros do segundo andar e espio embaixo das mesas, sem surpresa alguma deixando o lugar sozinho.

Meus amigos não estão aqui, mas ainda tenho outro lugar para procurar.
A casa dos Knight.



A rua das cores está fechada. Duas árvores caíram no meio dela, impedindo a passagem do carro. Como Brandon está machucado e não queremos piorar a situação, decidimos abandonar a ideia de tentar pular. Demos a volta e tentamos acesso pela Rua 11, mas, quando chegamos à rua 12, encontramos mais árvores caídas. As duas rotas até a casa dos Knight não nos deixariam passar, e eu fiquei com medo do que aquilo representava. Ainda assim, aceito a sugestão de Brandon quando ele diz para tentarmos os becos atrás das casas. Podemos entrar pelos fundos de uma das propriedades e acessar a rua nove quando saímos pela frente delas.

O problema mais uma vez é o tornozelo de Brandon. Ainda me preocupa vê-lo se esforçar assim.

— Eu tô bem — insiste, irritado. — Sou um atleta, lembra? Lidar com dores é basicamente o que faço todos os dias. Isso aqui não é nada.

Está mentindo, mas sei que não adianta discutir. Pulo para fora do carro e dou a volta até o banco do passageiro, ajudando-o a sair. À nossa frente está a entrada no beco, escura e molhada como toda a cidade. A primeira lixeira recebe um pouco da luz natural da noite, o que não me anima muito porque, atrás dela, só há o desconhecido. Seguro a mão de Brandon sobre o meu ombro, apertando-a e dando o sinal de que vamos começar a nos mover. Juntos, adentramos o estreito corredor asfaltado, andando rente às cercas dos quintais, o mais longe possível das lixeiras. Algumas das casas têm garagens nos fundos e é uma delas que estamos procurando.

— Ali — Brandon murmura, apontando para um portão de ferro fechado.

O deixo encostado contra uma cerca e me aproximo para tentar abrir a garagem, mas tem um cadeado. Está velho e enferrujado, então procuro na lixeira mais próxima algo com que eu possa arreventá-lo. Está praticamente vazia, a não ser por uma haste de ferro. Puxo-a para fora e encaixo a parte mais forte no cadeado, forçando até que ele arrebente. Quando me viro, Brandon está olhando para a lixeira, o que me dá um baita susto, já que não o ouvi se aproximar.

— Tem um microfone ali — comenta, curioso.

Percebo então que o ferro que usei é uma espécie de tripé, com suporte para microfone. Dou de ombros e jogo o objeto de volta no lugar, puxando o portão da garagem para cima. O barulho é estrondoso, se não fosse pela chuva seria possível ouvi-lo a metros de distância.

Entramos. Brandon usa a lanterna do celular para nos dar alguma luz, e eu fecho o portão novamente, fugindo da chuva.

— Hunter? — Ele chama, e eu me viro. Brandon está apontando a lanterna para um balcão cheio de ferramentas e peças. — Eu acho que sei de quem é essa casa.

Brandon avança em passos lentos, parte culpa da dor e parte receio. Ele se aproxima da parede esquerda da garagem, atento, e pega uma das peças espalhadas.

— É de um *Mustang*. — Eu diria que é só um pedaço de ferro enferrujado, mas não entendo nada de mecânica.

— Tem certeza?

Ele não parece irritado quando responde.

— Consertei muito aquele carro, conheço as peças.

Penso em dizer que pode ser a casa de outra pessoa que também tinha um Mustang. É tão pouco provável que tudo não passe de uma coincidência que me calo, deixando Brandon processar que entramos justamente na casa do cara que ele acha ser seu pai biológico. Ele avalia todas as peças com cuidado, como se estivesse tentando entender o que o dono queria fazer com o carro.

— Estava tentando consertar — conclui. — Provavelmente por causa do acidente na praça. Tem tinta e aquele vidro ali é para repor o para-brisa.

Agora que não resta mais dúvidas, Brandon não parece aliviado. Na verdade, ficou um pouco pálido diante da certeza, o que me faz chegar perto dele com preocupação.

— A gente pode tentar outra casa — sugiro.

Ele nega com a cabeça.

— Quero entrar e ver o que encontramos.

Não acho que é uma boa ideia, mas não posso impedi-lo. Brandon está tão determinado que ignora a dor e, sem nem mesmo mancar, entra na casa pela porta

de acesso da garagem. Eu o sigo com um pouco de receio. Neste momento, qualquer descoberta será pessoal ou irrelevante, dependendo da verdade. Vasculhar a casa se Thomas for o pai biológico de Brandon pode trazer grandes consequências mas, se estivermos errados, será só mais uma história de Dethaun.

A esta altura, acho que sabemos a verdade. Bem no fundo, *sempre* soubemos.

Quando Brandon sobe as escadas, continuo no andar de baixo, atento à decoração intocada da sala. Thomas era filho do xerife e isso fica bem evidente em todos os cantos exibindo rifles e medalhas, além de fotos da equipe de polícia da cidade. Reconheço o evento beneficente no qual Thomas perdeu o controle do carro em um dos registros em quadros na estante, me perguntando por que ele guardaria uma recordação daquele dia.

Thomas parece irritado na foto. Está ao lado do pai com a expressão fechada, e, ao fundo, um palco cheio de luzes exhibe o que deve ser um show. Há muitas pessoas ao redor deles, e acho que reconheço algumas: meus pais, no canto direito, tão jovens que é estranho vê-los; uma garota de vestido preto dançando com um cara que eu sinto saber quem é, apesar de nenhum nome vir à minha cabeça. Fora isso, acho que Daniel, pai de Brandon, está um pouco atrás também, parecendo querer se esconder perto do palco.

Me afasto da estante e da foto quando ouço passos no andar de cima, quase como se eu estivesse fazendo algo de errado. Brandon aparece no topo da escada um segundo depois, mancando enquanto desce, e recusa a minha ajuda.

— Olha o que encontrei. — Ao invés de aceitar a minha mão, entrega um caderno para mim.

É um diário de músicas, com composições de Thomas para a banda que ele tinha. Folheio e há fotos dos integrantes logo nas primeiras páginas, revelando que Dylan era o guitarrista. Eu não sabia que eles eram tão amigos, mas até que faz sentido.

— Tem isso também, mas não sei se funciona.

Uma câmera muito antiga. Tento fazê-la ligar, mas acho que, depois de tanto tempo, pifou. De qualquer forma, passo a alça pelo pescoço, sentindo que é importante.

— E por último... — Brandon parece incerto sobre o próximo item, mas acaba me entregando. É um óculo de lentes escuras que geralmente vejo mulheres usando. — Parece feminino, não acha? Por que estava no quarto de Thomas?

Brandon treme enquanto segura o objeto. Sei que está cogitando a hipótese de os óculos serem de sua mãe biológica.

— Talvez ele tenha escrito sobre a namorada nesse caderno — murmuro, mas Brandon não estica a mão para pegá-lo. — Quer que eu procure?

— Temos que encontrar Taylor e Amélia primeiro — recusa, claramente fugindo da resposta que procurou a vida toda.

Eu concordo. Estou mesmo preocupado com elas e, além disso, não acho que a Cidade Fantasma é o melhor lugar para Brandon lidar com todas essas informações. Estar aqui é triste e exaustivo o suficiente, não faço ideia do que pode acontecer se ele cair em desgraça no pior cenário de todos.

Prendo o diário na calça, entre o cinto e o quadril, e saímos da casa. A chuva nos recebe como se estivesse reclamando da nossa presença, mandando ainda mais água e folhas, tornando difícil o simples ato de caminhar pela calçada. Atravessamos a rua de mãos dadas, Brandon mancando e eu o tentando dar o máximo de suporte, e quando chegamos à casa dos Knight é como se estivéssemos cada vez mais próximos de perder o controle.

É a primeira vez que tenho medo de nunca mais sair daqui. E não gosto disso. Parece que a todo momento estão tentando nos manter presos e isolados.

Não posso entrar em desespero agora, então afasto o pensamento e subo a escada na varanda dos Knight. Abro a porta sem consultar Brandon, uma súbita dose de coragem. Não gosto da ideia de entrar nessa casa, há algo sobre estar perto demais de Dylan que me assusta.

Quando a porta se fecha e nos isolamos, deixando o barulho caótico da chuva do lado de fora, parece que estamos em um lugar totalmente diferente. Ainda é escuro e acabado, mas essa casa, ao contrário da de Thomas, tem... vida. Como se nunca tivesse sido deixada.

— Amy? — Brandon chama, ao meu lado. Ainda está segurando a minha mão, o aperto tão forte que sinto meus dedos doerem.

— Taylor? — Completo.

Temos que entrar. Sei disso. E, com cuidado, dou o primeiro passo, molhando o carpete com a minha bota. Brandon segue ao meu lado, mancando desta vez. Indico que se sente no sofá, o que é totalmente ignorado. No fundo, e bem no fundo, fico agradecido de não ter que procurar sozinho.

No térreo não há o menor sinal de que alguém esteve aqui. Subimos para o primeiro andar ainda em silêncio e com poucas expectativas, já aceitando que nossos amigos não estão por perto. Seguimos procurando pistas e respostas, muito mais curiosos do que receosos agora que o medo inicial se foi.

Há quatro quartos no andar de cima. Tento me lembrar das poucas vezes em que Taylor falou deste lugar, em busca de uma direção. Acho que a primeira porta é o quarto no qual ela ficava, a segunda o quarto de Dylan e as outras duas são suítes. Há outra porta que eu não havia notado, provavelmente de um banheiro.

Vou para a primeira. Brandon está atrás de mim quando empurro a madeira, tentando olhar por cima do meu ombro. Quando não consegue, me ultrapassa e

entra no quarto sozinho, usando a lanterna do celular para ver melhor o cenário. Era, sem dúvidas, de uma adolescente. Há revistas por toda a parte, uma vitrola com um disco e pôsteres nas paredes. Acima da mesa de estudos um mural com fotos é a parte que me atrai, já que registros vêm sendo úteis.

A primeira fotografia me dá um susto. Por um momento, penso ter visto Taylor nela, bem ao lado de Dylan. Os olhos azuis, o cabelo loiro e até mesmo o vestido lembram algo que ela usaria, mas, depois de olhar melhor, percebo que não é a minha amiga. Pela semelhança, julgo ser a irmã de Dylan, de quem Taylor já me falou algumas vezes. É impressionante como a família Knight tem traços únicos, seria possível diferenciá-los em várias gerações, ainda assim é quase assustador como Taylor se parece com os primos. Poderiam ser irmãos.

— Audrey Knight. — Brandon para ao meu lado, olhando para a foto também. — É prima da Taylor. Morreu um pouco antes de Dylan, foi uma das primeiras tragédias de Dethaun. Mas a família não fala muito dela, parece que resolveram excluí-la depois que as investigações mostraram que morreu por overdose. Tinham medo demais de que isso afetasse a “honra” deles ou algo assim.

— O que sabe sobre o Dylan? — Pergunto, curioso.

— Pouco. Só que ele era temperamental, agressivo e um merda.

— Quem te disse isso?

Por um minuto, Brandon parece confuso. Ele olha para o vazio por alguns segundos antes de balançar a cabeça.

— Não sei, é só uma impressão, na verdade.

Volto para as fotos. Audrey parecia popular, tinha muitos amigos. O irmão e uma garota de cabelos pretos, porém, ocupam a maior parte dos registros.

— Brandon, olha isso. — Aponto para a garota que não sei o nome.

— Devia ser a melhor amiga dela. — Brandon acha que estou falando da repetição de aparições, mas na verdade é outra coisa.

— Não, olha. O colar.

A garota está usando o amuleto de Amélia. Em algumas fotos, percebo, a própria Audrey o tem no pescoço. Não consigo entender a quem pertencia.

— Como será que foi parar com a Amélia? — Brandon questiona, mas eu sei a resposta.

— Dei a ela. — Diante do olhar surpreso de Brandon, completo: — Achei no porão da minha casa, minha mãe disse que deveria pertencer ao antigo dono. Amélia achou bonito, então deixei que ficasse com ele.

Por muito tempo me questionei se aquele amuleto era para ser meu. Já que o achei e, como não sabia o que fazer, entreguei a outra pessoa. Depois de tudo o que aconteceu, porém, realmente penso que estava destinado a ser de Amélia. O cordão

delicado com o pingente de coruja de olhos vermelhos não combina comigo, me dava arrepios. Amélia o amou desde o instante em que o viu.

— Essa garota devia morar na sua casa, e deixou lá. — Brandon aponta para uma das fotos. Quando estende a mão e puxa a mais próxima de si, penso em protestar. Não parece seguro tocar nas coisas, mas é tarde demais. — *Hope*. — Lê o nome escrito atrás, em caneta azul. — Hope Christine Johnson. Me lembro de ver o nome dela em um dos jornais... — Brandon força a memória. — Ela e um detetive estrangeiro investigaram os suicídios de 1999 escondido. O xerife ficou puto.

— Um detetive estrangeiro — repito, tentando fazer ligações. É uma informação familiar, também. — O que houve com ele?

— Não sei, não estava nos jornais.

Me pergunto o que deve ter acontecido a essa garota, Hope. E Thomas também. Temos seus amuletos e não sabemos nada sobre eles, apenas onde moravam, no máximo quem eram seus pais. Além disso, agora sei que Dylan estava ligado a Thomas e, claro, a Hope, já que ela e sua irmã provavelmente eram melhores amigas. Há alguma coisa faltando, uma informação importante que deixaria tudo mais claro, entretanto não consigo pensar em nada. Todas essas pessoas têm uma conexão, não são apenas coincidências.

Elas são o centro de tudo o que está acontecendo conosco.

Me pergunto, também, como estão relacionados ao Adam. Estamos aqui por ele, mas tudo o que encontramos nos leva para longe, como se ele fosse uma peça fora do lugar.

Um barulho estridente quebra a bolha de tensão na qual havíamos entrado sem perceber. Brandon dá um pulo, afastando-se do quadro, e eu coloco a mão no peito, igualmente assustado. Quando percebo que é só o telefone dele tocando, solto uma risada nervosa.

— Aqui não tem sinal, — Brandon me olha. Eu me empertigo, atento enquanto ele puxa o celular do bolso. — Oi.

Não consigo ouvir o que é dito do outro lado, mas identifico uma série de chiados e uma voz feminina. A ligação dura menos de dez segundos e Brandon afasta o telefone da orelha quando termina, com uma expressão desconfiada.

— É a Amélia. Parece que estão no bar da Maddie.

— O quê?

— Ela só disse “Brandon, venha para o bar, não é seguro ficar na cidade.”

Talvez eu esteja paranoico, mas sinto que é uma armadilha. Ou um truque. Qualquer coisa. Não seria tão fácil encontrar nossos amigos, *seria*?

— Devemos ir — Brandon decide, guardando o telefone. — Vamos sair daqui.

Ele parece otimista demais. E eu, como sempre, tenho um péssimo pressentimento, mas o sigo mesmo assim.



Voltar para o carro foi mais fácil do que pensei. A tempestade diminuiu quando saímos e fomos capazes de atravessar a rua, a casa de Thomas e o beco mais rápido do que da primeira vez. Brandon está mancando muito mais, então o carreguei até chegarmos ao Mustang e, de novo, insisto em dirigir.

Se o bar de Maddie fica no mesmo lugar, só devemos sair da cidade pela estrada principal. Não me lembro muito bem das ruas sem árvores caídas, mas Brandon tem uma boa memória e me guia até voltarmos para a praça com a cabeça de tubarão. Os faróis iluminam a cortina de chuva sobre o asfalto, mas não há vento ou folhas voando. A saída da cidade é a alguns quilômetros.

— Você acha que é só a gente sair? — Pergunto.

Brandon me olha do banco do passageiro.

— Tá parecendo fácil demais — explico.

Não há nada que ele possa dizer, então entendo seu silêncio. Respiro fundo, coloco o cinto e começo a dirigir. Alguns minutos depois, passamos pela placa que indica a saída de Dethaun e ficamos nervosos à medida que o limite se aproxima.

A chuva começa a diminuir. Nos olhamos, comemorando silenciosamente.

O bar aparece.

Maddie está do lado de fora, fumando um cigarro. Estaciono rente à calçada, ainda receoso, e baixo o vidro quando a garota se aproxima.

— Ei. — Inclina o corpo para a frente, espiando pela janela. — Vieram comemorar alguma coisa?

A confusão dura enquanto há uma suposição muito forte no tom de voz dela. Depois, lembro que é meu aniversário.

Brandon passa pelo mesmo momento de percepção.

— Feliz aniversário. — Ele sorri, ainda abismado por ambos termos esquecido.

Então é por isso que a minha mãe insistiu naquele jantar? Uma forma de comemorar sem que eu percebesse, e fui lerdo o suficiente para cair no truque.

— Entrem, hoje é por minha conta — Maddie abre a porta do carro, me puxando para fora. — Vocês tiveram sorte, o Piper tá aí e sabe fazer um drink de aniversário.

A menção ao nome de Bill faz o toque de Maddie ficar gelado. O sorriso no rosto dela enfraquece enquanto nota minha hesitação, seu olhar fica vazio, vago.

Ela sabe, percebo.

E sabe que eu sei.

Bill está morto e Maddie apenas finge que não.



Brandon usa as paredes do bar de apoio. Apesar disso, não solta a minha mão. Deve estar sentindo o mesmo medo irracional que eu: se nos separarmos, podemos ser puxados sem o outro. Está criando um vínculo para que a cidade não consiga nos separar, o que, apesar de ser uma segurança frágil, é tudo o que temos.

Aperto a sua mão de volta.

Maddie não disse uma palavra sobre Bill desde que entramos, voltando ao teatro alegre. Nos leva até a mesa de sempre e eu espero que esteja disposta a falar depois de trazer cervejas. Não quero pressioná-la, nem passar dos limites, mas preciso de respostas.

Nossa mesa está ocupada quando chegamos nela. O homem do hospital está sentado no lugar que costumo ocupar, com as mãos cruzadas sobre o colo e o olhar perdido no salão. Maddie faz menção de pedir para que ele se mude, mas eu a interrompo.

— Tudo bem — digo a ela. — Nos conhecemos.

Brandon me olha em dúvida, mas se senta comigo quando Maddie sai em busca de cervejas. É um momento estranho, ele de um lado, nós do outro. Não há palavras no começo, só essa troca de olhares desconfiada.

Até que o homem suspira.

— Vamos direto ao ponto.

Após esse primeiro contato, sinto que tudo é real.

— Certo — concordo, com uma coragem repentina. — Quem é você?

— Já disse quem eu sou.

— Disse que é um demônio. O que isso significa?

Um sorriso cínico inunda seu rosto.

— Exatamente o que eu disse. Que sou um demônio.

Brandon se mexe ao meu lado, segurando minha mão por baixo da mesa. Mais confuso que eu, não faz perguntas e espera pelo desenrolar da conversa.

— Se é um demônio — continuo —, por que me ajudou?

Ele não responde. Maddie chega com as cervejas, nos servindo em silêncio. Antes dela partir, o demônio pede um maço de cigarros.

— Claro, Damon, volto em um minuto.

Damon. Esse é o nome dele. Chega a ser brega. Não devia ser algo em latim?

— Humanos são tão previsíveis — diz o demônio, servindo-se da própria cerveja. — Confiam demais na internet.

Não sei do que está falando. E não ligo, preciso manter o foco.

— Por que me ajudou? — Repito a pergunta.

Enquanto ele se inclina sobre a mesa, comprimindo os lábios com uma expressão despreocupada, me permito analisá-lo melhor: roupas pretas, cabelo bem penteado para trás, rosto bonito. Se eu fosse imaginar um demônio, seria uma criatura grotesca e suja, não isso. Acho que está mentindo sobre sua identidade. Pode ser um truque.

Damon ri.

— Fico lisonjeado com o elogio. — Bebe um gole da cerveja. Seus dedos são longos, talvez mais que o normal para um humano. Ok, talvez ele não esteja mentindo. — Meus dedos são iguais aos seus.

Espera, ele...

— Sim, Hunter, consigo ler seus pensamentos — Olha para Brandon. — Os seus também, e não, não sou uma ameaça. Mesmo que eu fosse, o que faria? Me chutaria com a sua perna boa?

Não gosto dele. De como fala. De como acabou de nos ameaçar.

Me inclino para a frente, tirando Brandon de sua atenção. O demônio transfere o olhar para mim, curioso.

— Você continua o mesmo — diz. — Sempre disposto a se sacrificar. Ainda acha que vale menos que ele?

— Sai da minha cabeça — murmuro. Não preciso falar alto, só preciso que me entenda. — Por que está aqui? O que quer de nós?

Ele volta a ficar confortável no banco. Como se afasta, também me afasto. Mantenho a mão sobre a de Brandon.

— Quero ajudar. Não que vocês mereçam a minha ajuda...

— Não *queremos* a sua ajuda.

— Verdade? — Ele realmente parece desconfiado. — Como pretendem salvar as amigas de vocês?

A mão de Brandon aperta a minha. É uma reação involuntária diante do choque e do medo. A ligação, foi ele? Onde estão Amélia e Taylor? Achei que apareceriam em algum momento, mas até agora não há sinal delas.

O demônio ri.

— Se eu quisesse matar qualquer um de vocês, simplesmente pararia de salvá-los — e, diante da nossa confusão e clara desconfiança, continua: — Como parei de salvar o Adam.

Ele sabe que tem a nossa atenção, é nítido que só disse isso para nos provocar. O sorriso em seu rosto é contido, e seus olhos, apesar de não estarem vermelhos como no hospital, brilham.

— O que sabe sobre o Adam? — Caio em sua armadilha. Ao menos estou ciente de onde isso pode acabar. — Ele está vivo?

— Seu amigo... — começa, então se corrige: — namorado, certo? — Lança um olhar para Brandon, o que me faz odiá-lo e admirá-lo. Sendo a criatura que é, pode nos ajudar ao mesmo tempo em que traz o caos, e não se esforça para manter o controle. — Seja como for, o Adam é uma história muito complicada. Eu me preocuparia com Taylor e Amélia, se fosse vocês. O tempo está acabando.

Não quero abandonar Adam, mas ele tem razão. Eu não me perdoaria se algo acontecesse com elas. Precisamos encontrá-las, e depois voltamos a procurar por ele.

— Ótimo — o demônio concorda, feliz, já se levantando da cadeira. — Entramos em um acordo. Vamos?

— Espera, você precisa ao menos nos explicar o que está acontecendo antes de nos arriscarmos.

Acho que o irritei. Os olhos de Damon brilham em vermelho, sua expressão abandonando o ar cínico de antes.

— O que é esse lugar, e por que ele nos atrai?

— É uma Cidade Fantasma, feita para abrigar almas que não possuem lugar no céu ou no inferno — a resposta é um pouco robótica, como se tivesse pensado muito nessas palavras ao longo dos anos. — Vocês... é complicado.

— Tem relação com nossos amuletos? — Sei que tem, mas preciso que ele confirme e dê uma explicação mais detalhada.

— Amuletos — Damon repete com uma risada forçada. — É, podemos dizer que sim. Sabe o que acontece quando se tira algo de um fantasma? Na maioria dos casos, nada; mas vocês não roubaram de qualquer um. Esses amuletos não deveriam estar no seu mundo, foram peças esquecidas. A força que eles têm... é enorme. Porque são parte de seus verdadeiros donos, que constantemente sentem falta deles. Algumas almas mal-intencionadas descobriram que podem chegar ao mundo mortal através de seus pertences e sempre que tentavam fazer isso, acabavam puxando vocês. Sinto dizer, mas seu grupo não tinha nada de especial. A maioria de vocês, ao menos.

— A maioria? — Repito, atento a esse último comentário que, para Damon, foi uma informação revelada sem que percebesse.

Ele franze as sobrancelhas, irritado.

— Eu disse que o tempo está acabando. Se ficar fazendo perguntas, suas amigas podem morrer.

Ele sai da mesa sem esperar a minha reação, colocando um ponto final nas perguntas. Quando passa por Maddie, pega seus cigarros e não paga por eles.

Brandon e eu trocamos um olhar preocupado. Fico em pé também, mas preciso conversar com ele sem esse demônio supervisionando antes. O puxo pela mão, ajudando-o a se levantar, e nos levo até o banheiro. Lá dentro, a primeira

coisa que faço é lavar o rosto. Preciso acordar, me manter em alerta. Estou me sentindo fraco, provavelmente por estar há muito tempo na Cidade Fantasma. É como se meu corpo não conseguisse suportar e quisesse sair, me puxando para fora enquanto minha mente continua aqui dentro.

Parece que estou enlouquecendo. Que voltei para aquele período de luto após a morte de Adam, quando não conseguia dormir, quando me sentia constantemente cansado.

Talvez estar na cidade seja isso: um eterno período de luto que te consome.

Brandon se apoia na pia ao meu lado. Seu cabelo está praticamente seco, mas as roupas continuam molhadas por causa da chuva. Reparo no meu próprio reflexo, parecido com o dele, apesar de não tão glorioso. Brandon consegue ficar bem mesmo depois de tudo, e eu...

Eu continuo o Hunter.

— Podemos confiar nele? — Pergunta Brandon, com os braços cruzados.

Seu olhar está distante, longe desse bar. O demônio que nos espera do lado de fora atíçou todos os nossos instintos, entretanto não sei se há escolha. Ainda tem muita coisa que não entendo sobre essa história, as pistas que coletamos só nos afundaram em mais dúvidas. Agora que sabemos um pouco sobre os amuletos, mais questões apareceram. E Adam continua um mistério absoluto.

— Não sei — decido ser sincero. — Ele mencionou Amélia e Taylor. Se foram puxadas, precisamos tirá-las daqui. Temos o carro.

— Como ele fez aquilo? — Brandon reflete. — A voz era definitivamente a de Amélia no telefone.

Não faço ideia.

— Bom, só tem um jeito da gente descobrir. — Brandon não parece otimista, só conformado.

Ele sai do banheiro, por um momento deixando de mancar. Volto a olhar no espelho e torço meus cabelos para tirar o excesso de água.

Depois, o sigo.



Maddie está fumando do lado de fora do bar. Estamos a quilômetros da praça, mas a estátua de tubarão se encontra do outro lado da rua. É a nossa entrada para a Cidade Fantasma, o retorno que não precisamos fazer porque ela sempre nos encontrará. E Maddie parece acostumada até demais com a figura de pedra.

Brandon segue para o carro, melhor o suficiente para conseguir andar sem mancar. Encosto na parede, bem ao lado de Maddie, e tento formular uma pergunta que me dê uma resposta satisfatória.

Maddie é mais rápida.

— A resposta é sim. Passo muito tempo aqui, se é isso o que está pensando.

Ao menos ela é direta.

— Você está morta? — Confirmo.

Uma risada acompanha sua resposta.

— Não. Mas Bill está. Então também não estou viva.

Passo os olhos por ela: a camiseta do Kiss, amuleto deixado por Bill, provavelmente é o que a deixa perto demais da Cidade Fantasma. Uma sensação agri-doce me atormenta quando penso na decisão que Maddie tomou. Seu futuro é viver nesse frio, sendo consumida pelo que estar em Dethaun significa. É triste, mas sei que não se importará com as consequências; uma parte de Maddie morreu quando Bill a deixou, e ela sabe que nada será mais doloroso do que isso.

Talvez eu a entenda. Um pouco.

— Você sabe alguma coisa sobre o Adam? — Pergunto. — De onde veio aquela gravação?

Ela faz que não com a cabeça.

— Sinto muito, Hunter. Ele desapareceu mesmo. A gravação... foi só algo que achei.

Não temos mais nada para conversar. Lhe dou as costas ao ver Damon esperando ao lado da estátua de tubarão, fumando o cigarro que ganhou. Brandon sai do carro e caminha um pouco mais à frente. Quando olho para trás, o bar e Maddie sumiram, provavelmente voltando ao mundo humano.

À medida que me aproximo, a praça e a cidade ganham forma ao nosso redor. Eu não havia percebido que a chuva dera uma trégua, mas agora está de volta, molhando meu cabelo e o chão de paralelepípedo e, mesmo que isso não o atrapalhe, o cigarro do demônio.

— O que é aquele lugar? — Pergunto assim que o alcanço. Brandon está mais adiante, analisando algo perto da igreja. — Por que o bar sumiu?

O demônio traga com calma, e eu estou quase desistindo de uma resposta quando ele olha por cima do meu ombro, para onde Maddie estava, e diz:

— É o meio termo. O único lugar daqui que pertence aos dois mundos.

Não sei o que significa, mas suponho que facilite o plano de Maddie e Bill. Se querem ficar juntos e fingir que um deles não está morto, o único lugar neutro de Dethaun deve ser a casa perfeita.

— Onde estão Amélia e Taylor? — Pergunto, voltando ao foco.

Damon se levanta, joga o cigarro acabado no chão e o apaga com a sola do sapato. Olha para a igreja da praça, alguns metros adiante, e aponta em direção a ela.

— Tá vendo aquele lugar? Suas amigas estão ali.

Nunca entramos nessa igreja. Sempre nos assustou e nem pensávamos em chegar perto. Não sei por que Amélia e Taylor se esconderiam nela, mas devem estar com medo.

Preciso buscá-las.

Começo a andar, mas o demônio segura meu braço.

— O que foi? — Questiono.

— A Igreja é a prisão de Dylan Knight. O lugar onde sua alma condenada deve apodrecer pela eternidade, já que foi lá que ele cometeu seus piores pecados.

Não sei onde Damon quer chegar com isso.

— É, também, a prisão de uma criatura pior. Se entrar, pode não escapar.

— Se eu não entrar, o que acontece com as minhas amigas?

Damon solta o meu braço.

— Ficarão presas com eles para sempre.

Engulo em seco. Volto a andar, decidido, mas ele segura meu braço de novo.

— O que foi agora? — Me irrita.

Ele me puxa para perto. Seus olhos ficam como no hospital, e quando sorri tudo dentro de mim insiste para que eu saia correndo.

— Você notou que Brandon parou de mancar? — Pergunta baixinho.

Franzo o cenho, mas não consigo virar o rosto para checar a informação. Damon está me prendendo de alguma forma.

— O que isso quer dizer? — Murmuro.

— Que ele não é o Brandon. E você precisa deixar de ser o Hunter.



39

1999 - 2016

Sou um demônio.

Estou seguindo Hunter e seus amigos. Entro em suas cabeças, influencio suas decisões. Temo o dia em que morrerão, porque é inevitável. Todos estão fadados a partir.

Vejo Amélia e Brandon ainda crianças. Brincam na praça central de Dethaun logo depois que ela foi reformada e, mesmo sendo muito novos, sentem falta da estátua de tubarão.

Quase são puxados, mas consigo mantê-los seguros. Por enquanto.

Amélia e Hunter se conhecem. É um baile da escola e ela não sabe que ele é gay. O chama para dançar e leva seu primeiro fora. Também é a primeira vez que Hunter diz em voz alta que não gosta de meninas.

Eles dançam no salão da escola da Cidade Fantasma por meio segundo, sem perceber.

Taylor está no posto de gasolina com a mãe, sentada no banco do passageiro. Sente tanta raiva que Dylan a alcança, misturando o que era ao que ela é, e Taylor não o vê no banco de trás quando fecha os olhos para chorar.

Maddie e Bill brincam no porão do bar. Estão na Cidade Fantasma, sempre estiveram. Foram criados no portal entre os dois mundos, o único lugar que não é perigoso porque não pertence a nenhum dos lados.

Eles sempre se sentiram bem ali.

Sou um demônio e estou cansado de ver pessoas morrerem. Preciso tirá-las da cidade que amaldiçoei. As separo do que há de ruim, deixo o mal que há nelas para fora, exilado debaixo de um véu. Passo anos fazendo-as esquecer do que

aconteceu, do que sabem e, automaticamente, de mim. De seus entes queridos cruéis. Da ligação que possuem com quem pode puxá-las.

Sou um demônio e não consigo influenciar um grupo de pessoas, os últimos que restaram. Por isso, preciso segui-los. Garantir que fiquem bem até que a maldição os deixe, até que saiam da cidade.

Sou um demônio e meu plano deu errado. Eles se lembraram, se conectaram com os que foram embora. Quanto mais tento afastá-los, mais procuram saber quem foram as pessoas que partiram.

Sou um demônio e um garoto morreu. Porque fui lento e porque não consegui convencê-los de que a cidade era um lugar ruim.



40

2021

Não consigo tirá-lo da minha cabeça.

Ele está em toda parte, tentando assumir o controle.

Sei tudo o que ele sabe.

Vi tudo o que ele viu.

Temos uma ligação antiga eternizada por uma tatuagem. Ele se tornou uma parte definitiva de mim, depois de anos dentro da minha cabeça. Sou quem não tem amuleto, porque meu amuleto é o meu demônio.

Abro os olhos. Costas contra o chão, queimando. É como o último pesadelo que tive, mas a vista era bonita; o céu que encontro não tem nada de vermelho, só uma escuridão profunda. Movo a cabeça e encontro escombros e madeira dos dois lados, um altar cheio de velas apagadas à frente.

Estou na igreja da Cidade Fantasma. Não só eu, o demônio também. Agora sei que ele não podia entrar na igreja e precisou de mim. Sinto sua presença, lutando para permanecer. Para não ser só uma ideia ou um sussurro. Ele é *o mal em mim*, finalmente. Como vem sendo há anos.

Não há muita diferença entre nós dois. Também sou o mal nele, o erro que cometeu, a falha no plano.

Todos nós somos.

Me sento e a tontura atinge ambos, humano e demônio. O próximo pensamento é involuntário: onde está Brandon? O que aconteceu com ele?

Encaro a porta da igreja, alguns metros adiante, fechada. Talvez tenha ficado lá fora. Espero que esteja seguro.

Levando em consideração que entrei na prisão de Dylan e uma criatura ainda pior, Brandon está melhor que eu.

Com um pouco de dificuldade, me coloco de pé. Chego perto das portas duplas e tento abri-las, mas parecem emperradas. Encosto o ouvido na madeira, em busca de algum sinal de Brandon, e só ouço o chiado da chuva batendo contra o concreto.

Estou sozinho.

Precisa procurar suas amigas.

Espera, essa voz... então era Damon o tempo todo? Esses pensamentos que sempre achei que fossem meus. Os debates que enfrentei, todas as indecisões nas quais essa voz me ajudou, eram o meu demônio?

É um pouco desesperador pensar que, em anos, não tive controle sobre o que eu pensava.

Amélia e Taylor. Foco.

Foco.

Preciso manter o foco e parar de tentar descobrir o que são pensamentos dele e o que são meus.

Começo a andar, passando pelo corredor entre as duas fileiras de bancos da igreja. Poucos deles ainda estão intactos, a maioria se encontra em ruínas. O altar, por outro lado, parece ter sido cuidado com muita atenção. As velas e figuras espalhadas não contêm um único vestígio de desgaste.

Passo pela porta ao lado do altar, uma que provavelmente me levará aos bastidores da igreja. Encontro outro corredor, este vazio e cercado por portas somente do lado direito. Tento abrir a primeira e está trancada, a segunda também. Na terceira tenho sorte, então entro.

A escuridão me recebe, ainda mais forte do que no restante da igreja. Não tenho tempo de tentar encontrar um interruptor porque algo voa na minha direção. Consigo desviar por sorte, abaixando antes de ser atingido. O objeto cai no meio do corredor, na luz fraca, e eu reconheço uma bíblia gorda e pesada. Finalmente procuro o interruptor, meio alarmado, e quando a luz inunda o quarto encontro Amélia.

— Meu deus, Hunter, é você? — Encolhida no fundo do quarto, ela se inclina para ver melhor. — É você mesmo?

— Sou eu. — Encaro a bíblia que quase me acertou, então volto a olhar para ela. — Como veio parar aqui?

Ao invés de responder, Amélia se levanta e me abraça. Começa a chorar agarrada a mim. Seus cabelos loiros estão molhados, o que significa que também vagou pela cidade, perdida.

— Você está bem? — Pergunto, afastando-a só um pouco. Amélia me olha com os cílios encharcados, o rosto corado, lutando para tentar parar de fungar. — Se machucou?

Ela faz que não com a cabeça. Percebo que está tremendo, talvez não só pelo frio. Se estar na Cidade Fantasma com Brandon foi aterrorizante, não faço ideia de como deve ter sido vagar por aí sozinha.

— Onde está a Taylor?

O olhar que ela me lança faz com que eu tenha um arrepio. É a mesma expressão de anos atrás, quando me contou o que aconteceu com Adam. Cada parte dela parece amedrontada, culpada e desgastada, no limite.

— Nos separamos — murmura. — Ela e o Ben decidiram ir até a casa dos Knight confirmar uma informação que achamos em um dos jornais, e então eu fui puxada sozinha. Não sei onde foram parar.

Merda. Merda. Merda.

— Merda, o Ben. — Passo as mãos pelos cabelos, tentando não entrar em pânico. Amélia se afasta, chorando ainda mais. É a porra de um *looping* que nunca acaba, não tem como fugir de perder pessoas para esse lugar. — Tenho que encontrar o Ben.

Me viro para sair do quarto, mas, quando puxo a maçaneta, ela está emperrada.

— Que Diabos...

Não o Diabo, a voz na minha cabeça fala. *Dylan*.



Fomos todos puxados ao mesmo tempo.

Brandon, eu, Amélia e provavelmente Taylor. Até Maddie, se levamos em consideração que o bar fica na Cidade Fantasma também. Isso não pode ser coincidência, não mesmo. Deve ter havido um motivo para quererem todos aqui. Eles se esforçaram para nos arrastar, a cidade entrou em colapso por isso, a chuva e a tempestade são provas.

Mas por quê?

Nosso tempo finalmente acabou. O relógio correndo desde que entramos, o mesmo que me dizia que Brandon e eu estávamos em perigo, se quebrou em pedaços e não há para onde correr.

Amélia está em pânico. Não sei exatamente o porquê, já que até agora parecia tudo bem. Tento falar com ela, mas não consigo chamar sua atenção enquanto a garota dá passos cegos para trás, andando até bater contra a parede.

— Amy? Amy, o que houve?

— Essa sensação... é como... como...

Tento me lembrar de tudo o que Damon me mostrou, todas as partes ruins que fizeram Amélia virar mais uma vítima. A noite do desaparecimento de Adam é o que me traz um sinal do que pode estar acontecendo. Dylan a usou naquela noite, quando levou nosso amigo, e a presença dele deve ser familiar a ela de um jeito terrível.

— Escuta. — A seguro pelos ombros. — Ele não pode te machucar, eu não vou permitir. Estamos juntos, Dylan não vai vencer de novo.

Amélia ainda não entende o que aconteceu naquela noite, mas eu sim. E, se Damon é o mal em mim, Dylan é o mal em todos. Nos sugando, exaurindo e usando.

— Não importa o que aconteceu naquela noite — continuo, porque ela precisa saber. Precisa entender que Adam não foi culpa dela. — Não havia nada que você pudesse fazer.

— Ele caiu por minha causa...

— Não foi o que aconteceu — asseguro. — Confia em mim. O Dylan fez aquilo, não você. Precisa ficar aqui, comigo, e me ajudar a achar uma saída. Não o escute agora, não deixe que ele faça a mesma coisa duas vezes.

Não sei quais são os planos, nem por que Dylan nos prendeu aqui, mas não vou permitir que arruíne ainda mais o que restou de nós. De Amélia. Nos sentimos culpados por tempo demais, carregando um fardo que não era nosso.

— Damon — chamo, ele tem que nos ajudar. — Consegue abrir a porta?

Amélia me encara, confusa. Ao menos consegui distraí-la o suficiente para que recuperasse um pouco da calma. Solto seus ombros e aperto sua mão esquerda, usando a mesma tática de Brandon para que não consigam nos separar.

— Damon — chamo novamente, mais baixo. — Preciso de você.

No início, era incômodo, como estar em um ambiente com muita coisa acontecendo. Mas, agora que me acostumei com a presença, o demônio é como uma parte minha. Está quieto, mas sei que continua presente.

A porta se abre, e eu solto um suspiro aliviado. Amélia trava quando começo a andar, mas a puxo para que possamos sair desse quarto. O corredor está igual há alguns minutos, ainda escuro e assustador, sem sinais de que Dylan passou por perto.

Onde ele está se escondendo? Por que não nos confrontou?

Tento não pensar que é outra armadilha enquanto seguimos para o salão principal da igreja. Assim que entramos, a luz das velas no altar nos recebe como a única quebra no padrão de escuridão.

Dylan está aqui.

E a criatura que Damon mencionou ser pior do que ele também. Sua aparência é familiar e eu gostaria de dizer que me lembro dele das fotos da casa do xerife, mas o rosto de Thomas, infelizmente, é igualzinho ao do filho, e tudo o que vejo quando olho para ele é Brandon.

Sinto Damon hesitar, quase como se quisesse me fazer parar, e interrompo os passos, puxando Amélia para trás e ficando na frente dela.

Precisamos de tempo, Damon sussurra. Ele me traz algumas memórias, imagens do dia do acidente na praça. Thomas e o Mustang branco passando por cima de uma multidão, sangue e gritos para todos os lados. Quer me dizer alguma coisa, entretanto não consigo entender.

É hoje, diz, o acidente.

Merda. Sei o que significa. Hoje é mais um aniversário do acidente da praça, provavelmente uma data significativa para o que quer que Dylan queira de nós. Espero que Damon me passe mais informações, mas essa é uma batalha antiga para ele.

O mal em mim está ocupado demais sentindo raiva, e não consigo controlá-lo. As imagens do acidente o afetaram, toda a dor daquela noite tão vívida que sinto meus olhos lacrimejando.

— O que planejam fazer? — Damon disse que precisávamos de tempo. Vou fazer o que ele está mandando. — Por que nos puxou para cá?

Thomas e Dylan, parados no meio do corredor, não se aproximam, mas o olhar deles em mim faz com que tudo pareça pior.

— Não podem nos enganar duas vezes — continuo quando não obtenho resposta, e imediatamente me arrependo.

Eu não deveria ter dito isso, agora Knight parece curioso.

Damon deveria estar escondido em mim. É a nossa carta na manga, nosso disfarce. Somos apenas humanos e não temos como lutar com Dylan, e ele não sabe que Damon encontrou um jeito de entrar na igreja. Preciso esquecer que sou o demônio agora, que vi tudo o que ele viu.

Preciso fingir que não conheço sua história e sua crueldade, em vida e em morte.

Ouçó um grito e de repente Amélia está ao lado deles, no meio do corredor. Não sei como fizeram isso e me arrependo de não ter seguido o plano de permanecer de mãos dadas com ela. Tento me mover, mas algo está prendendo meus pés ao chão.

Dylan se aproxima de Amélia, esticando a mão até tocar o colar em seu pescoço. Assim como eu, ela parece congelada, sem poder se mexer.

— Onde conseguiu isso? — Pergunta, e sua voz é diferente do que imaginei. É suave e baixa, quase melódica. E, certamente, não parece humana.

Amélia não responde.

— É por isso que sempre vem no lugar dela — resmunga.

Sabendo que era o colar de Audrey, deduzo que ele achou que era Taylor usando sempre que puxava o amuleto.

— O que quer com a Taylor? — Ergo a voz. Consigo chamar sua atenção, e Dylan move os olhos para mim. — Por que precisa dela?

Não recebo uma resposta. Ao invés disso, Thomas parece achar algo interessante em mim e se move para mais perto. Seus passos são pesados e lentos, quase torturantes. Desejo que se afaste, que me deixe em paz, e fico cada vez mais desesperado de não poder me mover.

— E você, onde conseguiu isso? — Pergunta.

Não preciso olhar para saber que está se referindo à câmera em meu pescoço. Merda. Espero não ter irritado um espírito maligno por ter sido intrometido e roubado uma de suas coisas.

— Achei por aí.

Não pensei que Thomas ficaria tão irritado com a minha resposta, mas sua reação é a pior que eu poderia imaginar. Ele me puxa pela camiseta e me joga contra um dos bancos, e eu caio em cima de algumas vigas de madeira. Sinto o baque tão forte que nos primeiros segundos não consigo levantar ou respirar, me equilibrando apenas o suficiente para manter o corpo sentado e rastejar um pouco para trás.

A câmera em meu pescoço está chiando. Tento ignorar a dor e olho para ela, bem a tempo de ver que um dos vídeos da galeria começou a tocar. Apesar de ser uma péssima hora para desviar meu foco de Thomas, fico preso à gravação.

A mãe de Adam está nela. E Dylan. E Thomas com uma garota de cabelos azuis. A última usa os mesmos óculos que encontramos há algumas horas...

A câmera é arrancada da minha mão, voltando a apagar quando Thomas a segura. Ele a joga na parede atrás de mim, fazendo com que se quebre em pedacinhos. Tento assimilar o que vi no vídeo.

Isso... Isso faz muito sentido.

Damon está tentando passar despercebido, mas sussurra: *você finalmente entendeu*, e eu volto a olhar para Thomas. Não tenho medo dele, não agora que a minha cabeça está girando com as respostas. Desvio a atenção para Dylan, ainda com Amélia.

— Deixa isso pra lá — resmunga para Thomas, irritado com a interrupção. — Estamos perdendo tempo.

É bom que Damon e eu tenhamos virado um só, porque, no momento, sou o mal nele. Sou a falta de controle e o ódio, a mágoa porque finalmente sei o que Dylan queria de nós esse tempo todo.

Ele queria Adam, sua primeira tentativa de conseguir fugir da cidade.

Seu filho. Sua ligação fora daqui. Não um amuleto, como Thomas e o carro, mas alguém do seu próprio sangue.

Damon, chamo, é isso, não é?

Não recebo respostas. Dylan e a mulher no vídeo estavam se beijando, é impossível não fazer uma ligação entre isso e o fato de Adam nunca ter mencionado o pai. Se com um simples amuleto fantasmas podem interagir com o mundo mortal, o que aconteceria se conseguissem alguém do mesmo sangue? É a única explicação para nunca ter ocorrido uma tragédia antes de Adam aparecer, já que Dylan nunca teve interesse em nenhum de nós. Ele queria o filho.

E, dessa vez, quer a Taylor, suponho.

Agora que sei disso, Damon não precisa se esforçar para me dar mais informações. Sei o que ele sabe: ter o mesmo sangue não é o suficiente para entrar no corpo de um humano, como Dylan tentou fazer com Adam. A ligação precisa ser mais forte, como Damon, eu e toda essa vida onde achei que éramos a mesma pessoa. Uma existência na qual o mal em mim era uma parte que eu não podia controlar e, de tanto lutar contra, cresceu *mais*.

Dylan não tem ligação alguma com Adam, por isso falhou.

Mas com a Taylor...

Merda.

Eles têm uma ligação. Ela sente empatia por ele, pelo modo como foram criados e destruídos.

Alheio às minhas deduções, Dylan se volta para Amélia. Está fazendo com que ela ligue para alguém, provavelmente para Taylor.

Uma isca. É por isso que ela estava presa.

— Não vai dar certo. — Tento desesperadamente interromper isso. Taylor não pode vir, não pode.

Dylan ri.

— O demônio dela não pode salvá-la hoje.

Engulo em seco. Da última vez, Damon protegeu Taylor e deixou Adam ser levado. Sei disso porque sei de tudo o que ele sabe, e ele sabia que Adam não era o suficiente. Deixou que Dylan o levasse para que ficasse contente, para ganhar tempo.

Foi um sacrifício.

— O que fez com ele? — Pergunto de novo, não só por distração, mas porque mereço saber. — O que aconteceu com o Adam?

Thomas me arrasta para o meio do corredor. Usa apenas uma das mãos, me puxando pela camisa. O diário que roubei de sua casa fica no meio do caminho, perdido nos escombros dos bancos. Espero que ele não veja, não posso irritá-lo

ainda mais. Sei por que Damon o chama de criatura: ele é cruel. Um monstro. Não se arrepende de ter matado aquelas pessoas, nem mesmo por um segundo. Dylan é raivoso e se perdeu após a morte, mas Thomas... ele sempre foi ruim.

— Não foi útil, e não podemos manter coisas inúteis por perto. — Ele se abaixa na minha frente, me olhando com certa diversão.

Está dizendo que matou o Adam. Está mesmo dizendo que matou o Adam.

Nunca estive tão contente por ter pernas longas. Em um único chute, acerto o rosto de Thomas com a bota. Ele cambaleia para trás, e eu perco alguns segundos surpreso por ter conseguido bater em um fantasma. Dylan ri em algum lugar da igreja, mas não me viro para olhá-lo porque Thomas já se levantou. Ele avança na minha direção com raiva, os olhos em um tom verde que brilha, gritando e pronto para me atacar.

Não tenho como reagir. Damon seria a minha única vantagem, mas está preso dentro de mim.

— Chega! — Dylan grita, e Thomas se interrompe. — Se ele morrer, nunca pegaremos o demônio.

Estão atrás de Damon também? Justo, já que ele os prendeu aqui.

Engulo em seco, tentando não demonstrar como fiquei nervoso.

Você precisa me contar o que está planejando, não pode continuar escondendo o plano. Por que me trouxe aqui? Por que não nos mandou embora, com Taylor?

Droga de demônio teimoso! Ele não me responde. Sei que tem um plano, mas por que não conta logo o que pretende fazer?

O plano é agora, finalmente responde. Concentre-se em quem está dentro da Igreja, tenho uma amiga cuidando de Brandon do lado de fora.

Não há tempo para questionar. Assim que ele termina de falar, as portas da igreja se abrem. Uma corrente de ar invade o salão, trazendo folhas e chuva para o corredor. Do lado de fora estão Brandon, Taylor e... Ben. Meu coração afunda ao vê-los e toda a esperança que juntei é despedaçada. Vamos morrer, vamos todos morrer. E Dylan conseguirá o que quer: usar minha amiga para deixar a Cidade Fantasma. Thomás ficará com Brandon.

E eu não sei o que pode ser de Dethaun com os dois de volta.

Tento gritar para que Taylor fique longe, mas ela é a primeira a subir, ignorando tudo o que peço para não fazer. Felizmente, Brandon não a segue. Fica na calçada, olhando, parecendo estar preso a alguma coisa.

E Ben... Deus, por favor, somente o proteja.

Dylan se escondeu, e Thomas também. Taylor adentra a igreja vendo apenas Amélia e eu, parecendo preocupada. Ela não me escuta, talvez nervosa demais para assimilar o que está acontecendo, e só percebe meu desespero quando as portas da igreja se fecham em um estrondo.

— Hunter? — Ela chama, e não tenho chances de responder.

Taylor é arremessada para trás, batendo com as costas nas portas fechadas. Amélia se move para alcançá-la e também é empurrada para o outro lado do salão. Eu me levanto, mas uma dor no braço me faz parar. Olho para onde as pontadas dilacerantes começaram, o local onde tatuei aquele gato idiota alguns anos atrás.

O desenho sumiu.

Não sinto Damon em lugar algum, como se tivesse me abandonado. Quero me preocupar com isso, mas Dylan voltou e está próximo demais de Taylor. Minha amiga arregala os olhos diante da imagem do primo, um pouco confusa sobre o que sentir a respeito disso. Quando entende que ele é uma ameaça, já é tarde: Dylan a segura com uma mão em seu pescoço, um pouco satisfeito demais com a violência, e a ergue no ar. Volto a chamar por Damon, desesperadamente pedindo sua ajuda, a dor no meu braço tão dilacerante que mal posso pensar.

Respiro fundo, tentando retomar o controle. Quero alcançar Taylor e Dylan, mas Thomas se aproxima de mim, me vigiando.

— Não vai conseguir usar o Brandon — engasgo, a dor fica ainda pior, parece se expandir. — Ele nunca te considerou o pai dele.

Tento me levantar de novo, mas sou empurrado contra o chão. Minha pele arde e queima agora que Damon me deixou, trazendo uma dor agonizante. Tudo o que entra na igreja queima, sei disso por algum motivo, mas não consigo encontrar a fonte dessa informação enquanto me contorço. O pensamento me ocorre e procuro Amélia, estremecendo no chão do outro lado do salão. Vamos queimar de dentro pra fora até não sobrar nada, a não ser que Damon *atenda a porra do meu pedido de socorro*.

Será que ele nos traiu? Será que fazia parte do plano e ajudou Dylan a reunir quem ele queria nessa igreja?

Não há o que fazer, não consigo me mexer. Meus olhos estão fixos no teto, onde consigo ver um vitrô quebrado com uma imagem distorcida pelo tempo, e nada mais. Os sons que escuto são todos horríveis — Amy em prantos, Taylor engasgando. Uma luz muito forte ocupa parte do salão, mas não sei de onde ela vem. A dor agora é tanta que não a sinto mais. Fico no chão movendo os olhos até conseguir pequenos fragmentos do desastre acontecendo enquanto não posso fazer nada.

Taylor, Dylan, Thomas. As portas da igreja se abrem, se fecham. Um gato aparece, e a essa altura acho que estou alucinando.

Mas parece tão real...

O gato tem olhos vermelhos. Sei que é ele. Damon. Que está aqui para me ajudar.

Ajude Taylor, penso. Ajude-a.

A mãe de Adam o protegeu a vida inteira. O ensinou a temer a cidade e Dylan, mas Taylor não. Ela só teve a si mesma. Será que é forte mesmo? Será que sabe que Dylan não é quem pensa que ele foi?

— Tay — chamo, procurando por ela. Está aqui, mas Dylan sumiu. Thomas olha para ela com fascínio, sorrindo satisfeito.

Deu certo. Dylan está nela. Talvez Damon tenha feito alguma coisa, pois consigo me mover em meio a dor.

— Por favor. Você está aí em algum lugar, não é? — Apesar de conseguir rastejar até perto dela, não consigo me levantar. Taylor me olha de cima, e não parece mesmo a minha amiga. — Você passou a vida tentando provar para todo mundo que não é o Dylan. Faça isso de novo agora. Sei que está aí, sei que pode assumir o controle. Por favor, salve seus amigos. A gente precisa de você.

Não faço ideia de se estou sendo ouvido. Tudo o que sei é que quero a minha amiga de volta. Mesmo que eu consiga sair, não podemos deixar a cidade sem Taylor. Se ela ficar, ficamos. E morreremos todos juntos.

Procuro o gato, ainda parado no meio dos bancos destruídos. Ele não parece disposto a ajudar.

Do lado de fora da igreja, escuto gritos. Reconheço Ben, o que me deixa apavorado. Taylor vira o rosto na mesma hora, e é então que eu sei: minha amiga pode me ouvir. Ela está aqui com a gente.

Mais gritos. Além de Ben, Brandon surge. Talvez tenha retomado o controle, talvez a amiga de Damon o tenha abandonado como Damon me abandonou. Não consigo identificar o que estão dizendo, nem se estão com dor. Mas me desespero.

— Está ouvindo? — No mesmo instante, as portas duplas da igreja começam a chacoalhar. Estão se jogando contra ela, tentando abrir. — São seus amigos. Estamos aqui para te levar para casa. Vamos para Nova Iorque, voltaremos a passar fome e viver como sempre vivemos, mas estaremos juntos. Você só precisa nos salvar.

Ela dá um passo na minha direção. Esperança assume cada parte do meu ser nesse pequeno instante, mas é destruída quando Taylor me ignora e segue para o meio da igreja. Ela pisa forte até o altar, andando como nunca andou, conduzida por Dylan. Thomás a segue, ainda com aquele sorriso amedrontador. Tento me levantar mais uma vez, falhando quando a dor piora. Minha pele está vermelha e não consigo me concentrar em nada além do fato de que estou queimando.

As portas continuam chacoalhando, gritos e mais gritos ecoando.

O gato sumiu.

Estou sozinho.

Taylor some por uma porta atrás do altar, e eu fico para trás. Sinto minhas mãos tremendo enquanto controlo a dor. Só preciso de dez segundos, só isso para

tentar executar um plano idiota, minha última esperança de impedir que eles saiam e consigam alcançar Brandon.

Amélia corre até onde estou, tentando me ajudar a levantar. Ela está com o colar, o que a ajuda a enganar a dor, assim como Damon estava me ajudando.

— Você precisa ir atrás deles — digo, porque sei que estão saindo da igreja, e Amélia precisa sair também. — Tem que salvar a Taylor.

Meio incerta, ela concorda e sai correndo. Sozinho, sei que não me resta nada além de *tentar* sobreviver, e reúno tudo o que tenho para ficar em pé. Dou os últimos passos até o altar. Há velas, mas não fogo. Elas se apagaram quando as portas se abriram, e eu quase caio no chão em frustração, sem saber o que fazer, quando o gato sobe em um dos bancos e lambe a pata direita.

Me lembro de Damon fumando.

Talvez... Sim, está aqui, no meu bolso. O isqueiro e os cigarros. Com ele, começo a acender as velas com calma e, depois, faço o que a mãe de Adam fez anos atrás: as uso para começar um incêndio.

Preciso matar Dylan uma segunda vez. Amélia vai conseguir sair da igreja, ela é humana. Thomas, não. E aí Brandon estará a salvo. Taylor, se eu tiver sorte, conseguirá impedir que Dylan saia também. Ela morrerá comigo, mas sei que preferiria isso a ter o corpo usado para ser alguém que não é pelo resto da vida.

Assim que as velas caem no chão e o fogo consome tudo o que encontra, dou as costas ao incêndio. A dor ainda é forte, mas a ignoro para chegar perto das portas duplas, ao encontro de Brandon e Ben. Não consigo abri-las ainda, algo a está bloqueando, então apenas encosto contra ela. Do outro lado ainda tentam fazê-la ceder, e escuto um grito quase monstruoso dos confins da igreja.

Dylan não está conseguindo sair. Sorrio comigo mesmo porque entendo o motivo de Damon ter sumido: ele se libertou para tomar a igreja e tornar a prisão ainda mais forte. Está lutando para Dylan não escapar, e me sinto grato por ter ajuda. Pelo menos não vou morrer sozinho.

Escorrego até o chão, e estou chorando. O fogo no altar começa a avançar, estará em mim em alguns minutos. Taylor ainda não voltou e, sinceramente, não sei se consegue. Dylan a levará com ele quando queimar.

Consigo pegar o celular no bolso da minha calça. Não tem sinal aqui, na Cidade Fantasma, mas é outra coisa que preciso fazer. Preciso desesperadamente fazer.

Uma por uma, respondo as mensagens que Brandon me enviou nos últimos anos. Ele merece isso, merece saber que sempre foi o suficiente, que era apenas a hora errada. Que, de alguma forma, eu o amo. E que me odeio por ter demorado tanto para perceber.

É irônico como continuo um covarde.

Brandon está do outro lado dessa porta, lutando para me alcançar, e eu envio mensagens. Espero que ele entenda que morri para salvá-lo e, talvez, me odeie menos por ter levado Taylor junto.

Tem muita fumaça agora.

Tusso enquanto luto por ar. Do lado de fora, *silêncio*; provavelmente perceberam que o esforço era inútil.

O fogo está cada vez mais perto, apenas alguns metros. O gato se aproxima e inclina um pouco a cabeça, como se estivesse me analisando. Passo a mão direita nele, o que não é um carinho bem recebido. Ainda assim, digo:

— Obrigado por cuidar de nós por tanto tempo.

Suas orelhas se movem. Ele pisca lentamente, o que interpreto como um *de nada*. Sentado ao seu lado, observo o vermelho de seus olhos pela última vez.

O mal em mim morre aos poucos.

Querido, a voz ecoa na minha cabeça, para onde está indo, a maldade é inútil.

Não sei se o pensamento foi meu ou do demônio, mas aceito e murmuro um pedido de desculpas para Taylor antes de apagar.



Vozes distantes.

Abro os olhos e encontro um teto muito claro.

Tudo é muito claro.

Minha cabeça dói, e eu preciso tossir para conseguir respirar.

— Ei, calma — alguém diz. — Filho, calma.

Por um momento tive medo de não ser eu. De estar na lembrança de outra pessoa, alongando minha existência. Mas essa é a minha mãe, e ela está exatamente como da última vez em que a vi.

Lhe dou um abraço tão forte que a sinto lutar por ar. Quando a solto, nem mesmo Alicia entende de onde veio esse ataque súbito de afeto. Acho que é a primeira vez em anos que a abraço por vontade própria.

— Pelo menos ainda está forte — brinca, massageando o ombro.

— Desculpa.

Ela sorri, e lágrimas surgem nos cantos dos seus olhos. Desvio a atenção porque odeio vê-la chorar, reparando no quarto de hospital no qual me encontro. É então que percebo que deveria estar morto.

— O que aconteceu comigo? — Pergunto, confuso.

Me lembro de estar na igreja, pronto para morrer. E só. Minha mãe me lança um olhar estranho, e sei que ela não faz ideia. É como na noite em que pulei do carro de Brandon, apesar de que agora suspeito que fiz aquilo porque vi o fantasma de Bill.

— A gente conversa depois — diz, de repente. — Vou chamar a médica.

Ela sai e me deixa sozinho. Nunca estive em um hospital, então não sei o que fazer. Deveria haver mais visitas? Onde estão os outros?

Entro em desespero. Será que não consegui salvá-los? Estão mortos?

— Hunter?

Para o meu completo alívio, é a voz de Taylor. Dessa vez sou eu quem derrama lágrimas, não conseguindo conter a sensação de ver seus olhos de verdade, azuis e nada odiosos. Taylor se aproxima da cama e me abraça enquanto a puxo para se deitar ao meu lado.

E ficamos assim, porque nada mais importa por um tempo.

— O que aconteceu? — Pergunto.

Não preciso olhar pra ela. Só preciso abraçá-la e saber que está aqui, que não será puxada, que está viva e bem.

— Eu ouvi você — confessa. — Tudo o que disse, mas não conseguia controlá-lo.

— Como salvou a gente?

— Não sei ainda — murmura. — Ele ficava pensando que o tempo estava acabando, então eu só o atrasei. Nos preendi em um dos quartos da igreja até que o fogo nos alcançasse, acho que apaguei com a fumaça. Acordei com a Amélia no meio da praça, com um monte de gente nos encarando, e você estava desmaiado. Te trouxemos para o hospital, e bem... agora estamos aqui.

Acho que sei o que aconteceu. Sem nossos amuletos, fomos expulsos. Amélia deve ter tirado o colar, a tatuagem sumiu de mim e Taylor foi mais forte que Dylan.

— Os outros estão bem? — Pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça.

— O Ben ficou um pouco traumatizado, mas acho que vai superar.

Limpo algumas lágrimas das bochechas. Meu cabelo está tão grande que chega até o de Taylor, formando uma mistura de loiro e preto enquanto nos abraçamos.

Ainda não consigo soltá-la.

— O que tá rolando entre você e ele? — Lembro do que vi antes de tudo acontecer.

Sei que essa não é a nossa prioridade, mas não consigo conter a pergunta.

Quando Taylor ri e esconde o rosto no meu peito, sei que é muito mais sério do que pensei. Sem conseguir me conter, sinto o desaforo consumir cada parte dos sentimentos bons de alívio.

— A gente tinha um acordo — resmungo, e ela ri mais. — Sem pegar o amigo do outro.

— Você nunca respeitou o acordo.

É verdade. Ainda assim, o Ben é *demais*.

— Logo o meu melhor amigo? Sério?

Taylor se apoia no cotovelo para erguer o rosto e me encarar, séria.

— Posso dizer o mesmo.

Puta que pariu.

Ela sabe sobre Brandon e eu? Como?

Sinto meu rosto inteiro queimar.

— Por que reagiu desse jeito? — Ela pergunta, erguendo o nariz para me analisar. — Eu tô brincando. Sempre achei que vocês dariam um ótimo casal, sabe? Tipo *Bad boy* e mocinho. Moreno sarcástico e golden retriever.

Reviro os olhos e ela ri.

Não falamos mais nada por um tempo, apenas aproveitando a existência um do outro.

Apreciando o fato de que estamos *vivos*.



Quando recebo alta, sigo para o estacionamento enquanto minha mãe conversa com a enfermeira para tirar dúvidas. Ela acha que posso morrer, apesar de terem garantido que não aconteceu nada grave, e tem uma lista de questionamentos para verificar.

Encontro três pessoas encostadas no carro dos meus pais, debaixo de um sol muito quente. Amélia usa um de seus vestidos amarelos e uma bolsa marrom, parecendo incomodada com o calor. Ben está como sempre, com seu suéter bege e o cabelo preto penteado para trás, abatido, mas bem e vivo. Já Brandon tem o cabelo loiro, sempre penteado para trás, caindo sobre os olhos avermelhados. Demora um pouco para notar que cheguei e, assim que me vê, corre para me abraçar.

Realmente não gosto de abraços. No calor, menos ainda. Por isso é tão estranho quando retribuo o gesto no mesmo instante. O aperto com cuidado, sem saber se está machucado, e me permito sentir alívio de novo. Brandon sobreviveu, todos nós sobrevivemos.

Estamos bem.

— Você é maluco — Brandon murmura, soprando meu cabelo. — Por que entrou naquela igreja sozinho?

Na verdade, não me lembro de ter feito isso. Foi Damon quem me levou para o encontro de Dylan.

— Eu meio que não tive escolha — digo.

Brandon se afasta um pouco para me olhar. Suas mãos se movem para o meu rosto, depois se encaixam um pouco atrás da minha orelha. Ele me encara e, com bastante determinação, diz:

— Você conseguiu. Seja lá o que tenha feito, salvou as nossas vidas.

Também não sei o que fiz. Colocar fogo em um lugar do qual eu não podia escapar parece uma ideia bastante ruim agora, e tive sorte de ter funcionado — outro mistério, já que não faço ideia de como as coisas correram tão bem.

— Como você tá se sentindo? — Ben pergunta, chamando a minha atenção com o tom de voz preocupado que raramente usa. — Você me assustou.

— Estou bem — garanto.

Brandon se afasta e eu me lembro que Amélia também está aqui. Ela dá um passo na nossa direção, com uma das mãos na bolsa marrom, e sorri. Também me sinto aliviado por ela estar bem, e pelo colar ter sumido de seu pescoço.

— Se não for muito cedo, temos algumas dúvidas sobre o que aconteceu — diz, e eu percebo que não contamos a ela sobre as coisas que descobrimos. — Podemos nos reunir e discutir? Além de tudo, é seu aniversário. — Ela comenta. — Queríamos comemorar com você.

A tristeza que sinto me deixa confuso. É um convite cuidadoso, com uma sugestão atenciosa. Passei meu aniversário tendo experiências bizarras de quase morte, seria bom comemorar.

Acho que é o brilho nos olhos de Amélia, tão preocupado e afetuoso. Me lembro que fui horrível com ela, que a tratei injustamente nos últimos anos e, ainda assim, está aqui planejando um bom aniversário para mim.

Com pesar, respondo:

— Eu tô meio cansado. Quero ir para casa.

É verdade. Mesmo que eu queira ser um bom amigo agora, preciso me recompor antes de fazer qualquer outra coisa. Minha cabeça ainda dói e meu corpo inteiro parece ter sido jogado em um triturador.

A expressão decepcionada no rosto de Brandon quase me faz retirar o que acabei de dizer. De repente, quero sair com ele e deixá-lo feliz.

— A gente pode sair mais tarde. — Me apresso em acrescentar. — Depois que eu dormir um pouco.

Como esperado, Brandon sorri com a minha sugestão. Eu sorrio junto. Amélia comemora com palminhas. Ben parece preocupado com a decisão, talvez ainda com medo de tudo o que aconteceu.

— A gente se vê à noite. — Ele dá um passo para trás, colocando as mãos nos bolsos da calça. — Tenta não se matar até lá, por favor.

Concordo com a cabeça, apesar de não saber se posso fazer essa promessa. Brandon se vira e anda na direção de um outro carro no estacionamento, onde seus pais o esperam. Ben se afasta e encosta no carro dos meus pais, sabendo que preciso conversar com Amélia pelo modo como me aproximo dela.

— Você está precisando de alguma coisa? — Amélia percebe minha inquietação.

Respiro fundo, organizando os pensamentos. Não mudei muito nesses anos e Amélia sabe o que significa quando começo a pensar demais antes de falar. É algo sério.

— Eu quero pedir desculpas — começo, esperando estar no caminho certo. — Por tudo. Você não merecia nada do que disse ou fiz para você.

Não sei se o demônio mostrou a eles tudo o que vi. Talvez Amélia não saiba que Damon influenciou meus sentimentos e pensamentos por anos, principalmente durante o luto. Ele queria tanto que eu deixasse Dethaun que aumentou a minha raiva e me fez acreditar nas coisas que me destruíram. Esse mal em mim foi o principal responsável pela ruína de todos nós, apesar de não ter sido o único. E Amélia precisa saber que, agora que tudo se foi, enxergo perfeitamente o quanto ela sofreu. Que foi uma vítima. E que precisamos nos redimir com ela.

— Tá tudo bem. — A garota sorri.

— Nem perto disso — rebato. — Mas vou me esforçar para compensar o amigo de merda que fui.

Seus olhos ficam marejados, intensos como nas poucas vezes em que a vi emocionada. Amélia concorda com a cabeça.

— Preciso ir, o Brandon tá me esperando. A gente se vê à noite.

— Tudo bem.

Ela segue na direção do carro dos Hudson. Minha mãe, que provavelmente esperava a conversa terminar, se aproxima e me guia com a mão nas minhas costas para irmos embora também. Ben e eu entramos no carro e, em silêncio, voltamos para casa.



Minha mãe ficou muito irritada no caminho para casa. Ela esperou uma explicação, mas eu não sabia o que dizer. Foi exatamente como quando Adam desapareceu, apesar de que agora eu só precisava de uma desculpa por ter aparecido desmaiado na praça central com marcas de queimadura.

Finalmente estou no meu quarto. Tento não pensar no que vai acontecer comigo, nem no fato de que tudo o que fiz foi um fracasso. Além de não ter encontrado Adam, coloquei muita gente em perigo.

É uma confusão.

Afundo na cama, encarando o teto. Decido pegar o notebook para tentar me distrair, mas o que encontro assim que o abro é o maior lembrete que poderia haver do meu fracasso: Christian Blake respondeu meu e-mail. Ele está se recusando a ser entrevistado e alega que tudo o que escreveu é ficção, que não ajudaria nos meus trabalhos.

Eu ainda tenho muitas perguntas, então fico decepcionado.

Mas tem outra pessoa com quem posso conversar.

Levanto-me da cama. Sei que deveria estar esquecendo isso, mas não consigo. Ainda tem muita coisa que não entendo e preciso de respostas se quero voltar para Nova Iorque em paz. Prometo a mim mesmo que depois dessa visita irei sossegar, não importa se ela for satisfatória ou não.

Pensando nisso, vou até a janela e fujo pelo segundo andar, refazendo o que Adam me ensinou e fugindo sem que meus pais percebam.

Encontro Vivi do lado de fora, provavelmente resgatada pela minha mãe quando estive no hospital, e pedalo por um caminho que reconheço tão bem que parece que nunca deixei de percorrê-lo.

Alguns minutos depois, estou na frente da casa de Adam, rezando para que sua mãe não tenha trocado de endereço.



Sempre me senti grande demais. Hoje, especialmente, é pior. A casa de Adam por anos foi um mistério, nunca a conheci por dentro. Não fazia ideia de que era tão baixa e tinha móveis tão brancos e delicados... parece uma casa de boneca.

A mãe de Adam me olha como se soubesse de tudo o que fiz.

Assim como Adam, ela tem a pele negra clara e olhos castanhos. Os cabelos são bem cacheados, o maxilar quadrado. Me sinto mal por não saber seu nome, percebendo que Adam nunca me contou.

— Hunter, certo? — Confirma pela terceira vez.

Ela sabe quem eu sou, mas não está acreditando que vim visitá-la.

— Sim, eu era...

— O namorado do Adam — completa por mim.

Engulo em seco e faço que sim com a cabeça. Tem tanta coisa que me impede de me sentir confortável, é como ser um adolescente de novo. Penso que Adam e eu nunca tivemos esse momento, no qual eu conhecia sua mãe. Fico triste por isso. Acho que ela pensa a mesma coisa, pois suas próximas palavras parecem custar uma parte dolorosa de suas lembranças.

— Sou a June. Acho que nunca fomos apresentados. — Estica a mão.

June serve um pouco de suco para mim. Ela parece uma mãe cuidadosa como Adam descreveu, e eu me sinto, de novo, péssimo. Dessa vez por ter duvidado dele.

— O que te traz aqui, Hunter?

A verdade é que não sei bem. Pensei que ela poderia me ajudar com respostas, mas agora não acho que vale a pena perturbar a paz de uma mãe em luto porque não sei aceitar o que aconteceu.

— Quero me desculpar por não ter vindo antes. — Começo, procurando as palavras certas. — O Adam nunca nos apresentou, eu achei que talvez não gostasse de mim e fui covarde. Não a procurei quando ele desapareceu. Eu sinto muito.

June só concorda com a cabeça. É doloroso o modo como me olha, se parece muito com o que Adam fazia quando estava esperando eu me recompor. Ela é paciente como ele, bondosa como ele.

E eu o tirei dela.

Começo a chorar. Sem conseguir segurar, vergonhosamente tremendo e soluçando enquanto escondo o rosto entre as mãos. Isso vai me assombrar para sempre, toda a culpa e a dor. Pensei que conseguiria seguir em frente depois de dar um fim a Dylan, que eu seria diferente, mas não consigo pedir desculpas para uma das pessoas que mais sofreu por minha causa.

Sinto o sofá se mover, e June passa um braço ao meu redor, massageando as minhas costas.

— Hunter, você pode falar o que quiser. Estou aqui para ouvir.

Ela merece uma explicação, e não um cara chorando no sofá.

Levanto o rosto e a encaro.

— O Adam... ele morreu por minha causa. — Digo. — Foi no meu aniversário, depois que você o proibiu de sair. Eu sinto muito. Muito mesmo. Eu queria... queria poder voltar no tempo e nunca ter entrado na vida dele.

Dessa vez consigo segurar o choro, e June me olha com um pouco de espanto. Depois de um segundo, ela sorri de uma forma tão doce que eu só me sinto mais culpado.

— Eu não desejaria isso — diz. — O Adam foi muito feliz por sua causa. Não tem nenhum culpado no que aconteceu — faz uma pausa, ponderando se deve me contar o que vem a seguir: — Fiz o possível para mantê-lo longe, mas o encontrariam com ou sem o seu envolvimento. Pelo menos, ao seu lado, o Adam teve amigos.

Não acredito em uma palavra dela. Está sendo gentil e bondosa porque é uma ótima pessoa, mas nada apaga o fato de que Adam ainda poderia estar aqui.

— Hunter — ela me chama, e eu volto a encará-la. — Preciso te mostrar uma coisa.

Quando ela se levanta do sofá, eu a sigo. Limpo as lágrimas com as costas das mãos enquanto ando, não mais curioso com a casa. Reconheço o quarto de Adam quando entramos, suas coisas do mesmo jeito de quando o vi pela última vez. A janela na qual me apoiei para beijá-lo está aberta, e eu quase posso vê-lo ali, me esperando chegar.

— Conheci o pai de Adam muito jovem. Éramos irresponsáveis, e, bem, eu engravidei. Como Dylan era filho de um pastor, não recebeu muito bem a notícia.

Não queria assumir a responsabilidade e tentou tirá-lo de mim assim que ele nasceu... — faz uma pausa, e sei que está prestes a chorar. — Bom, eu o criei longe do pai, mas ele nos seguiu. Mesmo depois de morto e apesar de ter sido contra a existência do próprio filho, aquele homem queria se aproveitar dele. Fiz uma escolha ao escondê-lo, mas sempre soube que uma hora não conseguiria continuar.

Se eu vim atrás de respostas, encontrei mais perguntas. Minha cabeça está girando com as informações, e, de alguma forma, acho que entendo: Damon disse que parou de proteger Adam. Foi na noite em que morreu, quando Dylan surgiu e ele teve que escolher. Talvez não tenha sido apenas porque Adam não tinha uma conexão forte o suficiente, mas porque estava destinado a não ter um futuro.

— Quero que fique com isto. — June me entrega uma peça de roupa.

É a jaqueta verde musgo de Adam.

— Por quê? — É a minha primeira reação.

June sorri.

— Ele comprou especialmente para o primeiro dia de aula. Disse que trouxe sorte porque você parou para falar com ele... Acho que deveria ficar com você.

Sem saber como recusar, aceito. Seguro a jaqueta entre os braços tão forte que posso rasgá-la.

— Obrigado.

June sorri, então me leva até a porta e se despede de mim. Ela pede para que eu a visite, caso volte a Dethaun algum dia, e eu prometo que não me esquecerei. Digo a ela que minha mãe sempre quis conhecê-la, o que a deixa mais feliz do que tudo o que ouviu desde que cheguei.

Do lado de fora, monto em Vivi e visto a jaqueta. Era alguns números maior que Adam, então serve em mim, apesar de ficar mais justa do que geralmente gosto.

Ela é perfeita.



Quando chego em casa, minha mãe me dá uma bronca por eu ter saído escondido, mas se interrompe quando percebe que estou com a jaqueta de Adam. Talvez saiba que é um momento delicado, ou talvez só não queira brigar antes da minha volta a Nova Iorque.

— Hunter, vem aqui — Ben me chama, e eu vou direto para a sala.

Há uma quantidade absurda de fotos espalhadas na mesinha de centro, todas tiradas por Ben no período em que ficamos em Dethaun. Sento-me ao lado dele no sofá, e, no mesmo instante, ele arregala os olhos na minha direção.

— O que foi?

Ele tira o cabelo da frente do olho para checar melhor, e eu me afasto um pouco.

— Você tá me assustando.

— Eu é que tô assustado — murmura. — Onde arrumou essa jaqueta?

Sei que a esta altura eu deveria ter me acostumado com a quantidade absurda de surpresas que encontro, mas ainda não me acostumei. Engulo em seco, e, com cuidado, murmuro:

— Por que está me perguntando isso?

Ele pega uma foto aleatória sobre a mesa e entrega na minha mão. Com cuidado, movo os olhos para ela, sabendo o que vou encontrar.

— Está em todas — Ben murmura, meio atordoado. — Em absolutamente todas.

Apesar da foto estar tremendo, movida pela minha mão nervosa, enxergo Adam no fundo. Nítido e claro como o dia, Adam em sua jaqueta verde musgo, atrás de mim na foto que Ben tirou quando me seguiu até o cemitério. Tem uma antes do momento em que me provocou, na qual estou de costas observando o túmulo de Adam, e não estou sozinho nela também.

E nas fotos que ele tirou do bar da Maddie.

Em todas.

Adam e sua jaqueta verde musgo estão em todas.

Sei que meu amigo espera uma explicação, mas não tenho o que falar agora. Adam estava com a gente, nos protegendo, talvez tenha salvado as nossas vidas em momentos nos quais nem ao menos percebemos.

O demônio falou que a Cidade Fantasma é a casa de quem não pertence a lugar algum, e Adam mora nela. Ou morava. Não sei bem o que aconteceu, mas sei que ele estava lá, com a gente.

Eu estava errado. Adam não morreu e nem nos deixou. Ele nos *protegeu*.



Ben não ficou muito feliz quando roubei seu carro, mas eu precisava checar uma última coisa. Só mais uma e então vou esquecer a Cidade Fantasma, ir para longe e nunca mais voltar.

Estaciono na frente do bar. Maddie está sentada na calçada, fumando um cigarro. Sua cara está péssima, o cabelo desgrenhado agora sujo.

Quando levanta os olhos para mim, está com raiva.

— Na mesa de sempre — diz, cortando o cumprimento educado que eu iria oferecer.

Paro em frente a ela, em dúvida, mas acabo decidindo seguir sua instrução. Entro no bar, onde é escuro, e fico assustado com o que encontro: tudo está velho e

quebrado, as prateleiras estão vazias.

Parece que foi abandonado.

Na mesa de sempre, está Damon, fumando um cigarro. Vou até ele e me sento no banco do outro lado, esperando que me note. Seus olhos não estão vermelhos; na verdade, são de cores diferentes, um castanho e um verde. E ele parece distante do que conheci, *quase* humano.

— O que aconteceu? — Pergunto.

Ele não me olha. Traga o cigarro melancolicamente, sentado no banco com uma perna cruzada e um braço apoiado no encosto.

— Acabou — responde. — Vocês venceram.

— O que isso quer dizer?

Finalmente recebo sua atenção. Não achei que fosse possível, mas seus olhos humanos são ainda mais frios que os demoníacos.

— A Cidade foi fechada. Todos os vínculos se esgotaram, então não tem nada que mantenha aqueles fantasmas aqui.

Não sei quantas vezes já chorei hoje, e me recuso a fazer isso de novo. O bolo na minha garganta é contido com esforço, e eu me concentro em tentar entender o que aconteceu.

— Então eles morreram?

— Deixaram de existir — corrige. — Não há lugar no inferno ou na Terra para almas como aquelas, e sem a cidade não há para onde fugir.

Suspiro. Sei que deveria estar aliviado por saber que nunca mais verei Dylan e Thomas, mas é um tipo de tristeza que me consome. Apesar de tudo, aquela cidade foi uma parte muito importante da minha vida. É como uma relação tóxica, percebo. E não sei se vou conseguir me livrar tão cedo.

— O Adam estava com a gente, não estava? — Questiono. Preciso saber. — Ele deixou as pistas.

— Ele fez o meu trabalho quando desisti. Não queria que corressem perigo, mas era fraco... Era só um fantasma. Não pôde fazer muito por vocês.

— Foi ele quem nos ajudou na igreja? — Pergunto. — Quando Dylan possuiu Taylor, você sumiu. E alguém nos tirou de lá. Foi ele, não foi?

Damon traga o cigarro. Um sorriso triste se apossa do seu rosto, e ele concorda.

— Sim, em partes. Eu não podia salvá-los, era para vocês terem morrido junto com Dylan e Thomas. Adam retirou os amuletos quando Taylor e Amélia desmaiaram, então todos foram mandados de volta, a cidade sumiu e... — Se interrompe, apertando o cigarro entre os dedos. Parece loucura, mas ele soa muito triste. — E todas as almas se foram.

Como é um demônio, suponho que está aqui por isso. Mas a sua amiga, a qual mencionou estar nos ajudando, provavelmente se foi junto com a cidade.

— Eu sinto muito — murmuro. Damon me olha como se tivesse acabado de ouvir um absurdo. — Você também perdeu alguém.

Ele se levanta, apaga o cigarro no tampão da mesa e coloca as mãos nos bolsos.

— Estou acostumado. Tchau, garoto. Tente não morrer antes da hora.

— Espera — o interrompo, segurando a manga de seu blazer. Damon franze o cenho, incomodado com o toque repentino, e eu puxo a mão imediatamente. — A biblioteca, foi o Adam? — preciso saber disso, se naquela noite estive com ele.

Inesperadamente, Damon sorri. Acho que nunca o vi sorrir antes.

— Não, aquele era eu. Estava tentando te mandar de volta para Nova Iorque.

— O quê?! Como assim? Você só ficou sussurrando meu nome...

— Era pra te assustar.

— Por que não disse pra eu ir embora, simplesmente?

— Você iria? Passei anos na sua cabeça, garoto. É teimoso como o Diabo.

Ele tem razão, eu não iria embora, só ficaria mais curioso.

— Na próxima vez que nos encontrarmos — peço — fale comigo diretamente. Não entre na minha cabeça.

O sorriso desaparece um pouco, deixando apenas um leve repuxar de lábios que, arrisco dizer, é um pouco triste.

— Você não entendeu nada, não é? Estarei sempre na sua cabeça, é sua maldição. Ainda assim, espero nunca mais ver você ou seus amigos de novo.

Ele passa pela minha cadeira. Me viro para dizer adeus, mas Damon sumiu.

Do lado de fora, Maddie não se moveu. Sento-me ao seu lado, com o coração partido. Se todos os fantasmas se foram, Bill desapareceu e agora ela está sozinha de novo.

— Se quiser se mudar para Nova Iorque — digo, casualmente. — Pode ficar comigo até achar um lugar para morar.

Não esperava uma resposta, portanto fico surpreso ao ouvir sua voz.

— Eu sinto muito.

A encaro, confuso. Maddie começa a chorar, sendo rápida em limpar as lágrimas com a manga do moletom largo. É muito maior que ela e deduzo que era uma peça do irmão, o que me deixa ainda mais triste.

— A gravação do Adam — continua, e meu coração pula uma batida. — Espero que entenda por que fiz aquilo.

— Fez o que, exatamente? — Murmuro, aflito.

Maddie ainda evita me olhar.

— Eu sempre soube que o Bill estava morto. Nos víamos poucas horas por dia e não queria chateá-lo, então fingi que estava confusa com tudo. Eu só o queria de volta. Você entende, não é? — Finalmente ela me encara. Seus olhos estão vermelhos e muito aflitos. — Querer desesperadamente alguém que você ama de volta.

Não posso negar isso. Mas sinto que Maddie vai me contar algo horrível.

— O que você fez? — Repito, com cuidado.

Ela funga, limpa mais lágrimas, parece realmente arrependida quando diz:

— O Dylan me disse que se eu trouxesse você e a Taylor de volta tudo ficaria bem. Meu irmão e eu poderíamos viver juntos de novo. Ele me prometeu isso.

Suspiro. De alguma forma, eu já imaginava.

— Não foi só isso. — Ela continua. — O Adam deixou cartas para vocês. Eu não as entreguei antes e sinto muito. Eu não sabia que o Dylan queria usar a Taylor para sair. Quando ele prometeu que o Bill voltaria, pensei que era algo bom. Eu sinto muito mesmo.

Meu coração está acelerado.

— Por que ele deixou cartas, se podia falar comigo?

— Ele não podia. Fantasmas só aparecem ao anoitecer, e vocês visitavam a cidade durante o dia. O bar é um ponto neutro, mas o Dylan nunca deixaria que ele viesse aqui, então mandava cartas através do Bill. Meu irmão ajudou, mas eu me recusei a te entregar. Eu... eu li as cartas — admite, com vergonha. — E nelas Adam ameaçava o plano. Eu não podia arriscar perder o Bill de novo e escolhi escondê-las.

Sinto meu sangue fervendo nas veias. Faz muito tempo que não acumulo tanta raiva, que ela me faz duvidar que terei controle se explodir. Respiro fundo, abaixo a cabeça e passo as mãos pelos cabelos, puxando os fios para aliviar um pouco da tensão.

Ela é só mais uma vítima, digo a mim mesmo. Uma alma desesperada, como eu fui. Se estivesse em seu lugar, provavelmente teria feito o mesmo.

Não sou diferente de Maddie. Somos ambos egoístas e solitários.

— Onde estão essas cartas? — Pergunto, tentando manter a calma.

A sinto se mover na calçada. Acho que ficou em pé. Levanto a cabeça com cuidado, e a encontro já se preparando para sair.

— Elas sumiram quando a cidade foi fechada — informa, com tristeza. — Eu sinto muito.

Antes de ela sair, a chamo, e Maddie se vira.

— Eu falei sério sobre Nova Iorque — informo. Não quero ser um babaca de novo, estou tentando fazer melhor do que no passado.

Maddie errou, e não tem o que ser feito a respeito disso. Mas, para o futuro, talvez possamos mudar alguma coisa, e essa solidão e raiva que a levou a nos sabotar nunca voltará.

Maddie concorda sem muita veemência. Levanto e beijo o lado esquerdo de sua cabeça, desejando, de coração, que fique bem.

Já estive em seu lugar. Agora que Bill partiu definitivamente, uma parte dela morreu junto com ele. Sei mais do que ninguém que o luto vai além da dor. É uma constante batalha e, sendo sincero, nem sempre conseguimos ganhar.

Mas espero que Maddie consiga.

E eu também.



Faz uma semana que a Cidade Fantasma sumiu de vez. Não houve qualquer sinal de Dylan, Thomas ou Damon desde então.

Consequentemente, também não soube mais nada de Adam.

Sei que preciso aceitar que ele partiu de vez. Que foi bom o suficiente para ficar e nos proteger, mas fechamos a cidade com ele dentro e agora não temos como encontrá-lo. Todos os nossos amuletos sumiram também, como o colar, o carro e até a minha tatuagem.

Passo o dedo na pele agora lisa, sem nenhum gato preto de olhos vermelhos. Às vezes me pego chamando por Damon, só para conferir se ele está aqui de alguma maneira, o que é totalmente inútil. A única coisa que consegui procurando pelo meu demônio foi fazer uma criança chorar depois de chacoalhar o gato dela, achando que eu tinha visto seus olhos ficarem vermelhos.

Eu preciso mesmo esquecer que isso aconteceu. Foi humilhante.

Saio do quarto com a mala pronta, apoiando-a no ombro. Nunca pensei que me sentiria estranho com a decisão de ir embora, mas deixar Dethaun para trás está sendo difícil. Sentirei falta dos meus pais, de Brandon e de Amélia. Sentirei falta de tudo aqui, até das coisas ruins.

Essa cidade é o mal que nunca poderei abandonar. Fui burro de cogitar a hipótese de apagá-la da minha vida, porque é impossível fugir de maldições como a minha. Nascer e crescer aqui é um fardo que vou carregar a vida inteira, e não é tão ruim. Não estou sozinho.

Meus pais, Ben e Taylor conversam na cozinha. Suas vozes me alcançam antes mesmo de eu terminar de descer os degraus, com risadas estridentes em um relato que reconheço, porque estive nele. Minha mãe está desde que tudo aconteceu

tentando entender o que nos levou até a praça central da cidade, desmaiados. Taylor e Ben inventam uma história nova todo dia e, claro, Alicia O'Brien não gosta da brincadeira. Nenhum de nós gosta. Mas não podemos explicar o que aconteceu.

Ao menos, depois de uma semana, estão rindo sobre isso.

— Se decidirem voltar — minha mãe avisa, levantando um dedo. — Não quero problemas. Trancarei todos em casa e só poderão sair com a minha supervisão.

Troco um olhar conspiratório com Taylor. Mesmo que a Cidade Fantasma tenha sumido, é impossível não lembrar que paredes nunca a impediram de nos puxar. Nem mesmo a minha mãe conseguiria lutar contra isso.

— Hunter, por que está com essa mala? — Sou o novo alvo de sua atenção, a voz subindo alguns tons quando minha mãe percebe que estou pronto para ir embora. — Deixa essa coisa no sofá e vem almoçar, não vou deixar que saiam sem comer alguma coisa.

Ben é o motorista e não protesta, então largo a mala na sala de visitas e volto para me integrar no restante da conversa. O tópico mudou muito rápido e agora estão falando sobre algum programa de culinária que Taylor e minha mãe gostam, o que me deixa meio excluído com Ben, mas eu não me importo.

— Ei — meu amigo chama, disfarçadamente. — O Brandon não vem se despedir?

Minha primeira reação ao ouvir o nome dele é ter um calafrio. Faz uma semana que não converso direito com Brandon, venho fugindo dele como se minha vida dependesse disso. Nada ruim aconteceu depois daquela noite na igreja, mas não consigo esquecer das mensagens que enviei. Com certeza foram entregues depois que voltamos ao mundo normal, ele sabe o que sinto agora.

Resolver o que quer que esteja acontecendo entre a gente é um problema fora do meu controle. Voltarei para Nova Iorque, minha vida e a dele não tem nada em comum. Se eu gostasse um pouco menos de Brandon, seria mais fácil, mas depois de quase morrer ao seu lado sinto como se ele fosse tudo o que tenho, e não posso entrar nessa de novo. Fiz de Adam meu porto seguro e as coisas acabaram mal, como poderia ser com Brandon, ainda mais depois do que aconteceu, diferente? Só acabaríamos em outra tragédia. Estou fugindo dos meus problemas como fiz anos atrás. E não me orgulho disso.

Ben me olha, esperando uma resposta que não tenho. Acaba desistindo e pega o celular para mandar uma mensagem, que eu vejo, espiando descaradamente, ser para Amélia. Se ela está vindo, Brandon também vem.

Entro em pânico.

— Esqueci uma coisa no quarto — murmuro antes de correr escada acima. Taylor interrompe uma frase, confusa ao me observar, mas volta à conversa logo em seguida.

Fecho a porta assim que ouço o barulho do motor do carro de Brandon. Como o Mustang não voltou, ele precisou comprar um novo, usando aquelas economias que eram para a faculdade, provavelmente.

Me aproximo da janela e levanto o vidro, curioso demais para não o ver chegar. Como se estivesse em um filme, Brandon abre a porta e coloca um pé para fora, depois outro. Desce usando seus óculos escuros de comercial de TV, o cabelo bem penteado, a pele bronzeada, o corpo de atleta que não sei dizer se odeio ou amo.

O mesmo Brandon de sempre. Nada como eu, que preciso de pelo menos alguns meses para me recuperar da nossa batalha contra uma cidade do mal.

Do lado do passageiro sai Amélia, que me vê e com um sorriso enorme pula enquanto acena na minha direção. Penso em me esconder, mas Brandon já me notou. Ele oferece um aceno também, igualmente entusiasmado. É impressionante como todos, até Ben, ficaram de bom humor depois que tudo acabou. É como se um peso tivesse sido tirado das costas deles. Imagino se em algum momento vou sentir isso também.

Me afasto da janela. Não sei se devo descer as escadas agora ou só quando a minha mãe chamar. Quero ver Amélia, ficar um tempo com ela antes de ir embora, mas ainda não sei se posso enfrentar Brandon. E se ele decidir perguntar o que vamos fazer? E se cobrar alguma coisa? E se não gosta tanto assim de mim e, na verdade, passei vergonha com aquelas mensagens?

Eu devia ter subido com a minha mala, meu celular está nela. O Instagram me ajudaria com qualquer distração agora.

Sento-me na cama e, no mesmo instante, dois toques suaves ecoam da porta. Limpo a garganta antes de mandar quem quer que seja entrar, já pronto para a possibilidade de ser Brandon.

Mas é Amélia.

— Oi — ela sorri de novo, tão largo como quando chegou. — Você não vem almoçar com a gente? Sua mãe tá te chamando, e parece irritada.

Apoio o antebraço na coxa, inclinando o corpo um pouco. Amélia se senta no chão à minha frente, o vestido amarelo criando um círculo pequeno ao seu redor.

— Tá tudo bem? — Pergunta, preocupada.

— Sim, eu só... Não sei se quero voltar para Nova Iorque.

Rápida e sem que eu pense muito, a confissão escapa. Amy é a primeira pessoa para quem eu falo isso. Nem mesmo Taylor sabe que não quero deixar

Dethaun, seja lá qual for o motivo sádico pelo qual estou fazendo isso comigo mesmo.

Amy franze as sobrancelhas. A luz que entra pela janela do quarto desenha apenas metade de seu rosto, fazendo a pele negra escura brilhar em um tom dourado. O cabelo loiro, agora um pouco maior do que eu me lembrava, está solto pela primeira vez desde que nos reencontramos. Ela se parece tanto com a Amy de antigamente que sinto um aperto no peito, algo quente e confortável que me acolhe com a ideia de que recuperei uma amiga. Alguém que na verdade nunca desistiu de mim, mesmo que eu merecesse.

Já pedi desculpas para ela tantas vezes na última semana, que Amy cansou de ouvir. Ainda assim, toda vez que a vejo sinto que preciso fazer isso de novo. Não consigo deixar de lado essa culpa de tê-la tratado tão mal porque sei não haver perdão para isso.

— Você deveria voltar — ao contrário de tudo o que esperei ouvir, esse é o conselho dela. — Sua vida não é aqui. Acho que só tá com receio de a gente achar que nos abandonou de novo, mas não é o caso. Você é nosso amigo, sabemos que não está fugindo.

Quando ela diz, parece tão óbvio.

— Você tem razão — solto uma risada nervosa. — Eu não quero que vocês me odeiem uma segunda vez.

— Não vamos, agora é diferente — me garante. — É só nos convidar para te visitar às vezes. Eu não consegui conhecer nada de Nova Iorque quando fui te avisar sobre o Adam.

— Não sei se aguento o Brandon e o ego dele na minha casa por muito tempo — provoco, apesar de o simples pensamento dele me visitar me deixar irritantemente feliz.

Amélia ri, mas aperta os olhos desconfiada.

— O que tá rolando entre vocês? Estão evitando um ao outro.

Merda, ela percebeu? Uma vez Brandon me disse que eu era mais transparente do que gostaria, acho que tinha razão.

— É só... complicado. Sinceramente, não sei como explicar.

— Complicar as coisas é a sua cara — apesar das palavras, não parece que Amélia está me julgando. É quase como se lamentasse esse hábito. — Devia resolver as coisas logo. Não quero ser pessimista, mas, com a gente, tudo acaba em tragédia com facilidade. Desde que Adam sumiu, evito deixar assuntos em aberto, é sempre possível que algo aconteça antes de eu resolver.

Um arrepio percorre o meu pescoço. Ela tem razão. Há uma semana me arrependi de ter sido tão fechado com Brandon porque estava prestes a morrer, não deveria ter mudado de opinião apenas porque sobrevivi.

— O que você pretende fazer agora? — Pergunto, mudando de assunto. Estou curioso com os planos de Amélia para o futuro agora que a sombra da Cidade Fantasma nos deixou.

— Não faço ideia — apesar da falta de rumo em suas palavras, sorri. — Quero ir para a Costa, ficar um tempo na praia. Gosto de lá.

Combina com Amélia. Lugares felizes, longe dessa cidade fria. Ela merece estar em um ambiente que lhe faça bem.

— Tô pensando em convidar a Taylor para ir comigo — confessa, ainda mais animada. — Espero que ela venha. Parece que não desgruda do Ben para nada...

Realmente, esses dois estão cada dia mais próximos. Quero ser uma pessoa melhor e não me importar com isso, o que não impede esse ciúme ridículo de me assombrar. Ainda assim, a felicidade por estarem bem é maior do que qualquer outra coisa. Tanto Ben quanto Taylor merecem esse tipo de amor calmo e saudável que encontraram, por mais recente que seja.

— Eu acho que ela iria — a encorajo. Apesar dessa união repentina, é difícil imaginar Taylor deixando de fazer qualquer coisa por causa de Ben. Com certeza aceitaria o convite.

Amélia está prestes a responder quando mais duas batidas fracas ecoam da porta. Dessa vez, é Brandon. Ele sorri para mim, então para a nossa amiga, e aquela coisa que eles fazem de se comunicar sem palavras acontece: Amy se levanta, inventando uma desculpa para sair do quarto e me deixar sozinho com ele.

Traidora.

Assim que ela fecha a porta, Brandon se aproxima da cama. Me sinto ridículo por ficar nervoso com a sua presença, mas não consigo evitar o suor nas minhas mãos ou o coração batendo forte. É o tipo de confronto que evito ter desde que me entendo por gente: falar sobre sentimentos, ser rejeitado... Essas coisas me assustam.

— O que você tá fazendo aqui? — Pergunto. O silêncio é ainda pior que uma conversa.

Brandon abre os braços como se fosse uma resposta óbvia.

— Vim me despedir.

Sem que eu o convide, senta ao meu lado.

— Hm.

— Hm — ele repete, rindo. — É o seu *eu te amo*?

Eu sabia que Brandon ficaria insuportável depois daquelas mensagens. Estava me dando um tempo para me recuperar da experiência de quase morte, mas agora parece que decidiu usar o que eu disse contra mim. No fundo, eu sabia que ele faria isso.

Não que eu tenha imaginado sua reação com qualquer declaração minha.

— Você veio se despedir ou me irritar? — O empurro. — Esquece aquelas mensagens. Só enviei porque achei que ia morrer.

É a primeira vez que falo diretamente sobre o que escrevi. Meu coração fica ainda mais pesado, batendo nos meus tímpanos, pulso e pescoço. Brandon se inclina para enxergar meu rosto, já que insisto em focar a atenção no carpete, e sussurra:

— É por isso que gosto tanto. São verdadeiras e dramáticas.

Que merda isso quer dizer? Eu nunca odiei tanto essa minha incapacidade de entender o que as pessoas estão sentindo. Quero desesperadamente saber se ele está flertando ou tirando uma com a minha cara, mas não tenho coragem de perguntar.

— Fantasma? — Brandon chama, agora sério. Finalmente o encaro. — Eu... Eu só quero confirmar se você está bem para voltar para Nova Iorque. Tenho a impressão que é um pouco solitário por lá.

Eu sou *tão* óbvio, nem me surpreende mais. Passo as mãos pelos cabelos, puxando-os para trás, e me sinto tão exposto que desvio o olhar novamente. Brandon espera com paciência pela resposta, me olhando daquele jeito compreensivo que faz dele o amigo preferido de todo mundo.

A esta altura, todos devem achar que, se eu voltar, vou desmoronar. Não tenho nada por lá, nenhum amigo além de Ben, estabilidade financeira, nem mesmo um curso para terminar. Só tenho a minha moto. E um segundo emprego que provavelmente perdi depois que roubei a minha chefe.

— Sei que Nova Iorque não é a minha casa — respondo, por fim. — Mas aqui também não é. Se você tivesse visto tudo o que eu vi, saberia que, na verdade, não pertencço a lugar algum.

É a mais pura verdade. O demônio deixou bem claro que Dethaun é um local amaldiçoado, como eu poderia ter um futuro aqui? Ou me sentir em casa? E Nova Iorque é ainda pior. Por questões humanas, sim, o que não deixa de ser desesperador. Parece que nunca vou me encaixar em lugar algum.

Estou pensando demais de novo. Achei que depois da Cidade Fantasma tudo iria melhorar, que o fato de Damon ter me deixado faria com que minha personalidade evoluísse, mas continuo o mesmo. O mal em mim não era só uma maldição, afinal. Sou parte dele também.

Ao invés de me consolar com discursos que eu ignoraria, Brandon se inclina e segura a minha mão esquerda com a sua direita. Seus dedos são menores, mas se encaixam perfeitamente entre os meus. É ridículo pensar isso, mas espero que não solte por muito tempo.

— Se algum dia se sentir confortável o suficiente, dou ótimos abraços também — ele provoca, e eu não consigo segurar uma risada nervosa. É por isso que segurou a minha mão? Por medo de ser rejeitado com uma demonstração de

afeto maior... é bem a minha cara. Mas aprecio que tenha respeitado meu espaço. — Devíamos descer, sua mãe está prestes a agredir alguém.

Não quero. Se antes estava fugindo de Brandon, tudo o que desejo agora é ficar aqui com ele.

— Você precisa ir me visitar — digo, não para alongar o inevitável, mas porque sinto que preciso fazer esse convite antes que eu me convença de que é uma péssima ideia. Não devia ser difícil expressar algo tão simples, mas realmente tenho que me esforçar para verbalizar que não quero ficar longe dele. — Em Nova Iorque, para que eu me sinta sempre em casa.

Brandon sorri.

— Seria uma boa ideia explorar *outra* cidade ao seu lado?

Estou sorrindo também.

— É muito mais seguro ao meu lado. Posso te proteger dos caras de Nova Iorque que flertam como se estivessem no Clube da Luta.

O sorriso vira uma gargalhada, um som quente e confortável que faz desse quarto um lugar do qual nunca mais quero sair.

— Brandon — chamo, sério, e ele me olha. — Realmente quero que venha me visitar. Vou sentir a sua falta.

Dizer isso é mais difícil ainda, mas a reação que ganho em troca faz tudo valer a pena. Brandon parece uma criança, tão feliz que sua expressão inteira ilumina seu rosto, mostrando a segunda covinha no lado direito da bochecha. De repente a última semana parece um grande erro, mais um dos problemas que criei sozinho. Não faz sentido pensar que aquelas mensagens fariam esse garoto complicar a minha vida. Brandon sempre foi a pessoa que mais se esforçou para me fazer sentir confortável, mesmo quando não era meu amigo.

Para o meu alívio, ele concorda com a cabeça e diz que fará algumas visitas. Sua mão sobe pelo meu braço, ombro e pescoço, parando com os dedos no meu rosto, e prendo a respiração, com medo de me sabotar novamente e impedir o que está prestes a acontecer.

Quando ele me beija, não há nada de ruim no mundo. Nenhum mal, em mim ou nele, em lugar algum.

— Também vou sentir a sua falta, Fantasma — encosta o nariz no meu, passando o dedo pelo meu lábio antes de completar: — E, já que se declarou primeiro, preciso dizer que também te amo.



Epílogo

A melhor coisa do Natal em Nova Iorque é a neve.

Quando me mudei com Taylor, não tínhamos ninguém, nem dinheiro, e nosso primeiro natal foi uma merda. Passamos a noite bebendo em um bar no pior bairro da cidade, torcendo para que ninguém decidisse nos roubar, ingerindo álcool para espantar o frio. A única referência natalina que tínhamos era a pequena árvore de brinquedo no canto do salão, quebrada e suja.

E a neve.

A observamos cair do céu pela janela do bar até ele começar a esvaziar. Então saímos e, de braços dados, caminhamos pela rua sentindo o frio, mas não a solidão, tendo apenas um ao outro enquanto o restante dos nossos amigos estava em casa, com seus familiares.

Foi uma das noites mais tristes da minha vida e, ainda assim, uma das mais felizes. Eu estava perdido e assustado, com frio e um pouco desesperado também. Taylor sentia o mesmo, mas havia algo bom para ela: seu primeiro natal fora de casa. Sem os ternos, sem os tios, sem as conversas sobre sua aparência. Lembro que ela comprou um vestido vermelho e gastou todo o dinheiro que tinha nele, um marco na mudança de sua vida, a primeira vez em anos que poderia escolher o que vestir em uma noite de natal.

Eu fiquei feliz por ela. Tão feliz que esqueci que não havia vantagem alguma para mim naquela ocasião.

Nossos próximos natais foram melhores, às vezes tínhamos como bancar um jantar, mas na maioria das noites éramos só nós dois bebendo. E era perfeito. Depois que Taylor começou a trabalhar no Suzy's, seu Natal era servindo mesas já que era a única disponível no feriado, e desde então tudo mudou.

Este é o primeiro Natal em muito tempo que passamos juntos. E o primeiro em muito tempo que não escolhemos o frio das ruas de Nova Iorque. Trocamos a neve por decoração barata e bebida por um jantar de verdade. Ao invés de estarmos sozinhos, temos companhia. A mesma que tivemos em todos os outros anos, mas agora não só nas nossas lembranças, e sim pessoalmente.

Brandon. Amélia. Ben. Todos eles.

— Fecha a janela, a gente vai congelar — sinto alguém puxar a manga da minha camisa e, por reflexo, dou um passo para a direita.

Ben empurra o vidro da janela para baixo, fazendo com que alguns flocos de neve caiam dentro do apartamento.

— Foi mal — murmuro.

Ele me olha por um segundo antes de rir.

— Você fica muito estranho quando tá apaixonado — me provoca, como vem me provocando desde que descobriu que convidei Brandon para o nosso Natal.

— Para com essa merda — resmungo.

— Até cozinhou pra ele — continua, se sentindo satisfeito por tirar a minha paciência em uma noite sagrada.

— Pedi no delivery.

— Ele viu uns trinta tutoriais no YouTube — Taylor grita da cozinha. Um segundo depois ela aparece trazendo meia dúzia de pratos e colocando na mesinha de centro da sala. — Foi muito fofo.

Reviro os olhos. Não é surpresa ver esses dois se unindo para me irritar. Amélia, sentada no sofá, ri muito alto. Chegou há alguns dias, já que queria conhecer Nova Iorque e não conseguiria ir a muitos lugares se ficasse apenas no Natal. Brandon está a caminho nesse exato momento, em um ônibus lotado.

Irritantemente, não consigo parar de pensar sobre quando ele estará aqui. Não é a primeira vez que nos vimos desde que deixei Dethaun, há alguns meses, mas é definitivamente uma data importante. Voltei para visitá-lo, mas Brandon não conhece meu apartamento ainda. Estava ocupado demais com a faculdade e o time que treina para conseguir viajar, o feriado foi a primeira oportunidade.

— Olha lá — Ben provoca, sua voz sobressaindo todos os meus pensamentos. — Já tá com a cara de apaixonado de novo.

Isso aqui é o inferno, só pode ser.

Irritado, saio de perto deles. Escuto o coro de vozes rindo até entrar no quarto e fechar a porta, me jogando na cama. Deixo o celular no colchão, com a tela para cima, à espera da mensagem de Brandon, e me permito relaxar um pouco. Taylor tinha razão quando falou sobre aqueles tutoriais no Youtube, eu passei realmente muito tempo tentando aprender a fazer o jantar perfeito para os meus amigos. A

maioria das coisas que arrisquei deram errado, e estou exausto. Tudo o que quero é passar o restante da noite quietinho em um canto, vendo-os se divertir.

Para me distrair, pego o livro sobre a cabeceira da cama. É aquele exemplar deixado por Adam na Cidade Fantasma, a única coisa que restou dele. Como o livro era meu, não sumiu como todo o resto, se tornando um amuleto simbólico de tudo o que aconteceu. O motivo da minha curiosidade eterna.

Até hoje não descobri o que o Adam queria nos dizer com o livro, pesquisei todas as referências e tentei contato com o autor mais um monte de vezes, e não achei nada. Acabei desistindo, apesar de mantê-lo por perto.

Como em muitas outras noites nas quais não consigo dormir, folheio o livro distraidamente. As palavras grifadas em rosa por Adam dançam na minha mente, e eu procuro interpretar todas as passagens, mas nada acontece.

Até que...

Pode ser só mais uma suposição que não me levará a nada, mas não custa tentar. Sento na cama e busco o caderno que deixo embaixo do colchão, apoiando-o na perna e usando a caneta amarrada a ele para fazer anotações. Repasso no papel várias das frases que Adam marcou, alinhando-as de acordo com suas cores (todas em rosa em uma página, em roxo na outra). Quando termino as primeiras, percebo que eu estava certo.

Adam riscou palavras que formariam frases se postas juntas.

Uma carta.

Estou eufórico, minhas mãos tremem. O tempo passa enquanto escrevo, minha letra gradativamente se tornando algo ilegível. Quando Brandon me liga, acabo não vendo, excluindo a possibilidade de eu me preparar para a sua chegada, e levo um susto quando alguém bate na porta do quarto.

Há um segundo de silêncio enquanto volto para a realidade, saindo das palavras de Adam e entrando nessa noite de Natal. Então limpo a garganta e digo para a pessoa entrar. Quando a porta se abre, Brandon me olha com bastante curiosidade e, arrisco dizer, empolgação.

Não percebo que deixei o livro e o caderno caírem no chão até estar abraçado a ele. O esmago entre meus braços, aproveitando que é só um pouco menor, movido pela saudade e pela emoção do que acabei de descobrir.

— Oi, Fantasma — ele murmura, sua frase saindo completamente abafada. — Senti sua falta também.

O afastamento apenas o suficiente para ver seu rosto. Está um pouco corado, provavelmente pelos treinos ao ar livre, e parece cansado, o que deve ser culpa do novo emprego. Brandon quer vir morar em Nova Iorque — não por minha causa, ele garantiu, mas porque gosta da ideia de estar em uma cidade grande — e está juntando dinheiro para isso.

— Desculpa a demora — ele pede, as duas mãos na minha cintura, se ajeitando para fugir do abraço esmagador sem ter que me afastar por completo. — A neve criou trânsito.

— Gostou? — Pergunto, sorrindo sem perceber. — Da neve, digo.
Ele faz uma careta.

— Não tive chance de prestar atenção. Eu tava preocupado em deixar vocês esperando.

A primeira noite de natal com essa quantidade de neve e, principalmente, luzes, é sempre especial. Por isso, puxo Brandon pela mão até a janela do meu quarto, que dá para a saída de incêndio, e o posiciono na frente do vidro cobrindo seus olhos. A vista aqui é linda, uma das poucas coisas boas desse apartamento, e peço para ele se preparar.

Brandon ri.

— O que deu em você?

— No três, abra seus olhos — murmuro.

Ele concorda, e eu conto com as mãos bem firmes para ele não espiar. Quando as movo, deixando sua visão livre, o abraço por trás e sinto seu suspiro surpreso reverberar por todo o meu corpo.

— Uau — Brandon deixa escapar, e eu concordo. Me inclino para abrir a janela e passo à sua frente, sentando no parapeito. — O que você tá fazendo?

— Você tem que sentir a neve — explico, esticando a mão pra ele quando já estou do outro lado, na escada de incêndio. — Vem.

Meio relutante, Brandon me segue. Sentamos nos degraus frios e meio úmidos de ferro, tremendo tanto que nossos dentes batem, apenas para apreciar a vista por alguns segundos. Estico a mão e deixo um floco de neve cair na palma, e Brandon faz o mesmo. Ele sorri como uma criança quando percebe o formato perfeito do que conseguiu pegar, e eu o beijo sem pensar muito sobre isso. É provavelmente o momento mais calmo que tivemos juntos em todas as nossas vidas, e eu o acho perfeito.

Ben aparece na janela em algum momento, pedindo desculpas por atrapalhar.
É a hora do jantar.

Entramos e, como não tenho uma mesa decente, nos espalhamos pelo sofá da sala, tapete e até no chão. Todos elogiam a minha comida, apesar de estar horrível, e há uma pequena briga para ver quem ficará responsável pela louça. Quando as coisas se acalmam, Brandon deita no meu colo, cansado da viagem, e cochila. Passo os dedos pelo seu cabelo enquanto o barulho da TV ecoa junto com a risada de Amélia, assistindo a um programa. Taylor e Ben decidem abrir um vinho, mas eu recuso. Quero estar sóbrio pelo restante da noite.

Quero absorver todos os pequenos detalhes desse momento para nunca mais esquecer e, quando as coisas ficarem ruins, lembrar que o mal em mim — esses demônios e fantasmas — não são tão fortes quanto o bem, meus amigos e o recomeço pelo qual lutei tanto.

Quero sempre ter em mente que o mundo fica melhor quando tenho essas pessoas por perto. E nunca, em hipótese alguma, fugir deles outra vez.



FINAL ALTERNATIVO

Parece um sonho distante, mas, de alguma forma, sei que é a realidade. Talvez seja o calor do fogo, talvez eu tenha aprendido a identificar pesadelos depois de tantos anos sendo assombrado. Talvez eu só queria muito acreditar que é real. Adam, aqui, na minha frente. Preciso que seja real.

]– Vamos, Hunt, precisa me ajudar.

É só quando ele fala que percebo: estou sendo carregado. Muito devagar, pela perna, como se fosse uma cena hilária de algum filme de comédia. Mas Adam não ri, na verdade, ele parece desesperado.

Reúno toda a força que tenho para tentar levantar. Adam larga a minha perna assim que me vê reagir e contorna meu corpo para tentar ajudar, puxando meus ombros para cima. Apoiando-me nele, consigo permanecer em pé e, juntos, andamos para dentro da igreja. Não sei para onde ele está me levando, não consigo pensar em nada além do fato de Adam estar aqui.

]Tudo está em chamas, mas eu não ligo.

Porque Adam está aqui.

– Só mais um pouco – ele diz, enquanto cambaleamos pelo corredor que visitei mais cedo.

Tento manter a consciência, mas todas as vezes que pisco fica mais difícil de voltar. A fumaça diminui a cada passo, felizmente. Olho para trás e vejo o brilho laranja do incêndio invadir o corredor pela porta aberta, pensando que era pra eu estar ali, queimando junto com todo o resto.

Quando volto a olha para a frente, estamos passando para o lado de fora. Adam chuta uma porta e depois pulamos para a noite gelada, ambos caindo no chão como se ele não fosse paralelepípedo. Sinto alguns arranhões se formando, mas nada se compara com a sensação de alívio nos pulmões por finalmente respirar ar puro.

Adam rasteja até onde estou, ajoelhado ao meu lado, segurando meu rosto entre suas mãos em busca de sinais de que posso morrer. E tudo fica ainda mais real. Ele existe, e está aqui.

Se eu acreditasse em milagres, o chamaria de um.

Puxo suas mãos com as minhas enquanto ergo o corpo, sentando em uma posição que me permita abraçá-lo. Adam emite um ruído surpreso, talvez ainda muito absorto no caos da nossa quase morte para apreciar o que estou apreciando. O aperto como se fosse uma criança, sem deixar que se solte, derramando todas as lágrimas dos últimos anos, quando eu não tinha forças nem mesmo pera chorar por ele.

Depois de alguns segundos, Adam me abraça de volta. Seu cheiro é o mesmo de anos atrás, a sensação de seu contato também. Parece que voltei no tempo, que sou aquela pessoa de

novo. Todas as coisas que perdi estão de volta, pedaços se regenerando e se encaixando como se Adam fosse uma parte de um quebra cabeça voltando ao lugar.

– Você me salvou – consigo murmurar. As palavras são abafadas pelo capuz da blusa verde musgo, mas Adam me entende.

– Não. Você está morto.

Por um instante, congelo. Não o solto. Adam tenta se afastar, mas o aperto ainda mais.

– Hunter... – com um pouco mais de força, consegue tirar meus braços de si. Seu olhar é preocupado quando analisa meu rosto. – Eu sinto muito.

Não preciso pensar muito para entender o que aconteceu. Todos saíram, mas eu fiquei. Porque não consegui fugir, e nem ser salvo. Exatamente como Adam, anos atrás.

Quero me sentir desesperado, com medo ou em alerta. Quero entender que estou morto, que não tem mais volta. Quero pensar nos meus pais e nos meus amigos, na minha moto abandonada, no Sr. Kim esperando que eu volte pro estúdio.

Quero pensar em Brandon. Na verdade, penso muito nele. É o único momento em que sinto algo, mas, depois que a imagem de seu rosto some, resta apenas o vazio. E é então que entendo: estive morto nos últimos anos. Desde que Adam se foi, talvez até antes. Não faz diferença se estou em Dethaun ou na Cidade Fantasma.

A diferença, na verdade, está em Adam. Ele está aqui, talvez esse tenha sido o propósito de tudo.

– Garotos?

Estava tão distraído que não percebi quando ela se aproximou. Levanto os olhos, e, apesar de eu estar surpreso com

a presença de uma terceira pessoa, Adam parece familiarizado a ela.

A garota usa um vestido preto que vai até um pouco acima dos joelhos. Seu cabelo é castanho e um pouco ondulado, com um arco separando algumas mechas. É estranho, mas ela parece, agora que prestei mais atenção, bastante familiar.

Quando percebe que estou atônito demais para responder, ela estende a mão para nós:

– Seja bem-vindo a Dethaun, Fantasma.

Sei que não tenho outra opção, então seguro seus dedos gelados e aceito a ajuda que está disposta a me dar.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada e todas as pessoas incríveis que trabalharam nesse livro comigo. Rai, por aguentar meus surtos, ler com atenção, teorizar, surtar e chorar e fazer com que eu acreditasse nessa história. Nicholas, pela leitura sensível feita com tanto carinho. Day, uma amiga incrível que eu pude trazer para esse projeto e deixá-lo ainda mais completo. Agradeço a Clarissa, por passar noites em claro com esse livro na tela do notebook, revisando e surtando comigo.

Obrigada às minhas leitoras beta, que fizeram esse livro acontecer. Sem elas, eu teria desistido no meio do caminho e apagado tudo. Vocês são incríveis, obrigada.

Agradeço a você, leitor, que esperou por essa história comigo, que acreditou nela. Você é a razão de “O Mal em Mim” existir.

Obrigada ao meu grupo de apoio, livrinhos e gelinhos, por tudo, sempre. Amo vocês.

Obrigada aos meus amigos mais próximos, Giulia, Natália e Jean por me distraírem mesmo quando não sabiam que eu precisava de distração. O apoio e a amizade de vocês é a coisa mais preciosa que tenho.

Obrigada ao grupo de amigos que me deu histórias para contar, tanto as ruins quanto as boas.

AUTORA

Fã de histórias de terror desde que era pequena, cresceu escrevendo contos de suspense e adora ler sobre detetives em aventuras misteriosas. Aos 15 anos publicou seu primeiro livro na plataforma online Wattpad, migrando para a Amazon após concluir o suspense "Quem Matou Sofia?", vencedor do Wattys 2016.

Hoje, tem mais de dezenove mil seguidores em seu perfil do Wattpad, colecionando milhares de visualizações na plataforma que continua sendo o lar de todas as suas histórias.

Redes sociais: @andresa7ios

Querido H,

Tem um vídeo nosso que sempre volto para assistir. É minha lembrança sua favorita, de quando arrastou uma cadeira até o meio da sala, sentou e pediu silêncio porque queria fazer um discurso. Rimos tanto da seriedade com a qual conduziu a cena que não te deixamos completar três frases, e você desistiu. Lembro do sorriso no seu rosto, do tom indignado com o qual disse que nos amava antes de se levantar.

Particularmente, queria ter dito que te amávamos também, mas agora é tarde.

Não somos os mesmos sem você, nunca mais seremos.

Até a próxima vida, onde, com sorte, nos encontraremos.